

MARCOS ANTÔNIO DE SOUZA

**O DICIONÁRIO DE HEBRAICO BÍBLICO
DE BROWN, DRIVER E BRIGGS (BDB)
COMO MODELO DE SISTEMA LEXICAL BILÍNGÜE
– UM ESTUDO DA LEXICOGRAFIA HEBRAICA
BÍBLICA MODERNA**

Dissertação submetida à
Universidade Federal de Santa Catarina – **UFSC**,
como requisito final à obtenção do título
de **Mestre em Estudos da Tradução**

Orientador:
Professor Doutor Philippe Humblé

Florianópolis, 12 de dezembro de 2008.

עַד-אַתָּה תּוֹגֵיוֹן נַפְשִׁי וְתִדְכָּאוּנִי בְּמַלְאִים:
 כתובים - איוב יט – J6 19:2

עַל אֶחָד הַבְּלֹגִים כַּיֵּן הַבְּלֹגִים הַבְּרִיטָנִים הַבְּרִיטָנִים הַבְּרִיטָנִים.
 KATA IWANNHN

Words, words, words.
 Shakespeare (*Hamlet*)

*“When I use a word,” Humpty Dumpty said, in rather a scornful tone,
 “it means just what I choose it to mean – neither more nor less”.*
 Lewis Carroll

*A word is dead
 When it is said,
 Some say.*

*I say it just
 Begins to live
 That day.*
 Emily Dickinson

Mais qu’est-ce qu’un mot? Question simple sauf pour les linguistes.
 Alain Rey

*“In a lexicon a word is like a friend in a coffin.
 A concordance restores her life.”*
 Frederick Danker

*In a certain sense lexicography may be considered a superior
 discipline to lexicology, for results are more important than
 intentions, and the value of theoretical principles must be
 estimated according to results.*
 Witold Doroszewski

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Doutor **Pilippe Humblé**, meu orientador, pela maneira como me acolheu na qualidade de seu orientando, pelos seus sábios conselhos, pela competência e por ter despertado em mim o interesse pela lexicografia.

Ao Professor Doutor **Werner Heidermann** pela confiança em mim depositada desde nosso primeiro contato, pela erudição e espírito humanista que sempre demonstrou.

Aos meus filhos, **Marcos Antônio de Souza e Raquel de Souza Franzini**, pelas alegrias que têm concedido a mim e minha esposa e pelo encorajamento que deles recebi.

À minha esposa **Nilza Rocha de Souza**, pela pessoa maravilhosa que é, pelo companheirismo, amor, apoio sincero e compreensão durante nossos felizes quarenta e cinco anos de casados.

DEDICATÓRIA

Para **Nilza** com amor.

ושמח מאשת נעורך
כתובים משלי ה

DECLARAÇÃO DE ISENÇÃO DE RESPONSABILIDADE

DECLARO, para todos os fins de direito, que assumo total responsabilidade pelo aporte ideológico conferido ao presente trabalho, isentando a Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC – a Coordenação de Pós-Graduação *stricto sensu* de Estudos da Tradução, a Banca Examinadora e o Orientador, de toda e qualquer responsabilidade acerca do mesmo.

Florianópolis, SC, 12 de dezembro de 2008..

Marcos Antônio de Souza

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1. PROLEGOMENA	6
1.1 HISTÓRIA DA LÍNGUA HEBRAICA	6
1.2 CARACTERÍSTICAS E PARTICULARIDADES DO HEBRAICO BÍBLICO	8
1.2.1 Morfologia	9
1.2.2 Sistema verbal	15
1.2.3 Particularidades do idioma	18
1.2.3.1 Infinitivo absoluto	18
1.2.3.2 Infinitivo construto	20
1.2.3.3 Acusativo cognato	21
1.3 PARALELISMO	22
1.3.1 O modelo de Lowth	23
1.3.2 Além do modelo de Lowth	30
1.4 MERISMUS, HENDÍADIS E EXPRESSÃO POLAR	31
2. A LEXICOGRAFIA HEBRAICA BÍBLICA	33
2.1 INTRODUÇÃO	33
2.2 OS DICIONÁRIOS BILÍNGÜES	33
2.3 O <i>CORPUS</i> DA LEXICOGRAFIA HEBRAICA BÍBLICA	39
2.3.1 O texto fonte	39
2.3.2 Estatística e definições	41
2.4 A LEXICOGRAFIA HEBRAICA BÍBLICA MODERNA	45

2.5 DICIONÁRIOS BILÍNGÜES DE HEBRAICO BÍBLICO	48
2.5.1 <i>A Hebrew and English Lexicon of the Old Testament</i> – BDB	48
2.5.2 <i>A Concise Dictionary of the Words in the Hebrew Bible</i> – STRONG	54
2.5.2 <i>A Concise Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament</i> – Holladay	55
2.5.3 <i>Dicionário Bíblico Hebraico-Português</i> – Schökel	58
2.5.4 <i>Dicionário Hebraico-Português & Aramaico-Português</i> – Sinodal	59
2.5.5 <i>The Semantic Dictionary of Biblical Hebrew</i> – SDBH	61
2.5.6 <i>Dicionário Hebraico-Português</i> – RB	68
2.6 DICIONÁRIOS ANALÍTICOS, VOCABULÁRIOS E OUTRAS AJUDAS	69
2.6.1 <i>The Analytical Hebrew and Chaldee Lexicon</i> – Davidson	70
2.6.2 <i>Old Testament Parsing Guide</i> – BBS	72
2.6.3 <i>A Reader's Hebrew-English Lexicon of the Old Testament</i> – BAC	73
2.6.4 <i>Index To Brown Driver and Briggs Hebrew Lexicon</i> – Einspahr	74
2.6.5 <i>A Student's Vocabulary for Biblical Hebrew and Aramaic</i> – Mitchel	75
2.6.6 <i>The Vocabulary Guide to Biblical Hebrew</i> – Pelt & Pratico	76
2.6.7 <i>Old Testamente Hebrew Vocabulary</i> – Pennington	77
2.6.8 <i>Biblical Hebrew Vocabulary Cards</i> – Dillard	77
2.6.9 As traduções interlineares	78
2.6.9.1 <i>The Interlinear Bible Hebrew-Greek-English</i> – Green	79
2.6.9.2 <i>The Interlinear NIV Hebrew-English Old Testament</i> – Kohlenberger	80
2.7 EXEMPLOS DE APLICAÇÃO	81
2.8 OUTROS DICIONÁRIOS	83
2.9 ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE BDB, HOLLADAY, SCHÖKEL E SDBH	84

3. O BDB COMO MODELO DE SISTEMA LEXICAL BILÍNGÜE	91
3.1 CRÍTICAS AOS DICIONÁRIOS BILÍNGÜES TRADICIONAIS	92
3.2 A CONCEPÇÃO DE MODELO DE SISTEMA	95
3.3 UM MODELO SISTÊMICO PARA DICIONÁRIOS BILÍNGÜES	99
3.4 BDB: UM MODELO LEXICAL BILÍNGÜE BASEADO NA TRADIÇÃO	104
3.4.1 A tradição no uso da língua hebraica	105
3.4.2 A tradição das antigas traduções da Bíblia Hebraica	108
3.4.3 A tradição na produção de dicionários de hebraico bíblico	113
3.5 O DICIONÁRIO BILÍNGÜE NA CADEIA DE TRANSFERÊNCIA DE SIGNIFICADOS	114
3.6 “WORDS, WORDS, WORDS”	126
4. ESTUDOS DE CASO	130
4.1 PROPÓSITO	130
4.2 METODOLOGIA	131
4.3 “CANÇÃO DE LAMEQUE” – GÊNESIS 4:23-24	134
4.3.1 Texto fonte	134
4.3.2 Tabela de glosas para a Canção de Lameque	135
4.3.2.1 BDB, RB	136
4.3.2.2 Holladay, Schökel, SDBH	137
4.3.2.3 Septuaginta, Vulgata, JPS Hebrew-English Tanakh (JPS)	138
4.3.3 Tradução interlinear	139
4.3.4 Comentários	139
4.3.5 Tradução final	143
4.4 “POEMA DO TEMPO” – ECLESIASTES 3:1-9	144

4.4.1 Texto fonte	144
4.4.2 Tabela de glosas para “Poema do tempo”	145
4.4.2.1 BDB, RB	146
4.4.2.2 Holladay, Schökel, SDBH	147
4.4.2.3 Septuaginta, Vulgata, JPS Hebrew-English Tanakh (JPS)	150
4.4.3 Tradução interlinear	151
4.4.4 Comentários	153
4.4.5 Tradução final	159
4.5 אֲשָׁכִים לְבֵית הַשָּׁר – UM POEMA HEBRAICO MEDIEVAL	160
4.5.1 Texto fonte	160
4.5.2 Tabela de glosas para אֲשָׁכִים לְבֵית הַשָּׁר	160
4.5.2.1 BDB, RB	161
4.5.2.2 Holladay, Schökel, SDBH	162
4.5.3 Tradução interlinear	163
4.5.4 Comentários	164
4.5.5 Tradução final	165
4.6 כָּל שׁוֹשָׁנָה – UM POEMA HEBRAICO MODERNO	166
4.6.1 Texto fonte	166
4.6.2 Tabela de glosas para כָּל שׁוֹשָׁנָה	167
4.6.2.1 BDB, RB	168
4.6.2.2 Holladay, Schökel, SDBH	169
4.6.3 Tradução interlinear	171
4.6.4 Comentários	173
4.6.5 Tradução final	176

5. COMENTÁRIOS FINAIS	178
APÊNDICE I	181
Alfabeto Hebraico	181
Vogais e Meias Vogais Hebraicas	182
APÊNDICE II	183
Cópula pronominal	183
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	186
Edições da Bíblia Hebraica	186
Edições da Septuaginta e Vulgata	186
Edições de Traduções da Bíblia para o português e inglês	187
Dicionários e Vocabulários de Hebraico Bíblico	188
Dicionários e Vocabulários de Grego Bíblico	189
Bibliografia	189

RESUMO

Esta dissertação de mestrado foi concebida como um trabalho original relacionado à lexicografia bíblica hebraica. O problema abordado neste estudo pode ser formulado da seguinte maneira: O estudo procura investigar o popular dicionário de hebraico bíblico de Brown, Driver e Briggs (BDB) – baseado em um dos mais antigos dicionários e editado por volta de 1810 por Wilhelm Gesenius – como um modelo de sistema lexical bilíngüe no contexto da polêmica envolvendo glosas, definições e domínios semânticos. Partindo da hipótese de que ciência é qualquer conhecimento obtido pelo Método Científico, este estudo está estruturado em uma série de três passos. No primeiro passo – *observação* – a lexicografia hebraica bíblica é investigada mediante uma identificação dos principais dicionários de hebraico bíblico publicados em língua inglesa e portuguesa quanto as suas macro-estrutura e micro-estrutura. No segundo passo, uma *hipótese* é formulada. Partindo do conceito de que lexicografia é uma disciplina de aplicação em que o propósito vem primeiro e posteriormente a teoria, formula-se a hipótese de que um dicionário de hebraico bíblico é um modelo de um sistema lexical bilíngüe. Como fundamento teórico para esta hipótese, é apresentada uma analogia com um dos mais bem sucedido modelo de sistema e utilizado pelos engenheiros de telecomunicações – o modelo de Erlang – e o conceito de “cadeia de transferência desenvolvido a partir do “triângulo da significação” de Ogden & Richards. O terceiro e último passo consiste em um *experimento* apropriado para verificação da validade da hipótese. Neste experimento, quatro poemas hebraicos (dois bíblicos, um medieval e um moderno) são traduzidos segundo as glosas fornecidas pelo BDB e comparadas às glosas de quatro outros dicionários de Hebraico, além de uma comparação com antigas traduções da Bíblia Hebraica (Septuaginta e Vulgata) para os dois poemas bíblicos.

Palavras-chave: lexicografia, lexicografia hebraica, hebraico bíblico, dicionário bilíngüe, poesia hebraica, tradução.

ABSTRACT

This Master's degree dissertation was conceived as an original work mainly concerned to Biblical Hebrew Lexicography. The basic problem in this study is to be formulated as follows: The study seeks to investigate the well-know Biblical Hebrew dictionary by Brown, Driver, and Briggs (BDB) – based in one of the oldest Hebrew dictionary published around 1810 by Wilhelm Gesenius – as a model of a lexical bilingual system in the context of the polemic involving glosses, definitions and semantic domains. Proceeding on the assumption that Science is any knowledge that is arrived at by the Scientific Method, this study is structured on a series of three definite steps. In the first step – *observation* – modern Biblical Hebrew Lexicography is observed by a survey of Hebrew dictionaries published in English and Portuguese languages with a analysis of their macrostructure and microstructure. In the second step, a *hypothesis* is formulated. On the assumption that lexicography is an applied discipline in which the purpose comes first and the theory comes last, a hypothesis is formulated in which a Biblical Hebrew Dictionary is a model of a lexical bilingual system. As a framework for this hypothesis, a analogy is made with one of the most successful system model used by telecommunication engineers – the Erlang's model – and the concept of “chain of transference” is developed based on the Ogden & Richards' “triangle of signification”. The third and final step is an appropriate *experiment* to see if the hypothesis is substantiated. In this experiment, four Hebrew poems (two biblical poems, one medieval poem and one modern poem) are translated according the glosses provided by BDB and compared to the glosses of four other Hebrew dictionaries besides a comparison to Hebrew Bible ancient versions (Septuagint and Vulgate) for the two biblical poems.

Keywords: lexicography, Hebrew lexicography, biblical Hebrew, bilingual dictionary, Hebrew poetry, translation.

RELAÇÃO DE FIGURAS

FIGURA	Página
Figura 1: Sumário do significado dos troncos verbais	16
Figura 2: Estrutura do sistema verbal hebraico (Raiz, Troncos, Conjugações)	17
Figura 3: Unidade poética de paralelismo	25
Figura 4: Estrutura de um <i>bicolon</i>	26
Figura 5: Estrutura de um <i>tricolon</i>	26
Figura 6: Dois segmentos paralelos de uma linha de poesia hebraica bíblica formam um <i>bicolon</i>	27
Figura 7: Modelo de Erlang para dimensionamento de tráfego telefônico	98
Figura 8: Modelo analítico de Ogden e Richards – triângulo da significação	101
Figura 9: Modelo analítico de Ogden e Richards ampliado para uma situação bilíngüe	102
Figura 10: Dicionário como modelo analítico de um sistema lexical bilíngüe	103
Figura 11: Classificação dos tipos de definições segundo o propósito (conforme Robinson)	116
Figura 12: Cadeia de transferência de significados	118
Figura 13: Representação simplificada do modelo da Figura 12	119
Figura 14: Esquema de transferência de significado da palavra קָנָה em Êxodo 20:5	120
Figura 15: Cadeia de transferência de significado para a palavra pneuma segundo Louw e Nida	122
Figura 16: Esquema para ilustrar possíveis definições do verbo נָהַל (Salmos 23:2)	126
Figura 17: Relações semânticas sintagmáticas e paradigmáticas em um <i>bicolon</i> de Eclesiastes 3:2-8	154
Figura 18: Estrutura de relações semânticas do verso 3 do capítulo 3 de Eclesiastes	154

RELAÇÃO DE TABELAS

TABELA	Página
Tabela 1: Estatística geral	42
Tabela 2: Estatística dos verbos hebraicos – Troncos e conjugações	42
Tabela 3: Comparação entre glosas e definições entre BDB, Holladay, Schökel e SDBH	90
Tabela 4: Tabela principal de glosas para “Canção de Lameque”	137
Tabela 5: Tabela secundária de glosas para “Canção de Lameque”	138
Tabela 6: Tabela de glosas para “Poema do tempo” segundo a Septuaginta, Vulgata e JPS	138
Tabela 7: Tabela principal de glosas para “Poema do tempo”	147
Tabela 8: Tabela secundária de glosas para “Poema do tempo”	149
Tabela 9: Tabela de glosas para “Poema do tempo” segundo a Septuaginta, Vulgata e JPS	151
Tabela 10: Tabela principal de glosas para אֲשָׁפִים לַיִת הַשָּׁר	162
Tabela 11: Tabela secundária de glosas para אֲשָׁפִים לַיִת הַשָּׁר	163
Tabela 12: Tabela principal de glosas para כָּל שׁוֹשְׁנָה	169
Tabela 13: Tabela secundária de glosas para כָּל שׁוֹשְׁנָה	170

INTRODUÇÃO

“When I use a word,” Humpty Dumpty said, in rather a scornful tone, “it means just what I choose it to mean – neither more nor less.” Lewis Carroll

Por que escrever sobre lexicografia hebraica bíblica? Além de tarefa perigosa para um ocidental falante de português, uma língua românica, corro o risco de ser mal interpretado e estar sujeito a críticas semelhantes as feitas por Joachim du Bellay (1522-1560):

[...] que, para adquirirem a reputação de sábios, credenciam-se com traduções de línguas das quais nunca dominaram os rudimentos, como o hebraico e o grego. E para uma maior exibição, escolhem os poetas, classe de autores que eu, se soubesse, ou desejasse traduzir, sem dúvida não escolheria [...]¹

Para piorar a situação, encontro-me na contramão da história. Foi-se o tempo em que o hebraico antigo tinha assento assegurado nas Universidades e, junto com outras línguas antigas como grego, latim e sânscrito, fazia parte de uma cultura obrigatória. Hoje, quando muito, restringe-se a algumas poucas universidades e os seminários teológicos e, mesmo assim, nestes últimos – nas palavras de Frederick W. Danker – sem mais a devida ênfase:

É lamentável que o hebraico esteja desaparecendo do cenário acadêmico. Os seminários estão reduzindo seus currículos de estudos semíticos e deixando mais e mais para as escolhas eletivas do estudante.²

Por que, então, insisto, escrever sobre a lexicografia do hebraico bíblico? Primeiro, porque a Bíblia embora seja o livro mais traduzido e, provavelmente, conhecido, “nem a metade de um por cento leu as suas palavras reais”.³ Isso devido a parte conhecida como Antigo Testamento ter sido

¹ du BELLAY, Joachim. *La Défence et Illustration de la Langue Francoyse*. (Chapitre VI – Des mauvais traducteurs, et de ne traduire les poètes). O texto em francês de du Bellay, publicado originalmente em 1549, encontra-se em *Clássicos da Teoria da Tradução*, v. 2, acompanhado de uma tradução para o português feita por Philippe Humblé, p. 28,29. Uma tradução para o inglês, feita por James Harry Smith e Edd Winfield Parks, está publicada em *Western Translation Theory* editado por Douglas Robinson, p. 104. Salvo indicação contrária, as traduções para o português são de minha responsabilidade.

² DANKER, Frederick W. *Multipurpose Tools for Bible Study*, p. 44. O desvanecimento do estudo dos clássicos e conhecimento de línguas antigas como grego e latim é discutido por Victor Davis Hanson e John Heath no livro *Who Killed Homer?* e por Tracy Lee Simmons no livro *Climbing Parnassus*.

³ GABEL, J. B. & C. B. WHEELER. *A Bíblia como literatura*, p. 205. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Mana Stela Gonçalves.

originalmente escrita em hebraico (uma pequena parcela em aramaico)⁴ e em grego a parte conhecida por Novo Testamento. Existe, por conseguinte, uma grande dependência das traduções, um grande desconhecimento de onde procedem tais traduções, visto não mais existirem os originais, e um desconhecimento de suas divergências. Já no quarto século de nossa era, afirmava Agostinho (354-430), Bispo de Hipon:

O conhecimento de línguas estrangeiras é necessário porque as traduções de um mesmo texto tendem a divergir uma da outra, conforme mencionei anteriormente. [...] Esta é a razão de se procurar aprender as línguas das quais as escrituras foram traduzidas para o latim [...]⁵

Como segunda razão, temos que a Bíblia Hebraica, além de livro sagrado,⁶ é também uma importante obra literária. Trata-se do único texto existente em hebraico antigo e por estar, aproximadamente, um terço escrito em forma de poesia⁷, aplica-se o conselho de Jean Le Rond D'Alembert (1717-1783): “Mais que faut-il donc faire pour bien connaître les poètes qui ont écrit dans une langue étrangère? Il faut l'apprendre.”⁸

A maioria de nós, falantes de línguas ocidentais indo-européias, se encontra, portanto, dependente de dicionários para o estudo de línguas orientais antigas como o hebraico bíblico. Estes dicionários têm como base uma lexicografia desenvolvida na Alemanha do século XVIII e início do século XIX e foram posteriormente traduzidos e ampliados para a língua inglesa, para então se consolidarem como uma das principais ferramentas de estudo do hebraico bíblico. Estes dicionários,

⁴ As partes em aramaico são: Esdras 4:8-6:18; 7:12-26; Jeremias 10:11 e Daniel 2:4-7:28. O aramaico é uma língua cognata do hebraico, cuja semelhança pode ser comparada à do português com o espanhol. A escrita hebraica antiga era diferente da escrita utilizada na Bíblia Hebraica e pelo hebraico moderno, sendo denominada de proto-hebraico. Um exemplo desta escrita antiga se encontra na famosa pedra moabita do rei Mesha (século IX a.C.). A transição para a escrita quadrada (nome dado para a escrita hebraica utilizada na Bíblia) se deu inicialmente no aramaico e posteriormente foi assimilada pelo hebraico por volta do quinto e quarto séculos a.C. A tradição judaica atribui esta transição a Esdras, enquanto que pela visão científica foi resultado de um processo gradual. Nos tempos de Jesus, a língua predominante na Palestina era o aramaico e o hebraico tinha se tornado uma propriedade dos judeus letrados. MANSOOR, Menahem. *Biblical Hebrew: Step by Step*, v. 1, p. 10,23-24. Para detalhes sobre o aramaico bíblico e sua gramática, ver *Gramática do Aramaico Bíblico* de Reginaldo Gomes de ARAUJO.

⁵ AUGUSTINUS, Aurelius. *De doctrina christiana*. In LEFEVERE, André. *Translation/History/Culture*, p.15.

⁶ Podemos dizer que assim como os clássicos gregos moldaram o pensamento filosófico ocidental, a Bíblia, com suas partes hebraica e grega, moldou o pensamento teológico. Ironicamente, o que hoje é conhecido como pensamento cristão predominante, resultou de uma fusão da Bíblia com o pensamento grego. Para a influência do pensamento grego no desenvolvimento do pensamento cristão, ver *The Influence of Greek Ideas and Usages upon the Christian Church* de Edwin Hatch e *Pagans and Christians* de Robin Lane Fox. Convém ainda ressaltar que a parte hebraica da Bíblia – conhecida por Bíblia Hebraica, Velho Testamento ou *Tanakh* – é um livro judeu, escrito por judeus, meticulosamente preservado por judeus e fruto de sua religiosidade e cultura. No terceiro século antes de nossa era, foi traduzida para o grego por judeus e para uso dos judeus. Apropriada pelos cristãos, a partir dos primeiros séculos de nossa era, ela – a Bíblia Hebraica – adquiriu o status de livro sagrado judeu e cristão.

⁷ A edição impressa da Bíblia Hebraica, denominada de *Biblia Hebraica Stuttgartensia*, consiste de 1574 páginas e uma estimativa conservadora indica que cerca de 550 páginas (35 por cento) contém poesia. FOKKELMAN, J. P. *Reading Biblical Poetry*, p. 1. Ver também ZOGBO, L. & E. R. WENDLAND. *Hebrew Poetry in the Bible*, p. xi.

⁸ D'ALEMBERT, Jean le Rond. *Observations sur l'art de traduire en général et sur cet essai de traduction en particulier*. In *Clássicos da Teoria da Tradução*, v. 2, p. 62.

seja como instrumentos de aprendizagem de uma língua ou de auxílio à tradução, constituem um fenômeno lingüístico que merece ser investigado.

Tratando-se o hebraico antigo de uma língua semítica, a organização e as características de seus dicionários não são exatamente algo com que estejamos acostumados na qualidade de usuários de dicionários de línguas românicas e anglo-saxônicas. Portanto, algumas das práticas de utilização de dicionários, com que estamos familiarizados, não são válidas para os dicionários de hebraico bíblico, além de existirem outras desconhecidas por nós.⁹

No caso do hebraico, por ser uma língua constituída por uma morfologia complexa – rica em prefixos, sufixos e infixos – resulta que, na maior parte das vezes, a palavra encontrada no texto escrito não corresponderá à palavra que funciona como entrada no dicionário. Conseqüentemente, a consulta ao dicionário costuma ser precedida de uma análise e decomposição morfológica da palavra encontrada no texto escrito, um processo conhecido por *parsing*. Dessa necessidade obrigatória, sem a qual o dicionário bilíngüe dificilmente poderá ser utilizado, resultou no surgimento de outro tipo de dicionário, também existente no grego bíblico: o dicionário analítico.

Ao estudar os dicionários de hebraico bíblico como fenômeno lingüístico, deparei-me com o Dicionário de Brown, Driver e Briggs (conhecido por BDB), baseado em um *lexicon* de Wilhelm Gesenius do início do século XIX, e que, embora editado inicialmente em 1907, mantém-se até nossos dias como a principal autoridade na lexicografia hebraica bíblica em língua inglesa. Por outro lado, nos últimos anos, principalmente no seio dos estudos de lexicografia e tradução realizados pelas United Bible Societies (UBS), tem surgido críticas ao BDB e ao sistema de glosas utilizados por ele e demais dicionários bilíngües. Estas críticas têm gerado uma polêmica quanto ao uso de glosas ou de definições e da utilização de modernas teorias semânticas como a de “campos semânticos” (também conhecida por “domínios semânticos”).

A partir dessa encruzilhada quanto à validade de “glosas versus definições” e da necessidade ou não de aplicação de teorias semânticas do tipo “campos semânticos” nos dicionários de hebraico bíblico (o mesmo questionamento sendo válido para os dicionários de grego bíblico), orientei minha pesquisa para a lexicografia hebraica bíblica, representada por alguns de seus mais importantes dicionários em língua inglesa e portuguesa e, particularmente, para o BDB.

⁹ Algo similar acontece com o chinês. Para uma pessoa acostumada com os sistemas alfabéticos, a utilização de um dicionário bilíngüe chinês para a localização de um caractere chinês não é, de início, uma tarefa simples. Além de necessitarmos estar familiarizados com o caractere chinês, necessitamos saber decompô-lo nas partes que representam o radical e a fonética, contar corretamente o número de segmentos da parte fonética e localizar o caractere a partir da tabela de radicais que inicia o dicionário. Uma lógica estranha ao nosso conhecimento de dicionários e sistema de localização de palavras. Ver o *Pocket Oxford Chinese Dictionary: English-Chinese Chinese-English*, p. 2 do *Chinese-English Dictionary*.

A estruturação lógica e científica do trabalho fundamentei no que é conhecido por “método científico”: (1) Observar um determinado objeto ou fenômeno; (2) formular uma hipótese à base de tais observações; (3) testar a hipótese mediante observações adicionais e experimentos.¹⁰

O objeto observado em meu estudo compõe-se, portanto, do universo de dicionários de hebraico bíblico – disponíveis em inglês e português – incluindo dicionários bilíngües, vocabulários, dicionários analíticos e traduções interlineares. A análise desses dicionários, associada a uma investigação sobre a lexicografia bilíngüe, constitui o capítulo 2 intitulado “A lexicografia hebraica bíblica”.

A partir da observação dos principais dicionários bilíngües de hebraico bíblico, identificação das características da lexicografia hebraica tradicional, das críticas a esta lexicografia e de movimentos teóricos associados a novos tipos de dicionários, desenvolvo a idéia de dicionário como um modelo de sistema lexical bilíngüe e o utilizo em defesa do mais tradicional dicionário bilíngüe de hebraico bíblico. O desenvolvimento desta hipótese, segundo passo do método científico, constitui o capítulo 3 denominado “O BDB como modelo de sistema lexical bilíngüe”.

Para verificação da validade da hipótese apresentada no capítulo três e do papel utilitário de dicionários bilíngües de hebraico bíblico como um modelo de sistema lexical bilíngüe, realizo um experimento, no capítulo 4, constituído da tradução de quatro poemas hebraicos. Para este experimento escolhi dois poemas bíblicos, um poema medieval e um poema moderno do século XX, de forma a verificar a validade do BDB quanto ao seu propósito e eficiência. Este último capítulo, denomino de “Estudos de caso”.

Para assegurar a cientificidade acadêmica desta pesquisa, utilizei-me do conceito de “científico” proposto por Umberto Eco. Segundo este autor, um estudo para ser científico deve ter (1) um objeto reconhecível e definido, (2) deve dizer do objeto algo que ainda não foi dito ou rever sob uma ótica diferente o que já se disse, (3) deve ser útil aos demais, (4) deve fornecer elementos para a verificação e a contestação das hipóteses apresentadas.¹¹

Quanto ao primeiro requisito, o objeto foi estabelecido acima como sendo o estudo do dicionário de hebraico bíblico de Brown, Driver e Briggs como um modelo de sistema lexical bilíngüe no contexto da polêmica sobre glosas, definições e campos semânticos. O segundo requisito é atingido devido a, praticamente, nada existir publicado em língua portuguesa sobre lexicografia hebraica bíblica, dicionários de hebraico bíblico, seja produção própria ou tradução.¹²

¹⁰ STANDEN, Anthony. *Science is a Sacred Cow*, p. 27-28.

¹¹ ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*, p. 21-25. Tradução de Gilson Cesar Cardoso de Souza.

¹² As exceções são o dicionário bilíngüe hebraico-português de hebraico moderno realizado por Rifka Berezin e um dicionário hebraico-português de hebraico bíblico. Como tradução, temos um léxico bilíngüe de hebraico bíblico

Mesmo em língua inglesa, não são muitas as publicações e estudos tratando da lexicografia hebraica bíblica. Este trabalho contribuirá, portanto, para a bibliografia em língua portuguesa sobre a lexicografia hebraica bíblica. A utilidade da pesquisa, terceiro requisito, também está assegurada porque este estudo será útil aos estudantes e profissionais de lexicografia e da língua hebraica, assim como estudantes e profissionais de tradução, além de estudantes da Bíblia. Finalmente, no que diz respeito ao quarto requisito, resultante da grande quantidade e diversidade de obras cuja leitura e consulta foram exigidas pela natureza do trabalho, tornou-se necessário também um grande número de citações e informações marginais. Citação é a moeda da produção acadêmica¹³ e a respeito de citações de obras alheias, Montaigne (1533-1592) apresenta dois sistemas:

Eis dois sistemas diferentes: Crisipo misturava aos seus livros não somente trechos, mas também obras inteiras de outros autores, e em um desses seus trabalhos se acha reproduzida “in extenso” a “Medéia” de Eurípides; e dizia Apolodoro que se lhe cortassem o alheio ficava o papel em branco. Epicuro, ao contrário, nos trezentos volumes que deixou nunca pôs uma só citação.¹⁴

Pelas características próprias deste trabalho, decidi-me pelo primeiro sistema, embora não reproduza, por inteiro, obras alheias e – acredito – o trabalho não ficará em branco caso as citações sejam suprimidas. A diversidade de obras consultadas – quanto à época de publicação e natureza de assunto – levaram a definir-me pela utilização do sistema *citação-nota*¹⁵ e, desta forma, todos os elementos que suportaram a pesquisa são constantemente referenciados, estão especificados na bibliografia final e permitem que o trabalho seja verificado e contestado. Estes elementos constituem as edições da Bíblia Hebraica e algumas de suas traduções, dicionários e gramáticas de hebraico, obras de referência e demais obras consultadas.

Finalmente, devido ao hebraico ser uma língua semítica e possuir algumas particularidades bastante distintas das línguas ocidentais indo-européias, incluo o capítulo 1 intitulado “Prolegomena”. Desta maneira, torna-se desnecessária a explicação de termos e características da língua hebraica ao longo dos demais capítulos.

traduzido do espanhol e um vocabulário traduzido do inglês. Desconheço a publicação em português de algum texto sobre lexicografia de hebraico bíblico.

¹³ Variante de uma frase de Jason BeDuhn ao escrever sobre acuracidade e tendenciosidade nas traduções inglesas do Novo Testamento: “*Proof is the coin of the academic trade. If I don’t have evidence – linguistic, literary, and historical facts – to back up what I say, I would be uttering nothing but idle opinion.*” *Truth in Translation*, p. xix.

¹⁴ MONTAIGNE. *Ensaaios*, livro I, capítulo XXVI. Página 146 do volume I da tradução de Sérgio Milliet, editado pela Nova Cultural

¹⁵ ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*, p. 132,135.

1. PROLEGOMENA

The Hebrew and Arabic languages have also recorded the innate excellence of their structure, the former in works of the highest poetic inspiration, and the latter in a rich, comprehensive scientific literature as well as in a poetic one. – Wilhelm von Humboldt¹⁶

1.1 HISTÓRIA DA LÍNGUA HEBRAICA

O termo hebraico bíblico requer um esclarecimento para que não seja confundido com a idéia de idioma religioso, como se fosse um hebraico particular e religioso, utilizado pelo povo judeu antigo para escrever o que conhecemos atualmente por Bíblia Hebraica (*Tanakh* para os judeus) e, conseqüentemente, diferente do hebraico da época.

O hebraico é uma língua da família de línguas conhecida por semítica. Se entende por semítico um grupo de línguas orientais antigas que apresentam um conjunto de características comuns e uma determinada distribuição geográfica. As principais características comuns destes idiomas são (a) fonética; (b) raízes triliterais; (c) determinação morfológica e (d) sintaxe.¹⁷ Quanto à distribuição geográfica, os idiomas semíticos costumam ser divididos em três grupos gerais. O Semítico Oriental, também conhecido por acádio e localizado na Mesopotâmia, compreende o acádio, assírio e o babilônio, todos utilizando a escrita cuneiforme. O Semítico do Noroeste, localizado na Síria–Palestina, inclui principalmente o ugarítico, ao norte da Palestina na região da Síria e utilizando uma escrita cuneiforme mais simples, o aramaico e o cananeu do qual os principais dialetos são o fenício e o hebraico. O Semítico do Sul, localizado na Arábia e África do Norte, é representado pelo árabe e o etíope.¹⁸

Por hebraico bíblico se entende o hebraico utilizado pelo “povo judeu desde 1200 a.C. (conquista de Canaã após o êxodo do Egito) até 134 d.C. (revolta de Bar Kokhba contra os romanos)”.¹⁹ Após o cativeiro em Babilônia, final do século VI a.C, este hebraico já suplantado pelo aramaico, continuou, no entanto, a ser utilizado por indivíduos e pequenas comunidades por vários séculos. Principalmente, um importante uso consistiu na produção de escritos teológicos e

¹⁶ *Linguistic Variability & Intellectual Development*, p. 200. Tradução para o inglês de George C. Buck e Frithjof A. Raven.

¹⁷ ROSS, Allen P. *Gramática do Hebraico Bíblico*, p. 14.

¹⁸ MANSOOR, Menahem. *Biblical Hebrew: Step by Step*, v. 1, p. 9. SÁENZ-BADILLOS Angel. *A history of the Hebrew Language*, p. 51. Rifka BEREZIN, *Dicionário Hebraico-Português*, p. XXII-XXIII. WALTKE, Bruce & M. O’CONNOR, *Biblical Hebrew Syntax*, p. 3-10. ROSS, Allen P. *Gramática do Hebraico Bíblico*, p. 13-19.

¹⁹ BEREZIN, Rifka. *Dicionário Hebraico-Português*, p. XIX.

filosóficos, além de trabalhos nos campos da poesia, astronomia e medicina. Finalmente, aproximando-se do século XX, iniciou-se um movimento para sua reutilização como língua falada de um estado político e tornou a ganhar o status de língua viva utilizada pelo estado de Israel. Durante o período de dispersão do povo judeu (desde 134 d.C.) até início do século XX de nossa era, as comunidades judaicas, embora falassem diferentes idiomas e vivessem em diferentes lugares, sempre mantiveram viva a tradição do idioma hebraico graças à sua mais brilhante criação: a *Tanakh*²⁰. Dessa forma, o hebraico embora tenha se tornado o que se denomina de língua morta – no sentido de não ser utilizada por um estado político – ao longo de dezoito séculos nunca deixou de ser uma língua estudada e falada, devido seu uso como língua utilizada pelas comunidades judaicas através do mundo.

Os estudos da língua hebraica costumam classificar sua história em quatro fases:²¹

1. *Hebraico bíblico* (desde o início da composição do texto bíblico até cerca de 500 a.C.), também conhecido como hebraico clássico. Este foi o hebraico utilizado para a produção da Bíblia e constitui a base do hebraico moderno, contribuindo com “o núcleo formal dos sistemas e das formas gramaticais: a estrutura do substantivo, as conjugações da maioria das construções verbais, bem como os tempos verbais.”²² Ao longo de todos os períodos seguintes da história da língua hebraica, o vocabulário foi evoluindo, porém, o vocabulário da Bíblia tem se mantido como vocabulário de base.
2. *Hebraico rabínico* ou tardio (de 500 a.C. até cerca de 100 d.C.), utilizado para a produção escrita da *Mishna* (segundo século a.C.) e das partes em hebraico do Talmude e *Midrash*. Este período, também conhecido como período talmúdico ou *mischnaico*, contribuiu para o desenvolvimento e organização da estrutura sintática do hebraico moderno. Embora o hebraico bíblico tenha fornecido a base do vocabulário, quanto à sintaxe o seu estilo literário e poético não se mostrou adequado para a utilização na linguagem corrente e coloquial, tendo-se dado preferência ao hebraico *mischnaico*.
3. *Hebraico medieval* (de c. 100 d.C. até 1600 d.C.), utilizado para a produção de obras sobre teologia, filosofia, literatura, ciências naturais, medicina, matemática e astronomia, acabou por fazer importante contribuição ao vocabulário. Também foi utilizado para a tradução de obras escritas em árabe e, durante esse período, deu-se o desenvolvimento dos estudos de gramática de língua hebraica.

²⁰ *Tanakh* (תנ"ך) é um acrônimo formado pelas palavras *Torah* (תּוֹרָה), *Neviim* (נְבִיאִים) e *Ketuvim* (כְּתוּבִים).

²¹ MANSOOR, Menahem. *Biblical Hebrew: Step by Step*, v. 1, p. 9. SÁENZ-BADILLOS Angel. *A history of the Hebrew Language*, p. 51. Rifka BEREZIN, *Dicionário Hebraico-Português*, p. XXII-XXIII. WALTKE, Bruce & M. O'CONNOR, *Biblical Hebrew Syntax*, p. 3-10.

4. *Hebraico moderno* ou *Israelí* (de 1600 d.C. em diante), cujo desenvolvimento se deu lentamente a partir do século XVI e já no século XVIII eram impressos os primeiros exemplares de jornais em hebraico. Considera-se que uma nova era se iniciou com a publicação, em 1879, do artigo de Ben-Yehuda intitulado “A burning question”, a fundação do Comitê de Língua Hebraica em 1890 na terra de Israel, culminando com a criação do estado de Israel em 1948 e a conseqüente substituição do Comitê de Língua Hebraica pela Academia de Língua Hebraica em 1953.

Portanto, quando falo de hebraico bíblico, estou me referindo à língua falada pelo povo judeu no período compreendido aproximadamente entre 1200 a 500 a.C., suplantada posteriormente pelo aramaico e praticamente interrompida a partir do segundo século de nossa era. Dessa língua sobreviveu apenas uma coleção de escritos, zelosamente conservada pela tradição judaica, conhecida por Bíblia Hebraica e disputada por judeus e cristãos.²³ *Tanakh* para os primeiros e Velho Testamento (Bíblia) para os demais.

1.2 CARACTERÍSTICAS E PARTICULARIDADES DO HEBRAICO BÍBLICO

Não pretendo, neste capítulo, discorrer a respeito da gramática do hebraico bíblico, visto não ser este o propósito deste trabalho. No entanto, existe uma necessidade quanto a destacar algumas características da morfologia do hebraico bíblico, seu sistema verbal e sua sintaxe. Segundo Howard Jackson, as gramáticas e os dicionários são partes complementares do processo descritivo de uma língua e o dicionário utiliza termos definidos pela gramática.²⁴

A morfologia, primeiramente, por afetar diretamente a organização, vocabulário e utilização dos dicionários. Em seguida, o sistema verbal hebraico pelas suas particularidades e diferenças em relação aos sistemas verbais das línguas indo-européias, além de possuir uma estrutura toda própria e uma gama de terminologia específica (qal, hiphil, pual, niphil, etc.), merece ser analisado para uma melhor compreensão posterior de informações encontradas nos dicionários. Ainda relacionado com os verbos, além de sua estrutura organizacional própria quanto a conjugações e tempos, temos, no aspecto morfológico, uma capacidade de variações que dificulta o reconhecimento da forma verbal lexical utilizada como entrada no dicionário bilíngue. Esta capacidade de flexão verbal é

²² BEREZIN, Rifka. *Dicionário Hebraico-Português*, p. XXII.

²³ Sobre esta disputa de propriedade do que se denomina de “*Tanakh*” por uns e “Bíblia” por outros, é sugestivo o título *A Bíblia Judaica e A Bíblia Cristã* do livro de Júlio Treballe Barrera.

²⁴ JACKSON, Howard. *Lexicography: An Introduction*, p. 22.

denominada por Howard Jackson de “variantes de lexemas”²⁵ e é responsável pela existência dos dicionários analíticos.

Finalmente, algumas particularidades da sintaxe hebraica – infinitivo construto, infinitivo absoluto e acusativo cognato – são responsáveis por muitos dos idiomatismos próprios da língua. Algumas utilizações do infinitivo absoluto exigirão que a glosa²⁶ proposta pelo dicionário bilíngüe, muitas vezes uma forma verbal no gerúndio, seja substituída por um advérbio.

Uma possível objeção, quanto a esta incursão pelas particularidades morfológicas e gramaticais da língua hebraica, possa ser a de que esse tipo de informações é mais condizente para um trabalho sobre lexicologia do que sobre lexicografia. Stephen Ulmann poderia ser citado em suporte a essa objeção quando diz:

A lexicologia, por definição, trata de palavras e dos morfemas que as formam, isto é, de unidades significativas. Conclui-se, portanto, que estes elementos devem ser investigados tanto na sua forma como no seu significado. A lexicologia terá, por conseguinte, duas subdivisões: a *morfologia*, estudo das formas das palavras e dos seus componentes, e a *semântica*, estudo dos seus significados. [...] A lexicologia não deve ser confundida com a *lexicografia*, ou seja, a elaboração ou compilação de dicionários, que é uma técnica especial, mais do que um ramo da lingüística.²⁷

Porém, como o próprio Ulmann reconhece na continuidade de seu livro, os problemas semânticos também são problemas pertinentes ao lexicógrafo e este deve possuir uma teoria semântica e uma filosofia da linguagem. Independente das questões de divisões entre lexicologia e lexicografia, não há como falar sobre lexicografia hebraica sem fazer uso de um conhecimento de sua morfologia e de alguns aspectos adicionais de sua gramática.

A razão, portanto, que leva a deter-me em aspectos da língua, talvez mais apropriados a um trabalho sobre gramática ou lexicologia, tem a ver com o papel que eles desempenham no entendimento da lexicografia de hebraico bíblico e utilização de seus dicionários. Uma compreensão inicial deles facilitará sua posterior apresentação e utilização, além de reduzir a carga de explicações sobre as informações e termos encontrados nos dicionários.

1.2.1 Morfologia

A grande maioria das palavras hebraicas são identificadas e classificadas a partir de uma raiz comum de três consoantes, conhecidas como radicais, sendo que essas palavras diferem entre si

²⁵ JACKSON, Howard. *Lexicography: An Introduction*, p. 3.

²⁶ O termo costumeiramente utilizado na lexicografia é “equivalente lexical” ou simplesmente “equivalente”, no entanto, existe uma tradição na lexicografia bíblica quanto à utilização da palavra “glosa” em vez de “equivalente”, razão pela qual utilizarei neste trabalho a palavra “glosa”.

²⁷ ULMANN, Stephen. *Semântica: Uma Introdução à Ciência do Significado*, p. 64. Tradução de J. A. Osório Mateus.

mediante um padrão formativo de variações vocálicas.²⁸ Convém, no entanto, estabelecer alguns esclarecimentos quanto ao que se entende por raiz de uma palavra hebraica, visto que algumas gramáticas estabelecem uma excessiva ênfase no conceito de raiz e no seu papel formativo de palavras e atribuição de significados e vários gramáticos discordam dessa ênfase. Uma tradicional gramática de hebraico em língua inglesa, a de Weingreen, menciona que a raiz é formada por três letras, sem vogais e afixos, fornecendo a idéia do verbo.²⁹ A gramática de Davidson utiliza a palavra *stem* em lugar de *root* e declara que “o substantivo pode ser visto como expressando a idéia da raiz em repouso e o verbo a idéia em movimento”.³⁰

Vários gramáticos importantes, como Bruce K. Waltke e M. O'Connor,³¹ têm se posicionado contrariamente a esta idéia de raiz, preferindo apresentá-la como uma abstração baseada nas formas das palavras e seu significado sendo também uma abstração, baseado no campo semântico das palavras que apresentam a mesma raiz em comum. James Barr tem sido um dos que defendem a idéia de raiz como uma abstração da palavra hebraica e critica a excessiva ênfase que as gramáticas colocam no seu significado.

Parece que é crença comum de que no hebraico existe um ‘significado da raiz’ que é efetivo através de todas as variações dadas à raiz mediante afixos e elementos formativos, e que portanto o ‘significado da raiz’ pode ser com segurança ser considerado parte do valor semântico existente de qualquer palavra ou forma que possa ser atribuída a uma raiz identificável; da mesma forma qualquer palavra pode ser considerada como podendo sugerir algo para outras palavras formadas da mesma raiz. Esta crença eu denominarei, por questões de brevidade, de ‘a falácia da raiz’.³²

Na continuação, James Barr reconhece a característica da língua hebraica quanto a apresentar, especialmente para o padrão triconsonantal, uma regularidade consonantal associada com as variações vocálicas, de forma que, para fins práticos, se costuma denominar de raiz a sequência de consoantes. Referindo-se à atribuição do significado “reinar”³³ para raiz *mlk* (מ.ל.ך) e que variações desta raiz resultam em palavras com o significado “rei”, “reino” e o “ato de agir como

²⁸ Os pronomes e algumas partículas não se incluem no sistema de raiz.

²⁹ WEINGREEN, *Hebrew Grammar*, p. 99-100.

³⁰ DAVIDSON, *An Introductory Hebrew Grammar*, p. 54.

³¹ WALTKE, Bruce K. & M. O'CONNOR. *Biblical Hebrew Syntax*, p. 84. “Most words in Hebrew include a *root*, a sequence of consonants associated with a meaning or group of meanings. Most roots are triconsonantal (or triradical); middle-weak roots (and sometimes other weak roots) are considered biconsonantal. The root is an abstraction, based on the forms and words that actually occur, and its meaning is also an abstraction, based on the semantic field of the words as they are used. The system of roots is part of the speaker's knowledge of the language, but the resulting abstractions should not be pressed too hard, especially on semantic grounds. Words that actually occur always have priority over such abstraction. Only the pronouns and some particles fall entirely outside the root system.”

³² BARR, James. *The Semantics of Biblical Language*, p. 100.

³³ *Kinghood* no original.

rei”, Barr categoricamente declara: “Isto simplesmente não é verdade” e acrescenta, “A raiz *mlk*’ é uma abstração”³⁴.

Gary Pratico adiciona o seguinte comentário sobre as raízes hebraicas:

Deve-se entender, contudo, que raízes nunca existiram como palavras reais, somente aquelas palavras derivadas de uma raiz comum e abstrata. Tecnicamente, todo o conceito de raiz de uma palavra é uma abstração gramatical, isto é, as raízes, na verdade, não existem como palavras reais na língua. Esta “abstração” é baseada na existência de palavras relacionadas compartilhando um conjunto comum de consoantes e definições.³⁵

Também Thomas Lambdin, em sua gramática de hebraico, tem se pronunciado da mesma forma ao se referir ao grupo de palavras בָּרוּךְ (abençoado – adjetivo), מְבָרֵךְ (abençoando – verbo), בֵּרַךְ (ele foi abençoado), בֵּרַךְ (ele abençoou), בְּרָכָה (benção), constituídos de uma raiz comum בֵּרַךְ e um padrão formativo de vogais.

Tal sequência é denominada de raiz das formas mostradas acima. Observe que *a raiz é uma abstração gramatical dessas palavras* e não vice-versa; assim é porque uma raiz não existe senão incorporada nas palavras e dizer que as palavras são derivadas da raiz demonstra um entendimento errôneo da natureza da língua. [...] Embora seja analiticamente legítimo isolar raízes e um padrão formativo, deve-se ter cautela quanto a atribuir um significado específico para os últimos.³⁶ (Itálico meu.)

Apesar dos questionamentos apresentados por teóricos e autores, na continuidade deste trabalho a palavra *raiz* será utilizada para indicar as três consoantes comuns a um determinado grupo de palavras, independente de ser ou não considerada uma abstração gramatical e de se existe ou não como palavra independente. Por raiz verbal se entenderá a forma verbal mais simples, destituída de quaisquer afixos e flexões, e que corresponde à terceira pessoa, singular, do tronco qal no perfeito.³⁷

Na verdade, este conceito de raiz é fundamental no estudo da língua hebraica porque sua morfologia é estruturada em torno de uma parte comum. Com respeito à lexicografia, a utilização dos dicionários hebraicos bilíngües requer um conhecimento desse processo formativo de palavras e a capacidade de identificar sua forma mais simples – identificada como raiz³⁸ – sem o qual não se consegue fazer uso deles. Além das variações vocálicas, o processo formativo de palavras é composto de elementos acrescentados à raiz na forma de prefixos, sufixos, infixos e desinências, ocorrendo em alguns casos perda ou duplicação de radicais. A seguir, embora não de forma exaustiva, apresento as transformações mais comuns que ocorrem na formação de palavras, permitindo uma idéia da composição morfológica das palavras do hebraico bíblico.

³⁴ BARR, James. *The Semantics of Biblical Language*, p. 101.

³⁵ PRATICO, Gary D. & Miles V. van PELT. *Basics of Biblical Hebrew*, 122.

³⁶ LAMBDIN, Thomas O. *Introduction to Biblical Grammar*, p. 18; p. 50 de *Gramática do Hebraico Bíblico*.

³⁷ Esta forma verbal canônica, tronco qal e perfeito, será explicada na parte denominada “Sistema verbal”.

I - Principais elementos acrescentados à raiz:

1. a conjunção ו;³⁹
2. artigo ה;⁴⁰
3. a partícula interrogativa ה;⁴¹
4. as preposições ב, כ, ל;⁴²
5. o pronome relativo ש;⁴³
6. os sufixos nominais e verbais.⁴⁴

II - No caso de verbos, prefixos acrescentados aos troncos:

1. No niph'al: נ e ה; no hiph'il e no hoph'al: ה; no hitpael: תה;⁴⁵
2. No imperfeito de todas as formas י, ה, א, נ;
3. Nos participípios: מ;

III - Quanto aos substantivos e adjetivos, as letras que mais freqüentemente entram na derivação de palavras, na forma de prefixos ou sufixos, são ת e מ (raramente א, ה, י).⁴⁶

³⁸ Como veremos mais adiante, o mais conhecido dicionário de hebraico bíblico organiza as palavras por raiz em vez de ordem alfabética.

³⁹ Para informações sobre a conjunção ו, consultar *A Grammar for Biblical Hebrew*, p. 58-59, de C. L. Seow; *Basics of Biblical Hebrew*, p. 43-45, de Gary D. Pratico e Miles V. Van Pelt; *Biblical Hebrew (Hebraico Bíblico)*, p. 31-32 (54-56), de Page H. Kelley; *Introduction to Biblical Hebrew (Gramática do Hebraico Bíblico)*, p. 40 (72), de Thomas O. Lambdin. Os números entre parênteses correspondem às páginas da edição em português.

⁴⁰ Para informações sobre o artigo definido ה, consultar *A Grammar for Biblical Hebrew*, p. 54-55, de C. L. Seow; *Basics of Biblical Hebrew*, p. 40-43, de Gary D. Pratico e Miles V. Van Pelt; *Biblical Hebrew (Hebraico Bíblico)*, p. 24-26 (45-47), de Page H. Kelley; *Introduction to Biblical Hebrew (Gramática do Hebraico Bíblico)*, p. 5-6,8-9,12 (36-37,40,44-45), de Thomas O. Lambdin

⁴¹ Para informações sobre a partícula interrogativa ה, consultar *A Grammar for Biblical Hebrew*, p. 109-110, de C. L. Seow; *Basics of Biblical Hebrew*, p. 75-76, de Gary D. Pratico e Miles V. Van Pelt; *Biblical Hebrew (Hebraico Bíblico)*, p. 94-96 (126-128), de Page H. Kelley; *Introduction to Biblical Hebrew (Gramática do Hebraico Bíblico)*, p. 48 (80), de Thomas O. Lambdin

⁴² Para informações sobre as preposições ב, כ, ל, consultar *A Grammar for Biblical Hebrew*, p. 54-58, de C. L. Seow; *Basics of Biblical Hebrew*, p. 50-54, de Gary D. Pratico e Miles V. Van Pelt; *Biblical Hebrew (Hebraico Bíblico)*, p. 28-30 (50-53), de Page H. Kelley; *Introduction to Biblical Hebrew (Gramática do Hebraico Bíblico)*, p. 22-24,31 (54-56,63), de Thomas O. Lambdin

⁴³ Para informações sobre o pronome relativo ש, consultar *A Grammar for Biblical Hebrew*, p. 106-107, de C. L. Seow; *Basics of Biblical Hebrew*, p. 74-75, de Gary D. Pratico e Miles V. Van Pelt; *Introduction to Biblical Hebrew (Gramática do Hebraico Bíblico)*, p. 24-25,48-49 (56-57,80), de Thomas O. Lambdin.

⁴⁴ Para informações sobre os sufixos pronominais e verbais, consultar *A Grammar for Biblical Hebrew*, p. 132-135,193-200, de C. L. Seow; *Basics of Biblical Hebrew*, p. 81-91,222-231, de Gary D. Pratico e Miles V. Van Pelt; *Biblical Hebrew (Hebraico Bíblico)*, p. 71-75,153-159 (100-105,185-193), de Page H. Kelley; *Introduction to Biblical Hebrew (Gramática do Hebraico Bíblico)*, p. 86-90 (119-123), de Thomas O. Lambdin

⁴⁵ Estes termos, denominações de troncos verbais, serão discutidos mais adiante ao falar especificamente sobre os verbos hebraicos.

⁴⁶ Adaptado de Paul Auvray, *Iniciação ao Hebraico Bíblico*, p. 62-63.

Substantivos

Uma das características dos substantivos hebraicos consiste em ser, na sua maioria, derivados de verbos e compartilharem uma raiz comum ao qual se agregam variações vocálicas. Nesses casos, o conhecimento da raiz verbal auxilia no reconhecimento do substantivo correspondente e várias outras palavras derivadas da raiz comum, facilitando assim o domínio lexical. O conhecimento da raiz, mesmo considerando-se uma abstração, auxilia no conhecimento e identificação de grande maioria das palavras hebraicas.

<u>Substantivo</u>			<u>Verbo</u>	
מֶלֶךְ	rei	>>>	מָלַךְ	ele reinou (reinar)
דָּבָר	palavra	>>>	דִּבֶּר	ele falou (falar)
זֶרַע	semente	>>>	זָרַע	ele semeou (semear)
עוֹף	pássaro	>>>	עָוַף	voar
פֶּתַח	porta	>>>	פָּתַח	ele abriu (abrir)

Cadeia construta

Em línguas como português e inglês, a relação de dependência entre duas palavras em sucessão imediata expressando uma idéia composta costuma ser traduzida pela preposição “de”. No hebraico, no entanto, devido à inexistência de um correspondente para esta preposição, os substantivos formam uma relação de construto, mediante uma junção de dois (às vezes três), sendo que o substantivo final desta cadeia permanece no estado absoluto, enquanto que aquele que o precede assume a forma do estado construto.⁴⁷ O estado absoluto singular é a forma lexical (forma com que é listado no dicionário), enquanto que o estado construto representa uma redução do estado absoluto. Segundo Page Kelley “A função do estado construto é de expressar uma relação de genitivo e todas as nuances de significado relacionadas com a preposição “de”. No hebraico falta uma preposição tão abrangente; a relação de construto ajuda a preencher esta lacuna.”⁴⁸ (Itálico no original.) Na frase מֶלֶךְ הָאָרֶץ (“o rei da terra”), “terra” está no estado absoluto e “rei” no estado construto. Conseqüentemente, cada substantivo, em seu gênero, possui quatro formas teóricas

⁴⁷ LAMBDIM, Thomas O. *Gramática do Hebraico Bíblico*, p. 99.

⁴⁸ KELLEY, Page H. *Hebraico Bíblico*, p. 85. Tradução de Marie Ann Wangen Krahn.

(singular absoluto, singular construto, plural absoluto e plural construto), denominadas por alguns gramáticos de conjugação.

Os adjetivos

Paul Auvray, em sua análise e tradução de uma carta de Jeremias aos judeus exilados em Babilônia (Jeremias 29:1-32), observa que o primeiro adjetivo – nesta carta – somente ocorre no verso 10 e o segundo no verso 17. A razão é explicada pelo próprio autor: “os adjetivos são muito raros no hebraico”;⁴⁹ um tipo de afirmação também encontrada em outros autores como, por exemplo, Baumgartner⁵⁰ e Weingreen⁵¹.

Isto não significa que o hebraico bíblico não utilize adjetivos, porém apresenta uma preferência por um substantivo como adjunto nominal em lugar de um adjetivo com igual função. Weingreen explica este artifício, utilizado pela língua hebraica, como uma forma de compensação pelos raros adjetivos:

O hebraico tem um número bastante limitado de adjetivos, porém o efeito de limitar-se a aplicação de um substantivo pode ser obtido colocando-o no estado construto, resultando na limitação do substantivo pelo genitivo que o segue da mesma maneira que faria um adjetivo.⁵²

Os exemplos a seguir ilustram esta característica do hebraico bíblico:⁵³

<u>original</u>		<u>tradução literal</u>		<u>tradução idiomática</u>
אִישׁ-אֱלֹהִים	>>>>	um homem de Deus	>>>>	um homem piedoso
הַר-קֹדֶשׁ	>>>>	uma montanha de santidade	>>>>	uma montanha santa
כֵּלֵי-זָהָב	>>>>	vasos de ouro	>>>>	vasos dourados
אִישׁ-דְּוָרִים	>>>>	um homem de palavras	>>>>	um homem eloquente

De acordo com os dados estatísticos levantados por Miles van Pelt e Gary D. Pratico, existem aproximadamente 500 adjetivos na Bíblia Hebraica e, excluindo-se adjetivos demonstrativos e numerais, apenas 116 adjetivos ocorrem mais de 10 vezes.⁵⁴

⁴⁹ AUVRAY, Paul. *Iniciação ao Hebraico Bíblico*, p. 115. Tradução de Luís Stadelmann.

⁵⁰ BAUMGARTNER, W. *Gramática Elementar da Língua Hebraica*, p. 170.

⁵¹ WEINGREEN, J. *A Practical Grammar for Classical Hebrew*, p. 136.

⁵² WEINGREEN, J. *A Practical Grammar for Classical Hebrew*, p. 136.

⁵³ WEINGREEN, J. *A Practical Grammar for Classical Hebrew*, p. 136.

⁵⁴ VAN PELT, Miles V. & Gary D. PRATICO. *The Vocabulary Guide to Biblical Hebrew*, p. 161. As páginas 162-166 relacionam os 116 adjetivos que ocorrem mais de 10 vezes.

1.2.2 Sistema verbal

Costuma-se dizer que se alguém não domina o sistema verbal de uma língua dificilmente conseguirá fazer traduções adequadas; porém, com relação ao hebraico bíblico, podemos afirmar que se alguém não domina seu sistema verbal, sequer conseguirá fazer uso dos dicionários. Esta afirmação se baseia em quantidade e forma. Em quantidade, porque a Bíblia Hebraica está organizada em aproximadamente 23.000 versos⁵⁵ e utiliza em torno de 72.000 formas verbais; o que corresponde a uma média de aproximadamente 3 verbos por verso.⁵⁶ Em forma, porque os verbos hebraicos são constituídos em sua maioria por três radicais (consoantes), formando o que os gramáticos convencionaram de raiz, aos quais se agregam aformativos⁵⁷ ou inflexões, além de transformações vocálicas e transformações dos próprios radicais da raiz, podendo ocorrer ainda a eliminação e a adição de radicais. Disso resulta que, muitas das vezes, uma forma verbal encontrada em uma passagem da Bíblia nada tem a ver com a forma lexical listada no léxico bilíngue.

Desde cedo, os antigos gramáticos identificaram padrões nesse sistema de afixos e variações vocálicas, o que permitiu uma classificação em sete principais tipos de padrão, denominados de **בנינים** (*binyanim*): *Qal*, *Niphal*, *Piel*, *Pual*, *Hithpael*, *Hiphil* e *Hophal*. As primeiras gramáticas de hebraico utilizaram a palavra latina *conjugatio* para o hebraico *binyan* (“estrutura”), resultando que até os nossos dias alguns gramáticos utilizam o termo “conjugação”.⁵⁸ No entanto, a grande maioria prefere utilizar a palavra “conjugação” para as formas verbais prefixadas e sufixadas, ou seja, a forma verbal conjugada. Em língua inglesa, *verbal stem*, ou simplesmente *stem*, tem sido o termo

⁵⁵ Tanto a parte hebraica da Bíblia (Antigo Testamento) como a parte grega (Novo Testamento) foram divididas em capítulos e versos para uma mais fácil referência de uma citação ou passagem. Em português também é utilizado a palavra “versículo” no lugar de “verso”.

⁵⁶ PRATICO, Gary D. & Miles V. Van PELT. *Basics of Biblical Hebrew*, 121. Gary Pratico & Miles van Pelt também mencionam em seu *The Vocabulary Guide to Biblical Hebrew* (p. 170) a existência de 1.600 verbos com uma ocorrência total de cerca de 73.000 vezes, sendo que 629 destes verbos ocorrem mais de 10 vezes. Segundo Todd S. Beall, *Old Testament Parsing Guide* (p. vii), são cerca de 75.000 ocorrências verbais.

⁵⁷ Aformativos são terminações (prefixos e sufixos) das formas verbais do perfeito, imperfeito e imperativo que indicam pessoa, gênero, número e tempo de cada forma. Este termo é utilizado por alguns autores para diferenciar entre prefixo e sufixo quando aplicados a outras palavras que não sejam verbos. Nestes casos, prefixo é um elemento ou sílaba adicionada ao começo de uma palavra para nomear artigos, preposições enclíticas e outras partículas prefixadas à palavra. Da mesma forma, o termo sufixo passa a indicar apenas os pronomes pessoais afixados aos verbos para indicar o objeto direto e os pronomes pessoais adicionados aos substantivos e preposições para indicar relação de posse. Como exemplo de diferenças na terminologia, temos o uso desse tipo de diferenciação (aformativo, prefixo, sufixo) por Page H. Kelley em *Biblical Hebrew: An Introductory Grammar*, traduzida para o português como *Hebraico Bíblico: Uma Gramática Introdutória*. Gary D. Pratico utiliza os termos *sufformative* (aformativo na forma de sufixo) e *preformative* (aformativo na forma de prefixo) em *Basics of Biblical Hebrew*.

⁵⁸ KAUTZSCH, E. *Gesenius's Hebrew Grammar*, p. 114-116. LAMBDIN, Thomas O. *Introduction to Biblical Hebrew*, p. 175. Página 218 na edição em português *Gramática do Hebraico Bíblico*. Outras gramáticas modernas de hebraico bíblico, como a de Pratico & van Pelt (*Basics of Biblical Hebrew*) e de Page H. Kelley (*Biblical Hebrew*) utilizam *stems*. C. L. Seow (*A Grammar for Biblical Hebrew*) utiliza *verbal patterns*.

mais usado para *binyanim*. Em português, a palavra “tronco” foi utilizada para a tradução de *stem* utilizada na gramática de Page H. Kelley, enquanto que, na tradução da gramática de Lambdin, o tradutor utilizou “conjugações” para o inglês *conjugations*, visto Lambdin ser um dos gramáticos que prefere *conjugatio* em lugar de *stem* para *binyan*. Neste trabalho, utilizarei “tronco” para *binyan* e “conjugação” para as formas verbais (prefixadas e sufixadas) dentro do tronco (por exemplo, “perfeito”, “imperfeito”), seguindo o modelo estabelecido por Page H. Kelley e Gary Pratico em suas gramáticas.

O tronco Qal é o tronco básico porque dele são derivados os demais troncos. Os troncos informam a respeito do tipo de ação (simples, intensiva, causativa), o grau (ativo, passivo, reflexivo) e o significado do verbo. A figura 1 apresenta um sumário dos sentidos associados a cada um dos troncos.⁵⁹

	ATIVO	PASSIVO	REFLEXIVO
Ação simples	Qal קָטַל “ele matou”	Niphal נִקְטַל “ele foi assassinado” / “ele se matou”	
Ação intensiva	Piel קָטַל “ele trucidou”	Pual קָטַל “ele foi trucidado”	Hithpael הִתְקַטַּל “ele se trucidou”
Ação causativa	Hiphil הִקְטִיל “ele obrigou a matar”	Hophal הִקְטִיל “ele foi obrigado a matar”	

(1) Todas as formas verbais estão no perfeito 3ª pessoa masculino singular, variando-se apenas o tronco.

Figura 1: Sumário do significado dos troncos verbais⁶⁰

Uma das peculiaridades do hebraico é a ausência de noção cronológica de tempos dos verbos, ao contrário do que ocorre nas línguas indo-européias (grego, línguas anglo-saxônicas e línguas latinas). Como exemplo, a língua portuguesa herdou dos gregos as modalidades de tempos presente, passado e futuro, indicados por flexões verbais. Já o hebraico não indica o tempo em que se realiza a ação verbal, mas o resultado, *completo* ou *incompleto* da mesma, designado pelos gramáticos de

⁵⁹ Embora a maioria das gramáticas de hebraico bíblico apresentem os troncos (*binyanim*) segundo a Tabela I, eles são questionados por alguns gramáticos. Talvez um dos comentários mais extremos seja o de Lewis Glinert em sua gramática de hebraico moderno intitulada *Modern Hebrew: An Essential Grammar* (p. 44): “Existem muitas crenças falsas a respeito dos *binyanim*, tais como o de que o PI’EL é geralmente intensivo e o HITPA’EL geralmente reflexivo. Na verdade, o PI’EL raramente é o ‘intensivo’ de alguma coisa. De uma verificação aleatória de 100-200 verbos no dicionário, somente um em cinco verbos PA’AL tem um HIF’IL causativo ou um intensivo ou um PI’EL causativo.”

⁶⁰ Adaptado de Paul AUVRAY, *Iniciação ao Hebraico Bíblico*, p. 37.

aspecto. A partir de uma confusão de terminologia, passou-se a designar uma ação completa de ‘perfeito’ e uma ação incompleta de ‘imperfeito’.

Não obstante essas diferenças entre os sistemas verbais das línguas ocidentais e do hebraico, o tempo não está de todo ausente em uma ação incompleta ou incompleta. Por exemplo, uma ação completada pode ser associada com o passado, enquanto que uma ação incompleta pode indicar algo que ainda está por realizar-se, associando-se ao futuro.

Ao perfeito (completo) e imperfeito (incompleto) – denominados de conjugações por serem declináveis quanto à pessoa, gênero e número – adiciona-se o imperativo, as formas verbais nominais consistindo de dois infinitivos (construto e absoluto) e do particípio. Uma visualização da estrutura do sistema verbal do hebraico bíblico se encontra na Figura 2.

RAIZ קטל					
TRONCO Qal קטל					
Troncos Derivados					
Niphal נקטל	Piel קטל	Pual קטל	Hiphil הקטיל	Hophal הקטל	Hithpael התקטל
Conjugações Verbais					
Perfeito					
Imperfeito					
Imperativo (Coortativo, Jussivo)					
Infinitivo Construto					
Infinitivo Absoluto					
Particípio					

Figura 2: Estrutura do sistema verbal hebraico (Raiz, Troncos, Conjugações)⁶¹

⁶¹ Adaptado de Gary D. Pratico & Miles V. van Pelt, *Basics of Biblical Hebrew*, p. 137.

1.2.3 Particularidades do idioma

O hebraico bíblico distingue duas categorias de formas verbais não finitas, ou seja, o infinitivo e o particípio. Quanto ao infinitivo, apresenta não um, mas dois tipos, denominados de infinitivo construto e infinitivo absoluto. O primeiro corresponde ao tipo de infinitivo existente nas línguas inglesa e portuguesa, porém o infinitivo absoluto pode ser considerado um tipo de infinitivo idiomático, apresentando dificuldades na busca de um equivalente em um dicionário bilíngüe e dificultando a tradução por exigir uma decisão quanto a uma tradução formal – repetindo o idiomatismo existente no hebraico – ou uma tradução livre que busca uma forma idiomática na língua alvo. Como consolo, é a conjugação de menor ocorrência na Bíblia Hebraica: apenas 872 vezes, contra 6.610 do infinitivo construto.⁶²

1.2.3.1 O infinitivo absoluto

O infinitivo absoluto não sendo flexionado para pessoa, gênero e número, resulta em apenas uma forma para memorização, facilmente reconhecível nos verbos fortes⁶³ (קטול para o tronco Qal) e que vale para muitos dos verbos fracos⁶⁴. Distintamente do infinitivo construto, o infinitivo absoluto não ocorre associado a prefixos preposicionais ou pronominais.

Porém, é em relação ao uso que o infinitivo absoluto merece ser destacado, pois, conforme mencionado, afeta a utilização do dicionário e o processo de tradução. Em seu uso mais comum, precede um verbo finito da mesma raiz e reforça a idéia verbal da raiz, funcionando, neste caso, como um adjunto adverbial.⁶⁵ Vejamos alguns destes usos do infinitivo absoluto na Bíblia Hebraica.⁶⁶

מוֹת מְוֹתָּהּ >>> morrendo morrerás >>> certamente morrerás (Gênesis 2:17)⁶⁷

⁶² PRATICO, Gary D. & Miles V. van PELT. *Basics of Biblical Hebrew*, p.250.

⁶³ Verbo forte é aquele que apresenta consoantes fortes em sua raiz. As consoantes fortes são: ב, ג, ד, ז, ט, כ, ל, מ, נ (a não ser quando נ for o radical inicial ou final de uma raiz verbal), ס, פ, צ, ק, ר (somente quando ר for a última consoante de uma raiz verbal), ש, שׁ e ת. KELLEY, Page. *Hebraico Bíblico*, p. 443.

⁶⁴ Verbo fraco é aquele em cuja raiz consta uma ou mais letras fracas (א, ה, ו, י, ח, ע, ר, נ) entre as três de sua raiz, ou cuja letra média é geminada, resultando em alteração vocálica. AUVRAY, Paul. *Iniciação ao Hebraico Bíblico*, p. 67.

⁶⁵ Para Page H. Kelley, “a função primordial do infinitivo absoluto é dar um sentido adverbial à frase”. *Hebraico Bíblico*, p. 221.

⁶⁶ Outros exemplos deste tipo de utilização do infinitivo absoluto como adjunto adverbial são encontrados em Êxodo 19:5, 2 Reis 1:16, 1 Samuel 2:30, 1 Reis 2:37.

⁶⁷ O infinitivo absoluto מוֹת, sendo um verbo substantivado, corresponde literalmente ao nosso gerúndio e pode ser traduzido por “morrendo”. Porém, tratando-se de um uso idiomático, em que o infinitivo absoluto precede um verbo finito da mesma raiz (מוֹתָּהּ qal imperfeito), מוֹת tem força adverbial e reforça a ação do verbo finito. As traduções

שָׁמֹר תִּשְׁמְרוּן אֶת־מִצְוֹת >>> “guardando guardarás os mandamentos” >>> “diligentemente guardareis os mandamentos” (Deuteronômio 6:17)⁶⁸

וַיֵּלֶךְ אֱלֹהִים פָּקֵד יִפְקֹד אֶתְכֶם >>> “e Deus visitando visitará vocês” >>> “e Deus certamente vos visitará” (Gênesis 50:24)⁶⁹

Uma segunda forma de uso do infinitivo absoluto ocorre com alguma frequência. Dois diferentes infinitivos absolutos podem estar juntos com um verbo no perfeito ou imperfeito e com o propósito de expressar duas ações verbais simultâneas. Lambdin descreve esta situação como “a sequência de dois infinitivos absolutos como complementos de um verbo finito”.⁷⁰

וַיֵּלֶךְ הָלוֹךְ וְאָכַל >>> “e ele caminhou, caminhando e comendo” >>> “e ele caminhava enquanto comia” (Juízes 14:9)

וַיֵּצֵא יֵצֵא וְשׁוֹב >>> “e ele saiu, saindo e voltando” >>> “e ele ia para frente e para trás”

Uma terceira variação consiste no infinito absoluto vir depois do verbo conjugado “da mesma raiz para enfatizar a duração ou continuidade da idéia verbal.”⁷¹

לִשְׂוֹא צָרַף צָרוֹף >>> “em vão refina refinando” >>> “em vão continua refinando” (Jeremias 6:29)

שָׁמַעְו שְׁמוֹעַ >>> “ouvi ouvindo” >>> “ouvi (continuamente)” (Isaías 6:9)⁷²

mais freqüentes desta passagem nas Bíblias em português têm sido: “certamente morrerás” (ARC), “positivamente morrerás” (TNM), “morrerás indubitavelmente” (MS, MBM). No entanto, também tem ocorrido traduções literais do tipo “morrerás de morte” (APF). Convém ainda destacar traduções mais livres como “ficarás sujeito à pena de morte” (BMD, cujo tradutor de Gênesis é identificado como Antônio Charbel). Este uso do infinitivo absoluto é um idiomatismo do hebraico e se assemelha a expressões idiomáticas da língua portuguesa do tipo “prometer, promete, mas cumprir, nunca cumpre”, conforme exemplo utilizado por Gordon Chown em sua *Gramática Hebraica*, p. 53.

⁶⁸ O infinitivo absoluto שָׁמֹר (“guardando”) precede o verbo finito da mesma raiz תִּשְׁמְרוּן (“guardarás”, qal imperfeito). Esta passagem tem sido traduzida para o português da seguinte forma: “diligentemente guardareis os mandamentos” (ARC), “obedeçam cuidadosamente a todos os mandamentos” (NTLH), “deveis terminantemente guardar os mandamentos” (TNM), “procurareis observar os mandamentos” (BMD), “observareis suas ordenações” (MBM).

⁶⁹ Neste exemplo, o infinitivo absoluto יִפְקֹד precede o verbo finito da mesma raiz יֵפְקֹד (qal imperfeito). Alguns exemplos de tradução são: “mas Deus certamente vos visitará” (ARC), “mas estou certo de que Deus virá ajudá-los” (NTLH), “mas Deus, sem falta, voltará sua atenção para vós” (TNM), “mas Deus vos visitará seguramente” (MBM).

⁷⁰ LAMBDIN, Thomas O. *Gramática do Hebraico Bíblico*, p. 198.

⁷¹ KELLEY, Page H. *Hebraico Bíblico*, p. 221.

⁷² Esta passagem, aparentemente simples de Isaías, é rica em traduções diferentes. Temos שְׁמוֹעַ (qal imperativo) seguido de שָׁמַעְו (infinitivo absoluto) e, neste caso, indicando idiomáticamente uma continuidade, persistência, da ação verbal do verbo finito. Dentre alguns exemplos de tradução, temos: “ouvi vez após vez” (TNM), “ouvi, ouvintes” (APF), “ouvi o que eu vos digo” (MS), “ouvi, de fato” (ARC), “escutai” (MBM), “vocês podem escutar o quanto quiserem” (NTLH), “escutai com vossos ouvidos” (BMD).

1.2.3.2 O infinitivo construto

Conforme mencionado acima, o infinitivo construto tem uma utilização correspondente ao infinitivo do português e, portanto, não deveria apresentar grandes problemas na tradução. No entanto, uma dificuldade resulta das transformações que a raiz do verbo recebe, além da possibilidade de utilização de preposições (בְּ, לְ, מִן, עַל).⁷³ Estas transformações dificultam a identificação da raiz e, conseqüentemente, a utilização dos dicionários bilíngües para a busca de seu significado. Como alguns tipos de verbos fracos perdem o primeiro radical, um ת é adicionado e, adicionalmente, podem ter as preposições inseparáveis בְּ, לְ e מִן truncando sua forma de tal maneira que a raiz se torna irreconhecível.⁷⁴ Para o restabelecimento da raiz, torna-se necessário a eliminação da preposição e restauração da consoante que desapareceu.

Muitas vezes o infinitivo construto é utilizado com um sufixo pronominal, podendo ter a função de sujeito ou objeto do infinitivo.⁷⁵ Conforme ilustrado nos exemplos a seguir, este uso de sufixo nominal com o infinitivo além de dificultar o reconhecimento da raiz, apresenta um maior grau de dificuldade na tradução e tem resultado nas mais diversas traduções:⁷⁶

a) Como sujeito

בְּשָׁכְבְּךָ תִּשְׁמֹר עָלַי >>> “quando *you* deitar, ela vigiará por ti” (Prov. 6:22)⁷⁷

בְּנִכְרְנוּ אֶל-צִיּוֹן >>> “quando *we* lembramos de Sião” (Salmos 137:1)⁷⁸

b) Como objeto

לְשָׁמְרָךְ בְּכָל-דֶּרֶכֶיךָ >>> “para *te* guardar em todos teus caminhos” (Salmos 91:11)

מֶלֶךְ לְשִׁפְטֵנוּ >>> “um rei para nos julgar” (1 Samuel 8:5)

⁷³ O infinitivo construto prefixado com a conjunção לְ é a forma mais importante para ser aprendida, pois ocorre 4.529 das 6.610 ocorrências, correspondendo a 69%. PRATICO, Gary D. & Miles V. van PELT. *Basics of Biblical Hebrew*, p. 242.

⁷⁴ PRATICO, Gary & Miles V. van PELT. *Basics of Biblical Hebrew*, p. 241.

⁷⁵ Segundo Gary D. Pratico, o infinitivo construto com sufixos pronominais ocorre 1519 vezes, correspondendo a 23% de todas as ocorrências das formas de infinitivo construto. *Basics of Biblical Hebrew*, p.240. Ver também KELLEY, Page H. *Hebraico Bíblico*, p. 219.

⁷⁶ PRATICO, Gary D. & Miles V. van PELT. *Basics of Biblical Hebrew*, p. 241.

⁷⁷ “quando você descansar, eles o guardarão” (BEP), “quanto te deitares, te guardará” (ARC), “ao te deitares, isso ficará de guarda sobre ti” (TNM), “e vigiarão no teu repouso” (BMD), “quando dormires, elles te guardarão” (APF), “de guarda ao dormires” (MBM).

⁷⁸ “com saudades de Sião” (BEP), “quando nos lembramos de Sião” (TNM), “lembrando-nos de Sião” (ARC), “com saudades de Sião” (BMD), “lembrando-nos de Sião” (APF), “lembrando-nos de Sião” (MBM).

De uso bastante freqüente é o infinitivo construto Qal אָמַר (lema אָמַר) prefixado com a preposição לְ e formando a palavra לְאָמַר. A preposição לְ (“para”) + infinitivo construto denota finalidade ou conseqüência e, seguidas vezes, o modo, equivalendo a um gerúndio. Sua tradução literal corresponde a “para dizer” e serve para introduzir o discurso direto ou uma citação.⁷⁹ Equivale a dois pontos, ou aspas, no português.

1.2.3.3 O acusativo cognato

O infinitivo absoluto, visto acima, pode ser considerado uma forma de repetição de palavras que utiliza uma seqüência de dois verbos da mesma raiz, sendo de uso comum no hebraico bíblico. Um segundo tipo de repetição de palavras, condenado por professores de língua portuguesa e mestres de estilística, é o que se denomina de acusativo cognato e utilizado pelos escritores bíblicos, tanto na parte hebraica da Bíblia como na grega. Trata-se de um objeto direto construído a partir da raiz do verbo transitivo.

Nos exemplos que veremos a seguir, evidencia-se como a tradução pode se interpor entre a língua fonte e a língua alvo, criando uma barreira intermediária entre o leitor e o texto original. Fica sempre a dúvida sobre o que é melhor: o modo como o autor disse ou o que ele quis dizer.

וַיַּחְלֶם יוֹסֵף חֲלֹם >>> “e José sonhou um sonho” (Gênesis 37:5)⁸⁰

וְהָתַאֲוּוּ תַּאֲוָה >>> “eles desejaram com desejo” (Números 11:4)⁸¹

וְקִנְיָנֵם חֲלֻמוֹת יַחְלִמוּן >>> “os velhos sonharão sonhos” (Joel 2:28)⁸²

לְכִּי־אֶזְבֵּחַ זֶבַח תּוֹדָה >>> “Para vós sacrificarei um sacrifício de louvor” (Salmos 116:17)⁸³

⁷⁹ לְאָמַר (“dizendo”) e וַיֹּאמֶר (“e disse”) são dois marcadores de discurso direto do hebraico. Usualmente aparecem em narrativas e muitas vezes torna-se difícil reconhecer onde inicia e onde termina o discurso direto, devido a inexistência de marcadores de início e fim (aspas, por exemplo) no hebraico. Exemplo: וַיֹּאמֶר הִנְנִי אֵלַי אַבְרָהָם וַיֹּאמֶר הִנְנִי (“E disse para ele, “Abraão,” e ele disse, “Estou aqui.” Ver também Gênesis 22:1).

⁸⁰ “Ora, José teve um sonho” (MBM), “Sonhou também José um sonho” (ARC), “José teve um sonho” (BMD), “Um dia José teve um sonho” (BEP), “Mais tarde, José teve um sonho” (TNM).

⁸¹ “por um desejo desordenado” (MBM), “foram tomados de fome” (BMD), “veio a ter grande desejo” (ARC), “ardeu em desejo” (APF), “expressou almejos egoístas” (TNM), “Eles estavam com muita vontade de comer carne” (NTLH), “ficou faminta” (BEP).

⁸² Esta passagem em algumas Bíblias é classificada como Joel 2:28 e em outras como Joel 3:1. Traduções classificadas em Joel 2:28: “os velhos sonharão” (NTLH), “Quanto aos vossos homens idosos, terão sonhos” (TNM), “os vossos velhos terão sonhos” (ARC), “os vossos velhos serão instruídos por sonhos” (APF). Traduções classificadas em Joel 3:1: “vossos anciãos terão sonhos” (BMD), “vossos anciãos terão sonhos” (MBM), “entre vocês, os velhos terão sonhos” (BEP).

1.3 PARALELISMO

Algumas informações sobre paralelismo hebraico, neste capítulo, são necessárias por duas razões. A primeira, porque, no capítulo 4, realizarei um experimento lexicográfico para demonstrar uma hipótese a ser levantada no capítulo 3, e que consistirá da tradução de quatro poemas. Para um melhor entendimento de alguns dos termos que serão utilizados no capítulo 4, torna-se necessário incluir alguma informação sobre paralelismo, visto ser este a principal característica da poesia hebraica bíblica. A segunda razão se deve ao papel desempenhado na lexicografia hebraica bíblica. Pela sua natureza, quanto ao uso repetições, sinônimos, antônimos, ampliações de pensamento, etc., o paralelismo tem sido uma fonte de estudos semânticos para os lexicógrafos. Os lexicógrafos têm buscado no paralelismo um entendimento das relações semânticas entre palavras e da organização de campos semânticos segundo a visão de mundo do escritor bíblico.

A importância do paralelismo na poesia hebraica bíblica pode ser vista pelo seguinte observação de Joseph Blenkinsopp em sua referência a um comentário de Matthew Arnold:

O paralelismo tem sido identificado como a característica básica do verso hebraico desde o *De Sacra Poesi Hebraeorum Praelectiones* (1752). Esta modalidade peculiar foi muito bem expressa por Mathew Arnold ao contrastar Isaías com Homero e Dante. Sua observação foi que o efeito destes dois grandes poetas [Homero e Dante] é atingido principalmente mediante a métrica e a rima, enquanto que “a poesia de Isaías é uma poesia de paralelismo; ela não depende da métrica e da rima, mas de um equilíbrio de pensamento conduzido por um equilíbrio correspondente da sentença; e este efeito não consegue ser transferido para outra língua.”⁸⁴

Quanto ao papel desempenhado pelo paralelismo na lexicografia hebraica bíblica, podemos ilustrar com um exemplo utilizando a palavra **הָבֵל**, cuja tradução mais conhecida é “vaidade”. Na passagem de Isaías 57:13 encontramos o paralelismo **הָבֵל** // **רֵיחַ**, que nos permite deduzir o significado básico descontextualizado para **הָבֵל** como sendo **רֵיחַ**. Este é também o entendimento de Michael V. Fox.

O significado básico de *hebel*, o sentido literal, do qual os outros são derivados, é *vapor*. Este sentido é evidente em Isa. 57:13; Prov. 13:11; 21:6; e Sal. 144:4, bem como em RH [Rabbinic (Mishnaic) Hebrew], Aramaico Judaico, e Siríaco. Ele é

⁸³ Salmos 115:8 - “e te ofereço, grato, um sacrifício (BMD), “Oferecer-vos-ei um sacrifício de louvor” (MBM). Salmos 116:17 - “Eu te darei uma oferta de gratidão” (NTLH), “oferecer-te-ei o sacrifício de agradecimento” (TNM), “Oferecer-te-ei sacrifícios de louvor” (ARC).

⁸⁴ BLENKINSOPP, Joseph. *Isaiah 1-39*, p. 79. O comentário de Matthew Arnold se encontra em *Isaiah of Jerusalem in the Authorised English Version with an Introduction, Corrections and Notes*. London: Macmillan, 1883, p. 4.

usualmente utilizado de formas facilmente derivadas por transferência metafórica das qualidades do vapor.⁸⁵

Dessa maneira, um conhecimento do campo semântico das palavras hebraicas e de suas relações semânticas pode ser obtido pelo lexicógrafo mediante o estudo dessas palavras em seus diferentes usos encontrados no paralelismo da poesia hebraica. Uma utilização do paralelismo na determinação de um campo semântico, encontramos na tese de doutorado de Gerrit Jan Van Steenberg, conforme ele mesmo declara:

Neste capítulo definirei inicialmente o domínio semântico de comportamento moral negativo pela identificação de quais itens lexicais serão incluídos no domínio. Isto será baseado em uma análise cuidadosa da principal característica da poesia hebraica, o paralelismo. Será demonstrado que o paralelismo semântico fornece uma importante ferramenta para definir e delinear o domínio semântico.⁸⁶

1.3.1 O modelo de Lowth

Em meados do século XVIII, o bispo anglicano Robert Lowth para demonstrar que também os livros proféticos da Bíblia Hebraica continham poesia, estabeleceu o que se tornou a convenção formadora central do verso bíblico e sistematizou a análise destes versos com o que denominou de *paralelismo*. Lowth realizou uma série de conferências em latim (34 ao todo), publicando-as em 1753 em forma de livro com o título *De sacra poesi Hebraeorum*. Posteriormente, em 1787, foi publicada uma tradução para o inglês, feita por G. Gregory, com o título *Lectures on The Sacred Poetry of the Hebrews*, criando-se assim o divisor de águas para o estudo da poesia bíblica hebraica e estabelecendo-se o início do estudo do paralelismo na Bíblia Hebraica, pelo menos na literatura ocidental. Embora haja uma tendência dos modernos estudiosos da poesia bíblica, quanto a criticar Lowth e parte de seu trabalho, ele ainda é a base desse tipo de estudo e é inegável a força de sua influência. Um caso típico de aplicação das célebres palavras de Lutero aos que criticavam sua tradução da Bíblia para o alemão: “É fácil arar quando o campo está limpo.”⁸⁷

O *paralelismo*, mesmo não sendo uma exclusividade da poesia hebraica bíblica, tem sido considerado sua característica mais marcante. Roman Jakobson em seu artigo “Le parallélisme grammatical et ses aspects russes” apresenta considerável número de exemplos, bibliografia e análises demonstrando a existência de paralelismo na poesia chinesa, finlandesa, turca e russa,

⁸⁵ FOX, Michael V. *A Time to Tear Down & A Time to Build Up*, p. 27-28

⁸⁶ STEENBERGEN, Gerrit Jan Van. *Semantics, World View and Bible Translations: An Integrated Analysis of a Selection of Hebrew Lexical Items Referring to Negative Moral Behaviour in the Book of Isaiah*, p.103.

⁸⁷ A citação se encontra em sua “Carta aberta sobre a tradução” (*Sendbrief vom Dolmetschen*) escrita em 1530. O texto original completo, com uma tradução para o francês, está publicado em *L’Art de la Traduction selon Martin Luther* de

concluindo com a análise do *paralelismo* em uma canção popular russa denominada “Oh! vivre dans la douleur, ne pas être malheureux”.⁸⁸

A essência do trabalho de Lowth relacionado com o paralelismo hebraico, encontramos em sua décima-nona conferência, de uma série de trinta e quatro:

A estrutura poética das sentenças que tem sido freqüentemente atribuída como característica da poesia hebraica, consiste principalmente em uma determinada igualdade, semelhança, ou paralelismo entre os membros de cada período; de modo que em duas linhas (ou membros do mesmo período), os itens na sua maior parte correspondem a itens e palavras a palavras, como que se correspondendo um com o outro mediante um tipo de regra ou medida. [...] A primeira espécie é o *paralelismo sinônimo*, quando o mesmo sentimento é repetido de uma forma diferente mas em termos equivalentes. [...] O *paralelismo antitético* é o seguinte que especificarei; trata-se de quando algo é ilustrado pelo seu contrário em oposição. Não é limitado a uma forma em particular; sentimentos são opostos a sentimentos, palavras contra palavras, singular contra singular, plural contra plural, etc. [...] Há um terceiro tipo de paralelismo, no qual as sentenças respondem uma à outra, não pela interação da mesma imagem ou sentimento, ou pela oposição de seus contrários, mas meramente pela forma de construção. A este, que pode ser denominado de *paralelismo sintético* ou construtivo, pode ser atribuído tudo aquilo que não consegue ser incluído nas duas primeiras classes.⁸⁹ (itálico meu)

Foi a partir da publicação desta conferência de Lowth que o paralelismo passou a ser considerado a principal característica da poesia hebraica bíblica, conforme reconhece Robert Alter:

A convenção formadora central do verso bíblico foi redescoberta em meados do século XVIII pelo erudito bispo anglicano, Robert Lowth. Ele propôs que as linhas do verso bíblico compreendiam dois ou três “membros” (conhecidos também como “versetos” ou *colon* – plural *cola*) paralelos um ao outro em significado.⁹⁰

Antes, porém, de examinar mais detalhadamente, com exemplos, a classificação de Lowth em (a) *paralelismo sinônimo*, (b) *paralelismo antitético* e (c) *paralelismo sintético*, necessito estabelecer algumas definições relativas à terminologia a ser utilizada.

Por *paralelismo*, na poesia hebraica, se entende duas linhas de poesia relacionadas de alguma maneira. Essa relação, ou similaridade, pode ser gramatical (as duas linhas apresentam a mesma estrutura sintática) ou semântica (as duas linhas apresentam significados similares ou relacionados). Juntas, as duas linhas, formam uma unidade poética ou paralelismo. O exemplo a seguir, tirado do Salmo 9:9, ilustra um caso de *paralelismo sinônimo* em que ocorre a mesma estrutura gramatical (sujeito, verbo, objeto, frase preposicional), além das duas linhas terem praticamente o mesmo significado. Junto com o texto hebraico, insiro a tradução interlinear,

Catherine Cocquet (p. 147-184) e em *Clássicos da Teoria da Tradução* (texto incompleto), volume 4, com uma tradução para o português (p. 94-115).

⁸⁸ JAKOBSON, Roman. Le parallélisme grammatical et ses aspects russes. In Roman JAKOBSON. *Questions poétiques*, p. 234-279.

⁸⁹ LOWTH, Robert. *Lectures on The Sacred Poetry of the Hebrews*. P. 204-205,210,211.

permitindo visualizar o paralelismo gramatical e, em seguida, uma tradução que preserve a mesma ordem sintática do texto hebraico.

וְהוּא	יִשְׁפֹּט	תֵּבֵל	בְּצֶדֶק
e ele	julga	mundo	em justiça
יָדִין	לְאֻמִּים	בְּמִישָׁרִים:	
ele governará	povos	em equidade	

Ele julga o mundo com justiça,

E governará os povos com retidão. – Salmo 9:9 (BEP)⁹¹

No exemplo acima, a unidade poética completa compreende as duas linhas, ou seja, todo o verso 8 do Salmo. Para facilitar as discussões sobre paralelismo na poesia hebraica bíblica, desde o texto de Lowth adotou-se uma variedade de termos de forma a facilitar as referências ao verso completo ou a cada uma de suas metades, sem, no entanto, se chegar a uma terminologia única. No nosso exemplo, que servirá de modelo para o estabelecimento da terminologia, a unidade fundamental poética não é a linha, mas o verso completo constituído de duas linhas e denominado de dístico. O segmento menor, ou linha, corresponde à unidade rítmica de sentido, havendo regularmente uma separação por pausa entre os dois segmentos e uma pausa completa no final do segundo. Estes dois segmentos, junto com as duas pausas, constituem a unidade poética de paralelismo e podem ser representados graficamente da seguinte maneira:

linha 1		linha 2
_____	/	_____ //

Figura 3: Unidade poética de paralelismo

As duas linhas constituintes do verso e da unidade de paralelismo costumam ser designadas de várias maneiras por diferentes autores. Os nomes mais comuns têm sido “hemistíquio 1 / hemistíquio 2”, “colon 1 / colon 2”, “colon A / colon B”, “A / B”, “verseto 1 / verseto 2”.⁹² Neste

⁹⁰ ALTER, Robert. As características da antiga poesia hebraica. In ALTER, Robert & Frank KERMODE (eds). *Guia Literário da Bíblia*, p.654.

⁹¹ Salmo 9:8 em algumas traduções.

⁹² Autor que utiliza “colon / colon”: Wilfred G. E. Watson (*Classical Hebrew Poetry*). Autores que utilizam “colon A / colon B”: J. P. Fokkerman (*Readings Biblical Poetry*), Lynell Zogbo & Ernst R. Wendland (*Hebrew Poetry in the Bible*), David L. Petersen & Kent H. Richards (*Interpreting Hebrew Poetry*). Autores que utilizam “A / B”: James L. Kugel (*The Idea of Biblical Poetry*), Luis Alonso Schokel (*A Manual of Hebrew Poetics*). Autor que utiliza “verseto 1 /

trabalho utilizarei *colon* 1 para o primeiro segmento e *colon* 2 para o segundo, *bicolon* para o par de segmentos ou linhas (unidade poética de paralelismo), sendo *cola* o plural de *colon*. *Colon* costuma ser reconhecido como a unidade básica rítmica, embora eu prefira referir-me ao *bicolon* como unidade poética do paralelismo e *colon* como unidade básica dentro de uma unidade completa de paralelismo.⁹³ A poesia hebraica, a partir de unidades básicas – o *colon* – constrói uma estrutura poética utilizando unidades de paralelismo que podem conter um, dois, três e até quatro *cola*; porém, com predominância do *bicolon*.

A representação gráfica de um paralelismo formado por um *bicolon* encontra-se ilustrada a seguir, com o significado de que uma linha simples é denominada *colon* e um par de linhas é denominado de *bicolon* (dois *cola*):



Figura 4: Estrutura de um *bicolon*

Convém mencionar ainda que, embora a predominância na poesia hebraica seja de *bicolon* (um dístico ou linha diádica), encontramos também três *cola* (uma tríade) formando uma unidade poética de paralelismo e, neste caso, denominada de *tricolon*, com a seguinte representação gráfica:

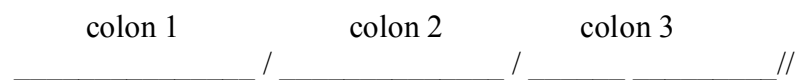
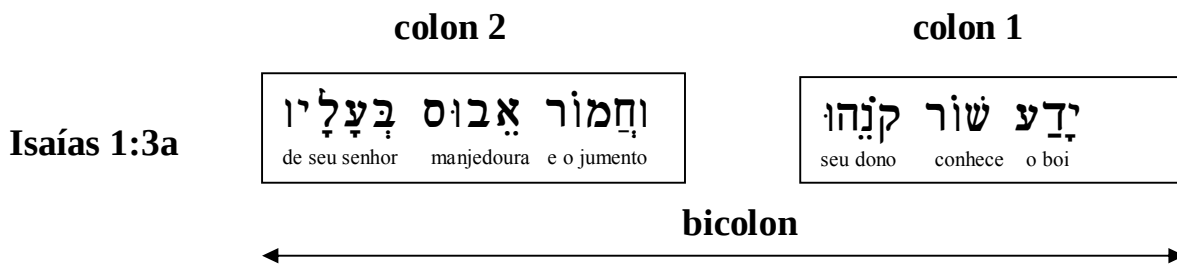


Figura 5: Estrutura de um *tricolon*

A Figura 6 ilustra, mediante um exemplo da Bíblia Hebraica (Isaías 1:3), a estrutura do paralelismo na poesia hebraica bíblica para uma unidade poética formada por um *bicolon*, ou seja, dois segmentos paralelos denominados de *colon* 1 e *colon* 2.

verseto 2”: Robert Alter (*The Art of Biblical Poetry*). Roman Jakobson utiliza hemistíquio em seu artigo “Le parallélisme grammatical et ses aspects russes”.

⁹³ David L. Petersen & Kent Harold Richards fazem a seguinte menção a respeito de *colon*: “É geralmente aceito, contudo, que o *colon* é a unidade básica (não o *bicolon*) e que o mais comum é que ocorra junto com um ou dois *cola*.” *Interpreting Hebrew Poetry*, p. 23. Autores que utilizam “colon A / colon B”: J. P. Fokkerman (*Readings Biblical Poetry*).



Tradução: “O boi conhece seu dono, e o jumento, a manjedoura de seu senhor.” (BJ)

Figura 6: Dois segmentos paralelos de uma linha de poesia hebraica bíblica formam um *bicolon*⁹⁴

Retornando ao modelo de Lowth, o *paralelismo sinônimo* ocorre “quando o mesmo sentimento é repetido de uma forma diferente mas em termos equivalentes”⁹⁵, ou seja, corresponde a linhas paralelas com significados similares. Esta relação costuma ser representada por *colon 1* = *colon 2*. Os exemplos seguintes ilustram este tipo de paralelismo:⁹⁶

Javé, teu nome é para sempre!

Javé tua lembrança passa de geração em geração. – Salmo 135:13 (BEP)

Os seguintes pares são facilmente identificáveis como exemplos de paralelismo sinônimo: Javé/Javé, teu nome/tua lembrança, para sempre/passa de geração em geração.

Nossa herança passou a estranhos,

Nossas casas ***** a desconhecidos.⁹⁷ – Lamentações 5:2 (BJ)

Neste exemplo, novamente os pares de palavras são facilmente reconhecidos, porém o verbo do primeiro *colon* (“passou”) não aparece no segundo *colon*, porém está subentendido ou elíptico.

Vou louvar a Jeová durante a minha vida.

Vou entoar melodias ao meu Deus enquanto eu existir. – Salmo 146:2 (TNM)⁹⁸

⁹⁴ Adaptado de Bonnie P. Kittel ; Vick Hoffer & Rebecca A. Wright, *Biblical Hebrew*, p. 344.

⁹⁵ LOWTH, Robert. *Lectures on The Sacred Poetry of the Hebrews*, p. 204-205,210,211.

⁹⁶ Para os exemplos ilustrando os tipos de paralelismo, não apresentarei o texto hebraico, mas diretamente traduções escolhidas entre as diferentes traduções existentes para o português e que melhor refletem a forma e ordem das palavras do original. Neste momento é mais importante o conceito de *paralelismo* do que o processo de tradução. Os exemplos escolhidos são bastante expressivos para o conceito ilustrado e não se perdem na tradução. Esta é justamente uma das características do *paralelismo* na poesia. Diferente de outras técnicas utilizadas em poesia – métrica, rima, ritmo – o *paralelismo* costuma ser mais facilmente transposto para outra língua.

⁹⁷ A sequência de asteriscos indica o verbo elíptico.

⁹⁸ Em algumas traduções este Salmo é o 145:2.

Este é um exemplo de paralelismo sinônimo em que a tradução conseguiu reproduzir a correspondência perfeita entre os pares de palavras: Vou/Vou, louvar/entoar melodias, a Jeová/ao meu Deus, durante a minha vida/enquanto eu existir. Para este exemplo, reproduzo abaixo o texto hebraico, com uma tradução interlinear, e que permite perceber a concisão da língua hebraica ao utilizar apenas três palavras por *colon*, além de repetir no *colon 2* a sintaxe do *colon 1*. Convém ainda acrescentar que os dois verbos estão no coortativo piel, primeira pessoa do singular, reforçando assim a idéia de uma sinonímia semântica entre os dois *cola*. A raiz verbal do primeiro verbo é הלל (“louvar”) e a do segundo זמר (“entoar música”).

בְּחַיִּי	יְהוָה	אֶהְלֵלָהּ
durante a minha vida	Jeová	eu louvarei
בְּעוֹדִי	לֵאלֹהֵי	אֶזְמְרָהּ
enquanto eu existir	para meu Deus	eu cantarei louvores

O *paralelismo antitético* ocorre “quando algo é ilustrado pelo seu contrário em oposição. Não é limitado a uma forma em particular; sentimentos são opostos a sentimentos, palavras contra palavras, singular contra singular, plural contra plural, etc.”⁹⁹ Dito em outras palavras, o paralelismo ocorre quando um contraste, ou oposição, é expresso pelos dois *cola* ou linhas, formando um par de opostos, indicado pela relação *colon 1* <> *colon 2*.

Sua ira dura um momento,
Seu favor a vida inteira;
de tarde vem o pranto,
de manhã gritos de alegria. – Salmos 30:6 (BJ)¹⁰⁰

Neste exemplo, embora exista uma correspondência em cada *bicolon*, formando pares de palavras, estes pares são formados por oposições em vez de uma correspondência por sinônimos: ira/favor, um momento/vida inteira, de tarde/de manhã, pranto/gritos de alegria. O verbo “dura” do *colon 1* do primeiro *bicolon* está elíptico no *colon 2*, assim como o verbo “vem” do *colon 1* do *bicolon 2* está também elíptico no *colon 2*.

Pois Jehovah conhece o caminho dos justos,
Mas o caminho dos iníquos perecerá. – Salmos 1:6 (TB)

⁹⁹ LOWTH, Robert. *Lectures on The Sacred Poetry of the Hebrews*, p. 204-205,210,211.

¹⁰⁰ A indicação Salmos 30:6 é válida para a Bíblia de Jerusalém, para outras traduções é Salmos 30:5. Para algumas traduções católicas será 29:6.

Neste *bicolon* ocorre o que Lowth denominou de paralelismo *antitético* (a segurança do caminho do justo é contrastada com a insegurança do caminho dos iníquos), porém estruturado em um padrão quiástico (a1, b1, b2, a2) e, dessa maneira, produzindo uma ênfase adicional, pois o pensamento somente se completa quando ocorre o último dos quatro elementos. Os quatro elementos são identificados da seguinte forma: a1 = “Jehovah conhece”, b1 = “o caminho dos justos”, b2 = “caminho dos iníquos”, a2 = “perecerá”.¹⁰¹

No *paralelismo sintético*, “as sentenças correspondem entre si, não pela interação da mesma imagem ou sentimento, ou pela oposição de seus contrários, mas meramente pela forma de construção.” Lowth acrescentou que ao *paralelismo sintético* “pode ser atribuído tudo aquilo que não se consegue incluir nas duas primeiras classes”. No entanto, muitos tipos de paralelismo classificados como *sintéticos* apresentam uma situação em que o segundo colon adiciona ou completa o pensamento do primeiro, modificando-o de alguma forma. Normalmente, pelo primeiro colon não se consegue ter uma idéia do que o segundo dirá, porém, os dois juntos apresentam uma relação de complementação e produzem uma unidade de significado. Para estes casos de paralelismo, costuma-se indicar a relação existente por *colon 1 + colon 2 = pensamento completo*.

Na verdade, *paralelismo sintético* tornou-se uma maneira de classificar os paralelismos que não pudessem ser classificados como *paralelismo sinônimo* ou *paralelismo sintético*. As variedades de paralelismo iam além da classificação simples dada por Lowth de *sinônimo* e *antitético* e, portanto, tornava-se necessário uma classificação mais genérica, menos rígida, que aceitasse ‘esquemas de paralelismo mais sutis e obscuros’.¹⁰² Não casualmente, nas últimas décadas, o desenvolvimento de estudos sobre o *paralelismo hebraico* tem se concentrado no *paralelismo sintético*.¹⁰³ As seguintes passagens têm sido utilizadas como exemplos de *paralelismo sintético*.¹⁰⁴

Diz o insensato no seu coração:

“Deus não existe!” – Salmo 14:1 (BJ)

Yahweh conhece os pensamentos do homem,

e que são apenas um sopro. – Salmo 94:11 (BJ)

¹⁰¹ Naturalmente este padrão quiástico ocorre no original hebraico e pode ser perdido na tradução. No entanto, esta é uma passagem cujo padrão quiástico foi mantido em todas as traduções consultadas.

¹⁰² LOWTH, Robert. *Lectures on The Sacred Poetry of the Hebrews*, p. 213.

¹⁰³ PETERSEN, David L & Kent H. RICHARDS. *Interpreting Hebrew Poetry*, 26.

¹⁰⁴ Exemplos utilizados por Lynell Zogbo & Ernst Wendland. *Hebrew Poetry in the Bible*, 22.

O exemplo a seguir ilustra vários tipos de paralelismo classificados de acordo com o modelo de Lowth. A passagem escolhida se encontra em Salmo 90:5-9, reproduzida segundo a tradução BEP.

Tu os semeias ano por ano, como erva que se renova:	}	sintético
De manhã ela germina e brota, de tarde a cortam, e ela seca.	}	antitético
Sim, tua ira nos consumiu, e teu furor nos transtornou.	}	sinônimo
Colocaste nossas faltas à tua frente, nossos segredos sob a luz da tua face.	}	sinônimo
Nossos dias passaram sob a tua cólera, e como suspiro nossos dias se acabaram.	}	sinônimo

1.3.2 Além do modelo de Lowth

Um ponto em comum nos trabalhos recentes sobre paralelismo hebraico tem sido uma crítica ao modelo de Lowth, quanto a sua simplicidade ou por atribuir demasiada ênfase ao paralelismo e à sinonímia.¹⁰⁵ Mesmo admitindo-se as críticas, a simplicidade do modelo de Lowth tem sido justamente a razão de seu sucesso e a ênfase, por ele dada ao paralelismo e à sinonímia, mudou a forma de se olhar a poesia hebraica bíblica. Lowth, em 1753, lançou uma base para o estudo da poesia hebraica sem dispor dos recursos linguísticos de nossos dias e de trabalhos anteriores sobre o qual pudesse apoiar-se e, no entanto, fez história. Limpou o campo, facilitando os trabalhos posteriores.

Lynell Zogbo e Ernst R. Wendland, por exemplo, além da classificação de Lowth, acrescentam que a relação no paralelismo pode ser lógica (ação-consequência, razão-resultado, condição-consequência, genérico-específico), temporal (sequencial ou circunstancial) e formal (positivo-negativo, questão-resposta, singular-plural, masculino-feminino).¹⁰⁶ David L. Petersen e Kent Harold Richards falam de paralelismo gramatical, lexical, semântico e fonológico.¹⁰⁷ Robert Alter menciona que o paralelismo mais óbvio é o paralelismo de significado em que o primeiro

¹⁰⁵ Um dos principais críticos é James Kugel em *The Idea of Biblical Poetry*.

¹⁰⁶ ZOGBO, Lynell & Ernst R. WENDLAND. *Hebrew Poetry in the Bible*, p. 23.

¹⁰⁷ PETERSEN, David L. & Kent Harold RICHARDS. *Interpreting Hebrew Poetry*, p. 31.

colon é ecoado no segundo, seja por uma repetição sintática ou semântica. Para Robert Alter, um paralelismo não tão óbvio é o de intensificação, refletindo uma dinâmica no paralelismo.¹⁰⁸

1.4 MERISMUS, HENDÍADIS, EXPRESSÃO POLAR E ANTÍTESE

Merismus, *hendíadis*, *expressão polar* e *antítese* são figuras de linguagem encontradas com frequência na Bíblia Hebraica. As mesmas razões apresentadas para a apresentação de informações sobre a língua hebraica e paralelismo são também válidas para que este capítulo seja o lugar para introduzir alguma informação relativa a estas figuras de linguagem. Uma razão adicional se deve ao fato destas quatro figuras de linguagem consistirem de pares de palavras (um *merismus* às vezes pode apresentar mais de duas), sendo que a diferenciação entre elas nem sempre é uma coisa fácil, dependendo muitas das vezes do ponto de vista do poeta ou leitor.

Merismus é a figura de linguagem que expressa uma totalidade de forma abreviada; por exemplo, o todo por duas de suas partes. Segundo Wilfred Watson, o ponto significativo no *merismus*, qualquer que seja a sua forma, não são os elementos individuais, mas o que eles representam juntos, como uma unidade.¹⁰⁹ Alguns exemplos conhecidos de *merismus* na Bíblia Hebraica são: “céus e terra” = universo; “corpo e alma” = a pessoa como um todo; “pedra e árvore” = ídolo.

Luis Alonso Schökel menciona que para o campo semântico de diferentes lugares para se viver (palácio, mansão, casa [...] casebre, cabana), se tomarmos dois dos membros como representantes do todo, teremos um *merismus*.¹¹⁰

A figura de linguagem *hendíadis* é mais facilmente entendida quando analisamos sua formação a partir do grego: **εἰς** [“um”] + **διὰ** [“através”] + **δύο** [“dois”], isto é, “um através de dois”. A seguinte definição, fornecida por Wilfred Watson, fica então mais compreensível: “Hendíadis é a expressão de um conceito único, mas complexo, pela utilização de duas palavras separadas, normalmente substantivos.”¹¹¹

Um aspecto importante no *hendíadis* consiste em não se considerar separadamente seus componentes (normalmente conectados por conjunção), mas como uma única unidade. No entanto, verifiquei que raramente as traduções da Bíblia Hebraica (independente da língua alvo) vertem um par de palavras conectadas por conjunção como se fosse um *hendíadis*, ou seja, como uma unidade

¹⁰⁸ ALTER, Robert. *The Art of Biblical Poetry*, p. 7,14-23.

¹⁰⁹ WATSON, Wilfred G. E. *Classical Hebrew Poetry*, p. 321.

¹¹⁰ SCHÖKEL, Luis Alonso. *A Manual of Hebrew Poetics*, p. 91

¹¹¹ WATSON, Wilfred G. E. *Classical Hebrew Poetry*, p. 324.

única. Vejamos o exemplo de Salmo 55:6 em que apresento primeiro o texto hebraico, seguido de uma tradução interlinear.

יָרָאָה וְרָעַד יָבֵא בִּי
sobre mim veio e tremor medo

Uma tradução, considerando ser um *hendíadis* o par de palavras “medo e tremor”, poderia ser: “um tremor assustador veio sobre mim”. Por outro lado, a Bíblia de Jerusalém traduz por: “medo e tremor me penetram”, considerando assim tratar-se de duas palavras independentes e, portanto, altera o sujeito para o plural. No entanto, Watson alerta que, neste caso, embora o sujeito esteja formado por dois substantivos (“medo e tremor”), o verbo יָבֵא encontra-se no singular¹¹², funcionando como indicativo de que estamos diante de um caso de *hendíadis*.¹¹³

A *expressão polar*, como figura de linguagem, situa-se desconfortavelmente entre a antítese e o merismus. Retomando o exemplo de campo semântico para lugares de se viver (palácio, mansão, casa ... casebre, cabana), Luis Alonso Schökel acrescenta que se os dois membros considerados estiverem nos extremos da série, então teremos uma *expressão polar*. Para ilustrar a idéia, Schökel cita a seguinte passagem de Horácio: “*Pallida mors aequo pulsat pede pauperum tabernas regumque turres*”¹¹⁴. (“A pálida morte pisa com o mesmo pé as cabanas dos pobres e os castelos dos reis.”) Segundo ele, Horácio deseja incluir a totalidade, todos os estágios intermediários entre pobres e ricos e não apenas opor seus extremos (uma *antítese*).¹¹⁵ Neste caso, o par ‘cabanas dos pobres e castelos dos reis’ corresponde a uma *expressão polar*. No entanto, conforme reconhece o próprio Schökel, nem sempre é fácil distinguir entre *merismus* e *expressão polar* e, talvez, nem seja tão importante esta distinção, visto que o poeta pode perfeitamente utilizar estas figuras de linguagem sem distinção teórica.

¹¹² Parsing de יָבֵא: terceira pessoa singular imperfeito do tronco qal, verbo יָבֵא.

¹¹³ WATSON, Wilfred G. E. *Classical Hebrew Poetry*, p. 326.

¹¹⁴ Horácio. *Carmina* 1.4.13. O texto latino consultado se encontra publicado em *Latim II: língua e cultura* de Carlos Ascenso André, p. 158.

¹¹⁵ SCHÖKEL, Luis Alonso. *A Manual of Hebrew Poetics*, p. 91.

2. A LEXICOGRAFIA HEBRAICA BÍBLICA

Os dicionários, como luz elétrica e as constituições escritas, devem ser colocados entre os fatos básicos da vida civilizada moderna. Sem eles, a nossa civilização ocidental sobreviveria, sem dúvida, mas só à custa de um incremento notável da frustração, do caos, da infelicidade. — S. M. Kuhn¹¹⁶

2.1 INTRODUÇÃO

No capítulo anterior apresentei algumas das características e particularidades do hebraico bíblico por tratar-se de uma língua semítica antiga e para que as referências e usos da língua neste e nos próximos capítulos fiquem facilitados, tornando-se assim desnecessárias explicações adicionais que truncariam o desenvolvimento do texto. Neste capítulo, analisarei a lexicografia hebraica bíblica, alguns de seus principais dicionários em língua inglesa e portuguesa e os dados por eles apresentados. O propósito não se limita a uma simples identificação desses dicionários, mas, principalmente, de coleta, análise e classificação de dados; atividades estas relativas à fase “observação” do método científico.

Os dicionários de hebraico bíblico, assim como os de grego bíblico, constituem um tipo especializado de dicionário bilíngüe, sendo conveniente, portanto, iniciar o capítulo com uma análise deste tipo de dicionário quanto às suas características, propósito e nomenclatura, para, na continuidade, aplicá-los aos dicionários de hebraico bíblico.

2.2 OS DICIONÁRIOS BILÍNGÜES

Três perguntas são fundamentais, em se tratando de dicionários. “O que é um dicionário?” “Quais os tipos básicos de dicionários?” “O que contém um dicionário?”

Howard Jackson, em seu livro *Lexicography*, responde as três perguntas. Para a primeira, ele afirma: “Um dicionário é um livro de referência a respeito de palavras. Ele é um livro sobre língua [language].”¹¹⁷ Para a segunda: “[...] devemos distinguir entre aqueles dicionários que tratam uma única língua, dos que tratam mais do que uma, usualmente duas línguas: os primeiros são os dicionários ‘monolíngües’ e os segundos são os dicionários ‘bilíngües’.”¹¹⁸ E, finalmente, para a terceira pergunta: “Da perspectiva de sua ‘macro-estrutura’, há potencialmente três partes em um

¹¹⁶ Citado por Stephen Ulmann em *Semântica*, p. xx. Tradução de José Alberto Osório Mateus.

¹¹⁷ JACKSON, Howard. *Lexicography*, p. 20.

¹¹⁸ JACKSON, Howard. *Lexicography*, p. 23.

dicionário: *front-matter*¹¹⁹, corpo e apêndices. [...] A micro-estrutura de um dicionário refere-se ao arranjo das informações em suas entradas. A extensão e tipo de informação contidos em uma entrada varia de acordo com o tipo da palavra de entrada, porém, tipicamente, incluirá alguns dos seguintes itens (compare com 2.4): *Grafia*: [...]. *Pronúncia*: [...], *Inflexões*: [...]. *Categoria da palavra*: [...]. *Sentidos*: [...]. *Definição*: [...]. *Exemplos*: [...]. *Uso*: [...]. *Run-ons*: [...]. *Etimologia*: [...].”¹²⁰

Vejamos mais detalhadamente cada uma das três respostas às perguntas acima, iniciando com a primeira: ‘Dicionário é um livro de referência a respeito de palavras’. Sidney Landau menciona que autores e editores concluíram que a denominação ‘livro de referência’ ajuda a vender melhor porque a palavra sugere autoridade, erudição e precisão. Em seguida, acrescenta: “Um dicionário é um livro que lista palavras em ordem alfabética e descreve seus significados. Os modernos dicionários muitas vezes incluem informação sobre ortografia, silabização, pronúncia, etimologia (derivação da palavra), uso, sinônimos, gramática e algumas vezes também ilustrações.”¹²¹ Bo Svensén, por sua vez, nos dá sua versão de dicionário:

Um dicionário pode ser visto como um texto que transmite informação. Ele tem, contudo, determinadas características que o distingue de outros textos. Ele não apresenta o material de uma forma conectada, seqüência coerente, mas dividido em milhares de capítulos curtos (entradas do dicionário), sendo usualmente organizados de maneira arbitrária quanto ao conteúdo, isto é, uma seqüência alfabética de acordo com a forma escrita das palavras que formam as entradas.”¹²²

Outra definição de dicionário encontramos em Welker que cita Barbosa e que, por sua vez, cita Muller: “*Dicionário*: ‘o dicionário de língua tende a reunir o universo dos lexemas’, os quais são as ‘unidades-padrão’ lexicais do sistema.”¹²³

A resposta simples dada por Howard Jackson envolve uma questão não tão simples. “O que são palavras?”¹²⁴ Bo Svensén utiliza como epígrafe uma frase atribuída a Alain Rey: “Mas o que é

¹¹⁹ Mais adiante (página 38) apresentarei a razão pela preferência pelo termo inglês *front-matter* em vez de um equivalente em português.

¹²⁰ JACKSON, Howard. *Lexicography*, p. 25-26.

¹²¹ LANDAU, Sidney. *Dictionaires*, p.5.

¹²² SVENVÉN, Bo. *Practical Lexicography*, p. 2.

¹²³ WELKER, Herbert Andreas. *Dicionários*, p.24.

¹²⁴ Stephen Ullmann faz o seguinte comentário: “O que é então uma palavra? A pergunta parecerá talvez ociosa, visto que, no dia-a-dia, não há qualquer dificuldade em reconhecer as palavras, e, enquanto escrevo esta página, separo-as umas das outras sem a mais leve hesitação. Mas uma coisa é identificar as palavras, e outra estabelecer os critérios pelos quais elas são identificadas. De facto, há uma desconcertante multiplicidade de definições rivais.” *Semântica*, p. 59. Tradução de J. A. Osório Mateus.

uma palavra? Uma questão simples na aparência, salvo para os lingüistas.”¹²⁵ O problema de definição aumenta visto que ‘palavra’ é um termo genérico para um símbolo lingüístico e na lexicografia assume diferentes formas e diferentes nomes. Para piorar, muitas vezes, para diferentes lexicógrafos, uma mesma palavra pode corresponder a diferentes objetos. Encontramos uma riqueza de nomes conforme indicado pela relação a seguir, nada exaustiva: palavra, lexia, lexema, lema (incrivelmente resulta no verbo ‘lematizar’), gramema, grafema, vocábulo, item lexical, forma lexical, forma canônica, *token* (palavra-ocorrência), *type* (forma de palavra), *headword*, verbete, entrada e unidade lexical.

Da relação acima, apresentarei primeiro alguns dos significados utilizados por diversos autores por se tratar de termos importantes da lexicografia, para, mais adiante em 2.3.2, especificar os termos e significados que adotarei neste e nos próximos capítulos:

Palavra ortográfica: “Uma palavra escrita, uma seqüência de letras delimitada por espaços.”¹²⁶ Alguns autores, segundo Welker, além de espaços como delimitadores de palavras, incluem sinais de pontuação, hífen ou apóstrofo.¹²⁷

Palavra fonológica: “Uma palavra falada, uma seqüência de sons (os limites das palavras fonológicas são determinados pelas regras da estrutura silábica, acento e coisas semelhantes).”¹²⁸

Unidade lexical: Palavra ou expressão que é definida pelo dicionário. Pode estar na forma canônica e neste caso será um lema, ou na forma em que é utilizada em determinada situação (texto ou fala), sendo então um lexema. Segundo Welker é o termo preferido por Sinclair no lugar de *palavra*.¹²⁹

Headword, main entry: O mesmo que lema e forma lexical.

Lexema: “Uma palavra no vocabulário de uma língua; ela pode ocorrer como *headword* em um dicionário.”¹³⁰ Muitas vezes pode ser substituído por “palavra” ou “item lexical”.¹³¹

Lema: “É sinônimo de entrada de verbete, palavra-entrada, ou simplesmente entrada.”¹³² Normalmente corresponde à *forma canônica*, mas há exceções. Este também é o entendimento de Welker: “De qualquer maneira, embora seja verdade que, via de regra, *lematizar* significa encontrar

¹²⁵ “Mais qu’est-ce qu’un mot? Question simple en apparence, sauf pour les linguistes.” SVENVÉN, Bo. *Practical Lexicography*, p. 64.

¹²⁶ JACKSON, Howard. *Lexicography*, p. 2.

¹²⁷ WELKER, Herbert Andreas. *Dicionários*, p.17.

¹²⁸ JACKSON, Howard. *Lexicography*, p. 2.

¹²⁹ WELKER, Herbert Andreas. *Dicionários*, p.17.

¹³⁰ JACKSON, Howard. *Lexicography*, p. 2.

¹³¹ Welker faz o seguinte comentário “Lyons (ibid.) [Introdução à Lingüística Teórica, 1979, p. 204] chama a atenção ainda para a diferença entre diversas formas de palavras (*vim, venha, viemos* etc.) e a forma básica, “abstrata” (*vir*) para a qual usa o termo *lexema*. Sinclair (1991:41) [*Corpus, Concordance, Collocation*.] emprega os termos *word-form* e *lemma*, respectivamente.” *Dicionários*, p. 18.

uma forma canônica dos lexemas e usá-la como entrada de verbete, não se deve esquecer que existem também lemas que não apresentam essa forma básica.”¹³³ O mesmo que forma lexical.

Lematizar: Significa “arrolar no dicionário como lema, como entrada”, o que implica, ao mesmo tempo, dar ao lexema a forma que ele costuma ter como palavra-entrada, isto é, por exemplo, no caso dos verbos, a forma do infinitivo.”¹³⁴ No hebraico, lematizar um verbo será, portanto, determinar a terceira pessoa masculina singular do perfeito Qal.

Token: São as chamadas *palavras-ocorrências*, indicando o número de vezes que uma mesma palavra (lexema) ocorre em um texto ou frase.¹³⁵

Forma canônica: “Forma que o falante de uma língua reconhece como representativa de um paradigma gramatical.”¹³⁶ Por exemplo, o infinitivo é a forma canônica para os verbos na língua portuguesa, enquanto que no hebraico bíblico corresponde à terceira pessoa masculina singular do perfeito Qal.

Para a segunda pergunta, Howard Jackson oferece dois tipos de dicionários: os que tratam uma única língua (monolíngüe) e os que tratam duas línguas (bilíngües). Naturalmente, há muito mais tipos,¹³⁷ porém o que realmente interessa neste trabalho de lexicografia hebraica são os dicionários bilíngües, dos quais os dicionários de hebraico-inglês e hebraico-português correspondem a exemplos típicos. Concentrar-me-ei, portanto, no propósito e características de um dicionário bilíngüe.

Ladislav Zgusta define o propósito de um dicionário bilíngüe:

O propósito básico de um dicionário bilíngüe é coordenar as unidades lexicais de uma língua com as unidades lexicais de outra língua quanto às equivalências em seu significado lexical. A primeira língua, cujas unidades lexicais são coordenadas com as unidades lexicais da outra língua, é denominada de língua fonte; a organização das entradas em um dicionário bilíngüe é realizada pela língua fonte. A outra língua cujas unidades lexicais são coordenadas para as primeiras, é denominada de língua alvo.¹³⁸

Bo Svensén complementa a definição de Zgusta:

O dicionário bilíngüe pressupõe que o usuário seja competente em sua própria língua, enquanto que se assume que a outra língua é mais ou menos desconhecida.

¹³² WELKER, Herbert Andreas. *Dicionários*, p.33.

¹³³ WELKER, Herbert Andreas. *Dicionários*, p.91.

¹³⁴ WELKER, Herbert Andreas. *Dicionários*, p.33.

¹³⁵ WELKER, Herbert Andreas. *Dicionários*, p.18.

¹³⁶ LANDAU, Sidney. *Dictionaries*, p. 76.

¹³⁷ Para uma tipologia de dicionários, ver *Dicionários* de Herbert A. Welker, p. 35-54.

¹³⁸ ZGUSTA, Ladislav. *Manual of Lexicography*, p. 294.

Seu propósito é fornecer equivalentes na língua alvo para cada palavra e expressão na língua fonte.¹³⁹

Dentre as características de um dicionário bilíngüe, talvez a mais importante seja a utilização de equivalentes (glosas) como forma de definição e em oposição ao uso de definições pelo dicionário monolíngüe. Sidney Landau destaca essa diferença quando define dicionário bilíngüe e monolíngüe.

A diferença entre um dicionário monolíngüe e um bilíngüe não consiste apenas no número de línguas em que eles são escritos, mas no seu propósito essencial. Um dicionário bilíngüe consiste em uma lista alfabética de palavras ou expressões em uma língua (a “língua fonte”) para a qual, idealmente, são dados equivalentes em outra língua (a “língua alvo”). O propósito é fornecer ajuda a alguém que entende uma língua mas não a outra. Além disso, a pressuposição é que uma das línguas seja a língua nativa do usuário.

Um dicionário monolíngüe, escrito inteiramente em uma única língua, é dirigido principalmente aos falantes nativos dessa língua, embora algumas vezes também para aqueles que a estão aprendendo como uma segunda língua. Ele fornece vários tipos de informações sobre as palavras que servem como entrada, mas as mais importantes são as definições. Isto é, cada uma das palavras ou expressões de entrada é parafraseada com palavras da mesma língua que a palavra de entrada. [...] O principal propósito de um dicionário monolíngüe é explicar, em palavras que sejam entendidas pelos falantes nativos o que outras palavras significam. Assim, enquanto os dicionários bilíngües fornecem equivalentes em uma língua diferente de suas palavras de entrada, os dicionários monolíngües fornecem definições perifrásticas na mesma língua.¹⁴⁰

O comentário acima de Landau põe em evidência a prática tradicional existente nos dicionários monolíngües e bilíngües e que resulta na grande diferença entre os dois. Enquanto o monolíngüe apresenta definições na mesma língua para as palavras que servem como entrada, o bilíngüe apresenta uma palavra equivalente (ou mais) em uma língua diferente da palavra de entrada.

Welker, discutindo os dicionários bilíngües, confirma a prática dos dicionários monolíngües e bilíngües quanto a forma de definir palavras. “O dicionário monolíngüe geralmente oferece definições, ao passo que o bilíngüe fornece sinônimos, mas na outra língua.”¹⁴¹

Para a terceira pergunta, conteúdo dos dicionários, Howard Jackson resume em macro-estrutura e micro-estrutura e podemos considerar esses tipos de estruturas como válidas para dicionários monolíngües e bilíngües, embora eu considere, na continuidade, somente os bilíngües.

¹³⁹ SVENSÉN, Bo. *Practical Lexicography*, p.10.

¹⁴⁰ LANDAU, Sidney. *Dictionaries*, p. 7-8.

¹⁴¹ WELKER, Herbert Andreas. *Dicionários*, p.18.

Tratando-se de um termo da lexicografia, não é de se estranhar, conforme mostrado por Welker¹⁴², diferentes empregos, por diferentes autores, para macro-estrutura. No entanto, utilizarei o conceito de macro-estrutura adotado por Howard Jackson:

Da perspectiva de sua ‘macro-estrutura’, há potencialmente três partes em um dicionário: o *front-matter*, o corpo e os apêndices. Alguns dicionários não possuem apêndices, mas a maior parte apresenta *front matter*, contudo breve.¹⁴³

O *front matter*¹⁴⁴, de acordo com Howard Jackson, inclui todas as informações na forma de introdução ou prefácio que forneçam explicações concernentes ao dicionário, tais como: inovações, características da edição, um guia sobre o uso do dicionário, informações a respeito da organização do dicionário, sistema de transliteração, lista de abreviações utilizadas, alguma informação sobre um tópico relevante como a história da língua.¹⁴⁵

O corpo envolve o conjunto de entradas, fontes, *corpus* e número de verbetes. Adicionalmente, o conjunto de entradas pode ter diferentes organizações (alfabética, temática e por campos semânticos, por exemplo).

A micro-estrutura corresponde à ‘organização das informações de cada verbete após a entrada’.¹⁴⁶ Howard Jackson apresenta a seguinte relação de itens que poderiam constituir a micro-estrutura: *grafia, pronúncia, inflexões, categoria da palavra, sentidos, definição, exemplos, uso, run-nos, etimologia*.¹⁴⁷

As informações até aqui consideradas relativas a dicionários, particularmente as referentes aos dicionários bilíngües, são de caráter geral, segundo o entendimento ou propostas de diversos autores que escreveram sobre lexicografia. A seguir, analisarei as principais características da lexicografia hebraica bíblica e seus principais dicionários, correlacionando-os com o que foi apresentado acima concernente aos dicionários bilíngües.

¹⁴² WELKER, Herbert Andreas. *Dicionários*, p.80-81.

¹⁴³ JACKSON, Howard. *Lexicography*, p. 25.

¹⁴⁴ Esta é a razão pela preferência pelo termo inglês *front-matter*. Ele inclui, além da introdução e prefácio, quaisquer outras informações sobre o dicionário e apresentadas antes do corpo: sistema de transliteração, informações para o usuário, características do dicionário, história da língua, etc. No grego poderia ser a palavra *prolegomena*, porém falta no português uma palavra mais abrangente que “introdução” ou “prefácio”.

¹⁴⁵ Dois dicionários de hebraico que podem ser citados como contendo bons exemplos de front-matter são *A Concise Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament* Holladay e *Dicionário de Hebraico* de Rifka Berezin.

¹⁴⁶ WELKER, Herbert Andreas. *Dicionários*, p.107-108.

¹⁴⁷ JACKSON, Howard. *Lexicography*, p. 26-27.

2.3 O CORPUS DA LEXICOGRAFIA HEBRAICA BÍBLICA

A lexicografia hebraica bíblica – da mesma forma a lexicografia grega bíblica¹⁴⁸ – possui uma particularidade que a distingue da lexicografia das línguas modernas e até mesmo da lexicografia de línguas antigas como o grego clássico e o latim. Ela se compõe do que se pode denominar de *corpus* restrito e estático, isto é, seu universo de palavras está limitado ao texto da Bíblia Hebraica, um texto estável e com quantidade e tipos de palavras determinados e fixos. Esta característica foi destacada por W.C. van Wyk, ao citar um artigo de James Barr sobre lexicografia hebraica bíblica, como não sendo uma representação completa de uma língua:

O Velho Testamento é um corpus bastante restrito com muito pouca matéria contemporânea extra bíblica. [...] Em virtude do caráter dos textos, que são na maior parte de natureza religiosa, não se pode dizer que o hebraico bíblico contenha ‘uma amostra representativa da língua conforme utilizada pelos falantes contemporâneos’.¹⁴⁹

Dessa característica resulta que fonte e *corpus*, elementos constituintes do que seria o corpo de um dicionário de hebraico bíblico (núcleo da macro-estrutura), confundem-se em um único, definidos pelo texto da Bíblia Hebraica. Dessa maneira, a Bíblia Hebraica constitui-se em única fonte e em um único *corpus* restrito e estático para a lexicografia hebraica bíblica e dela resulta o número de verbetes que comporão o dicionário.

2.3.1 O texto fonte

Devido a inexistência de originais – texto de autor – o texto disponível correspondente à Bíblia Hebraica é o resultado de cópias manuscritas, algumas completas e a maior parte fragmentária. Dessas cópias, o exemplar mais conhecido e utilizado atualmente é um códice do ano 1008-9 d.C produzido por escribas judeus denominados de massoretas e conhecido por *Códice de Leningrado*. Do trabalho meticuloso desse grupo erudito de gramáticos e copistas resultou a denominação Texto Massorético para o texto hebraico por eles copiado e preservado. O *Códice Alepo* (c. 980 d.C.), outro importante manuscrito e produto da família massoreta Ben ‘Asher, encontra-se incompleto, enquanto que o Códice de Leningrado foi preservado em sua totalidade.

Esses escribas, seguindo a tradição judaica, não somente conservaram e reproduziram este grupo de textos, como também evitaram quaisquer alterações no sentido de incluir ou retirar palavras. Como o texto hebraico original era consonantal, os massoretas criaram um sistema de

¹⁴⁸ No entanto, a lexicografia grega bíblica dispõe de um *corpus* de documentos contemporâneos escritos em grego koinê e que enriquecem a lexicografia grega bíblica. Neste sentido, o *corpus* do hebraico bíblico é muito mais restrito.

pontuação para a representação das vogais e dessa forma permitir a preservação de sua pronúncia. Esse sistema vocálico era inserido no texto sem a necessidade de alterá-lo. As edições impressas da Bíblia Hebraica, assim como as traduções modernas, são baseadas nesse texto, conhecido por massorético. O Códice de Leningrado é, portanto, o corpus da lexicografia hebraica bíblica, constituindo-se de um universo de 8.679 palavras (excluindo nomes próprios de pessoas e lugares) utilizado para a produção de um texto de 419.687 palavras.

Pela sua importância como principal fonte do texto da Bíblia Hebraica, vejamos alguns dados adicionais sobre o *Códice de Leningrado*, também conhecido como código L ou B19a. Trata-se de uma cópia manuscrita em forma de códice e produzida no Cairo por Samuel ben Jacó em 1008-9 d.C. Sua importância se deve ao fato de ser o manuscrito massorético mais antigo contendo a Bíblia Hebraica completa e atualmente é propriedade do Museu de São Petersburgo (antigo Leningrado). Seu sistema de vocalização é reconhecido como sendo da escola de massoretas da família de Ben ‘Asher. Este texto tem sido a base das Bíblias Hebraicas modernas impressas como a de Kittel (3ª edição 1929-1937), a Stuttgartensia (1967-1977) e a JPS–The Jewish Publication Society (1999). Uma edição facsímile desse códice foi publicada em 1998 pela editora Eerdmans.

No entanto, outros manuscritos têm sido utilizados desde a impressão dos Salmos em 1477 d.C. As primeiras edições completas datam de 1488 (Soncino), 1491-1493 (Nápoles), 1494 (Pesaro) e 1511-1517 (Pesaro).¹⁵⁰ No século XVI, imprimiu-se edições da Bíblia Hebraica que traziam também comentários rabínicos medievais, bem como textos do Targum, ficando essas edições conhecidas como Bíblias Rabínicas. As duas edições mais importantes foram a de Felix Pratensis (1516-1517), denominada de Primeira Bíblia Rabínica, e a de Jacó ben Hayyim (1524-1525) denominada de Segunda Bíblia Rabínica ou “Edição Bombergiana”. A Segunda Bíblia Rabínica passou a ser considerada o texto-padrão ou *Textus Receptus* da Bíblia Hebraica, sendo considerado um autêntico texto massorético. As duas primeiras edições da Bíblia Hebraica de Kittel utilizaram esta Segunda Bíblia Rabínica como texto base, sendo substituído pelo texto massorético do Códice de Leningrado apenas na terceira edição. Outras edições se seguiram ao longo dos séculos XVII e XVIII, merecendo ser citada a edição de Seeligmann Isaac Baer, em colaboração com Franz Julius Delitzsch, e publicada em Leipzig em 1895. Edson de Faria Francisco menciona que o lexicógrafo e gramático Gesenius baseou sua gramática de hebraico bíblico na Bíblia de Baer e Delitzsch.¹⁵¹ Porém, possivelmente, a Segunda Bíblia Rabínica, pela sua importância como *Textus Receptus* e

¹⁴⁹ van WYK, W. C. The present state of OT lexicography. In J. P. LOUW (ed.). *Lexicography and Translation*, p. 88.

¹⁵⁰ FRANCISCO, Edson de Faria, *Manual da Bíblia Hebraica*, p. 302.

¹⁵¹ FRANCISCO, Edson de Faria, *Manual da Bíblia Hebraica*, p. 315.

por ter permanecido como texto impresso padrão até o início do século XX,¹⁵² deve ter sido a base para seu dicionário de hebraico bíblico.

2.3.2 Estatística e definições¹⁵³

A Bíblia Hebraica, por se tratar de um corpo restrito e estático, tem sido objeto de um cuidadoso estudo e controle quanto ao seu conteúdo desde a época em que era cuidadosamente copiada pelos massoretas. Códices antigos, como o de Leningrado, apresentam no final dos livros bíblicos informações relativas ao número de versos, palavras e letras.¹⁵⁴ Por exemplo, no final do livro de Deuteronômio somos informados que a Torá, ou Pentateuco, contém 5.845 versos, 97.856 palavras e 400.945 letras.¹⁵⁵ Embora esse controle fosse inicialmente criado para controlar e assegurar a reprodução fiel do texto pelos copistas, atualmente contribui para uma análise estatística do *corpus* utilizado pelos dicionários de hebraico bíblico.

Conforme já mencionado, o texto da Bíblia Hebraica é apenas uma amostra parcial do hebraico contemporâneo e, excluindo nomes próprios, está constituído de 419.687 palavras e utiliza um vocabulário formado por 8.679 palavras. Adicionalmente, apresenta cerca de 3.000 nomes próprios que ocorrem pouco mais de 35.000 vezes. No vocabulário de 8.679 palavras encontramos 3.640 substantivos¹⁵⁶, 500 adjetivos, cerca de 1.600 verbos (apenas 629 ocorrem mais de 10 vezes) e aproximadamente 50 preposições. Dos 1.600 verbos, apenas seis ocorrem em todos os sete troncos principais e outros dez verbos adicionais ocorrem em seis dos sete troncos principais.¹⁵⁷

As informações estatísticas apresentadas pelas Tabelas 1 e 2 nos permite ter uma idéia mais detalhada da distribuição do *corpus* da Bíblia Hebraica e foram retiradas do *The Vocabulary Guide to Biblical Hebrew* de Miles Van Pelt. & Gary D. Pratico.

¹⁵² WÜRTHEIN, Ernst, *The Text of the Old Testament*, 39.

¹⁵³ Fonte: PRATICO, G. D. & M. V. VAN PELT. *Basics of Biblical Hebrew*.

¹⁵⁴ Este tipo de informação é conhecido como *Masora Finalis*. Para informações sobre a Massorá da Bíblia Hebraica, ver *The Masorah of Biblia Hebraica Stuttgartensia* de Page H. Kelley, Daniel S. Mynatt e Timothy G. Crawford; *Manual da Bíblia Hebraica* de Edson de Faria Francisco, p. 94-177.

¹⁵⁵ *Bíblia Hebraica Stuttgartensia*, p. 353.

¹⁵⁶ Este número é encontrado em *Biblical Hebrew Syntax* de Bruce K. WALTKE e M. O'CONNOR, p. 87. Nesta mesma citação encontramos a menção de 360 adjetivos.

¹⁵⁷ VAN PELT, M. & Gary PRATICO, *The Vocabulary Guide to Biblical Hebrew*, p 279.

FREQÜÊNCIA DE OCORRÊNCIA	PALAVRAS DIFERENTES (1)	% DO VOCABULÁRIO	TOTAL DE OCORRÊNCIAS	% DE OCORRÊNCIAS
1 ou mais vezes	8.679 (2)	100	419.687 (3)	100
890 ou mais vezes	50	-	-	55
50 ou mais vezes	641	-	-	80
10 ou mais vezes	1.903 (4)	22	369.773	90
menos de 10 vezes	6.776	78	49.914	10

(1) Não inclui nomes próprios

(2) Vocabulário total da Bíblia Hebraica

(3) Total de palavras da Bíblia Hebraica

(4) Total de palavras da lista de palavras ordenadas por frequência publicada em *The Vocabulary Guide to Biblical Hebrew*. Este número (1.903) inclui as 641 palavras que ocorrem 50 ou mais vezes e as 50 palavras que ocorrem 890 ou mais vezes.

Tabela 1: Estatística geral¹⁵⁸

	PERF	IMPERF	WC(*)	IMPERA -TIVO	INF CONST	INF ABSOL	PARTIC	TOTAL
Qal	13994	10407	11535	2896	4586	517	6513	50448
Qal Pas.	58	20	5	0	0	0	3	86
Niphal	1426	1098	446	118	205	37	808	4138
Piel	2120	1470	973	436	709	84	679	6471
Pual	146	79	6	0	1	1	190	423
Hiphil	2684	2301	1761	740	951	223	835	9495
Hophal	109	132	31	2	8	6	108	396
Hithpael	137	262	158	64	95	3	123	842
Pilpel	14	13	5	1	7	1	9	50
Polel	40	56	13	9	8	0	52	178
Poel	15	29	4	1	2	3	30	84
Hithpolel	13	53	11	11	5	0	21	114
Hishtaph	19	36	82	7	18	0	11	173
Outros	54	10	4	3	4	1	10	86
TOTAL	20829	15966	15034	4288	6599	876	9392	72984

(*) Waw Conversivo

Tabela 2: Estatística dos verbos hebraicos – Troncos e conjugações¹⁵⁹

Na sequência, devido às particularidades da morfologia hebraica e pelos diferentes significados que os autores de obras sobre lexicografia atribuem à terminologia, fixarei algumas definições para os principais termos que serão utilizados neste e nos demais capítulos e ilustrarei suas aplicações com um exemplo específico do texto da Bíblia Hebraica.

¹⁵⁸ Dados obtidos de VAN PELT, M. & Gary PRATICO, *The Vocabulary Guide to Biblical Hebrew*.

¹⁵⁹ VAN PELT, M. & Gary PRATICO, *The Vocabulary Guide to Biblical Hebrew* p. 278

- Palavra*: Qualquer seqüência de caracteres que ocorre entre espaços, sinais de pontuação e hífen. Quando utilizada para consulta a um dicionário será considerada um *lexema*.
- Item lexical*: Seqüência de caracteres com existência no léxico. Na forma como se encontra no texto da Bíblia Hebraica será denominado de *lexema* e quando na forma canônica, utilizada como verbete de entrada no dicionário, será denominado de *lema*.
- Token*: Ocorrências dos itens lexicais ou lexemas no texto. Podem ser denominados de “ítem lexicais-ocorrências” ou “lexemas-ocorrências”.
- Forma lexical*: Maneira como um item lexical é referenciado nos léxicos bilíngües. Trata-se da forma canônica de um *lexema*. O mesmo que *lema*.
- Lexema*: Uma palavra tal como é usada por uma língua. No caso do hebraico bíblico, trata-se das palavras tal como ocorrem no texto, isto é, os verbos na forma conjugada e os substantivos podendo estar no singular ou plural e na forma absoluta ou construta. Adicionalmente, devido às particularidades da morfologia hebraica, os lexemas poderão apresentar prefixos que em outros idiomas constituiriam palavras separadas. Este é o caso, por exemplo, do artigo e das preposições. A decomposição do lexema resulta em vários lemas (por exemplo, substantivo + artigo, verbo + preposição, etc.).
- Lema*: Corresponde à palavra utilizada como verbete de entrada no dicionário na sua *forma canônica*. No hebraico utiliza-se a terceira pessoa masculina do singular do perfeito Qal para os verbos. No caso dos substantivos corresponde ao singular absoluto. O mesmo que forma lexical.
- Glosa*: Palavra na língua alvo apresentada como sendo mais ou menos equivalente em significado a uma palavra na língua fonte.¹⁶⁰ Na lexicografia costuma ser denominada simplesmente de ‘equivalente’, no entanto na lexicografia bíblica existe uma tradição quanto ao uso da palavra ‘glosa’.
- Hapax legomenon*: Expressão grega **ἁπαξ λεγόμενον** que significa “dito uma só vez” (**ἁπαξ** = “uma vez” e **λεγόμενον** = particípio presente médio e passivo do verbo **λέγω** = “dizer”). O plural é *hapax legomena* (**ἁπαξ λεγόμενα**). Indica uma palavra ou conjunto de palavras com uma única ocorrência no texto da Bíblia Hebraica. Não existe uma unanimidade quanto ao número exato, podendo variar de 400 a 2.000 dependendo do conceito adotado. Como alguns *hapax legomena* podem ter seu significado deduzido das raízes ou de línguas cognatas, o número de verdadeiros

¹⁶⁰ LEE, John A. *A History of New Testament Lexicography*, p. 16.

hapax legomena é considerado estando em torno de 490.¹⁶¹ Na Massorá do Texto Massorético as *hapax legomena* são indicados por um lâmed com um ponto sobreposto – לֵּ.¹⁶²

O seguinte texto de hebraico bíblico será utilizado para ilustrar o uso da terminologia acima:

בָּרָא אֱלֹהִים אֶת הַשָּׁמַיִם וְאֶת הָאָרֶץ:

Este texto, retirado de Gênesis 1:1, é reproduzido a seguir com números associados a cada seqüência de caracteres separada por espaço, identificando-se, assim, seis *palavras*. Estas palavras denominarei de *lexema*s ou seja, forma como a palavra é utilizada no texto hebraico.

בָּרָא אֱלֹהִים אֶת הַשָּׁמַיִם וְאֶת הָאָרֶץ:
6 5 4 3 2 1

No entanto, os lexemas הַשָּׁמַיִם e הָאָרֶץ (numerados 4 e 6 respectivamente) são, na verdade, itens lexicais compostos, pois apresentam o artigo הָ como prefixo; o mesmo acontece com o lexema וְאֶת (numerado 5), correspondendo à partícula וְ e a preposição אֶת. Ao desmembrar cada *lexema composto*, teremos o que denomino de *item lexical*, *palavra* ou *lexema simples* e que possui existência no dicionário na sua forma canônica. Nos dois exemplos seguintes, temos no primeiro caso os itens lexicais identificados em sua forma de lexemas simples, podendo ou não estar na forma canônica, permitindo-nos, assim, determinar a frequência de ocorrência para cada um deles, enquanto que no caso seguinte estão representados apenas os diferentes itens lexicais da frase (sete ao todo).

בָּרָא אֱלֹהִים אֶת הַשָּׁמַיִם וְאֶת הָאָרֶץ + הָ + אֶת + וְ + הָ + אָרֶץ:
9 8 7 6 5 4 3 2 1

בָּרָא אֱלֹהִים אֶת הַשָּׁמַיִם וְאֶת הָאָרֶץ:
7 6 5 4 3 2 1

Finalmente, no último exemplo, represento todos os diferentes *lemas* (*lexemas* na forma canônica), numerando-os de 1 a 7. Estas palavras são os *lemas* utilizados como entradas do dicionário.

¹⁶¹ MITCHEL, Larry. *A Student's Vocabulary for Biblical Hebrew and Aramaic*, p. ix.

¹⁶² KELLEY, Page H. *Hebraico Bíblico*, p. 426. FRANCISCO, Edson de Faria. *Manual da Bíblia hebraica*, 514. AUVRAY, Paul. *Iniciação ao Hebraico Bíblico*, p. 130.

בָּרָא	אֱלֹהִים	אֵת	הַ	שָׁמַיִם	וְ	אֶרֶץ
1	2	3	4	5	6	7

A partir destas entradas, um dicionário bilíngüe de hebraico bíblico nos fornecerá as seguintes glosas:

בָּרָא “criar”

אֱלֹהִים “Deus”.

אֵת Partícula intraduzível utilizada para indicar que a palavra que a segue é um objeto direto definido. Não tem função semântica, somente gramatical.

הַ Artigo definido (“o”, “os”, “a”, “as”)

שָׁמַיִם “céu”

וְ Conjunção “e”

אֶרֶץ “terra”

2.4 A LEXICOGRAFIA HEBRAICA BÍBLICA MODERNA

O início da moderna lexicografia hebraica está associado a Wilhelm Gesenius (1786-1842), cuja fama reside em sua gramática de hebraico e várias obras voltadas para a lexicografia hebraica. Seu *Lexicon Manuale Hebraicum et Chaldaicum in V. T. libros* (1833) foi traduzido para o inglês por Edward Robinson, tornando-se a base de *A Hebrew and English Lexicon of the Old Testament* de Francis Brown, S. R. Driver e Charles A. Briggs (1906), com adições e correções feitas por G. R. Driver (1953) e ficando conhecido por BDB.¹⁶³ Ainda no século XIX, o dicionário de Gesenius foi seguido pelo de Julius Fürst, *Hebräisches und Chaldäisches Handwörterbuch über das Alte Testament* (1867).

Em 1953, Ludwig Koehler e Walter Baumgartner¹⁶⁴ publicaram a primeira edição de seu *Lexicon in Veteris Testamenti Libros*, uma edição que apresentava glosas em alemão e inglês, sendo Koehler responsável pela parte hebraica e Baumgartner pela parte aramaica. Três anos mais tarde (1958), publicou-se a segunda edição junto com um suplemento, feito por Walter Baumgartner, contendo glossários alemão-hebraico e alemão-aramaico, intitulado *Supplementum ad Lexicon in Veteris Testamenti Libros*. Em 1967 apareceu o primeiro volume da terceira edição, estendendo-se a publicação dos demais volumes até 1999. Visto que na terceira edição o inglês foi eliminado da edição alemã, em 1993 apareceu o primeiro volume da edição inglesa. Atualmente existe uma

¹⁶³ Estas informações relativas ao início da lexicografia hebraica são baseadas em “Aids to the study of the Bible” de D. R. Jones, in S. L. Greenslade (ed.), *The Cambridge History of the Bible*, vol. 3, p. 523-525. Ver também “The present state of OT lexicography” de W. C. van Wyk, in J. P. Louw (ed.), *Lexicography and Translation*, p. 82-83.

edição em língua inglesa, em dois volumes, intitulada *The Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament* e publicada em 2002; adicionalmente existe uma edição concisa em inglês publicada por William L. Holladay em 1971 e reimpressa em 1988. Esta última, porém, por ser uma forma condensada do dicionário de Koehler & Baumgartner e tem por título *A Concise Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament*.

Em 1993, iniciou-se a publicação em vários volumes do *The Dictionary of Classical Hebrew*, tendo David J. A. Clines como editor. Este dicionário diferenciou-se dos demais dicionários de hebraico bíblico pela ampliação de seu *corpus*, incluindo outros textos além da Bíblia Hebraica. Dentre esses textos se encontram o de Ben Sira, manuscritos de Qumran, inscrições e outros textos relacionados, de maneira que o período coberto para a língua hebraica se estende até cerca de 200 d.C.

Em língua espanhola, foi publicado, em 1994 o dicionário de Luis Alonso Schökel em cooperação com Victor Morla e Vicente Collado, tendo por título *Diccionario bíblico hebreo-español*. Posteriormente, em 1997, este dicionário foi traduzido para o português e publicado com o título *Dicionário Bíblico Hebraico-Português*.

Paralelamente aos dicionários bilíngües de hebraico bíblico e tendo como alvo estudantes de hebraico bíblico ou pessoas que não dominem totalmente a morfologia do hebraico, têm havido a publicação de vocabulários, dicionários analíticos e traduções interlineares da Bíblia. Os dicionários analíticos, além de possuírem uma longa tradição – *The Analytical Hebrew and Chaldee Lexicon* de Benjamin Davidson é de 1848 (com onze reimpressões de 1981 a 2004) – podem atingir um alto nível de especialização como o *Old Testament Parsing Guide* de Todd S. Beall, William A. Banks e Colin Smith, que se limita apenas ao *parsing* de formas verbais.

Com a publicação, em 1988, do *Greek-English Lexicon of the New Testament Based on Semantic Domains* (2 volumes) de J. P. Louw e Eugene Nida, a United Bible Societies (UBS) consolidou um movimento na lexicografia bíblica orientado para o que denominou de ‘domínios semânticos’, ou ‘campos semânticos’, e utilização de definições em vez de glosas. Segundo John A. Lee, o dicionário de Louw & Nida “apresentou duas grandes inovações: adotou uma abordagem baseada em domínios semânticos e adotou como prática o método de utilizar definições para indicar o significado.”¹⁶⁵ Este dicionário foi a culminação de um projeto das UBS iniciado em 1971 e

¹⁶⁴ Ludwig Koehler morreu em 1956 e Walter Baumgartner em 1971.

¹⁶⁵ LEE, A John. The Present State of Lexicography of Ancient Greek. In Bernard A. TAYLOR, John A. LEE, Peter R. BURTON & Richard E. WHITAKER. *Biblical Greek Language and Lexicography*, 69. Lee, no entanto, faz a ressalva quanto a utilização de definições de que estas foram baseadas no entendimento derivado primariamente da tradição existente. Para uma crítica detalhada do dicionário de Louw & Nida ver: *A History of New Testament Lexicography* de

voltado para a lexicografia grega bíblica; com planos, porém, para estendê-lo à lexicografia hebraica bíblica.¹⁶⁶ Atualmente, a versão hebraica de um dicionário baseado em campos semânticos ainda se encontra em fase de desenvolvimento e utiliza uma base teórica desenvolvida por Reinier de Blois das United Bible Societies conforme apresentada em sua tese de doutorado intitulada “Towards a new dictionary of biblical Hebrew based on semantic domains”.

Paralelamente ao movimento das United Bible Societies quanto a promover a organização de dicionários bíblicos baseados em domínios semânticos, utilização de definições em lugar de glosas e crítica aos dicionários tradicionais que seguem a linha estabelecida por Gesenius, lexicógrafos como Frederick W. Danker¹⁶⁷, John A. Lee¹⁶⁸, Takamitsu Muraoka¹⁶⁹, Luis Alonso Schökel¹⁷⁰ e James A. Swanson¹⁷¹ têm unido suas críticas ao sistema de glosas utilizado nos dicionários bíblicos tradicionais de grego e hebraico bíblicos e defendido a utilização de definições nos dicionários bilíngües.

A seguir, alguns dos principais dicionários de hebraico bíblico, vocabulários, dicionários analíticos e traduções interlineares serão analisados quanto às suas características, organização e forma de apresentação dos dados. Eles constituem o corpo de dados pesquisado e sua análise permite desenvolver um estudo crítico da lexicografia hebraica bíblica assim como da polêmica entre glosas e definições. Permitirá também observar e avaliar a distinção entre a organização tradicional dos dicionários que seguem o modelo já em uso desde Gesenius e o novo modelo preconizado pelas United Bible Societies de organização dos dados em campos semânticos e uso de definições. O dicionário de hebraico bíblico da UBS, embora ainda se encontre em fase de

John A. LEE, p. 158-166; “The targeting of New Testament Greek dictionaries” de Peter WHALE, in JAMES, Gregory; *Lexicographers and Their Works*, p. 208-213.

¹⁶⁶ John Lübbe, em seu artigo de 1985 “Old Testament Sample Studies”, – publicado em *Lexicography and Translation* de J. P. Louw (ed.), p. 118 – já criticava os dicionários tradicionais de hebraico bíblico e preconizava a necessidade de analisar os dados e classificá-los em termos de domínios semânticos. Moisés SILVA, em *Biblical Words and Their Meaning* (1983/1994, p. 186) menciona que um dicionário de hebraico do Velho Testamento, sob a direção de J. P. Louw, estava sendo patrocinado pela South African Bible Society. J. P. Louw, no prefácio de *Lexicography and Translation*, declarava em 1985: “O presente volume é também uma introdução a um dicionário similar [dicionário de Louw & Nida] de domínio semântico do hebraico do Velho Testamento que se encontra em seu estágio inicial de desenvolvimento sob o patrocínio do Institute for Interlingual Communication da South African Bible Society.”

¹⁶⁷ Frederick W. Danker passou a utilizar definições em grande parte do *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature* (2000), conhecido como BDAG.

¹⁶⁸ John A. Lee tem apresentado críticas ao sistema de glosas em seu livro *A History of New Testament Lexicography* (2003)

¹⁶⁹ Takamitsu Muraoka em seu artigo “Septuagintal Lexicography” – publicado em *Biblical Greek Language and Lexicography* de Taylor/Lee/Burton/Whitaker (eds.) p. 87 – menciona que escolheu definir sentidos exceto quando um equivalente (glosa) corresponde acuradamente ao sentido de um determinado lexema.

¹⁷⁰ Luis Alonso Schökel utilizou definições em uma pequena parte de seu dicionário publicado em 1994.

¹⁷¹ James A. Swanson utilizou o mesmo sistema de domínios semânticos de Louw & Nida para produzir uma versão eletrônica, em 1997, com o título *A Dictionary of Biblical Languages*, constituído de uma parte para o hebraico e outra para o Aramaico.

desenvolvimento, encontra-se disponibilizado parcialmente no site <http://www.sdbh.org/> permitindo assim uma comparação com os demais dicionários.

2.5 DICIONÁRIOS BILÍNGÜES DE HEBRAICO BÍBLICO

Em minha análise dos principais dicionários bilíngües de hebraico bíblico, limitar-me-ei aos de língua inglesa e portuguesa. Adicionalmente, incluo o dicionário bilíngüe hebraico-português de hebraico moderno editado por Rifka Berezin, para estabelecer uma correlação com os dicionários bíblicos e, dessa maneira, realizar uma verificação e validação do sistema de glosas adotado pelos mesmos e confirmar uma tradição e estabilidade na transmissão das palavras hebraicas. Na sequência, analisarei também vocabulários, dicionários analíticos e traduções interlineares.

2.5.1 *A Hebrew and English Lexicon of the Old Testament* – BDB

A Hebrew and English Lexicon of the Old Testament, editado por Francis Brown, S. R. Driver e Charles A. Briggs e baseado no dicionário de Gesenius do início do século XIX, continua sendo o dicionário de referência em língua inglesa para o hebraico bíblico, sendo popularmente conhecido por BDB. O dicionário de Gesenius, publicado em 1810 (primeira edição), foi traduzido por Edward Robinson para o inglês em 1854, sendo então ampliado e editado em língua inglesa por Brown, Driver e Briggs a partir de 1891 e completado em 1906 após 23 anos de trabalho. Apesar de basear-se em um dicionário do início do século XIX e ter um século de existência, ainda assim o BDB continua sendo o mais importante dicionário de hebraico bíblico em língua inglesa conforme reconhecido por um de seus críticos:

Apesar das críticas, contudo, BDB deve ser considerado uma ferramenta extremamente valiosa tanto para estudantes como para especialistas, visto que – mesmo decorrido cerca de um século desde a primeira edição – ainda é bastante útil.¹⁷²

Sua macro-estrutura é formada por um *front-matter*, constituído de prefácio e lista de abreviações, mais o corpo com as raízes hebraicas organizadas alfabeticamente e todos os lemas, considerados derivações dessas raízes e listados junto à sua raiz; não possui apêndice.

Relacionar alfabeticamente as raízes, agrupando em torno delas todas as palavras consideradas derivações dessas raízes, consiste em uma das principais características do BDB. Este é um sistema que, segundo seus críticos (Reinier de Blois, por exemplo), apresenta vantagens e

¹⁷² de BLOIS, Reinier. *Towards a New Dictionary of Biblical Hebrew Based on Semantic Domains*, p. 6. Documento disponível no site <http://www.sdbh.org/framework/index.html>.

inconvenientes. Dentre as vantagens, temos a facilidade com que o usuário pode perceber de imediato as relações semânticas entre cada raiz e suas derivações. Como inconveniente, costuma ser citado a dificuldade na localização de uma palavra (mesmo estando na forma de lema) quando ela não é uma raiz.¹⁷³ No entanto, mesmo em dicionários que listam alfabeticamente todas as entradas, esta dificuldade continua existindo nos demais dicionários para com os verbos. Devido as características da morfologia dos verbos na língua hebraica, conforme visto no primeiro capítulo deste trabalho, não há como eliminar-se a necessidade de uma análise morfológica (*parsing*) de um verbo para identificação de sua raiz, constituindo-se esta no lema.¹⁷⁴

O exemplo, a seguir, de localização de substantivos no BDB, ilustra o que é considerado uma dificuldade quanto ao seu uso. As palavras מִזְבֵּחַ e מוֹשֵׁב são substantivos formados a partir do verbo, denotando o ato expresso pelo verbo ou o lugar em que este é praticado, tendo, portanto, como raiz um verbo. Em lugar de uma simples procura alfabética destas palavras (procurando-as sob a letra מ), necessitamos eliminar o prefixo מ e identificar as raízes זָבַח (*slaughter for sacrifice*) na página 256 do BDB para מִזְבֵּחַ e יָשַׁב (*sit, remain, dwell*) na página 442 para מוֹשֵׁב. Localizadas as raízes, encontraremos, na sequência, as palavras desejadas: מִזְבֵּחַ (*altar*) – página 258 – e מוֹשֵׁב (*seat, assembly, dwelling-place, dwellers*) – página 444.

No caso do lexema הָמַלְכָּתִי, uma forma verbal conjugada, necessitamos reconhecer o prefixo הָ como indicativo do perfeito Hiphil e o sufixo תִּי como indicador da primeira pessoa do singular. Retirados prefixo e sufixo, resta-nos a raiz מָלַךְ (lexema na forma canônica de lema) que pode ser encontrada na página 573 do BDB com as correspondentes glosas *be, or become king, or queen, reign*. O passo final corresponde a localizar o tronco Hiphil e teremos, finalmente, a informação *make king, or queen, cause to reign*. No entanto, este procedimento de análise morfológica (*parsing*) relativo à forma verbal הָמַלְכָּתִי é necessário mesmo para os demais dicionários com organização alfabética para todas as palavras visto que como entrada, ou lema, nos dicionários é utilizada a terceira pessoa masculina singular do perfeito Qal e que corresponde à raiz verbal .

¹⁷³ Sobre este inconveniente, Paul Auvray, em *Iniciação ao Hebraico Bíblico*, nota 7 p. 62, faz o seguinte comentário: “A desvantagem desse léxico consiste na classificação dos vocábulos segundo as raízes que se baseia, muitas vezes, em hipóteses. A vantagem para o principiante na consulta dessa obra consiste no exercício prático de identificação da raiz sob as palavras, modificadas por prefixos e sufixos ou pela fusão de duas raízes.” Tradução de Luís Stadelmann.

¹⁷⁴ Sobre o uso de dicionários na definição e tradução de verbos, Page H. Kelley em *Hebraico Bíblico: Uma Gramática Introdutória*, p. 119–p. 120 da edição inglesa, apresenta quatro passos: (1) Isolar todos os preformativos e aformativos; (2) reconstruir a raiz do verbo; (3) achar a forma da raiz no dicionário; (4) identificar o tronco ao qual a forma verbal

Uma segunda característica do BDB corresponde à utilização de glosas em vez de definições (*altar* para מִזְבֵּיחַ, *seat, assembly, dwelling-place, dwellers* para מוֹשָׁב, *be, or become king, or queen, reign* para מָלַךְ no tronco Qal ou *make king, or queen, cause to reign* no tronco Hiphil, e assim por diante.

Como terceira característica, temos o uso de etimologias e línguas cognatas (árabe, aramaico, etíope, siríaco, fenício, assírio), a identificação de palavras cognatas e de seus significados em forma de glosa, visto que, segundo o princípio utilizado por Gesenius, contribuem para uma maior compreensão do vocabulário hebraico.

A atenção ao uso da palavra em determinado contexto, indicando a passagem em que este uso ocorre, pode ser considerada uma quarta característica deste dicionário. O significado principal (ou mais comum) da palavra é indicado pela glosa principal e ampliado pela indicação de vários usos específicos, sempre com indicação da ocorrência em uma ou mais passagens da Bíblia Hebraica. Dependendo da frequência de ocorrência da palavra na Bíblia Hebraica, todas as ocorrências são apresentadas, ou apenas uma parte. As informações quanto aos vários usos, suas glosas e passagens em que ocorrem são apresentadas dentro de uma organização lógica arbitrária do lexicógrafo e sem indicação de metodologia ou teoria lingüística de classificação.

Quanto à sua micro-estrutura, vejamos dois exemplos de como os dados são apresentados. Na seqüência, farei uma abstração da micro-estrutura para o caso dos verbos para que ela possa ser melhor visualizada. As palavras escolhidas foram מָלַךְ e מָשַׁבַּח e serão as mesmas utilizadas para a apresentação dos outros dicionários,¹⁷⁵ permitindo assim uma melhor comparação entre eles quanto à micro-estrutura de cada um.

O lema מָלַךְ se encontra na página 144 do BDB e está transcrito, a seguir, de forma completa e com o mesmo tipo de formatação utilizado pelo dicionário, sendo que apenas as informações relativas às línguas cognatas foram simplificadas, visto que apenas incluo a língua cognata e a glosa utilizada. O símbolo ◇ antes do verbete indica que todas as ocorrências dessa palavra na Bíblia Hebraica estão incluídas e a forma ‘ל representa o lema מָלַךְ.

◇ מָלַךְ vb. rise up (aramaico e etíope *be boasful, proud*) – Qal Pf. ‘ל Ex 15:1,21, מָלַךְ

Ez 47:5; Impf. מָלַךְ Jb 8:11, 10:16; Inf abs. מָלַךְ Ex 15:1,21: - 1. rise up, of

específica pertence. No entanto, ao iniciante que tiver dificuldade em executar estes passos, resta a utilização de um dicionário morfológico (analítico) do tipo *Old Testament Parsing Guide* de Beall/Banks/Smith.

¹⁷⁵ A exceção é para o SDBH, visto que estas duas palavras ainda não estão disponíveis em sua versão eletrônica.

waters Ez.47:5. 2. *grow up*, of plants Jb 8:11. 3. *be lifted up, exalted*, of head Jb 10:16, of “*v*” in triumph Ex 15:1,21.

A palavra **הָאָה** foi escolhida, como exemplo, pela simplicidade de seus dados¹⁷⁶ conforme apresentado no BDB e por permitir, pela sua análise, visualizar com facilidade a organização existente na apresentação desses dados. Esta mesma organização será observada no exemplo seguinte (**הָאָה**), embora este verbete apresente maior complexidade devido a maior quantidade de ocorrências e usos no texto da Bíblia Hebraica.

Para o lema **הָאָה**, transcrito a seguir das páginas 335-336 do BDB, novamente simplifiquei as informações referentes às línguas cognatas, mantendo apenas as línguas e glosas mencionadas pelo dicionário.

◇ **הָאָה** vb. shew favour, be gracious (aramaico *yearn towards, long for, be merciful, compassionate, favourable, inclined towards*; fenício *favour*; assírio *grace, favour*) – **Qal Pf.** **הָאָה**, Gn 33:5; sf. **הָאָה** Gn 33:11; **הָאָה** 2 S 12:22; **הָאָה** Ex 33:19; **הָאָה** La 4:16; **Impf.** **הָאָה** Am 5:16; **הָאָה** Deu 28:50; **הָאָה** 2 K 13:23; sf. **הָאָה** Gn 43:29; **הָאָה** Nu 6:25; **הָאָה** Is 27:11 Jb 33:24; **הָאָה** Y 67:2 123:2 Mal 1:9; **הָאָה** Y 59:6; sf. **הָאָה** Dt 7:2; **הָאָה** Ex 33:19; **Imv.** sf. **הָאָה** Y 4:2 +17 t. **Y Y**; **הָאָה** Y 9:14; (Baer pts. **הָאָה**); **הָאָה** Is 33:2 Y 123:3,3; **הָאָה** Ju 21:22; **הָאָה** Jb 19:21,21; **Inf. abs.** **הָאָה** Is 30:19; **cstr.** **הָאָה** Y 77:10; **הָאָה** Y 102:14; **הָאָה** Is 30:18; **Pt.** **הָאָה** Pr 14:31; **הָאָה** Y 37:21 + 5 t. **Y Y** Pr. – *favour, shew favour*; **1.** of man: **a.** Ju 21:22 *favour us with them* (2 acc.; i.e. by giving them to us). **b.** in *dealing with the poor, needy, and orphans*, abs. Y 37:21.26 = 112:5; **c.** acc. Pr 14:31 19:17 28:8; **c.** **הָאָה** Y 109:12. **c.** *by considering and sparing*, **c.** acc. Dt 7:2 28:50 La 4:16 Jb 19:21.21. **2.** of God, **a.** in the bestowal of favours, with acc. Gn 33:11 (E), 43:29 (J), Nu 6:25 (P), 2 S 12:22; double acc. Gn 33:5 (E), **הָאָה** **הָאָה** *be gracious unto me* (in giving) *thy law* Y

¹⁷⁶ Este verbo ocorre ao todo 7 vezes, das quais duas são repetições. Temos assim apenas 5 ocorrências diferentes para análise e classificação. Nos versos 1 e 21 do capítulo 15 de Êxodo, o verbo **הָאָה** ocorre na construção cognata do perfeito associado com o infinitivo absoluto (**הָאָה**) do mesmo verbo. O infinitivo absoluto, nesta construção sintática, tem a força de um advérbio e a expressão **הָאָה** **הָאָה** pode ser traduzida por “grandemente enaltecido”.

119:29. **b.** usually int the bestowal of redemption from enemies, evils, and sins; abs. **Y**77:10, elsewhere c. acc. Ex 33:19.19 (JE), Am 5:15 2 13:23 Is 27:11 30:18.19.19 33:2 Mal 1:9 **Y** 4:2 6:3 25:26 26:11 27:7 30:11 31:10 41:5.11 51:3 56:2 57:2.2 59:6 67:2 86:3,16 102:14 119:58.132 123:2.3.3 Jb 33:24. – Jb 19:17 v. II. חנן. **Niph.** Pf 2 fs. נִחַנָּה Je 22:23 *be pitied* [...] **Pi** Impf. 3 ms. *make gracious, favourable* קוֹלוֹ יִחַנֵּן Pr 26:25. **Po‘el** Impf. 3 ms. direct favour to (Ges § 55,1) יַחַנֵּנוּ וְאַתָּה עֲפָרָה **Y** 102:15; *Pt.* מְחוֹנֵן עֲנִיִּים Pr 14:21. **Hoph.** Impf. יִחַן *be shewn favour, consideration* Is 26:10 Pr 21:10. **Hithp.** Pf. 2 ms. הִתְחַנְּחָה 1 K 9:3 + 5 t. Pf.; *Impf.* יִתְחַנֵּן 2 K 1:13; וְיִתְחַנֵּן Est 8:3; אֶתְחַנֵּן **Y** 30:9 + etc. + 6 t. *Impf, Inf.* לִהְיוֹת חֲנֻן Est 4:8; בְּהִתְחַנְּנוּ Gn 42:21 – *seek or implore favour:* 1. *of man*, with אֶל Gn 42:21 (E) 2 K 1:13; with לֵּ Jb 19:16 Est 48 8:3. 2. *of God*, with אֶל־ Deut 3:23 1 K 8:33.47 = 2 Ch 6:37, Jb 8:5 **Y** 30:9 142:2; with לֵּ Ho 12:5 Jb 9:15; with לִּפְנֵי 1 K 8:59 9:3 2 Ch 6:24.¹⁷⁷

Uma análise dos dados revela a mesma organização utilizada para o lema נָאָה, porém em maior complexidade devido a palavra ocorrer 77 vezes na Bíblia Hebraica. Da análise da organização dos dados dos dois exemplos acima, podemos abstrair sua micro-estrutura, utilizada para todos os verbos e com ligeira modificação para as demais classes de palavras. A partir da análise das duas estruturas de dados acima, generalizo a seguinte organização válida para todas as raízes verbais.

Micro-estrutura dos verbos:

- **lema** (raiz verbal de entrada na sua forma canônica – 3^a pessoa, masculino, singular, qal, perfeito)
- categoria gramatical
- glosas principais (glosa lexical)
- informações de línguas cognatas

¹⁷⁷ Por questão de uniformidade, padronizei todas as indicações para referências bíblicas por livro capítulo e versículo. O capítulo é separado do versículo por dois pontos e os versículos por vírgula quando são individuais e por traço quando em sequência.

- classificação por tronco verbal: para cada tronco verbal que ocorre no texto bíblico são apresentadas as seguintes informações organizadas em duas partes
- a) indicação dos lexemas que ocorrem no texto bíblico (forma verbal conjugada), *parsing* correspondente e indicação das passagens na Bíblia onde ocorrem
- b) glosas contextuais, classificadas segundo um critério pessoal do lexicógrafo com indicação da passagem onde ocorre aquela aplicação

às palavras **𐤒𐤕𐤕** e **𐤒𐤕**, permite uma apresentação simplificada das respectivas micro-estruturas e desta maneira uma melhor compreensão de sua organização, mantendo, no entanto, as glosas.

◈ **𐤒𐤕𐤕** vb. rise up (línguas cognatas)

Qal lexemas, *parsing*, ocorrências

1. *rise up*, of waters Ez.47:5.
2. *grow up*, of plants Jb 8:11
3. *be lifted up, exalted*, of head Jb 10:16, of “ in triumph Ex 15:1,21

◈ **𐤒𐤕** vb. shew favour, be gracious (línguas cognatas)

Qal lexemas, *parsing*, ocorrências, *favour, shew favour*

1. of man:
 - a. *favour us with them*
 - b. *in dealing with the poor, needy, and orphans*
 - c. *by considering and sparing*
2. of man:
 - a. in the bestowal of favours
 - b. usually in the bestowal of redemption from enemies, evils and sins;

Niph. lexemas, *parsing*, ocorrências, *be pitied*

Pi lexemas, *parsing*, ocorrências *make gracious, favourable*

Poel lexemas, *parsing*, ocorrências, *direct favour*

Hoph lexemas, *parsing*, ocorrências, *be shewn favour, consideration*

Hithp lexemas, *parsing*, ocorrências, *seek or implore favour*

1. of man
2. of God

2.5.2 A Concise Dictionary of the Words in the Hebrew Bible - STRONG

A *Concise Dictionary of the Words in the Hebrew Bible: With Their Renderings in the Authorized English Version* de James Strong foi publicado como parte de *The Exhaustive Concordance of the Bible* e teve sua primeira edição publicada em 1894. Seguido de sucessivas edições, atingiu, em 1953, sua vigésima primeira edição.

Sua macro-estrutura apresenta um front matter composto de prefácio, um plano do dicionário (*Plan of the Book*) em que se define a micro-estrutura, sistema de transliteração, listas de abreviações e de símbolos. O corpo é formado por 8.674 palavras hebraicas relacionadas alfabeticamente e numeradas. Não há apêndice.

A micro-estrutura é definida no “Plan of the Book” como estando composta de 5 itens: (1) palavra hebraica (lema) e seu número de ordem; (2) transliteração; (3) pronúncia; (4) etimologia; (5) todas as diferentes traduções utilizadas pela Versão Autorizada (*King James Version*) e que, segundo o ‘Plan of the Book’, são listadas após a marca de pontuação :– e organizadas alfabeticamente.

A seguir, reproduzo as micro-estruturas das palavras אָהַ and אָנָן, já utilizadas para análise do BDB.

1342. אָהַ gA’Ah, *gaw-aw’*; a prim. root; to *mount up*; hence in gen. to *rise*, (fig.) *be majestic*: – gloriously grow up, increase, be risen, triumph.

2603. אָנָן HANan, *khaw-nan’*; a prim. root [comp. 2583]; prop. to *bend* or stoop in kindness to an inferior; to *favor*, *bestow*; causat. to *implore* (i.e. move to favor by petition): – beseech, X fair, (be, find, shew) favour (-able), be (deal, give, grant (gracious (-ly), intreat, (be) merciful, have (shew) mercy (on, upon), have pity upon, pray, make supplication, X very.

The Exhaustive Concordance de Strong, junto com seus dicionários de hebraico e grego – associados ao sistema de numeração adotado – adquiriu grande popularidade no final do século XIX e primeira metade do século XX. Uma evidência dessa popularidade é a referência de várias obras ao sistema de numeração das palavras criado por Strong,¹⁷⁸ destacando-se *Vine’s Complete Expository Dictionary*, *The New Thayer’s Greek-English Lexicon*, *The New Englishman’s Greek*

¹⁷⁸ DANKER, Frederick W. *Multipurpose Tools for Bible Study*, p. 13.

*Concordance and Lexicon, The New Brown-Driver-Briggs Hebrew-English Lexicon, The New Englishman's Hebrew Concordance.*¹⁷⁹

2.5.2 *A Concise Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament – Holladay*

A *Concise Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament*, editado por William L. Holladay, foi publicado inicialmente em 1971 e trata-se de uma edição abreviada em língua inglesa do dicionário de Ludwig Koehler e Walter Baumgartner *Lexicon in Veteris Testamenti libros*. O dicionário de Koehler e Baumgartner foi escrito em alemão e, devido sua importância, Holladay considerou justificável uma edição, mesmo abreviada, em língua inglesa. Atualmente existe uma edição mais completa em inglês do *Lexicon in Veteris Testamenti libros*, intitulada *The Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament* (2 volumes), com tradução de E. J. Richardson e publicada em 2002. No entanto, o dicionário de Holladay, nesses trinta e sete anos desde sua publicação, consolidou-se como um substituto prático em língua inglesa do dicionário de Koehler e Baumgartner e uma alternativa simples ao BDB. Devido a dificuldade de acesso a uma das edições do dicionário de Koehler e Baumgartner e visto que o dicionário de Holladay apresenta praticamente os mesmos dados – embora numa versão concisa – encontrados em *The Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament*, não inclui este dicionário entre os dicionários pesquisados.

Com relação ao dicionário de Koehler & Baumgartner, o dicionário de Holladay omitiu, por exemplo, o material etimológico relativo às línguas cognatas, entradas bibliográficas com todas as citações de eruditos específicos, citações relativas aos textos hebraicos do Sirach e Qumran, variações textuais do texto da Bíblia Hebraica e todas as letras do alfabeto visto não serem itens lexicais.¹⁸⁰

Dentre as categorias do material retido, Holladay cita especificamente (1) todas as entradas da obra alemã quando elas existem como itens semânticos no Texto Massorético (Bíblia Hebraica); (2) a organização e numeração das subdivisões relativas às definições; (3) o esqueleto das citações capítulo-versículo (frequentemente apenas uma citação é fornecida para cada diferenciação de definição); (4) as várias formas flexionadas da palavra.¹⁸¹

Visto que o dicionário organiza todas as palavras por ordem alfabética, fica facilitada a tarefa de localização de palavras como מוֹשֶׁב e מִזְבֵּי, sendo suficiente procurá-las na letra מ. No entanto, para um lexema como הִמְלִיכָתִי, por tratar-se de uma forma verbal conjugada, as mesmas etapas de

¹⁷⁹ GREEN, Jay P. *The Interlinear Bible Hebrew-Greek-English with Strong's Concordance Numbers Above Each Word*, p. x.

¹⁸⁰ HOLLADAY, William L. *A Concise Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament*, p. vi-viii.

polel: *impf.* מְנַחֵם; pt. נִחַם: w. acc. **take pity on** Pr 14:21, be sorry for Ps 102:15.

hof. (pass. qal): *impf.* מְרַחֵם: **be shown compassion** Is. 26:10 Pr 21:10;

[...]

Podemos observar, dos dois exemplos acima, uma lógica semelhante a do BDB na micro-estrutura. Após o lema, os dados são organizados por tronco verbal e consistem de (a) formas conjugadas com indicação da conjugação e uma indicação da passagem em que ocorrem; (b) glosa com pelo menos uma citação. Da mesma forma que procedi com o BDB, identifiquei uma micro-estrutura geral e apresento-a em seguida numa forma simplificada, abstraída para os dois exemplos (מְנַחֵם e מְרַחֵם), de maneira a facilitar a visualização da organização dos dados.

Micro-estrutura dos verbos:

lema (raiz verbal de entrada na sua forma canônica – 3^a pessoa, singular, masculino, qal perfeito)

– classificação por tronco verbal: para cada tronco verbal que ocorre no texto bíblico são apresentadas as seguintes informações organizadas em duas partes

- a) indicação dos lexemas que ocorrem no texto bíblico (forma verbal conjugada), *parsing* correspondente e indicação das passagens na Bíblia onde ocorrem
- b) glosas, classificadas segundo um critério pessoal do lexicógrafo com indicação de exemplos de passagens onde a palavra é utilizada

מְנַחֵם qal: lexemas com *parsing*

be, become high:

of plants Jb 8:11

waves Ez 47:5

God Ex 15:1,21

מְרַחֵם qal: [lexemas com *parsing* e ocorrências]:

- 1. w. acc. **be gracious to** s.one (of God) [ocorrências];
- 2. w. 2 acc. **graciously provide** s.one w. s.thg [ocorrência];
- 3. *Honen* **generous** [ocorrência].

[...]

polel: [lexemas e *parsing*]: **take pity on** [ocorrências].

hof. (pass. qal): [lexemas e *parsing*]: **be shown compassion** [ocorrências];

[...]

2.5.3 *Dicionário Bíblico Hebraico-Português* – Schökel

Luis Alonso Schökel, tradutor da Bíblia para o espanhol e autor de livros sobre poesia hebraica bíblica, publicou em 1994 um dicionário de hebraico bíblico intitulado *Diccionario bíblico hebreo-español*. Em 1997, foi publicada uma edição brasileira com a tradução para o português e tendo por título *Dicionário Bíblico Hebraico-Português*.

Sua macro-estrutura é formada por um front-matter constituído de introdução, lista de abreviaturas e o corpo com cerca de cinco mil palavras relacionadas alfabeticamente. O *corpus* inclui o texto massorético e os livros conhecidos como apócrifos ou deuterocanônicos. Schökel renuncia às informações sobre etimologia, “evolução histórica do significado das palavras dentro da Bíblia hebraica” e comparação com línguas afins. O dicionário é resultado de um trabalho prévio de tradução literária da Bíblia e é apresentado como “um dicionário bilíngüe do uso e para o uso”. Tratando-se de um dicionário bilíngüe, fundamenta-se na utilização de glosas, conforme declara o autor: “O presente dicionário recorre parca e economicamente à descrição semântica em meta-linguagem e se concentra generosamente em sistemas de correspondências.”¹⁸³

Na micro-estrutura encontramos a principal tentativa de inovação. Quando um vocábulo hebraico corresponde a vários vocábulos em português, a tática utilizada consiste em procurar uma lógica semântica, ou seja, procurar fatores que justificam e explicam a diferenciação. Isto é feito mediante a diferenciação de significados pelo campo semântico em que se encontra a palavra.¹⁸⁴ No entanto, o uso de domínios semânticos na organização dos diferentes significados não é utilizado para todos os vocábulos hebraicos, mas apenas para os considerados termos chaves ou termos técnicos. O que pode ser considerado uma desvantagem do dicionário é a ausência de indicação de frequência de ocorrência e a restrição no uso de citações.

A micro-estrutura para verbos apresenta a seguinte organização:

lema [lexemas classificados por tronco e com *parsing* correspondente]

¹⁸³ SCHÖKEL, Luis Alonso. *Dicionário Bíblico Hebraico-Português*, p. 5.

¹⁸⁴ Segundo Moisés Silva, esta característica do dicionário de Schökel é também sua fraqueza e alerta para os perigos envolvidos. *Biblical Words and Their Meaning*, p. 187.

- classificação por tronco verbal com apresentação de glosas classificadas por domínio semântico (apenas para termos chaves e termos técnicos) e indicação de alguns exemplos de passagens onde a glosa é utilizada

A seguir, apresento a micro-estrutura completa para **גָּ** e na forma simplificada para **גָּ**.

גָּ [Q. pf. **גָּ**, pl. **גָּ**; imp. **גָּ**; inf. abs. **גָּ**]

- a) Crescer:** – **גָּ** a água Ez 47:5; – **גָּ** o papiro Jó 8:11. **b) Ser sublime, atuar com grandeza** Ex 15:1,21 Jó 10:16. **c) Envaidecer-se** Eclo 10:9 ≠ **גָּ** pó e cinza.

גָּ [Lexemas com parsing e ocorrências classificados por tronco.]

Q. *Apiedar-se, ter / sentir piedade / misericórdia / compaixão / pena, mostrar bondade, comiserar-se; favorecer, presentear, fazer um favor, conceder graça / favor / mercê.*

a) Apiedar-se [ocorrências]. **b) Favorecer. Presentear** [ocorrências]

Pi. Em **גָּ** – suavizar a voz [ocorrências].

Polel. *Condoer-se, apiedar-se* [ocorrência]

Ho. *Ser tratado com piedade*[ocorrências]; *ser compadecido* [ocorrências].

Hitp. a) Suplicar, dirigir uma súplica, rezar, rogar, interceder. [ocorrências]

2.5.4 Dicionário Hebraico-Português & Aramaico-Português – Sinodal

O *Dicionário Hebraico-Português & Aramaico-Português* de Nelson Kirst, Nelson Kilpp, Milton Schwantes, Acir Raymann e Rudi Zimmer, editado pela Sinodal em 1987, nas palavras dos próprios autores, não tem “a pretensão de inovar lingüisticamente, mas apenas facilitar o acesso ao que existe em outras línguas”¹⁸⁵. Ainda, segundo os autores, seu objetivo foi delimitado por (a) manter o Dicionário breve, (b) dispensar a citação integral de passagens bíblicas; (c) deixar ao usuário a tarefa da transliteração ou adaptação do nome próprio; (d) dar, ao lado das formas regulares, realce às excepcionais ou incomuns; (e) omitir os verbetes hipotéticos; (f) se possível,

¹⁸⁵ KIRST, Nelson e al. *Dicionário Hebraico-Português*, p. vii.

2.5.5 *The Semantic Dictionary of Biblical Hebrew – SDBH*

No capítulo 3 discutirei como as glosas apresentadas pelos dicionários de hebraico bíblico são o resultado de uma longa tradição de uso da língua hebraica, de antigas traduções para outras línguas (grego, siríaco, aramaico e latim), de estudos filológicos comparativos com outras línguas semíticas, e de uma produção contínua de dicionários. No entanto, nos últimos anos, particularmente no seio das United Bible Societies, vem se desenvolvendo uma crítica ao tradicional sistema de glosas apresentados por dicionários de hebraico Bíblico, mais especificamente o BDB, e uma apologia à utilização de campos semânticos e uso de definições.

A utilização de campos semânticos, ou domínios, na lexicografia bíblica, foi defendida por Eugene Nida e J. P. Louw e introduzida no dicionário de grego bíblico em inglês, por eles editado em 1988 com o título *Greek-English Lexicon of the New Testament Based on Semantic Domain*, e que culminou um projeto iniciado em 1971.¹⁸⁷ Na introdução desse dicionário, os autores destacam seu público alvo e a inovação introduzida:

Este [...] *lexicon* baseado em domínios semânticos foi idealizado primariamente para tradutores do Novo Testamento [...] mas também eruditos bíblicos, pastores e estudantes de teologia acharão ser este dicionário de especial valor, visto que ele focaliza os significados relacionados de diferentes palavras. [...] Em vários aspectos este *lexicon* é um tipo único de dicionário, primeiramente porque ele é baseado no conceito de domínios semânticos e, segundo, devido a maneira em que os domínios são organizados e os dados apresentados.¹⁸⁸

Vários autores receberam com entusiasmo o dicionário de Louw e Nida, dentre eles Moisés Silva com o comentário abaixo:

A mais significativa publicação em lexicografia grega bíblica – na verdade, em toda a área de semântica bíblica – durante a década passada é sem dúvida os dois volumes editados por Johannes P. Louw e Eugene A. Nida, *Greek-English Lexicon of the New Testament Based on Semantic Domains* (New York: United Bible Societies, 1988). No melhor de meu conhecimento, este é o primeiro dicionário completo (em qualquer língua e para quaisquer corpus de textos) que utilizam a estrutura semântica inerente de uma língua em vez da categoria formal de alfabetização como base para a descrição do significado lexical.¹⁸⁹

¹⁸⁷ LOUW, J. P. A Semantic Domain Approach to Lexicography. In J. P. Louw (ed.), *Lexicography and Translation*, p. 168.

¹⁸⁸ LOUW & NIDA. *Greek-English Lexicon of the New Testament*, p. iv,vi.

¹⁸⁹ SILVA, Moisés. *Biblical Words and Their Meaning*, p. 188-189.

O lançamento do dicionário de Louw e Nida também foi saudado entusiasticamente por John Lee, porém, para ele, o evento mais notável foi a introdução de definições em um dicionário bilingüe:

O ano de 1988 é uma data memorável na história dos *lexicons* do Novo Testamento. No ano em que a obra de Bauer atingiu seu *zenith*, apareceu o *Greek-English Lexicon of the New Testament based on Semantic Domains* de Louw e Nida. O último foi o evento mais significativo desde 1514. A importância reside não na adoção de uma estrutura baseada em domínios, embora importante e útil, mas no fato de que este foi o primeiro *lexicon* do Novo Testamento, em quinhentos anos, a utilizar o método de definição de uma maneira eficaz.¹⁹⁰

Em um artigo que antecipou a publicação do *Greek-English Lexicon*, Louw criticou o sistema de glosas com o seguinte comentário:

O significado não pode ser definido por uma glosa, isto é, uma outra palavra. Significado é um conjunto de características semânticas, frequentemente denominados de componentes semânticos. [...] Significado consiste de um conjunto de componentes semânticos diferenciadores que definem a extensão potencial de utilização de uma unidade lexical. [...] Isto implica em uma rede bastante complexa de equivalências e claramente mostra que significado não é uma glosa (isto é, outra palavra). Conforme já foi dito, o significado somente pode ser expresso por meio de uma definição que declara as características semânticas do significado.¹⁹¹

A versão hebraica da UBS para um dicionário baseado em domínios semânticos encontra-se em fase de desenvolvimento e é baseada em uma tese de doutorado de Reinier de Blois intitulada *Towards a new dictionary of biblical Hebrew based on semantic domains* de 1986. Este dicionário, em sua forma eletrônica, encontra-se em fase de implantação e está parcialmente disponível no site <http://www.sdbh.org>, de onde foram retiradas todas as informações e dados relativos a ele.

A necessidade quanto a uma abordagem semântica para os dicionários de hebraico bíblico é defendida no documento *Theoretical Framework*, incluído no site em que se encontra o SDBH e que constitui parte do conjunto de documentos, versão em língua inglesa, apresentado como base teórica do dicionário.

Ao longo dos séculos passados a **gramática** de hebraico bíblico tem sido cabalmente analisada. No entanto, uma análise do corpus que possuímos desta língua, tem estado, até recentemente, lamentavelmente faltando. Isto é, um estudo cuidadoso da maneira com que os diferentes conceitos no mundo, por trás de uma língua, são percebidos pelos falantes desta língua e de como estes conceitos são transferidos para formas semânticas. A mente humana percebe todas espécies de relações entre diferentes conceitos e classes de conceitos, que são muitas vezes

¹⁹⁰ LEE, John A. L. *A History of New Testament Lexicography*, p. 157.

¹⁹¹ LOUW, J. P. *A Semantic Domain Approach to Lexicography*. In J. P. Louw (ed.), *Lexicography and Translation*, p. 158, 159, 160.

refletidos na língua. Embora algumas dessas relações possam ser incidentais, resultam na descoberta de diferentes tipos de padrões nas relações semânticas entre (classes de) conceitos. Dessa maneira, podemos identificar que conceitos são percebidos como pertencentes ao mesmo **campo semântico** ou **domínio** e que conceitos são considerados semanticamente diferentes. (negrito no original)¹⁹²

Na versão em português do SDBH eletrônico, encontramos o documento intitulado *Base Teórica* com a declaração:

O Dicionário Semântico do Hebraico Bíblico (DSHB) privilegia a análise semântica do vocabulário do hebraico bíblico. Sua abordagem é a da linguística cognitiva, acompanhando as pesquisas recentes na grande área hoje chamada de Ciências da Cognição.

[...]

O SDBH é, assim um estudo sobre as diferentes concepções acerca da realidade cotidiana e do mundo que estão contidas na [sic] e que estão por trás da linguagem, no caso aqui, do hebraico bíblico, como atestável a partir dos textos em que ele é efetivamente usado. Por não ser mais uma língua viva, a compreensão do hebraico bíblico depende da análise dos textos em que ele se encontra registrado.

Como ainda não existe um mapeamento completo dos campos semânticos do hebraico bíblico, nem dos campos vocabulares em sua inserção dentro de um mapa cognitivo da língua como um todo, a interação entre a identificação semântica e o mapeamento é o foco principal do trabalho do DSHB, e sua contribuição mais original e significativa à pesquisa.¹⁹³

Naturalmente, os campos semânticos para o grego bíblico não são necessariamente os mesmos para o hebraico bíblico. Enquanto que Louw e Nida distribuíram todo o *corpus* de grego bíblico por 93 campos semânticos¹⁹⁴ por eles criados, Reinier de Blois e seus associados estão criando uma estrutura semântica diferente para o SDBH, conforme declarado:

Torna-se necessário uma pesquisa para determinar as necessidades específicas da linguagem bíblica e que, conseqüentemente, serão incorporadas em uma estrutura de classes semânticas de modo a resultar em um dicionário que seja baseado em um fundamento semântico linguisticamente adequado e que faça justiça ao hebraico bíblico e visão de mundo por trás dele.¹⁹⁵

Além disso, há um retorno – no SDBH – para a classificação por ordem alfabética de todas as entradas em função de vários problemas relacionados com o *Greek-English Lexicon* de Louw e Nida e apontados por Reinier de Blois. Dentre eles, temos: (a) ‘dificuldade em perceber os

¹⁹² *Theoretical Framework*. Documento, sem indicação de autor e data, disponível no site <http://www.sdbh.org/framework/fhomebody-en.html>.

¹⁹³ *Base Teórica*. Documento, sem indicação de autor e data, disponível no site <http://www.sdbh.org/framework/fhomebody-pt.html>.

¹⁹⁴ Os 93 campos semânticos, ou domínios, estão organizados da seguinte maneira: *objetos* (domínios 1-12); *eventos* (domínios 13-57); *atributos e relacionais* (domínios 58-92), nomes de pessoas e lugares (domínio 93).

¹⁹⁵ de BLOIS, Reinier. *Towards a New Dictionary of Biblical Hebrew Based on Semantic Domains*, p. 15. Documento disponível no site <http://www.sdbh.org/framework/index.html>.

componentes semânticos de um determinado item lexical quando encontrados sob mais de um domínio'; (b) 'a utilização – no SDBH – de dois diferentes níveis de classificação (lexical e contextual) torna difícil utilizar a maneira utilizada por Louw e Nida'; (c) 'as facilidades existentes em meio eletrônico, não possíveis em um dicionário impresso'.¹⁹⁶ Estas razões levam Reinier de Blois justificar o retorno para a “categoria formal de alfabetização como a base para a descrição do significado lexical”:

Por causa de todos os argumentos mencionados acima, torna-se desejável reverter para o estilo mais tradicional de organização dos lexicons e grupos de diferentes itens lexicais alfabeticamente. Para aqueles que preferem trabalhar com dicionários impressos, dois índices (um para domínio lexical e um para domínio contextual) será providos de modo que ajudará a encontrar e comparar todas as entradas que pertencem ao mesmo domínio.¹⁹⁷

Encontrando-se em desenvolvimento e na forma eletrônica, o SDBH não apresenta uma macro-estrutura, a não ser alguns documentos com informações relativas à sua base teórica. No entanto, as palavras hebraicas já disponibilizadas no site permitem uma análise de sua micro-estrutura e uma comparação com as micro-estruturas dos demais dicionários analisados.

Por não se encontrar totalmente disponível para todas palavras hebraicas, não foi possível utilizar as mesmas palavras empregadas para ilustrar a micro-estrutura dos dicionários já analisados. Dentre as palavras já disponibilizadas pela versão eletrônica do SDBH, escolhi אָבִיָּהּ e לֵלִי e a versão em língua inglesa do SDBH, embora também estejam disponíveis versões em espanhol, francês e português. Duas razões levaram-me a esta escolha. Primeiro, visto que os dois principais dicionários analisados, BDB e Holladay, tiveram seus exemplos de micro-estrutura apresentados em inglês, convém apresentar a versão do SDBH também em inglês para uma comparação mais precisa entre as glosas utilizadas por estes dicionários. Uma segunda razão se deve ao fato de ter observado que nem sempre a versão em português do SDBH é uma correspondência exata da versão em inglês. Para algumas palavras, como é o caso de לֵלִי, a versão em português é uma versão simplificada quando comparada com a versão em inglês.

¹⁹⁶ de BLOIS, Reinier. *Towards a New Dictionary of Biblical Hebrew Based on Semantic Domains*, p. 23-24. Documento disponível no site <http://www.sdbh.org/framework/index.html>.

¹⁹⁷ de BLOIS, Reinier. *Towards a New Dictionary of Biblical Hebrew Based on Semantic Domains*, p. 24. Documento disponível no site <http://www.sdbh.org/framework/index.html>.

אָבֵל

(1) verb | אָבֵל | adj | אָבֵל | noun, m

- (a) Grief (Action) verb, qal; verb, hit אָבֵל, אָבֵל // שָׁמַח, שׁוֹשׁ, לִיג :: בָּכִי, הִכָּב
= to experience grief and show this by one's actions; ◀ caused by bereavement, loss, or other difficult circumstances - to mourn (GEN.27:41; 37:34,35; 50:10,11,11; EXO.33:4; NUM.14:39; DEU.34:8; 1SA.6:19; 15:35; 16:1; 2SA.11:27; 13:37; 14:2,2 ...)

Joy ; Mourning ; Well-Being [show/hide contextual meanings]

Destruction ; Town - to mourn the destruction of a town (NEH.1:4; ISA.66:10; MIC.1:8)

Life אָבֵל, אָבֵל - to mourn someone who has died (GEN.27:41; 37:34,35; 50:10,11,11; DEU.34:8; 1SA.6:19; 2SA.11:27; 14:2,2,2; 19:3; 1CH.7:22; 2CH.35:24; JOB.29:25 ...)

Sin ; Punishment אָבֵל - to mourn because one has sinned and will have to face the consequences (EXO.33:4; NUM.14:39; NEH.8:9; EST.6:12; ISA.57:18; EZK.7:27; AMO.8:8)

Sin ; Punishment ; Affection - to mourn because of the sin of a beloved one and/or its consequences (1SA.15:35; 16:1; 2SA.13:37; 19:2; EZR.10:6)

Idolatry - to mourn over a lost idol (HOS.10:5)

Prophecy - to mourn because of a prophetic vision (DAN.10:2)

Sacrifice - to mourn over the lack of materials to sacrifice (JOL.1:9)

Work - to mourn one's loss of income (ISA.19:8; EZK.7:12)

Human Infrastructure-en"> Infrastructure אָבֵל - to mourn (of roads for having been deserted) (LAM.1:4)

Human Town-en"> Town // לָמַא, הָנָא - (buildings or parts of buildings) mourn (ISA.3:26; JER.14:2)

- (b) Grief Dry-en"> Dry (State/Process) verb, qal // לָמַא, יָבֵשׁ, לָבֵן, לָמַק
extension of meaning of [a]: = to be or become devoid of moisture, and therefore lose color and bend over ◀ as if in mourning; ► which may ultimately result in death if circumstances do not change; • applies to plants and their products; ≈ associated with drought and destruction, often as punishment from God - to mourn, wither, languish (ISA.24:4,7; 33:9; JER.4:28; 12:4,11; 23:10; HOS.4:3; JOL.1:10; AMO.1:2)

Plant ; Nature ; Drought ; Well-Being ; Punishment ; God [show/hide contextual meanings]

Land Human-en"> Human ; Joy ; Well-Being // לָבֵא, לָמַא - (land) withers (out of grief, in solidarity with the people of the land) (ISA.33:9)

- (c) Grief (Causative) verb, hi
causative of [a] = to cause or allow someone to experience grief ◀ due to bereavement, loss, or other difficult circumstances; • in all cases personified to apply to inanimate objects such as parts of nature or buildings - to cause to mourn

(LAM.2:8; EZK.31:15)

Well-Being [show/hide contextual meanings]

Human Nature-en"> Nature ; Plant Nation-en"> Nation - to cause (the deep) to mourn (the passing away of a beautiful tree representing Egypt) (EZK.31:15)

Human Town-en"> Town ; Destruction - to cause (walls and ramparts) to mourn (because of having been destroyed) (LAM.2:8)

לָנָה

(1) verb | לָנָה, לָנָה, לָנָה | וּלְ

(a) *Associate (Action)* verb, ni

= to associate oneself with another person, a group of people, or a deity for a particular purpose; • agent: human; goal: human, divine - to join; to join oneself (GEN.29:34; NUM.18:2,4; EST.9:27; PSA.83:9; ISA.14:1; 56:3,6; JER.50:5; DAN.11:34; ZEC.2:15)

Group [show/hide contextual meanings]

־ - to join X, join oneself to X (GEN.29:34; ISA.56:3; JER.50:5; ZEC.2:15)

־ - to join X, join oneself to X (NUM.18:2,4; ISA.56:6)

־ - to join X (PSA.83:9)

God - to join oneself (to YHWH and worship him) (ISA.56:3,6; JER.50:5; ZEC.2:15)

Marriage ; Affection - to join (one's wife as a caring and devoted husband) (GEN.29:34)

Warfare - to join (an army) (PSA.83:9)

Work ; Priesthood - to join (the priests in order to minister in the tabernacle) (NUM.18:2,4)

(b) *Interfere (State/Process)* verb, qal

as [a] but extended to events: = to happen continually to someone; • applies to: event - to go (with); to remain (with); to accompany (ECC.8:15) [show/hide contextual meanings]

־ - to go, remain with X; to accompany X (ECC.8:15)

Joy ; Work ; Well-Being - (joy can) accompany (humankind in their hard toil) (ECC.8:15)

(2) verb

(a) *Possession (Action)* verb, qal

= to receive money or other valuables from someone else, which can be used for some time but is to be returned later, either or not with interest; ≈ often associated with poverty - to borrow (DEU.28:12; NEH.5:4; PSA.37:21; PRO.22:7; ISA.24:2)

Possession [show/hide contextual meanings]

- - to borrow X (DEU.28:12; NEH.5:4; PSA.37:21; PRO.22:7)
- פִּמְלֵנָה פֶּלֶן - lender and borrower (as opposites that meet the same fate) (ISA.24:2)
- Poverty ; Slavery** - (the) borrower (is enslaved by the lender) (PRO.22:7)
- Poverty ; Well-Being** - to borrow (out of poverty) (DEU.28:12; NEH.5:4)

- (b) **Possession (Causative)** verb, hi
 = to give money or other valuables to someone else, which can be used for some time but is to be returned later, either or not with interest; ≈ often associated with wealth and acts of charity - to lend (EXO.22:24; DEU.28:12,44,44; PSA.37:26; 112:5; PRO.19:17; 22:7; ISA.24:2)
Possession [show/hide contextual meanings]

- - to lend X (EXO.22:24; DEU.28:12,44,44; PSA.37:26; 112:5; PRO.19:17; 22:7)
- פִּמְלֵנָה פֶּלֶן - lender and borrower (as opposites that meet the same fate) (ISA.24:2)
- Charity** - to lend (as an act of charity) (PSA.37:26; 112:5)
- Charity ; God** - to lend (to YHWH, i.e. to get a reward later for acts of charity) (PRO.19:17)
- Poverty ; Slavery** - (the) lender (enslaves the borrower) (PRO.22:7)
- Poverty ; Well-Being** - to lend (to those who are poor) (EXO.22:24; DEU.28:12,44,44)

A análise dos dois exemplos acima indica uma microestrutura organizada hierarquicamente e constituída de quatro níveis: (1) entrada do verbete (lema); (2) classes básicas (verbo, adjetivo, substantivo); (3) significado lexical (campo semântico vocabular); e (4) significado contextual (campo semântico contextual). Nota-se que o significado é estabelecido com base em uma análise puramente semântica, enquanto que as considerações filológicas e gramaticais desempenham um papel de menor importância no processo e são praticamente inexistentes. Para *campo semântico vocabular* e *campo semântico contextual*, o texto denominado “Base Teórica”, disponível no site do SDBH (versão em português), apresenta as seguintes explicações:

O *campo semântico vocabular* de um lexema é aqui entendido como sua definição a partir de um mínimo de informações contextuais. Parte do que é entendido como definição normal de uma palavra quando perguntamos por ela abstraindo-a de um contexto concreto.

[...]

O *campo semântico contextual* de um lexema envolve a apreensão de seu significado nos contextos concretos em que é usada, e suas relações com o mesmo, tanto a nível lingüístico como a nível [sic] filosófico.¹⁹⁸

No exemplo acima, para a palavra אָבֵל, em seu *campo semântico vocabular* encabeçado pela glosa “grief”, encontramos a definição “to experience grief and show this by one's actions; caused by bereavement, loss, or other difficult circumstances”, seguida da glosa “to mourn”. Já no *campo semântico contextual* encontramos exemplos como:

destruction; town: to mourn the destruction of a town (Isa. 6:10)

life: to mourn someone who has died (Jó 29:25)

idolatry: to mourn over a lost idol (Oséias 10:5)

sacrifice: to mourn over the lack of materials to sacrifice (Joel. 1:9)

2.5.6 Dicionário Hebraico-Português – RB

Não obstante o *Dicionário Hebraico-Português* de Rifka Berezin ser um dicionário de hebraico moderno, sua inclusão neste trabalho se deve a uma razão especial. No capítulo 4 deste trabalho, os resultados obtidos a partir do BDB, na análise e tradução de quatro poemas hebraicos de diferentes períodos (bíblico, medieval e moderno), serão correlacionados com os resultados apresentados por um dicionário de hebraico moderno. A correlação do sistema de glosas do BDB, do início do século XIX, com as glosas apresentadas por um dicionário de hebraico moderno do final do século XX, destina-se a evidenciar a existência de uma continuidade e estabilidade na transmissão dos significados das palavras hebraicas. Dessa maneira, procuro validar as glosas do BDB mediante a comparação com as glosas de um dicionário de hebraico moderno e para essa função de correlação escolhi o dicionário de Rifka Berezin, referenciado como RB.

A macro-estrutura deste dicionário supera a média dos dicionários de Hebraico bíblico. O *front matter* é composto de um prefácio dedicado à história da língua hebraica, seguido de um texto sobre a organização do dicionário e várias informações adicionais: fontes do vocabulário (bíblico, mischnaico e liturgia judaica), *corpus* de aproximadamente 60.000 verbetes, grafia das palavras, sistema de transcrição fonética e transliteração e um texto adicional de orientação para o uso do dicionário. Cinco quadros complementam o *front matter*: abreviaturas em hebraico, lista de abreviaturas, transcrição fonética, transliteração lingüística e alfabeto hebraico. O sumário, e os

¹⁹⁸ Base Teórica. Documento, sem indicação de autor e data, disponível no site <http://www.sdbh.org/framework/fhomebody-pt.html>.

textos de agradecimentos, prefácio e organização do dicionário são apresentados em hebraico e português.

O corpo lista os lexemas alfabeticamente e é identificado no sumário como Dicionário, diferenciando-se dos dicionários bilíngües de hebraico bíblico por seguir a organização semítica da língua hebraica em lugar da organização adotada pelas línguas ocidentais, ou seja, inicia da direita para a esquerda quanto a numeração das páginas, colunas e apresentação dos dados. Uma relação alfabética bilíngüe de siglas e abreviaturas, incluída no final, pode ser considerada um apêndice.

A micro-estrutura é bastante simples e utiliza a forma de vocabulário. Cada lema hebraico (verbete na linguagem de Rifka Berezin) é seguido pela indicação da classificação da palavra e um número variável de glosas. A organização da micro-estrutura dos verbos é descrita em detalhes no texto “Orientação Geral para Uso do Dicionário” incluído no *front matter*:

Os verbos são apresentados, como é usual nos dicionários hebraicos modernos, na forma da terceira pessoa do singular do passado, em rigorosa ordem alfabética. Após o passado aparece a forma do infinitivo, separado por uma vírgula e seguido de **פ.**, que indica a categoria gramatical do verbo. Na linha seguinte, entre parênteses e em corpo menor, parecem as formas da terceira pessoa do presente e do futuro. Na tradução para o português, o verbo é sempre apresentado na forma do infinitivo.¹⁹⁹

As mesmas duas palavras utilizadas para exemplificar a micro-estrutura dos dicionários anteriores (com exceção do SDBH) são apresentadas abaixo como exemplos da micro-estrutura do RB.

levantar, subir, elevar, alçar; crescer;	גָּאָה , לְגַאֹת פ.
tornar-se importante	(גִּאָה , יִגְאֶה)
apiedar-se, ter misericórdia, indultar	חָנַן , לְחַנֵּן פ.
perdoar, dar anistia; dar, doar	(חָנַן , יַחְנִין)

2.6 DICIONÁRIOS ANALÍTICOS, VOCABULÁRIOS E OUTRAS AJUDAS

O estudo do hebraico bíblico, assim como do grego bíblico, dispõe de inúmeros auxílios impressos e em mídia eletrônica destinados a uma ampla variedade de usuários. Estes usuários – mercado alvo dos editores – incluem pessoas que nunca dominaram suficientemente esta língua,

¹⁹⁹ BEREZIN, Rifka. *Dicionário Hebraico-Português*, p. XXXIV.

estudantes iniciando-se no estudo da língua, pastores, teólogos, professores, especialistas e tradutores. Os dicionários constituem uma categoria dentre os auxílios disponíveis e apresentam uma variedade de tipos com diferentes objetivos e visando diferentes públicos. Uma grande parcela deste público compreende estudantes necessitando desenvolver um vocabulário básico e aqueles cujo conhecimento do hebraico bíblico embora permita dominar passagens simples da Bíblia Hebraica, ainda encontram dificuldades com a análise de formas incomuns e irregulares de verbos e substantivos.²⁰⁰

O próximo grupo de dicionários constitui esta categoria destinada àqueles que necessitam desenvolver um vocabulário ou encontram dificuldades com a análise morfológica das palavras encontradas no texto da Bíblia Hebraica. Sua inclusão no *corpus* de dicionários observados destina-se a demonstrar seu papel complementar aos dicionários bilíngües e a função utilitária da lexicografia hebraica bíblica.

2.6.1 *The Analytical Hebrew and Chaldee Lexicon – Davidson*

The Analytical Hebrew and Chaldee Lexicon é a reimpressão de um dicionário analítico de 1848 e organizado por Benjamin Davidson. As palavras hebraicas, nas diferentes formas encontradas na Bíblia Hebraica, encontram-se relacionadas alfabeticamente da mesma maneira que em um dicionário bilíngüe e definidas morfológicamente. Isto significa que o material deste dicionário são as palavras na forma de lexemas, ou seja, palavras tais como aparecem no texto: verbos na forma conjugada e substantivos nas suas diferentes formas (singular, plural, absoluto, construto). Além de sua utilidade para o estudo da língua, funciona também como um complemento aos dicionários bilíngües de hebraico bíblico, fornecendo ao usuário a análise morfológica e a correspondente forma canônica associada à palavra consultada.

Da mesma maneira que os dicionário bilíngües, este dicionário apresenta uma macro-estrutura e uma micro-estrutura. A macro-estrutura compreende um *front matter* sofisticado constituído de prefácio, um texto sobre o objeto e plano do dicionário, uma lista de abreviações e um longo texto com informações gramaticais, intitulado “Tables of Paradigms of the Hebrew Language with Remarks and Occasional Explanations”, seguido de um texto semelhante, porém menor, para a parte aramaica com o título “Chaldee Paradigms”.

O corpo, dividido em parte hebraica e parte aramaica, é formado pelas palavras hebraicas/aramaicas tais como ocorrem no texto da Bíblia Hebraica e organizadas alfabeticamente.

²⁰⁰ Peter Whale, em seu artigo intitulado “The targeting of the New Testament Greek dictionaries”, analisa cinco dicionários de grego bíblico no contexto de dicionários destinados a diferentes públicos. In James, Gregory (ed.).

Seu conteúdo é definido no texto “The Object and Plan of This Lexicon” que faz parte do *front matter*:

Na qualidade de Dicionário Analítico, este trabalho envolve especialmente a etimologia e significação das palavras. O sumário a seguir exporá a forma de tratamento adotada:

A ETIMOLOGIA DAS PALAVRAS

1. O corpo total de palavras, contidas nas Escrituras Hebraicas, exatamente como elas são encontradas no Texto, são listadas alfabeticamente; de modo que cada uma delas, acompanhadas pelos seus prefixos, sufixos, incluindo cada modificação da forma, possa ser imediatamente encontrada mediante uma simples referência alfabética.
2. Cada palavra, assim organizada, é analisada morfológicamente de forma plena e concisa, sua composição é explicada e fornecido sua forma simples e raiz.²⁰¹

O princípio utilizado para o significado das palavras e sua apresentação encontra-se definido também no texto “The Object and Plan of this Lexicon”:

9. Uma explicação completa dos vários significados das palavras será encontrado junto com suas respectivas raízes, em sua posição alfabética.
10. Gesenius tem sido a principal fonte para as definições ao preparar-se a lexicografia; no entanto, comparou-se detalhadamente com os trabalhos do Dr. Lee, Winer, Biesenthal, Fürst e outros.²⁰²

Sua micro-estrutura é bastante simples, pois, conforme definida no item 2 do “The Object and Plan of the Lexicon”, consiste do lexema ‘analisado morfológicamente de forma plena e concisa’ junto com a indicação da raiz, sendo que apenas a raiz possui uma micro-estrutura mais elaborada. A seguir, temos como exemplo a palavra **הָאָץ**, seguida das diferentes formas encontradas no texto bíblico.

הָאָץ	I. <i>to grow up, to increase, of a plant, of water</i>
	II. <i>to be lifted, exalted, majestic.</i>
	[...]
הָאָץ	Kal inf. abs הָאָץ
	[...]
הָאָץ	Kal pret. 3 per. pl. הָאָץ

Lexicographers and Their Works, p.201-214.

²⁰¹ DAVIDSON, Benjamin. *The Analytical Hebrew and Chaldee Lexicon*, p. 7.

²⁰² DAVIDSON, Benjamin. *The Analytical Hebrew and Chaldee Lexicon*, p. 7.

[...]

תָּאָלַךְ יְ Kal fut. 3 pers. sing. masc.; יְ conv.תָּאָלַךְ

2.6.2 Old Testament Parsing Guide – BBS

O *Old Testament Parsing Guide* (BBS) de Todd S. Beall, William A. Banks e Colin Smith é um dicionário especializado para análise morfológica de verbos. Todas as formas verbais (lexemas), utilizadas no texto hebraico, reproduzido pela *Biblia Hebraica Stuttgartensia*, forma impressa do *Códice de Leningrado*, são analisadas morfológicamente. As formas verbais não são apresentadas alfabeticamente, mas de acordo com a ocorrência no texto hebraico, sendo, portanto, necessário conhecer-se o lugar no texto hebraico em que ocorre o lexema.

Sua macro-estrutura é formada pelo *front matter* – composto de introdução e lista de abreviações – e o corpo constituído por cerca de 75.000 formas verbais. A introdução informa que o texto hebraico utilizado corresponde ao da *Biblia Hebraica Stuttgartensia*.

A micro-estrutura de cada forma verbal constitui-se em uma linha e apresenta os seguintes 12 itens de informação: (1) **ChVs** – localização do capítulo e versículo do lexema considerado; (2) **Form** – o lexema (uma forma verbal incluindo prefixos e sufixos); (3) **Stem** – tronco verbal; (4) **Tense** – tempo verbal; (5) **P** – pessoa; (6) **G** – gênero; (7) **N** – número; (8) **Root** – raiz; (9) **Sfx** – sufixo; (10) **BDB** – número da página do BDB; (11) **KB** – número da página do KB; (12) **Meaning** – significado. Os itens (5), (6) e (7) são agrupados em uma única coluna sob o título **PGN** (**P**erson, **G**ender, **N**umber).

Para a forma verbal תָּלֵךְ, encontrada em Eclesiastes 3:2, temos a micro-estrutura indicada abaixo:

ChVs	Form	Stem	Tense	PGN	Root	Sfx	BDB	KB	Meaning
3:2	תָּלֵךְ	qal	inf		לֵךְ		408	411	bear, beget

Esta informação indica que תָּלֵךְ é o infinitivo construto do tronco qal da raiz לֵךְ, prefixado pela conjunção לְ (“para”) e tem como significado “gerar”, “dar a vida” (*bear, beget*). Uma demonstração do papel complementar dos dicionários analíticos em relação aos dicionários bilíngües de hebraico bíblico, encontramos na indicação das páginas do BDB e Kohler para a forma canônica (lema) e suas glosas principais.

Esta mesma forma verbal pode ser localizada alfabeticamente no *The Analytical Hebrew and Chaldee Lexicon* de Benjamin Davidson, onde encontramos a informação:

לִלְדָה pref. לָ – id. Inf. constr. יִלְד

A indicação “id.” (idem) está atrelada ao item anterior do léxico e deve ser interpretada como o tronco Qal.

A palavra נָאָה, utilizada para exemplo de micro-estrutura dos dicionários bilíngües de hebraico bíblico, pode ser encontrada no BBS mediante a localização de suas ocorrências no texto da Bíblia Hebraica, conforme ilustrado a seguir.

ChVs	Form	Stem	Tense	PGN	Root	Sfx	BDB	KB	Meaning
Exodus									
15:1	נָאָה	qal	infa		נ.א.ה		144	168	rise up
	נָאָה	qal	pft	3ms	נ.א.ה		144	168	rise up
15:21	נָאָה	qal	infa		נ.א.ה		144	168	rise up
	נָאָה	qal	pft	3ms	נ.א.ה		144	168	rise up
Ezekiel									
47:5	נָאָה	qal	pft	3cp	נ.א.ה		144	168	rise up
Job									
8:11	נָאָה־יָ	qal	impf	3ms	נ.א.ה		144	168	rise up
10:16	נָאָה־יָ	qal	impf	3ms	נ.א.ה		144	168	rise up

2.6.3 A Reader's Hebrew-English Lexicon of the Old Testament – BAC

A Reader's Hebrew-English Lexicon of the Old Testament, editado por Terry A. Armstrong, Douglas L. Busby e Cyril F. Carr, pode ser considerado um vocabulário cuja organização procura auxiliar a leitura do texto hebraico da Bíblia. Seu formato visa eliminar o tempo de consulta a um dicionário, durante a leitura do texto hebraico, para localização de informações sobre as palavras cujos significados são desconhecidos. Assumindo que seu usuário possui um conhecimento do vocabulário mais comum, este dicionário lista somente as palavras cuja ocorrência é de cinquenta vezes ou menos no texto hebraico.

Sua macro-estrutura é formada por um prefácio, o corpo constituído pelas palavras que ocorrem cinquenta ou menos vezes no texto da Bíblia Hebraica e listadas versículo por versículo segundo sua ordem de ocorrência e dois apêndices. Um apêndice lista as palavras aramaicas que

ocorrem mais de dez vezes na Bíblia Hebraica e o outro apêndice lista as palavras hebraicas que ocorrem mais de cinquenta vezes.

A micro-estrutura é constituída pela palavra hebraica em sua forma canônica, sua frequência de ocorrência (frequência no livro da Bíblia em que se encontra e frequência total na Bíblia Hebraica) e indicação da página do BDB onde o *lema* pode ser encontrado.

O exemplo abaixo ilustra a micro-estrutura para a palavra **נָסָה** em todas as suas ocorrências.

Exodus	Chapter 15
נָסָה	1 to be lifted up; exalted (2.5.5) 144
	25 to be lifted up; exalted (2.5.5) 144
Ezekiel	Chapter 47
נָסָה	5 to rise up (1.7.7) 144
Job	Chapter 8
נָסָה	11 to grow up; rise up; be lifted up (2.7.7) 144
	Chapter 10
נָסָה	16 to be lifted up, exalted (2.7.7) 144

Da mesma forma que o *Old Testament Parsing Guide* de Beall/Banks/Smith, o *Reader's Hebrew-English Lexicon of the Old Testament* referencia a palavra **נָסָה** com a página 144 do BDB para informações mais detalhadas, reforçando a importância que este dicionário ainda desempenha nos dias de hoje.

2.6.4 *Index To Brown Driver and Briggs Hebrew Lexicon –Einspahr*

O *Index to Brown Driver and Briggs Hebrew Lexicon* organizado e editado por Bruce Einspahr, como o próprio nome indica, nada mais é do que um índice que permite localizar com facilidade a página do BDB para cada palavra que ocorre na Bíblia Hebraica mais de dez vezes. No entanto, sua ordem não é alfabética, mas segundo sua ocorrência na Bíblia Hebraica. Corresponde a uma ajuda ao principiante de hebraico que esteja lendo ou traduzindo o texto hebraico, servindo de atalho para encontrar a localização da palavra no BDB e desta forma eliminar a necessidade da análise morfológica para encontrar a raiz verbal ou o substantivo/adjetivo sob a raiz correspondente.

Gênesis		Heb	Eng	Page [BDB]
Ch	V			
1	1	אלה	God	42
		לא	God	43
		את	mark of the accusative	84
		ב	in	88
		ברא	create	135
		ה	the	207
		ראשית	beginning	365
		שמי	heavens	1030
		ארץ	earth	76

2.6.5 A Student's Vocabulary for Biblical Hebrew and Aramaic – Mitchel

A Student's Vocabulary for Biblical Hebrew and Aramaic de Larry Mitchel pertence a categoria de obras destinadas aos estudantes preocupados em aprender o vocabulário das principais palavras da nova língua. Das cerca de 10.000 diferentes palavras hebraicas da Bíblia Hebraica, este vocabulário apresenta todas as palavras que ocorrem mais de dez vezes, além de incluir todas as palavras aramaicas visto que, na Bíblia Hebraica, encontramos apenas aproximadamente 650 diferentes palavras aramaicas.

Sua macro-estrutura é formada pelo *front matter* composto de prefácio, orientações de uso, bibliografia, lista de abreviações e tabela de transliteração e pronúncia; o corpo é dividido em partes hebraica e aramaica, sendo a parte hebraica organizada em cinco seções – uma para cada faixa de frequência de ocorrência: (1) mais de 500 vezes, (2) 200 a 500, (3) 100 a 199 vezes, (4) 50 a 99 vezes, (5) 10 a 49 vezes. Uma sexta seção corresponde à parte Aramaica. Dois índices no final, um para a relação alfabética das palavras hebraicas que ocorrem no vocabulário e outro para as palavras aramaicas, correspondem a um apêndice e permitem mediante uma busca alfabética identificar em qual subseção de frequência se encontra a palavra desejada.

A micro-estrutura é extremamente simples, sendo esta uma característica dos vocabulários. Cada palavra, dentro da sua faixa de frequência, é seguida pela classe gramatical da palavra, número variável de glosas, pronúncia e frequência de ocorrência.

O exemplo abaixo ilustra a micro-estrutura para a palavra **חָנַן**. A palavra **נָאֵה** não ocorre neste vocabulário devido sua frequência de ocorrência ser inferior a dez.

חָנַן be gracious to, favor; (Hith) implore favor or compassion [HA/nʾan] 77

Este vocabulário foi traduzido para o português e publicado com o título *Pequeno Dicionário de Línguas Bíblicas* visto incorporar no mesmo volume um vocabulário de grego bíblico. O exemplo acima está representado abaixo na sua versão para o português.

נָנִי ser gracioso, favorável; hit suplicar favor ou compaixão [HA/nan] 77

2.6.6 *The Vocabulary Guide to Biblical Hebrew – Pelt & Pratico*

The Vocabulary Guide to Biblical Hebrew, editado por Miles V. Van Pelt e Gary D. Pratico, foi idealizado também para o estudo do hebraico bíblico e memorização de seu vocabulário. Fundamenta-se na técnica de memorização com foco nas palavras de maior frequência de ocorrência e seu público alvo é, portanto, o estudante desta língua. Da mesma forma que o vocabulário de Larry Mitchel, o vocabulário de Pelt & Pratico apresenta as palavras que ocorrem mais de dez vezes na Bíblia Hebraica, porém, adiciona vários outros vocabulários com diferentes organizações.

Sua macro-estrutura apresenta um front matter composto de prefácio, introdução, bibliografia, lista de abreviações e símbolos. O corpo é constituído de 5 listas de palavras: (1) lista de palavras organizadas por frequência; (2) lista de palavras organizadas pela raiz comum; (3) lista de miscelâneos (compreende seis listas): (a) nomes próprios, (b) substantivos com gênero comum, (c) substantivos femininos com terminação irregular, (c) substantivos segolados, (e) adjetivos, (f) preposições); (4) lista de verbos; (5) lista de palavras idênticas com significados diferentes. Como apêndices, temos (a) uma tabela com estatística de ocorrência de troncos e conjugações verbais, (b) uma lista com seis verbos que apresentam ocorrência em todos os sete principais troncos e dez verbos com ocorrência em seis dos sete troncos, e (c) índice de palavras hebraicas encontradas no vocabulário.

Cada uma das listas acima possui uma diferente micro-estrutura, no entanto, para comparação com os dicionários anteriores, nos interessa apenas a primeira lista: ‘Palavras Hebraicas Organizadas por Frequência’, ilustrada a seguir para a palavra נָנִי.

458 נָנִי (Q) to be gracious to, show favor to, favor; (Hith) plead for grace, implore favor or compassion (77)

2.6.7 *Old Testament Hebrew Vocabulary – Pennington*

O *Old Testament Hebrew Vocabulary*, editado por Jonathan T. Pennington, consiste de um folheto com todas as palavras hebraicas (cerca de 700) que ocorrem vinte vezes ou mais no texto massorético. Estas palavras são classificadas em 18 grupos de acordo com o número de ocorrências. A peculiaridade deste vocabulário está na versão eletrônica constituída por dois CDs de áudio e que acompanham o vocabulário impresso. As glosas em inglês são baseadas no vocabulário de Miles Van Pelt e Gary Pratico.

A palavra חַן se encontra no grupo de palavras que ocorrem de 70 a 79 vezes, página 19 do folheto, e registrada em áudio, com suas glosas em inglês, no disco 1 trilha 14.

חַן to be gracious to, favor

O folheto não apresenta uma relação alfabética das palavras hebraicas que permita localizá-la dentro do grupo de frequência. Neste caso, pode-se usar, como auxílio, a lista de palavras hebraicas do *Student's Vocabulary for Biblical Hebrew and Aramaic* de Larry A. Mitchel.

2.6.8 *Biblical Hebrew Vocabulary Cards – Dillard*

O *Biblical Hebrew Vocabulary Cards*, elaborado por Raymond B. Dillard, corresponde a um conjunto de 978 cartões (*flash cards*) para o estudo do vocabulário de hebraico bíblico. Estes 978 cartões cobrem cerca de 1200 palavras correspondendo a todos os substantivos, adjetivos e verbos que ocorrem mais de vinte e cinco vezes na Bíblia Hebraica. Os cartões são numerados e um índice alfabético das palavras, no folheto impresso que acompanha o conjunto de cartões, identifica o número do cartão com a palavra. Este sistema de cartões já foi bastante popular, para o estudo do vocabulário de uma segunda língua, mas começou a perder sua importância com a popularização dos computadores. A palavra hebraica חַן corresponde ao cartão 145 com a seguinte configuração:

Lado 1:

חַן

1. חַן
2. חַנּוּם
3. חַנּוּנָה

Lado 2

be gracious, generous

1. *grace, favor*
2. *in vain, gratis, without reason*
3. *supplication*

2.6.8 As traduções interlineares

As traduções interlineares têm sido, historicamente, um instrumento de auxílio no estudo de línguas antigas e bastante populares entre os estudantes de grego e hebraico bíblicos. Seu formato exemplifica a origem da palavra “glosa” ao dispor cada palavra na língua alvo sob cada palavra correspondente da língua fonte (hebraico no nosso caso). Werner Hüllen, em um artigo intitulado “In the beginning was the gloss” reconhece na glosa o início da lexicografia inglesa e de outras línguas européias e afirma:

As glosas interlineares e marginais eram escritas certamente com a intenção primária de auxílios individuais de estudo. Elas eram fixadas por alguém em seu próprio benefício e talvez para o benefício de mais alguém e que presumivelmente teria as mesmas dificuldades com a língua latina. Contudo, ao mesmo tempo, essas glosas podem também terem sido concebidas como auxílio de ensino, visto que uma palavra difícil de entender é também uma palavra difícil de ensinar. Não há, no momento, como decidir se um instrutor novato rabiscava uma glosa por uma questão de compreensão ou com sua tarefa de ensino em mente.²⁰³

A palavra, ou glosa, na língua alvo, costuma ser o que se denomina de tradução literal, sem levar em consideração o sentido da frase, a sintaxe e muito menos a mensagem do texto original. A tradução interlinear, assim constituída, torna-se um grande dicionário bilíngüe conforme define George Steiner:

Definida estritamente, uma tradução interlinear palavra por palavra nada mais é do que um glossário total, disposto horizontalmente em unidades discretas e omitindo o critério da sintaxe normal e da ordem das palavras na língua de chegada.²⁰⁴

Segundo este entendimento, considero apropriada a inclusão das traduções interlineares do texto bíblico hebraico nesta análise de dicionários bilíngües de hebraico bíblico, por nada mais serem do que um grande glossário horizontal, além de sua origem histórica associada às glosas, de

²⁰³ HÜLLEN, Werner. In the beginning was the gloss. In Gregory JAMES (ed.), *Lexicographers and Their Works*, p. 102.

²⁰⁴ STEINER, George. *Depois de Babel*, p. 328. Tradução de Carlos Alberto Faraco. Página 308 na edição original em inglês intitulada *After Babel*.

onde resultaram os glossários e consequentemente os dicionários bilíngües.²⁰⁵ Posteriormente, utilizarei a tradução interlinear como parte da metodologia utilizada nos estudos de caso do capítulo 4.

2.6.8.1 *The Interlinear Bible Hebrew-Greek-English – Green*

Publicada inicialmente em 1976, *The Interlinear Bible Hebrew-English with Strong's Concordance Numbers Above Each Word* é uma tradução interlinear das partes hebraica e grega da Bíblia e tem sido reeditadas várias vezes. Segundo seu editor e tradutor, Jay P. Green, essa foi a primeira tradução interlinear do texto hebraico para o inglês. Além da tradução interlinear, essa edição apresenta uma tradução paralela, do próprio editor, para o inglês.

A passagem apresentada como exemplo para ilustrar a edição de Jay P. Green é de Gênesis 1:1 e será a mesma a ser utilizada para a tradução interlinear de John R. Kohlenberger III.

776		8064		430		1254		7225
הָאָרֶץ	וְאֵת	הַשָּׁמַיִם	אֵת	אֱלֹהִים	בָּרָא	בְּרֵאשִׁית		
the	and	the		God	created	the in		
earth		heavens				beginning		

Os números acima das palavra hebraicas correspondem ao sistema de numeração idealizado por James Strong e utilizado em seu dicionário (*Hebrew and Chaldee Dictionary Accompanying the Exhaustive Concordance*), incluído no final de sua concordância bíblica (*The Exhaustive Concordance of the Bible*), publicada em 1894. As informações contidas no dicionário de Strong estão reproduzidas abaixo para os números 430, 1254 e 7225 referenciados no exemplo acima de Gênesis 1:1.

430 אֱלֹהִים 'elOhlym, *el-o-heem*'; plur. of 433; *gods* in the ordinary sense; but espec. used (in the plur. thus, esp. with the art.) of the supreme *God*; occasionally applied by way of deference to *magistrates*; and sometimes as a superlative: – angels, x exceeding, God (gods)) (-dess, -ly), x (very) great, judges, x mighty.

²⁰⁵ Werner Hüllen considera a história da lexicografia como estando constituída de três fases protótipas: (1) sistema de glosas (ocasionais ou interlineares) dependentes do contexto; (2) glossário associado a um texto fonte; (3) glossário alfabético não mais associado a um único livro, mas podendo ser utilizado para qualquer livro. In the beginning was the gloss. In Gregory JAMES (ed.), *Lexicographers and Their Works*, p. 1023

1254 בָּרָא bArA, *baw-raw'*; a prim. root (absol.) to *create*; (qualified) to *cut* down (a wood), *select*, *feed* (as formative processes): – choose, crete (creator), cut down, dispatch, do, make (fat).

7225 רִשְׁיֹת rE'shlyth, *ray-sheeth'*: from the same as 7218; the *first*, in place, time, order or rank (spec. a *firstfruit*): – beginning, chief (-est), first (-fruits, part, time), principal thing.

2.6.8.2 The Interlinear NIV Hebrew-English Old Testament – Kohlenberger

The Interlinear NIV Hebrew-English Old Testament, editada por John R. Kohlenberger III, foi publicada inicialmente em quatro volumes em 1979 e posteriormente em um único volume em 1987. O editor incluiu, na forma de texto paralelo, a tradução para o inglês conhecida por *New International Version* (NIV) e utiliza como equivalentes de tradução, na tradução interlinear, as mesmas palavras utilizadas pela NIV.

בְּרֵאשִׁית	בָּרָא	אֱלֹהִים	אֶת	הַשָּׁמַיִם	וְאֶת	הָאָרֶץ:
in beginning	he-created	God	**	the-heavens	and	the-earth

Devido ao fato de Kohlenberger utilizar o texto interlinear baseado no vocabulário da NIV, surgem algumas inconsistências quanto ao que se deve esperar de uma tradução interlinear: uma tradução que apresenta um equivalente para a palavra individual independentemente de seu contexto. Algumas dessas dificuldades foram evitadas pelo próprio Kohlenberger ao desviar-se de sua política geral de seguir o vocabulário da NIV e que ele denomina de ‘seis exceções’. Isso acontece, por exemplo, nos casos de acusativo cognato e para algumas palavras em que a NIV utiliza vários sinônimos e Kohlenberger prefere traduzir consistentemente por uma mesma palavra. No entanto, quando a NIV apresenta uma tradução do tipo denominado de equivalência dinâmica – uma tradução baseada no contexto e no significado da mensagem segundo o entendimento do tradutor – seu vocabulário aplicado à tradução interlinear, embora funcione como auxílio de estudo da NIV ao permitir conhecer que palavra hebraica está por detrás de sua tradução, distorce esta mesma tradução interlinear na sua função de ‘glossário disposto horizontalmente em unidades discretas’. A tradução interlinear de Kohlenberger deve, portanto, ser utilizada com cuidado, pois em muitos casos ela não apresenta o significado nuclear da palavra hebraica, mas mostra que palavra hebraica existe por trás da palavra inglesa utilizada pela NIV e cuja escolha reflete um entendimento contextual do tradutor baseado no princípio da equivalência dinâmica.

Para exemplificar o acima, utilizo duas passagens da Bíblia Hebraica em que ocorre a palavra צור e traduzidas de forma diferente pela interlinear de Kohlenberger. Na primeira passagem (Salmo 18:3) temos a palavra צור como *rock*, enquanto que no Salmo 73:26 a mesma palavra hebraica está associada com *strength of* (força de) por ser esta a tradução adotada pela NIV.²⁰⁶ Abaixo da tradução interlinear de Kohlenberger, nas duas passagens, incluo a tradução interlinear de Jay P. Green e que traduz consistentemente צור por *rock*..

Salmo 18:3

	צורי	אלי
Kohlenberger	rock-of-me	God-of-me
Jay P. Green	my rock	my God

Salmo 73:26

	אלהים	לבבי	צור
Kohlenberger	God	heart-of-me	strenght-of
Jay P. Green	God (is)	my hearth of	the rock

2.7 EXEMPLOS DE APLICAÇÃO

Nos dois exemplos abaixo procuro ilustrar a utilização dos dicionários bilíngües de hebraico bíblico no processo tradutório com ênfase nas glosas fornecidas pelo BDB. Mediante esses exemplos, ilustro, adicionalmente, a necessidade existente na língua hebraica da realização da análise morfológica para identificação da forma canônica (lema) e a opção oferecida pelos dicionários analíticos como instrumentos auxiliares do dicionário bilíngüe. Convém ressaltar que a análise morfológica, ou utilização de um dicionário analítico, são necessários quando da utilização e dicionários bilíngües tradicionais de hebraico bíblico (BDB, por exemplo), e de dicionários que utilizem campos semânticos e definições (SDBH, por exemplo). Esta necessidade praticamente anula a crítica feita ao BDB por organizar sua macro-estrutura em função das raízes hebraicas. Para melhor exemplificar as informações apresentadas no capítulo 1 (Prolegomena), não farei uso de

²⁰⁶ Esta prática de substituição da palavra צור por “equivalentes dinâmicos” do tipo “minha força”, minha fortaleza”, “meu ajudador”, etc., e de evitar-se expressões antropomórficas associadas a Deus (“poder de Deus” em vez de “mão de Deus”) originou-se com a Septuaginta (tradução da Bíblia Hebraica para o grego realizada nos século III e II a.C.). Para

dicionário analítico nestes dois exemplos. Adicionalmente, com estes exemplos, estarei reforçando os conceitos de *lema*, *lexema* e *glosa* conforme serão utilizados no capítulo 4 por quatro estudos de caso.

Ex. 1 – (Gênesis 1:1): בְּרֵאשִׁית בָּרָא אֱלֹהִים אֶת הַשָּׁמַיִם וְאֶת הָאָרֶץ

Este é um exemplo de fácil utilização do dicionário devido as palavras do texto estarem na forma de lema (forma canônica) – sendo suficiente apenas isolar os prefixos (artigo e conjunção) e a frase utilizar a estrutura padrão da sintaxe hebraica (verbo, sujeito, objeto). Apresentarei, para cada palavra – ou lexema – quando necessário, a análise necessária para a identificação do lema

- (1) בְּרֵאשִׁית Lexema formado pela preposição ב e o substantivo רֵשִׁית / “princípio” (BDB = *beginning*, p. 912) Lema: רֵשִׁית (רֵאשִׁית).
- (2) בָּרָא Trata-se de um lexema verbal que não apresenta prefixos e sufixos e a raiz verbal é deduzida diretamente (בִּרָא). Corresponde ao perfeito Qal terceira pessoa masculina, utilizada como forma canônica no hebraico. Uma consulta a um dicionário indica a glosa “criar” e permite-nos traduzir o lexema por “ele criou” (BDB = *create*, p. 135). Lema: בָּרָא
- (3) אֱלֹהִים Palavra hebraica correspondente a “Deus” (BDB = *God*, p. 41). Embora esteja no plural, toda a concordância é feita no singular; daí o verbo estar na terceira pessoa singular. Lema: אֱלֹהִים.
- (4) אֶת Partícula intraduzível utilizada para indicar que a palavra que a segue é um objeto direto definido. Não tem função semântica, somente gramatical (BDB = *mark of accusative*, p. 84). Lema: אֶת
- (5) הַשָּׁמַיִם O artigo definido ה aparece prefixado ao substantivo שָׁמַיִם / “céu” (BDB = *heavens*, p. 1029). Lema: שָׁמַיִם.
- (6) וְאֶת Partícula indicadora de objeto direto אֶת precedida da conjunção ו / “e” (BDB = *mark of accusative*, p. 84). Lemas respectivos: אֶת e ו.
- (7) הָאָרֶץ Substantivo אָרֶץ / “terra” (BDB = *earth*, p. 75) prefixado pelo artigo definido ה. Lema: אָרֶץ.
- (8) Tradução final: “No princípio Deus criou o céu e a terra.”

Nota: O *parsing* de בָּרָא pode ser obtido diretamente do BBS.

בָּרָא qal pft 3ms בִּרָא 135 (página BDB) *create*

Ex. 2 – (Gênesis 34:16): אֶת־בָּנֵי יוֹ לָכֶם: וְנָתַנוּ

Escolhi este exemplo por utilizar dois lexemas וְנָתַנוּ e אֶת־בָּנֵי יוֹ bastante distintos dos lemas correspondentes (נָתַן e בָּת) e que serão utilizados como entrada nos dicionários de hebraico bíblico.

- (1) וְנָתַנוּ Este é o verbo da frase com ו (vav conversivo) como prefixo. Visto que a consoante inicial נ não está vocalizada com o *hireq*, formando a sílaba נ indicativa de prefixo do *Niphal*, deve ser considerada como parte da raiz verbal. O aformativo נָ identifica a forma verbal como sendo primeira pessoa comum plural (“nós”). O *daguesh forte* na última consoante נ indica que ela está reduplicada e a forma verbal deve ser entendida como estando formada por נָתַנּוּ (quando a consoante final da raiz é igual àquela que começa o aformativo, há junção de ambas numa só). A raiz verbal pode ser identificada facilmente como sendo נָתַן. Pode-se concluir também que וְנָתַנוּ visto não ter prefixo, deve ser dos troncos Qal, Pihel ou Puhel; além disso, como a consoante do meio da raiz (ת) não é reduplicada, a forma somente pode ser do perfeito Qal e וְנָתַנוּ resulta na raiz verbal נָתַן. Os dicionários fornecem como glosas principais “dar”, “entregar”, “oferecer” (BDB = *give*, p. 678). O lexema pode ser traduzido por “nós demos”. Lema: נָתַן.
- (2) אֶת Partícula intraduzível, indicadora de objeto direto definido. Lema: אֶת.
- (3) בָּנֵי יוֹ Conforme indicado pela partícula אֶת, que a precede, este lexema é o objeto direto da frase. Trata-se do substantivo feminino בָּת / “filha” (BDB = *daughter*, p.123) no plural construto בָּנוֹת (“filhas”), mais o sufixo pronominal de primeira pessoa plural comum יוֹ .. (“nossas”). O sufixo pronominal neste caso tem a função de um possessivo no estado absoluto e junto com o substantivo, na forma construta, resulta na expressão literal “filhas de nós”. Lema: בָּת.
- (4) לָכֶם Lexema formado por um prefixo e um sufixo; a conjunção ל “para” (BDB = *preposition to, for*, p. 510) com o sufixo pronominal כֶּם indicativo de segunda pessoa masculino plural (“vós”). Os pronomes pessoais, quando associados com preposições têm a função de objeto direto ou indireto. No caso de associação com a preposição ל, a função do pronome é de objeto indireto. O lema, para este lexema, será a forma canônica da preposição ל. A tradução será, portanto, “para vós”, “a vós”. Lema: ל.
- (5) Tradução: “Nós demos nossas filhas a vós.”

Nota: O *parsing* de וְנָתַנוּ pode ser obtido diretamente do BBS.

וְנָתַנוּ qal wcp lcp נָתַן 678 (página BDB) *give, set*

2.8 OUTROS DICIONÁRIOS

Além dos dicionários analisados – bilíngües e analíticos – existem três que não foram incluídos nesta análise, mas merecem, no entanto, ser mencionados.

The Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament (KB) é uma tradução para o inglês do dicionário hebraico-alemão *Lexicon in Veteris Testamenti Libros* de Ludwig Koehler e Walter Baumgartner. A edição alemã foi publicada em 1953 e, segundo seus autores, foi o resultado de quarenta anos de trabalho. Trata-se de um dicionário que, atualmente, rivaliza com o BDB, segue seu mesmo padrão de erudição, faz uso a etimologia e línguas cognatas, e, embora clame ter revisto o significado de cada palavra hebraica, confirma as glosas do BDB. Neste trabalho, o dicionário de Koehler e Baumgartner foi substituído por *A Concise Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament* de William L. Holladay.

The Dictionary of Classical Hebrew, editado por David J. A. Clines, teve sua publicação iniciada em 1993 e está dividido em vários volumes. Sua peculiaridade está na abrangência, visto incluir o hebraico bíblico e o hebraico até o período cerca de 200 d.C. Além do texto bíblico, inclui o texto de Bem Sira, os manuscritos de Qumran, inscrições e outros textos. Este dicionário é analisado por Reinier de Blois em seu documento “Towards a New Dictionary of Biblical Hebrew Based on Semantic Domains”.

A Dictionary of Biblical Languages, dividido em parte hebraica e parte aramaica, consiste em uma versão eletrônica organizada por James A. Swanson em 1997 e comercializado por Logos Research Systems. Este dicionário utiliza os mesmos 93 domínios semânticos elaborados por Nida e Louw para o *Greek-English Dictionary of New Testament*.

2.9 ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE BDB, HOLLADAY, SCHÖKEL E SDBH

O conjunto de dicionários de hebraico bíblico, acima analisados, indica diferentes propósitos dos autores e editores quanto a procurar atender necessidades específicas da parte dos usuários – seja quanto ao tipo de dicionário ou ao seu nível de especialização. Relativo ao tipo, podemos classificá-los em bilíngües, analíticos e vocabulários; enquanto que referente à especialização, podemos fazer uma distinção entre os mais especializados e considerados obras de referência (BDB, Koehler-Baumgartner e SDBH), intermediários (Schökel, Holladay) e os mais simples destinados a estudantes (Sinodal e todos os tipos de vocabulário), além dos dicionários analíticos como o *Old Testament Parsing Guide* especializado na análise morfológica de verbos. Nesta comparação final, concentrar-me-ei exclusivamente nos que considero ser os principais dicionários bilíngües de hebraico bíblico em língua inglesa e portuguesa: BDB, Holladay, Schökel e SDBH. O dicionário de

Koehler-Baumgartner, não obstante ser um dos mais importantes dicionários bilíngües de hebraico bíblico da atualidade, está representado, nesta análise, pela versão concisa de Holladay.

A análise da micro-estrutura dos principais dicionários bilíngües tradicionais de hebraico bíblico (BDB, Holladay e Schökel) revela que, além da utilização de glosas como significados, todos apresentam, com mais ou menos detalhes, as seguintes informações para o caso dos verbos:

- Lema (forma canônica) e glosa principal
- Lexemas (forma verbal encontrada no texto) organizados por troncos, incluindo *parsing* e indicação de ocorrências na Bíblia Hebraica.
- Glosas classificadas por troncos verbais com indicação de ocorrências.
- Organização das informações segundo uma lógica arbitrária do lexicógrafo.

Por outro lado, o SDBH (em fase de desenvolvimento) por estar disponível apenas em forma eletrônica, apresenta uma micro-estrutura que difere em alguns aspectos dos dicionários impressos, além de apresentar, como inovações, definições (sem abandonar o sistema de glosas), permitir a identificação de campos semânticos associados às palavras consultadas e procurar organizar as informações na micro-estrutura segundo uma lógica semântica.

Nesta análise comparativa entre estes dicionários de hebraico bíblico, limito-me em demonstrar que as críticas referentes aos dicionários tradicionais, particularmente ao BDB, concentram-se em sua forma de apresentação dos dados – micro-estrutura – e utilização de glosas. Raramente é questionada a exatidão de seus significados e, independente da utilização de definições e campos semânticos, dicionários mais recentes como o SDBH e Schökel, repetem os mesmo significados em uso desde o dicionário de Gesenius, inclusive as mesmas glosas.

Gerrit Jan Van Steenberg, por exemplo, concentra sua crítica, relativa ao BDB, quanto à falta de uma organização dos dados em campos semânticos e pelo uso de glosas, sendo que em nenhum momento questiona a validade das glosas. Seu comentário, a seguir, ilustra o que ele considera um erro nas referências aos itens lexicais pertencentes ao mesmo domínio semântico.

O léxico [o BDB] apresenta uma riqueza de informações. Ele fornece extensas listas de referências. Contudo, as referências aos itens lexicais pertencentes ao mesmo domínio semântico são erráticas. Sob a entrada para **יָצַח** existe referência para **נָחַץ** (p. 731 do BDB) em Isa. 59:2, enquanto que mais exemplos poderiam ser citados. Contudo, sob a entrada para **נָחַץ** está faltando uma conexão similar com **יָצַח**, enquanto que Isa 59.2 está relacionado entre as referências (p. 309 do BDB).²⁰⁷

²⁰⁷ VAN STEENBERGEN, Gerrit Jan. *Semantics, World View and Bible Translation*, p. 187.

Em sua introdução ao *Greek-English Lexicon of the New Testament*, Louw e Nida justificam este dicionário mediante críticas aos dicionários existentes, destacando-se, dentre elas, a maneira com que os significados são tratados.

Um problema mais sério com alguns dicionários é o tratamento não sistemático com que os vários significados são tratados. [...] Uma inadequação de muitos dos léxicos existentes é a falta de tratamento sistemático de idiomas.²⁰⁸

Em contrapartida, Peter Whale, em uma análise crítica do dicionário de Louw & Nida, faz o seguinte comentário relacionado com a crítica acima:

Eles [Louw & Nida] também apresentam objeções quanto ao tratamento não sistemático de significados em outros dicionários, e ao fato de que os idiomas nem sempre são explicados. A essa altura, pode-se questionar se sempre estaremos de acordo quanto a identificação de fórmulas idiomáticas. [...] Podemos nos questionar quanto até onde será correto o lexicógrafo agir como exegeta; mas muito pior é a implicação de que as frases que não forem explicadas como idiomas deverão ser entendidas literalmente.²⁰⁹

Em seu artigo intitulado “Old Testament Sample Studies”, John Lübbe – referindo-se aos dicionários de hebraico bíblico BDB, Koehler-Baumgartner e Holladay – concentra sua crítica na organização geral da micro-estrutura desses dicionários ao mencionar que ‘apresentam primeiro alguma informação etimológica, aparentemente implicando em um significado básico, em seguida as formas que ocorrem no texto da Bíblia Hebraica (dados morfológicos), as ocorrências do item em seus vários contextos junto com várias glosas e, finalmente, dados enciclopédicos complementando as glosas’.²¹⁰ Para justificar sua crítica, John Lübbe analisa a forma como os dados relativos a לָצַד são apresentados no BDB e desenvolve uma proposta pessoal fundamentada em uma análise semântica.

A micro-estrutura para לָצַד no BDB é resumida por John Lübbe da seguinte maneira;

- Qal 1.a. ask, ask for
 - b. specific. ask as a favour, form temporary use, i.e. borrow
 - c. in weakened sense, seek, desire
- 2.a. inquire of
 - b. inquire of, consult, deity, oracle, etc
- Niph. ask for oneself specif. ask leave of absence
- Pi 1. inquire carefully
- 2. beg, practice beggary

²⁰⁸ LOUW & NIDA. *Greek-English Lexicon*, p. ix.

²⁰⁹ WHALE, Peter. The targeting of New Testament Greek dictionaries. In JAMES, Gregory (Ed.). *Lexicographers and their Works*, p. 209.

²¹⁰ LÜBBE, John. Old Testament sample studies. In J. P. Louw (ed.), *Lexicography and Translation*, p. 118.

Hiph. (prp. let one ask (successfully), give, or lend, on request, then) grant, make over to (as a favour, with or without request)²¹¹

Em seguida, John Lübbe comenta que existe uma “considerável confusão semântica” na organização acima e considera que existem apenas três significados associados com a palavra לִשְׁאֹל a despeito de suas inúmeras ocorrências (170 vezes na Bíblia Hebraica). Para ele, o primeiro significado está associado a um evento de comunicação verbal, solicitando por alguma coisa. O segundo significado corresponde a uma transação permitindo que aquele que não é o proprietário original possa utilizar um determinado objeto por um período de tempo. O terceiro significado é relativo a duas passagens (Deut. 14:26 e Ecl. 2:10) em que os significados literais de לִשְׁאֹל como um evento de comunicação não fazem sentido, devendo portanto serem entendidos em um sentido figurativo de uma experiência psicológica.

Finalmente, ele resume os três significados pertencentes a לִשְׁאֹל e apresenta algumas das possíveis glosas. Reproduzo, a seguir, a proposta de John Lübbe em inglês para que possa ser mais facilmente comparada com as glosas do BDB encontradas na Tabela 3.

1. Communication: Asking in order to obtain something
Glosses: ask, inquire, request, demand, beg.
2. Transaction: Permitting the use, for a time, of an object by one who is not the original owner
Glosses: borrow, lend, be lent.
3. Psychological event: In idioms with ‘soul’ and ‘eyes’. The urge to possess or experience something
Glosses: crave, desire, feel the urge for, want.²¹²

Independente da micro-estrutura para לִשְׁאֹל, proposta por John Lübbe, ser ou não melhor que a encontrada no BDB, permanece o fato de que as glosas continuam as mesmas. Ou seja, além da reorganização dos dados, nada muda referente aos significados de לִשְׁאֹל. As definições, propostas como informação adicional, pouco ou nada acrescentam. Este é o caso, por exemplo, da definição para a glosa *ask (asking in order to obtain something)* em que se apresenta um tipo de circularidade e que contraria o princípio defendido por alguns autores de que a definição não deve utilizar a palavra definida.²¹³

Se consideramos, segundo Bo Svensén, que ‘o propósito de um dicionário bilíngüe consiste em fornecer palavras e expressões na língua fonte com os seus correspondentes na língua alvo e que

²¹¹ LÜBBE, John. Old Testament sample studies. In J. P. Louw (ed.), *Lexicography and Translation*, p. 119-120.

²¹² LÜBBE, John. Old Testament sample studies. In J. P. Louw (ed.), *Lexicography and Translation*, p. 126.

²¹³ Para uma análise detalhada da circularidade em definições, ver *Dictionaries* de Sidney Landau p. 124-129.

sejam semanticamente os mais aproximados possíveis²¹⁴, a organização da micro-estrutura fica restringida a um papel secundário de forma de apresentação da informação. Na Tabela 3 reuni, de forma condensada, as glosas e significados apresentados pelos principais dicionários analisados (BDB, Holladay, Schökel e SDBH) para várias palavras hebraicas, sendo que algumas foram consideradas neste capítulo. Uma análise desta tabela permite constatar que (1) não há discordância entre os significados apresentados pelas glosas e (2) as definições fornecidas pelo SDBH praticamente pouco ou nada acrescentam aos significados fornecidos pelos demais dicionários. Por exemplo, as glosas ‘pedra’ e ‘corda’ são definidas respectivamente como ‘substância dura, pesada e forte, muito comum, usada para construções, como arma, etc.’ e ‘feita pelo entrelaçamento de fios de cânhamo, sisal, linho, algodão ou material similar; usada para escaladas, para manter coisas juntas, para medir, para puxar coisas, para fazer armadilhas’.

Independente da questão de melhoria da microestrutura quanto a apresentar uma melhor organização fundamentada em alguma teoria semântica moderna, as glosas continuam as mesmas. Ou seja, não existe uma correção dos significados fornecidos pelo BDB, além da perda de informações relativas à etimologia, *parsing* e línguas cognatas nele encontradas. Esta confirmação das glosas do BDB fica evidente pela análise da Tabela 3. Para as duas primeiras palavras, por exemplo, temos:

לָבַד = BDB: *mourn*; HOLLADAY: *mourn*; SCHÖKEL: *fazer luto*; SDBH: *to mourn*

אֶבֶן = BDB: *stone*; HOLLADAY: *stone*; SCHÖKEL: *pedra*; SDBH: *stone*

²¹⁴ SVENSÉN, Bo. *Practical Lexicography*, p. 140.

LEMA	BDB	HOLLADAY	SCHÖKEL	SDBH
אָבַל	mourn, lament, cause to mourn	mourn, move to mourning, observe mourning rites	fazer luto, enlutar-se, estar de luto; murchar, esgotar-se, desfalecer	to experience grief and show this by one's actions; caused by bereavement, loss, or other difficult circumstances – to mourn
אֶבֶן	stone; in natural state used as pillow; stone, as material, of tablets; precious stone; weight; plummet.	stone, variety of contexts: single stone; precious stone; building material; weapon; plummet; stone tablets.	pedra, pedra bruta, pedra lavrada, seixo; pedra, gema; pedrisco; lápide, prumo, peso (de balança).	stone = hard, heavy, and strong substance, very commonly found, used for throwing, building, etc. gemstones = small object, consisting of a variety of stone that is considered precious because of its beauty and scarcity; used as ornament or decoration.
גָּאָה	rise up; rise up of waters; grow up of plants; be lifted up, exalted.	be, become high: of plants, waves, God	crescer (a água, o papiro); ser sublime, atuar com grandeza; envaidecer-se.	(*)
קָבַל	bind, pledge. 1. bind; 2. bind by taking a pledge of, hold by a pledge, take or hold in pledge, take pledges (getting power) over the poor.	take something in pledge; exact a pledge of someone; forced to give a pledge.	tomar como penhor, como fiança, como garantia; exigir penhores; empenhar-se, ser fiador.	possess = to seize an object as a pledge for a loan, to take a pledge.
קֶבֶל	cord, territory, band. 1. cord, rop (by which men were lowered, or stones dragged, tackling of ship, for binding, symbol of captivity); 2. measuring-cord, line; 3. Measured portion, lot, part, region, band, 4. company of prophets.	rope, cord; snares, line as a unit of measure; plot of ground.	corda, cordel, sogá, cordinha, maroma, cabo, barbante, cordame; medida, lote, parcela, chácara, região, comarca; laçadas, redes, ataduras, cadeias, laços, grupo, bando.	cords = piece of stout cord; made by twisting together strands of hemp, sisal, flax, cotton, or similar material; used for climbing, keeping things together, measuring, drawing things to oneself, making traps, etc.; often used in a figurative sense to refer to conditions that try to take control of people; a rope tied around the head is a symbol of submission – rope, cord.
קָנָה	shew favour, be gracious (of man, of God). Seek or implore favour (of man, of	be gracious to someone (of God), (of men); graciously provide someone with	apiedar-se, mostrar bondade, favorecer, presentear, fazer um favor.	(*)

	God).	something; generous		
מִסָּה	stop up (Ez 30:11); muzzle (Deut 25:4)	block (road of travellers) Ez 39:11; muzzle (ox when threshing) Deut 25:4	obstruir (Ez 30:11); amordaçar (Deut 25:4)	to prevent someone from doing what that person intends to do by putting an obstacle in their way (Ez 30:11); to place a guard, made of rope or leather strips formed into a loose mesh, over or around the mouth of an animal to prevent it from biting or eating (Deut 25:4)
הִלַּךְ	I join oneself, be joined unto II borrow	I join, attach oneself to II borrow	I unir-se, ligar-se, aderir, associar-se II pedir, receber, tomar emprestado	I to associate oneself with another person, a group of people, or a deity for a particular purpose; II to receive money or other valuables from someone else, which can be used for some time but is to be returned later, either or not with interest; often associated with poverty – to borrow
שָׁאַל	ask, ask for, ask as a favour for temporary use (borrow); seek, desire; inquire of consult; ask for oneself; inquire carefully; beg, practise beggary; give, lend, grant	ask; inquire of, consult; ask for something, request, demand; wish for, desire; inquire, beg; lend	perguntar, consultar, interrogar; pedir, reclamar; saudar, desejar-lhe saúde; pedir, obter permissão; mendigar; conceder, outorgar	(*)

(*) Informação não disponível.

Tabela 3: Comparação de glosas e definições entre BDB, Holladay, Schökel e SDBH

3. O BDB COMO MODELO DE SISTEMA LEXICAL BILÍNGUE

Grammarians and lexicographers have conspired to assist the humblest interpreter in extracting the sacred treasure. The tools they have placed at the disposal of Bible students are the envy of all who must work in less favorably endowed areas of philological study. – Frederick Danker²¹⁵

No capítulo anterior coletei e analisei um corpo de dados constituído pelos principais dicionários de hebraico bíblico em língua inglesa e portuguesa. Além disso, identifiquei o movimento surgido dentro da lexicografia bíblica – particularmente por parte das United Bible Societies – de crítica ao BDB e seu tradicional sistema de glosas, também utilizado pelos dicionários bilíngües, e a ausência de uma teoria semântica na organização da micro-estrutura dos dicionários de hebraico bíblico.

Neste novo capítulo, concentrar-me-ei na análise do movimento em favor de dicionários bilíngües bíblicos baseados em domínios semânticos e nas críticas aos dicionários bilíngües tradicionais de línguas bíblicas (hebraico e grego). Como ponto de partida, farei uso de uma analogia com o modelo de tráfego telefônico utilizado com sucesso ao longo do século XX. Na continuidade, desenvolverei a hipótese de dicionário bíblico bilíngüe como modelo de um sistema lexical bilíngüe e de seu papel na cadeia de transferência de significados, para então utilizá-lo na defesa dos dicionários tradicionais de hebraico bíblico, particularmente o BDB.

Na lexicografia grega bíblica, o movimento relativo à utilização de definições e organização das palavras (lemas) em campos semânticos se concretizou com a publicação do *Greek-English Lexicon of the New Testament Based on Semantic Domains* pelas United Bible Societies (UBS), enquanto que na lexicografia hebraica bíblica encontra-se em processo de elaboração *A Semantic Dictionary of Biblical Hebrew* (SDBH) – também pelas United Bible Societies (UBS) – analisado no capítulo anterior. Paralelamente ao movimento e produção desses dicionários, tem sido frequente, em trabalhos sobre lexicografia bíblica, a crítica ao BDB pela utilização de glosas, uso da etimologia, línguas cognatas e a forma de apresentação de suas informações (micro-estrutura). Paradoxalmente, a crítica não tem abrangido a validade dos significados transmitido pelo sistema de glosas, mas simplesmente sua utilização e organização. Na verdade, tem-se verificado uma total concordância entre dicionários e vocabulários de hebraico bíblico quanto aos significados das palavras que constituem o vocabulário bíblico e todos costumam apresentar as mesmas glosas,

²¹⁵ *Multipurpose Tools for Bible Study*, p. 89.

diferenciando-se apenas no que se refere à organização das informações. Critica-se assim a forma, mas aceita-se o resultado.

3.1 CRÍTICAS AOS DICIONÁRIOS BILÍNGUES TRADICIONAIS

Reinier de Blois – responsável pela elaboração do SDBH – menciona que ‘a principal fraqueza de muitos dos dicionários tradicionais de hebraico reside no fato de que em vez de fornecerem o significado de uma determinada palavra hebraica, apresentam usualmente não mais do que uma ou mais glosas desta palavra na língua alvo’.²¹⁶ Em outra parte de seu trabalho, um resumo de sua tese de doutorado, acrescenta:

A utilização de glosas pode ser enganadora. Se determinada entrada de um dicionário apresenta três glosas, o leitor comum pode ter a impressão de que esta entrada possui três significados, embora estas três glosas possam ser praticamente sinônimos uma das outras. Se desejamos conhecer o significado de uma palavra, necessitamos muito mais informações do que aquela contida em uma simples glosa. É interessante notar que os dicionários monolíngües tratam suas entradas de uma maneira muito melhor. Neste tipo de dicionários, usualmente se explica o significado de cada palavra pelo uso de uma definição.²¹⁷

John Lee, em seu livro, no capítulo denominado “The Reign of the Gloss”, após examinar alguns exemplos de glosas apresentados pelos dicionários de grego bíblico, declara:

Isso é definição pela glosa. Isto é, a apresentação de outra palavra que consiste ser, mais ou menos, o equivalente em significado na mesma língua, ou, em um contexto bilíngüe, uma palavra é apresentada como equivalente em outra língua. Tal método não somente indica significado, mas também, no caso da lexicografia bilíngüe, oferece uma tradução. A glosa é a maneira de como alguém pode traduzir a palavra para a sua própria língua; ela é uma equivalente de tradução.²¹⁸

Na continuação, o autor menciona que a crítica relativa à utilização de glosas na lexicografia bíblica desenvolveu-se lentamente, tendo aparecido somente nos últimos anos do século XX graças, principalmente, aos trabalhos de Johannes P. Louw e Eugene A. Nida, ambos da UBS. Em seguida, sob o título “A Better Method”, propõe que o que o lexicógrafo deve fazer é compor uma definição, ou seja, uma descrição da idéia, atividade ou coisa denotada pela palavra. A definição seria assim uma substituição para a glosa.²¹⁹ J. P. Louw, uma voz ativa em favor de definições no lugar das glosas e co-autor do dicionário de grego bíblico que utiliza definições e está organizado

²¹⁶ De BLOIS, Reinier. Towards a New Dictionary of Biblical Hebrew Based on Semantic Domains. United Bible Societies. Disponível em <http://www.sdbh.org/framework/index.html>

²¹⁷ De BLOIS, Reinier. Towards a New Dictionary of Biblical Hebrew Based on Semantic Domains. United Bible Societies. Disponível em <http://www.sdbh.org/framework/index.html>

²¹⁸ LEE, John. *A History of New Testament Lexicography*, p. 16.

em campos semânticos, faz o seguinte comentário no capítulo “What dictionaries are like” publicado em *Lexicography and Translation* e do qual é o editor:

Difícilmente um usuário de um dicionário – exceto aquele com algum treinamento em lexicografia – perceberá que o que é fornecido em um dicionário bilíngue não é necessariamente uma declaração a respeito de significado, porém uma lista de equivalentes de tradução ou glosas. Isto significa que *refresh* não é o significado de *délasser*, mas um equivalente na língua inglesa (uma glosa) que pode ser utilizado em determinados contextos como correspondência da palavra francesa *délasser*.²²⁰

Também W. C. van Wyk, em seu artigo “The present state of OT [Old Testament] lexicography”, publicado em *Lexicography and Translation*, faz uma crítica ao uso de glosas:

A principal objeção à tradição lexicográfica, seguida por todos os dicionários hebraicos mencionados, reside no fato que simples glosas baseadas no uso contextual, utilizadas em lugar do significado, são a verdadeiro referência por trás das assim chamadas definições.²²¹

Por conseguinte, se por um lado as glosas são criticadas, as definições são apresentadas como a solução desejável para indicação de significados das palavras apresentadas nos dicionários. Por exemplo, Nida e Louw, na introdução do *Greek-English Lexicon of the New Testament*, declaram: “Para muitos, o aspecto diferenciador e prático deste dicionário é a indicação dos significados por definições e não por glosas, como ocorre na maioria dos dicionários.”

John Lee, em defesa da utilização da definição como um método superior à glosa, apresenta seu conceito sobre o que considera ser ‘definição’:

Este não é o lugar para tentar uma discussão teórica sobre a teoria e prática da definição lexical. Será suficiente uma breve exposição de seu propósito. Uma definição é uma declaração clara e sucinta da área de significados coberta pela palavra (ou por um de seus sentidos), incluindo algumas imprecisões. A clareza, ou seja, evitar-se a ambigüidade, é essencial; mas não ao ponto de explicar cada coisa no mundo; assume-se que existe algum conhecimento (e senso comum) no usuário da língua alvo. [...] A definição seria um equivalente de substituição, isto é, uma frase (ou palavra) que quando inserida em qualquer um dos contextos produza o mesmo significado que a palavra definida; Esta “adequação” é o teste da definição.²²²

Paralelamente às críticas relativas ao uso de glosas pelos dicionários bilíngües e defesa da utilização de definições, tem havido, na lexicografia bíblica, um movimento referente à utilização de campos semânticos, seja na organização do dicionário ou na categorização das palavras. Moisés

²¹⁹ LEE, John. *A History of New Testament Lexicography*, p. 21.

²²⁰ LOUW, J. P. What dictionaries are like. In J. P. LOUW (ed.). *Lexicography and Translation*, p. 54.

²²¹ van WYK, W. C. The present state of OT lexicography. In J. P. LOUW (ed.). *Lexicography and Translation*, p. 94.

²²² LEE, John. *A History of New Testament Lexicography*, p.21

Silva, ao discutir o conceito de campos lexicais (*Wortfeld*), associa suas origens a Saussure, mencionando que, embora este não tenha desenvolvido suas idéias sobre semântica, reconheceu a importância das associações lexicais.²²³ As palavras abaixo, de Saussure, são utilizadas por Moisés Silva em apoio à sua declaração:

No interior de uma mesma língua, todas as palavras que exprimem idéias vizinhas se limitam reciprocamente: sinônimos como *recear*, *temer*, *ter medo* só têm valor próprio pela oposição; se *recear* não existisse, todo seu conteúdo iria para os seus concorrentes.²²⁴

Com esse tipo de tratamento semântico, propõe-se que os dicionários utilizem a estrutura semântica inerente de uma língua em lugar da tradicional ordem alfabética como base para a descrição dos significados lexicais. Uma realização desta proposta, conforme já mencionado, foi a publicação do *Greek-English Lexicon of the New Testament* de Louw e Nida cujas palavras estão organizadas, não mais em ordem alfabética, mas em 93 campos semânticos. Na lexicografia hebraica, o SDBH – em desenvolvimento – mantém a tradicional ordem alfabética, porém associa cada palavra hebraica a um campo semântico.

J. P. Louw contrasta a diferença entre os dicionários organizados alfabeticamente com os organizados por campos semânticos:

Tal abordagem na lexicografia revela a convicção de que as palavras possuem algum significado inerente de maneira que o inteiro conjunto de significados de uma palavra determinada estão todos intrinsecamente ligados a um significado núcleo que de alguma forma explica os diferentes significados. Os dicionários convencionais geralmente fortalecem esta visão, porque as pessoas muitas vezes acham difícil perceber que palavras são meramente símbolos ou sinais representando significados. Por outro lado, os dicionários de domínio semântico listam as diferentes palavras para uma determinada área de significado, e isto auxilia a visualização de como um determinada língua descreve uma dada área de significado. Isto é muito mais útil para os tradutores visto que o tradutor necessita muito compreender a faixa de significados expressos por diferentes palavras do que a faixa de significados expressa por uma única palavra. Isso é imperativo se o tradutor precisa distinguir entre glosas.²²⁵

Assim, em oposição ao tradicional sistema de glosas e classificação alfabética utilizados pelos dicionários bilíngües (prática adotada também pela lexicografia bíblica) – no caso da lexicografia hebraica, resultado de uma longa tradição de uso da língua hebraica, de antigas traduções para outras línguas (grego, siríaco, aramaico), de estudos filológicos comparativos com outras línguas

²²³ SILVA, Moisés. *Biblical Words and Their Meaning*, p. 161.

²²⁴ SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística Geral*, p. 134-135. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein.

semíticas, e de uma produção contínua de dicionários – têm se apresentado, nos últimos anos, uma defesa pela utilização de campos semânticos e definições.

Os comentários acima, relativos à introdução na lexicografia bíblica (grego e hebraico) de campos semânticos (ou domínios semânticos) e definições, além das críticas ao sistema de glosas, revelam uma tentativa de aperfeiçoamento dos dicionários bilíngues quanto modelos do processo lingüístico semântico que ocorrem em nossas mentes. Procura-se, assim, um modelo que represente de maneira mais precisa o sistema lexical bilíngüe real e – em se tratando de lexicografia – produza melhores resultados que os modelos tradicionais em uso; no caso da lexicografia hebraica bíblica, resultados melhores que os apresentados pelo dicionário bilíngüe hebraico-inglês BDB.

Apesar de parecer inegável a vantagem de uma definição sobre uma glosa, da utilização de uma teoria semântica na explicação das palavras e do conceito de campos semânticos na organização das palavras, os dois dicionários (em língua inglesa) mais respeitáveis e tradicionais da lexicografia bíblica (BDB para o hebraico bíblico e BADG²²⁶ para o grego bíblico) continuam sendo a referência na lexicografia bíblica e, praticamente, continuam insubstituíveis. A razão dessa longevidade e o mérito das novas tendências serão investigados a partir de uma analogia e análise de um conhecido modelo matemático para o dimensionamento de equipamentos de telecomunicações, desenvolvido no início do século XX, e que ficou conhecido como modelo ou fórmula de Erlang.

3.2 A CONCEPÇÃO DE MODELO DE SISTEMA

Primeiramente, vejamos o que se entende por *sistema* e *modelo*. Segundo um dicionário filosófico, *sistema* é um “conjunto de elementos, materiais ou não, que dependem reciprocamente uns dos outros de maneira a formar um todo organizado”,²²⁷ definição esta que nos permite reconhecer que quase qualquer coisa pode ser um sistema. Podemos falar, portanto, de ‘sistema nervoso’, ‘sistema solar’, ‘sistema de três equações’, ‘sistema do Rio Mississipi’, e assim por diante.²²⁸ Esta concepção de sistema nos permite identificar, por extensão, o processo lingüístico de

²²⁵ LOUW, J. P. A Semantic Domain Approach to Lexicography. In J. P. LOUW (ed.), *Lexicography and Translation*, p. 167.

²²⁶ BADG: ARDNT, W. F.; F. W. GINGRICH & F. DANKER. *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*. Segunda edição revisada de W. Bauer *Griechisch-Deutsches Wörterbuch zu den Schriften des Neuen Testaments und die übrige urchristliche Literatur*, por F. W. Gingrich e F. S. Danker. Chicago: University of Chicago Press, 1979.

²²⁷ LALANDE, André. *Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia*, p.1034.

²²⁸ CLELAND, David I. & William R. KING. *Management: A Systems Approach*, p. 31-32.

atribuição de significados às palavras como um ‘sistema lexical’ existente na mente do falante de uma língua.

Por outro lado, um *modelo* resulta da necessidade de tratamento teórico e sistemático de um sistema real. Trata-se de uma representação abstrata de um sistema real ou de um fenômeno observável. De acordo com David Cleland e William King, “Muitos modelos úteis são abstrações da realidade. Portanto, os modelos incorporam determinados aspectos do sistema real que eles representam e simultaneamente omitem outros aspectos do sistema real.”²²⁹ Quando estudamos sistemas complexos, necessitamos construir um modelo abstrato que o represente e permita seu tratamento teórico, experimental e, se for o caso, matemático. A construção de um modelo teórico permite a simulação em tempo real do sistema estudado e sua construção tem utilizado técnicas comuns de abstração, analogia e simplificação, que permitem o estudo das características ou aspectos comportamentais do sistema representado sob diferentes condições. O modelo em si nada mais é, portanto, que “uma representação de objetos, eventos, processos, ou sistemas e é usado para predição e controle.”²³⁰

Antes de desenvolver a idéia de dicionário como modelo de léxico mental, analisarei um caso real, utilizado na engenharia de tráfego telefônico, por ser um dos mais bem sucedidos modelos quanto a sua durabilidade, simplicidade e aplicação prática. Este exemplo ilustrará bem as características desejáveis de um modelo e a direta associação existente entre seu sucesso e os resultados obtidos de sua utilização, permitindo assim uma analogia e compreensão do dicionário bilíngüe como modelo de um sistema e uma melhor análise de seu desempenho.

Com a invenção do telefone por Graham Bell em 1876²³¹ e o rápido desenvolvimento de sistemas telefônicos, tanto manuais como automáticos, levou à necessidade, no início do século XX, de se estabelecer um compromisso entre a quantidade de equipamentos instalados (N), o tráfego telefônico oferecido pelos usuários (A) na forma chamadas telefônicas com durações variáveis (t) por unidade de tempo (T). Esse compromisso foi definido como grau de serviço (B) na forma da

²²⁹ CLELAND, David I. & William R. KING. *Management: A Systems Approach*, p. 40.

²³⁰ JOHNSON, Richard A.; Fremont E. KAST & James E. ROSENZWEIG. *The Theory and Management of Systems*, p. 201-202.

²³¹ Graham Bell registrou a patente de seu dispositivo para a reprodução da voz em distâncias relativamente grandes em 14 de fevereiro de 1876. MONTILLOT, L. *Téléphonie Pratique*, p.12. Embora a patente tenha sido registrada em 14 de fevereiro, a primeira transmissão de voz de que se tem conhecimento, na forma da célebre frase de Bell para Watson “Mr. Watson, come here I want you!”, aconteceu em 10 de março. O incidente casual com D. Pedro II, na Exposição de Filadélfia, reconhecido historicamente como a centelha para o sucesso do telefone, aconteceu em 25 de junho do mesmo ano. Nessa exposição, D. Pedro II, ao experimentar o invento de Bell, pronunciou a frase “I hear, I hear!” Outra versão relata que ele exclamou em português: “Meu Deus! Isto fala!” BROOKS, John. *Thelephone*, p. 47-52.

probabilidade de uma chamada, em determinado momento, encontrar todos os equipamentos ocupados e conseqüentemente não ser atendida.²³²

O sistema considerado, neste caso, era constituído pelo conjunto de equipamentos telefônicos e sua interação com seus usuários (assinantes) de comportamento aleatório²³³ do qual resultava um determinado número de chamadas por unidade de tempo (a hora de maior tráfego em um dia comercial) de determinada duração (constante ou exponencial), desistência, espera ou repetição da chamada em forma de novas tentativas.

Em 1917, A. K. Erlang, um engenheiro que trabalhava para a Companhia Telefônica de Copenhagen, desenvolveu um modelo matemático que permitia a determinação da quantidade de equipamentos (N) para um determinado volume de chamadas telefônicas por unidade de tempo (A) a partir de um grau de serviço (B) representado por uma probabilidade de perda de chamadas (por exemplo, uma chamada perdida para cada mil oferecidas: $B = 0,001$) denominada de grau de serviço.²³⁴

Segundo o conceito que *modelo de sistema* é a ‘abstração de um sistema real complexo, incorporando determinados aspectos deste sistema real que eles representam, enquanto que omite outros aspectos deste mesmo sistema real’, Erlang formulou uma série de hipóteses simplificadoras em que considerava, por exemplo, que o número de assinantes era infinito e portanto o tráfego oferecido ao sistema independia do estado do sistema, a duração das chamadas telefônicas era constante, não havia espera por parte do assinante – ou usuário – e nem tampouco qualquer nova tentativa da mesma chamada.

O modelo proposto por Erlang – ver Figura 7 – consistia em uma relação matemática entre as três principais variáveis que caracterizavam o sistema: grau de serviço (B), tráfego (A) e quantidade de equipamentos (N). Com sua fórmula (uma abstração matemática de uma realidade complexa constituída por pessoas e equipamentos) tornava-se possível – mediante simples operações de multiplicação, fatoração e divisão – determinar o grau de serviço B (probabilidade de perda de uma

²³² Para a teoria de congestionamento em sistemas telefônicos, ver BEAR, D. *Principles of Telecommunication Traffic Engineering*; SYSKI, R. *Introduction to Congestion Theory in Telephone Systems*, p. 22.

²³³ Enquanto alguns usuários do sistema telefônico desistem facilmente ao não conseguirem uma ligação, outros insistem com inúmeras tentativas – criando-se assim um tráfego artificial. Além disso, a duração das ligações telefônicas é um fenômeno sobre o qual a empresa telefônica não possui controle, podendo ter as mais variadas durações possíveis. O comportamento, em geral, do assinante é um fenômeno aleatório cujo estudo estatístico se fez necessário para a formulação de modelos matemáticos adequados para os sistemas telefônicos.

²³⁴ O modelo de Erlang, conhecido como ‘fórmula B de Erlang’, foi publicado no artigo “Solution of some Problems in the Theory of Probabilities of Significance in Automatic Telephone Exchanges”. Este artigo foi reeditado no livro *The Life and Works of A. K. Erlang*, editado por Brockmeyer, Halstrom & Jensen. Copenhagen Copenhagen Telephone Company, 1948, p. 138-155. No artigo de Erlang, o tráfego (A) foi representado pela variável “y” e o número de equipamentos (N) pela variável “x”. Sua fórmula, ou modelo matemático, pode ser encontrado na página 139 do livro de Brockmeyer, Halstrom & Jensen. Este modelo se encontra esquematizado na figura 7 deste trabalho.

chamada, ou probabilidade de congestionamento do sistema) a partir de A (tráfego oferecido ao sistema) e N (quantidade de equipamentos no sistema). A fórmula mostrou-se eficiente quanto a sua facilidade de uso pois permitia a elaboração de tabelas simples de três variáveis e os resultados obtidos podiam ser comprovados mediante verificações práticas no sistema real através de medições. Simulações matemáticas posteriores, com o auxílio de computadores, comprovaram a validade do modelo.

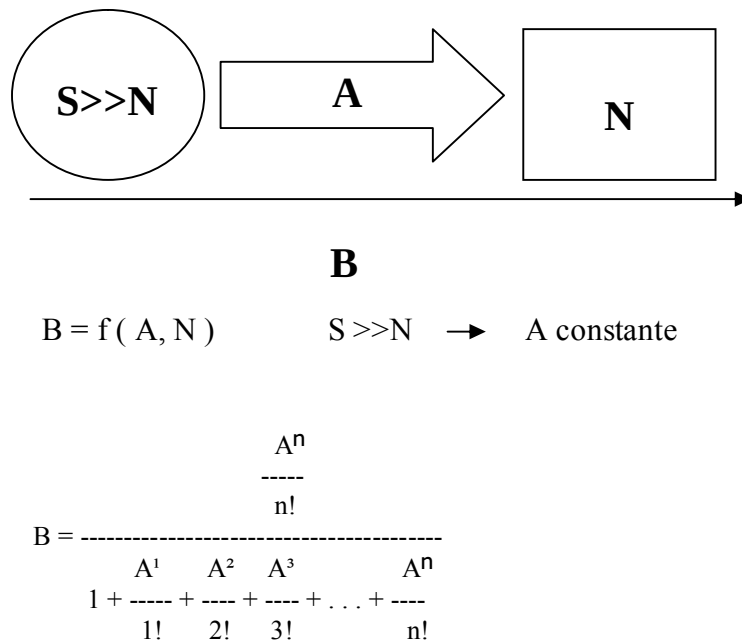


Figura 7: Modelo de Erlang para dimensionamento de tráfego telefônico

Naturalmente, o modelo de Erlang possuía limitações por se tratar de uma abstração simplificada de uma realidade complexa – o sistema telefônico composto por equipamentos e seus usuários. No entanto, suas limitações e simplificações não comprometiam os resultados obtidos e sua simplicidade foi, talvez, a principal razão de seu sucesso e sua utilização por, praticamente, todos os engenheiros de tráfego responsáveis pelo dimensionamento de sistemas telefônicos. Ao longo dos anos outros modelos teóricos foram desenvolvidos, sempre com o intuito de representar com mais precisão a realidade espelhada. Na década de 70, por exemplo, um teórico francês de nome Le Gall dedicou-se ao estudo de modelos teóricos mais precisos e que levavam em consideração alguns dos comportamentos do usuário do sistema telefônico que o modelo de Erlang havia desconsiderado por uma questão de simplificação. Um destes comportamentos correspondia à prática dos usuários do serviço telefônico quanto a realizar novas tentativas sempre que

encontravam o sistema congestionado e que recebeu o nome de chamadas repetidas. No entanto, o modelo de Le Gall, pela sua complexidade, somente podia ser utilizado mediante o auxílio de grandes computadores e, como resultado, nunca se popularizou e tampouco substituiu o modelo de Erlang no dimensionamento de sistemas de telecomunicações.

O exemplo do sucesso do modelo de Erlang ilustra a importância de se considerar – no desenvolvimento de um modelo – o propósito para o qual está sendo desenvolvido e sua utilização. Para o caso de um estudo teórico de um sistema complexo real, destinado ao uso por especialistas, o modelo poderá ser sofisticado e complexo, procurando espelhar com a máxima precisão o sistema estudado. O mesmo tipo de complexidade e precisão será desejado para modelos que se destinam à realização de simulações com o auxílio computadores digitais ou sistemas analógicos. No entanto, no caso do modelo destinar-se para propósitos práticos e comerciais, tendo em vista determinados nichos de usuários – muitos deles não especializados e sem domínio das teorias associadas com o modelo, ou até mesmo o grande público – espera-se que o modelo apresente uma certa simplicidade e praticidade compensada pelos resultados satisfatórios.

3.3 UM MODELO SISTÊMICO PARA O DICIONÁRIO BILÍNGUE

A partir da analogia com o modelo de Erlang, procurarei demonstrar como o dicionário bilíngüe pode ser considerado um *modelo* de um *sistema real complexo*, a maneira de como realiza seu papel de *modelo* em aplicações práticas e soluções de problemas relacionados à lexicografia, para, em seguida, aplicar esta idéia ao dicionário de hebraico bíblico BDB. No capítulo final, realizarei um experimento com o BDB, utilizando-o na tradução de quatro poemas bíblicos para comprovar a hipótese de seu papel como modelo de um sistema lexical blíngüe. A idéia de abordagem do dicionário bilíngüe quanto *modelo* de um *sistema lexical mental* partiu de um comentário feito por Geoffrey Leech em seu livro *Semantics*. No capítulo “Semantics and the Dictionary”, o autor faz o seguinte comentário:

Em um sentido, um dicionário é um livro de referência na sala de estar ou em uma prateleira de uma biblioteca: em outro sentido, ele é um ‘dicionário incorporado’ que cada um de nós carrega como parte de seu equipamento mental como falante de uma língua. [...] O problema que consideraremos brevemente, então, é: “Como prover um modelo, ou sistema teórico de representação, para aquilo que um falante de uma língua conhece como seus itens lexicais”? Mas primeiro, alguma atenção deve ser dada às diferenças entre tais dicionários teóricos e os dicionários corporificados [*flesh-and-blood*] – dicionários práticos tais como o Dicionário

Conciso Oxford – que os lexicógrafos compilam e que todos nós consultamos de tempos em tempos.²³⁵

Das palavras de Leech me aproprio da idéia de dicionário como modelo de um sistema lexical teórico, o sistema lexical que compreende a competência semântica do falante de uma língua

Na parte anterior procurei demonstrar que abstrações teóricas, mesmo simplificadas, permitem estabelecer um modelo adequado para fins de utilização prática e para isto fiz uso do exemplo do modelo de Erlang – utilizado no dimensionamento de sistemas de telecomunicações – como um tipo de abstração teórica e representação do comportamento de um sistema telefônico. O intuito do modelo de Erlang era permitir – para fins de dimensionamento do sistema – determinar um número mínimo de equipamentos para o qual é oferecido um tráfego de chamadas telefônicas, obtendo-se uma qualidade de serviço expressa por uma probabilidade de congestionamento do sistema. Sua fórmula permitia entrar com o parâmetro intensidade de tráfego (A) e obter a quantidade necessária de equipamentos (N) para um determinado grau de serviço (B). Mesmo não correspondendo exatamente ao sistema que representava, sua utilização e aceitação foi fundamental no desenvolvimento dos sistemas de telecomunicações devido à sua simplicidade e à validade dos resultados obtidos. Aplicarei o mesmo princípio aos dicionários de hebraico bíblico (extensivo aos dicionários de grego bíblico e quaisquer outros dicionários bilíngües), considerando-os uma abstração e um modelo prático do sistema lexical semântico bilíngüe – existente na mente das pessoas – com o propósito de permitir a conversão semântica de palavras de uma língua de partida para uma língua alvo.

Um dos primeiros modelos analíticos semânticos, talvez mesmo o primeiro, deve-se a Ferdinand de Saussure ao diferenciar entre a palavra como um *significador* – por ele denominado de *significante* – (um mero sinal pertencente ao sistema lingüístico) e aquilo que ele *significa* – denominado de *significado* – (a imagem mental criada na mente das pessoas).²³⁶ Posteriormente, Ogden e Richards adicionaram outro termo, por eles designado *referente*. Este termo se refere a uma coisa extra-lingüística pertencente ao mundo real e denotada pelo *significador* (*significante*), a palavra escrita, falada ou lida e por eles denominado *símbolo*. Quanto ao que *significa* (*significado*), Ogden e Richards denominaram de *pensamento* ou *referência*. Estes três elementos (*pensamento* ou *referência*, *símbolo* e *referente*)²³⁷ foram representados por Ogden e Richards²³⁸ na forma de um

²³⁵ LEECH, Geoffrey. *Semantics*, p. 202-203.

²³⁶ SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*, p. 79-81, 132-136.

²³⁷ Ullmann propõe *sentido*, *nome* e *coisa*. *Semântica*, p. 119.

²³⁸ OGDEN, C. K. & I. A. RICHARDS. *O Significado de Significado*, p. 32.

triângulo (conhecido por triângulo da significação) e que, segundo Stephen Ullmann, é “o mais conhecido modelo analítico do significado”.²³⁹

Este modelo analítico de Ogden e Richards, representado pela Figura 8, corresponde, portanto, a uma abstração simplificada do sistema semântico mental de atribuição de significados, relacionando entre si três parâmetros considerados fundamentais e atendendo à definição inicial de modelo: “um conjunto de elementos, materiais ou não, que dependem reciprocamente uns dos outros de maneira a formar um todo organizado”.²⁴⁰

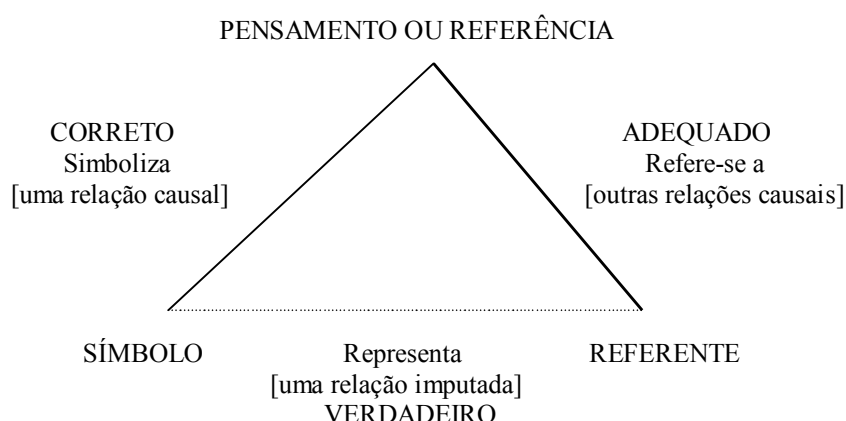


Figura 8: Modelo analítico de Ogden e Richards – triângulo da significação²⁴¹

O modelo acima é descrito por Ogden e Richards da seguinte maneira:

Isso pode ser simplesmente ilustrado por um diagrama em que os três fatores envolvidos, sempre que se declara ou se entende algo, são colocados nos vértices do triângulo, sendo as relações existentes entre eles representadas pelos lados. O ponto que acabamos de assinalar pode ser reiterado dizendo que, a esse respeito, a base do triângulo é muito diferente, em sua composição, de qualquer dos dois outros lados.

Entre um pensamento e um símbolo são mantidas relações causais. Quando falamos, o simbolismo que empregamos é causado, em parte, pela referência que estamos fazendo e, em parte pelos fatores sociais e psicológicos – a finalidade da referência que estamos fazendo, o efeito proposto dos nossos símbolos sobre outras pessoas e a nossa própria atitude. Quando ouvimos o que foi dito, os símbolos fazem com que desempenhemos um ato de referência e, ao mesmo tempo, com que assumamos uma atitude que, de acordo com as circunstâncias, será mais ou menos semelhante ao ato e à atitude de quem falou.

²³⁹ ULLMANN, Stephen. *Semântica*, p. 116.

²⁴⁰ Dentre os vários autores que discutem e/ou utilizam o modelo analítico de Ogden e Richards temos Sephen Ullmann (*Semantics*), Rolf Furuli (*The Role of Theology and Bias in Bible Translation*), Ladislav Zgusta (*Manual of Lexicography*), Moisés Silva (*Biblical Words and Their Meaning*), John Beekman e John Callow (*Translating the Word of God*) e Daniel Chandler (*Semiotics: The Basic*).

²⁴¹ Reproduzido da página 32 de *O Significado de Significado* de Ogden e Richards, p. 32.

Entre o Pensamento e o Referente há também uma relação; mais ou menos direta (como quando pensamos sobre ou prestamos atenção a uma superfície colorida que estamos vendo) ou indireta (como quando “pensamos sobre” ou nos “referimos a” Napoleão), em cujo caso poderá haver uma extensa cadeia de situações significantes intervindo entre o ato e o seu referente: palavra – historiador – relato contemporâneo – testemunha ocular – referente (Napoleão).

Entre o símbolo e o referente não existe qualquer relação pertinente a não ser uma indireta, que consiste em seu uso por alguém para representar o referente. Símbolo e referente, por outras palavras, não estão diretamente ligados (e quando, por razões gramaticais, subentendemos uma tal ligação, será meramente uma relação imputada, em contraste com uma real) mas apenas indiretamente, de um lado ao outro do triângulo.²⁴²

Ampliarei agora o modelo analítico de Ogden e Richards para permitir representar o caso de um falante bilíngüe, conforme ilustrado na Figura 9. Para um mesmo referente, temos duas palavras ou símbolos (W1 para uma das línguas e W2 para a outra língua). Um falante bilíngüe, ao pensar ou deparar-se com determinado referente, será capaz de expressar-se tanto por meio de W1 ou W2 e, da mesma forma, também será capaz de associar um mesmo referente para W1 ou W2 ao ler ou ouvir um destes símbolos ou palavras..

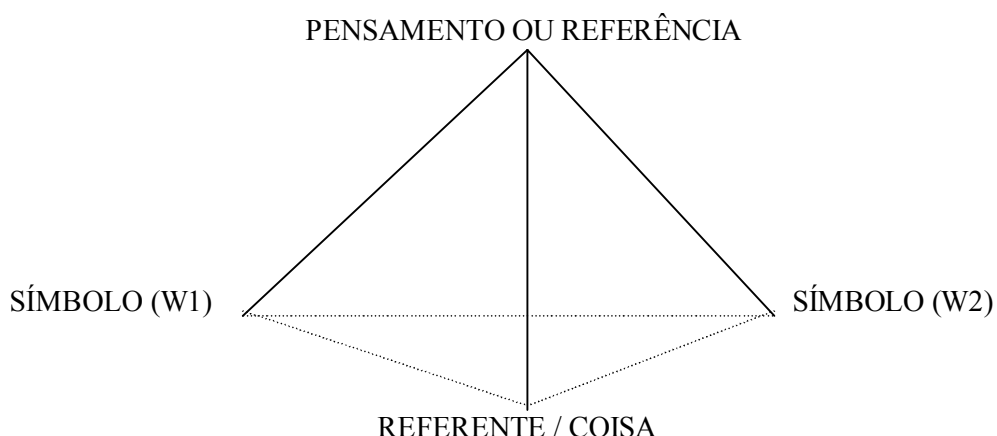


Figura 9: Modelo analítico de Ogden e Richards ampliado para uma situação bilíngüe

A partir desta ampliação do modelo de Ogden e Richards, passo a conceber um dicionário bilíngüe como a corporificação deste modelo. Para isto, fixo uma das palavras (por exemplo, W1) como língua de partida – entrada do modelo – e a outra palavra (W2) como língua alvo e, consequentemente, a saída do modelo. O processo mental realizado pelo ato de pensar, com todas as suas implicações – léxico mental, visão de mundo, conhecimento enciclopédico, etc. – poderá ser substituído por definições, glosas, campos semânticos, teorias semânticas, organização lexical,

²⁴² OGDEN, C. K. & I. A. RICHARDS. *O Significado de Significado*, p. 32-33, tradução de Álvaro Cabral.

macro-estrutura, micro-estrutura, comentários e quaisquer outros parâmetros e informações julgadas necessárias de acordo com o critério estabelecido pelo lexicógrafo.

Esta idéia estendida aos dicionários bilíngües resulta em considerar-se estes dicionários como correspondendo a um modelo de um sistema lingüístico bilíngüe, com o propósito prático de estabelecer a equivalência entre palavras de uma língua de partida e uma língua alvo, conforme ilustrado pela Figura 10. Cada dicionário bilíngüe apresenta, especificamente, uma micro-estrutura composta de “mais ou menos informações” que visa substituir o processo mental existente em um falante bilíngüe – indicado pelo pensamento ou referência no modelo analítico de Ogden e Richards – de forma a permitir ao usuário do dicionário estabelecer, com certa segurança, a equivalência entre entrada e saída (W1 com W2).

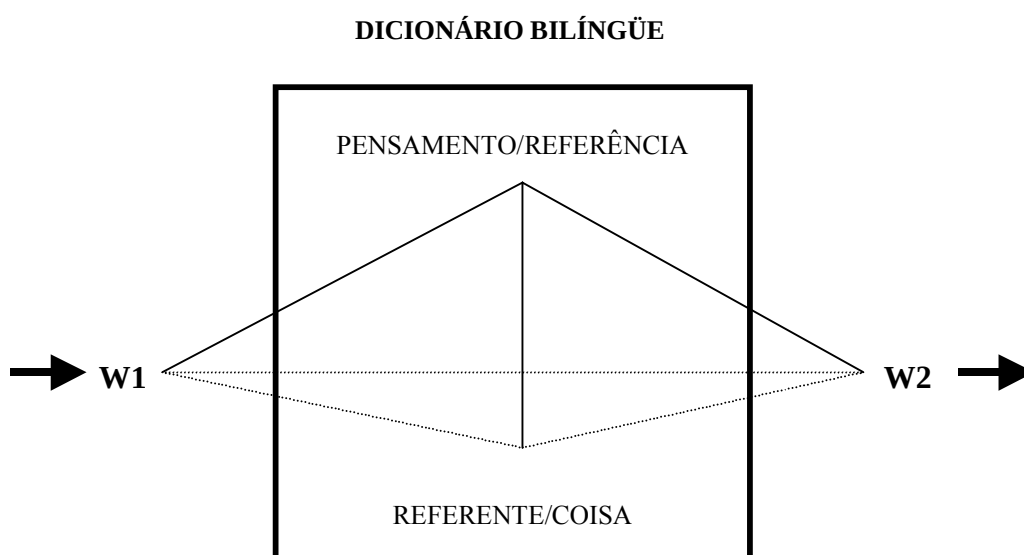


Figura 10: Dicionário como modelo analítico de um sistema lexical bilíngüe

Para o caso do dicionário de hebraico bíblico BDB (conforme já mencionado, trata-se de um dicionário bilíngüe hebraico/inglês baseado no dicionário de Gesenius do início do século XIX), discutido em 2.5.2, repito sua micro-estrutura simplificada como exemplo de modelo lexicográfico para o parâmetro *pensamento/referência*:

Micro-estrutura dos verbos:

- **lema** (raiz verbal de entrada na sua forma canônica – 3^a pessoa, singular, masculino, qal, perfeito)
- categoria gramatical

- glosas principais (glosa lexical)
- informações de línguas cognatas
- classificação por tronco verbal: para cada tronco verbal que ocorre no texto bíblico são apresentadas as seguintes informações organizadas em duas partes
 - a) indicação dos lexemas que ocorrem no texto bíblico (forma verbal conjugada), *parsing* correspondente e indicação das passagens na Bíblia onde ocorrem
 - b) glosas contextuais, classificadas segundo um critério pessoal do lexicógrafo com indicação da passagem onde ocorre aquela aplicação

O usuário parte de uma palavra (W1) – na língua de origem e na sua forma de lexema (por exemplo, um verbo na forma conjugada) – como entrada no dicionário e, caso não consiga realizar o *parsing* para encontrar a forma canônica, fará uso de um dicionário analítico especializado (por exemplo, o *Old Testament Parsing Guide* de Todd S. Beall, William A. Banks e Colin Smith). Localizada a forma canônica no dicionário, as informações encontradas na micro-estrutura correspondente simularão o processo mental de um falante bilíngüe e deverão permitir encontrar um equivalente que corresponderá a uma saída (W2 – palavra na língua alvo) no dicionário. Este processo corresponde exatamente à utilização de um modelo em que se aplica uma entrada X e se obtém uma saída Y resultante do processo executado pelo modelo e que simula o processo de um sistema real. A validade do modelo é estabelecida em função da correspondência entre a saída Y obtida pelo modelo e uma saída Y' que seria obtida pelo sistema real (um falante de hebraico dos tempos bíblicos para o caso de um dicionário de hebraico bíblico). Destacarei este propósito utilitarista do dicionário bilíngüe na continuidade deste trabalho.

3.4 BDB: UM MODELO LEXICAL BILÍNGÜE BASEADO NA TRADIÇÃO

Embora tenham surgido outros estudos teóricos, posteriores à fórmula de Erlang, e novas propostas de modelos, ela nunca foi suplantada para as aplicações a que se destinava. Era um modelo útil de um sistema complexo real, possuía uma base teórica adequada, mas, principalmente, era simples e funcionava. Os novos modelos teóricos, como o de Le Gall, embora reconhecidamente mais precisos teoricamente, ainda assim produziam resultados semelhantes que não invalidavam os obtidos pelo de Erlang. Em vez de invalidarem o modelo de Erlang, na verdade eles o confirmavam. Tiveram um papel importante na teoria do tráfego telefônico, porém destinaram-se a aplicações mais específicas. Algo semelhante ocorre com os dicionários bíblicos

bilíngües e Uriel Weinreich, em seu comentário abaixo, põe o dedo no ponto certo, embora, na verdade, esteja criticando o que denomina de tratamento não metódico na lexicografia:

Temos falado da “abordagem” lexicográfica em vez de “método”, visto que a lexicografia utiliza muitos métodos, nenhum dos quais têm sido plenamente explicado. A indiferença com que a lexicografia trata sua própria metodologia é surpreendente. Talvez esta complacência dos lexicógrafos seja devida ao fato de que o seu produto “funciona”.²⁴³

A explicação para o sucesso e longevidade do BDB, como dicionário bilíngüe de hebraico bíblico, reside não somente na erudição de Gesenius – seu autor inicial – e nas de Brown, Driver e Briggs os continuadores do dicionário em língua inglesa – mas, também, na tradição da transmissão de significados que se manteve praticamente contínua desde o século VI a.C. até o século XIX d.C. quando Gesenius iniciou seus estudos de hebraico. Esta tradição e cadeia de conhecimentos consiste principalmente na tradição de uso da língua hebraica, na tradição de antigas traduções da Bíblia Hebraica e na tradição de produção de dicionários de hebraico. Examinarei cada uma destas tradições.

3.4.1 A tradição de uso da língua hebraica

Particularmente no caso da lexicografia hebraica bíblica, ela está baseada numa longa tradição, conforme reconhecido por Koehler e James Barr.²⁴⁴ A língua hebraica, utilizada pela Bíblia Hebraica, nunca deixou, no passado, de ser totalmente utilizada, seja na forma falada ou escrita. A partir do retorno dos judeus do cativeiro em Babilônia, 539 a.C, o hebraico continuou sendo utilizado pela classe sacerdotal e por escribas, mesmo sendo suplantado pelo Aramaico como língua falada. Também a partir da diáspora, resultante da destruição de Jerusalém pelos romanos em 70 d.C. e a revolta de Bar Kokhba contra os romanos em 134 d.C., continuou o hebraico a ser utilizado por algumas classes de judeus onde quer que houvesse uma comunidade judaica e, conforme será apresentado nos parágrafos seguintes, “o hebraico continuou sendo a língua em que se orava e na qual a Bíblia era lida nos cerimoniais públicos”²⁴⁵, resultando em um conhecimento da leitura e escrita da língua por praticamente quase todo judeu.

Angel Sáenz-Badillo faz um comentário sobre a utilização do hebraico a partir do final do segundo século d.C.:

²⁴³ WEINREICH, Uriel. Lexicographic Definition en Descriptive Semantics. In Fred W. HOUSEHOLDER & Sol SAPORTA, *Problems in Lexicography*, p26.

²⁴⁴ van WYK, W. C. The present state of OT lexicography. In J. P. LOUW (ed.). *Lexicography and Translation*, p. 84, 88.

²⁴⁵ BEREZIN, Rifka. Prefácio do *Dicionário Hebraico-Português*, p. XIX.

Já mencionamos que o RH [hebraico rabínico] parou de ser utilizado como língua vernacular por volta do final do segundo século d.C., sobrevivendo por vários séculos, contudo, junto com o aramaico, como uma língua literária.²⁴⁶

Quando, a partir do século VI d.C., os escribas conhecidos como massoretas iniciaram a introdução de sistemas vocálicos representados por pontos e traços inseridos no texto consonantal, como forma de preservação da pronúncia, indicava que o hebraico ainda era utilizado e entendido. Indicava, adicionalmente, que se a escrita e a pronúncia ainda se encontravam preservadas, o mesmo acontecia com o significado das palavras, especialmente as do texto bíblico.

Ao longo da Idade Média, mesmo após a época dos massoretas, o hebraico continuou preservado pelas comunidades judaicas distribuídas pela Europa, segundo observa Angel Sáenz-Badillo:

A nova vitalidade foi limitada ao hebraico como uma língua literária, mas isto não significa que a língua tenha desaparecido inteiramente do uso diário. Mesmo embora as comunidades judaicas distribuídas pelo mundo tendessem a adotar a língua do país em que se encontravam, eles continuavam a orar e a ler a Bíblia em hebraico. Isto significava que o hebraico ainda devia ser ensinado nas escolas judaicas e o testemunho de vários viajantes da época medieval nos revela que a utilização da língua na conversação não tinha ainda cessado totalmente, visto haver algumas comunidades, poucas em número, que usavam o hebraico na vida diária. Possuímos atualmente uma considerável quantidade de documentos financeiros escritos em hebraico, incluindo, por exemplo, notas comerciais e documentos tratando de comércio, tarifas, empréstimos e outras transações financeiras.²⁴⁷

Uma prática medieval – a partir do décimo século – reforça a tese de preservação do conhecimento do hebraico bíblico e do significado de suas palavras entre os judeus ao longo de sua história. A partir de um reavivamento do hebraico como língua literária, os judeus residentes em regiões islâmicas tendiam a utilizar o árabe para a prosa, porém preferiam o hebraico para a poesia. Dentre esses autores temos Saadiah que escreveu sua poesia em hebraico, embora tenha utilizado o árabe para praticamente toda a sua obra em prosa, por exemplo, seus trabalhos sobre gramática e lexicografia. Moses ibn Ezra e Judah Halevi são exemplos de autores radicais quanto a pureza do hebraico bíblico e sua utilização na poesia e oração pública. Angel Sáenz-Badillo cita uma passagem de um texto de Ibn Ezra em que este determina regras de padrões de pureza relacionadas ao uso do hebraico bíblico em aplicações litúrgicas e poesia:

Cada coisa que você encontrar nele [o texto da Bíblia], faça uso, e quando não conseguir encontrar o que deseja, não faça aplicação por analogia. Vá onde a

²⁴⁶ SÁENZ-BADILLO, Angel. *A History of the Hebrew Language*, p. 202.

²⁴⁷ SÁENZ-BADILLO, Angel. *A History of the Hebrew Language*, p. 202-203. Sáenz-Badillo acrescenta que estas regras nunca foram plenamente obedecidas, nem mesmo nos trabalhos do próprio Ibn Ezra.

língua vai e pare onde ela para, como um imitador, não como criador, nem como um inventor ... Caso encontre uma das muitas raízes conjugada apenas no *Infi'al* e *Itfi'al* ou um verbo cujo sujeito não esteja especificado, não o conjugue exceto nas formas em que for encontrado. Seja cuidadoso com respeito ao plural e singular, exceto onde seja conhecida uma forma similar ou esteja realmente atestada [na Bíblia].²⁴⁸

Além de Saadiah, Moses ibn Ezra e Judah Halevi, outras autoridades judaicas da Idade Média, como Ibn Janh e Abraham ibn Ezra, empenharam-se de diferentes maneiras na recuperação de uma completa pureza na língua. Sáenz-Badillo reforça, no comentário abaixo, a prática destes autores quanto a limitar-se às formas verbais e ao gênero e número utilizados na Bíblia Hebraica:

Em geral, portanto, o ideal defendido pelos eruditos contemporâneos era de uma linguagem bíblica pura, um tema recorrente nas obras de, dentre outros, Moses ibn Ezra, Judah Halevi, e Abraham ibn Ezra, que provavelmente tinham em mente os excessos de Saadiah e sua escola na criação de novas formas lingüísticas. Assim eles defendiam que um poeta sempre deveria empregar formas gramaticalmente corretas, sem procurar criar novas pelo uso arbitrário de analogias. Um verbo somente seria utilizado nas conjugações derivadas naquilo que fosse encontrado nas Escrituras e não outras embora teoricamente possíveis. Quanto a substantivos, o número e gênero da língua clássica teria de ser respeitado e os substantivos somente seriam utilizados nos padrões morfológicos atestados na Bíblia – sendo que somente para o infinitivo algumas novas formações eram admissíveis.²⁴⁹

Rifka Berezin reforça esse entendimento de preservação do hebraico bíblico pelos judeus durante o período medieval:

Os escritores judeus tinham à disposição, portanto, dois modelos dentre os quais podiam optar: o hebraico tradicional bíblico e o hebraico *mischnaico*, e ao longo da Idade Média judaica (600 d.C. a 1700) o povo judeu produziu uma vasta literatura nos diferentes países da diáspora: Norte da África, Espanha, Itália, França e Alemanha. É o momento das Escolas de Tradução, dos estudos da Gramática, do desenvolvimento da Filosofia, da Exegese bíblica e das Ciências. Nos seus escritos, principalmente na Filosofia, os judeus utilizaram também o árabe, mas, nos textos em hebraico davam continuidade à linguagem da Mischná e dos Midraschim. No que se refere à poesia, entretanto, deu-se preferência à nobreza da língua do primeiro período: o hebraico bíblico. É a fase da poesia litúrgica, o *Piyut*.²⁵⁰

Na Idade moderna, a partir da segunda metade do século XVIII, deu-se o movimento iluminista judaico denominado *Haskalah*, iniciando-se uma genuína modernização do hebraico. Os mais importantes representantes deste movimento cultural procuraram restaurar o hebraico como língua viva, e a maioria estabeleceu uma forma pura de hebraico bíblico para a poesia.²⁵¹ Este

²⁴⁸ Texto de Moses ibn Ezra citado em Angel Sáenz-Badillos, *A History of the Hebrew Language*, p. 225.

²⁴⁹ SÁENZ-BADILLO, Angel. *A History of the Hebrew Language*, p. 230.

²⁵⁰ BEREZIN, Rifka. Prefácio do *Dicionário Hebraico-Português*, p. XX.

²⁵¹ SÁENZ-BADILLO, Angel. *A History of the Hebrew Language*, p. 206, 267-268.

movimento iluminista (*Haskalah*) é descrito abaixo por Rifka Berezin, com destaque para a utilização do hebraico bíblico na poesia:

No final do século XVIII teve início o movimento iluminista judaico a *Haskalá* que se prolongou pelo século XIX. A literatura dos iluministas judeus caracterizou-se, no seu aspecto formal, pela adoção dos gêneros literários europeus da época; do ponto de vista conceitual, contudo, houve novo retorno às fontes bíblicas. A *Haskalá*, além de lançar os alicerces do sionismo através de seus temas bíblicos que despertaram o anseio por uma existência livre na antiga terra, também preparou o terreno para o renascimento do hebraico como linguagem de comunicação oral. Os escritores da época optaram por ater-se estritamente ao vocabulário e à gramática do texto bíblico.²⁵²

O resultado dessa longa tradição e continuidade de uso do hebraico bíblico na liturgia e na literatura – particularmente na poesia – contribuiu para a preservação do vocabulário hebraico da Bíblia e, conseqüentemente, sua morfologia, significados e pronúncia. Sua preservação e continuidade é comprovada pela inclusão de seu vocabulário em dicionários de hebraico moderno conforme atestado pelo dicionário de hebraico moderno elaborado por Rifka Berezin e declarado em sua introdução:

O dicionário do hebraico moderno, ora apresentado, contém aproximadamente 60.000 verbetes. Nele procura-se dar uma visão sincrônica dessa língua, sem descuidar da abordagem histórica, uma vez que foram incluídos vocábulos de todos os estratos da língua hebraica.

[...]

a. Vocabulário Bíblico: foi incluída a quase totalidade desse vocabulário e, na tradução apresentada, procurou-se dar todas as acepções do vocábulo. Para esclarecer melhor o significado encontrado na Bíblia, foram transcritos versículos em que o vocábulo em questão se encontra, com a respectiva tradução.²⁵³

3.4.2 A tradição de uso das antigas traduções da Bíblia Hebraica

Além da preservação do vocabulário de hebraico bíblico pela sua utilização nas comunidades judaicas e de seu uso na produção de poesia durante a Idade Média e na *Haskalah*, resultando em uma longa tradição quanto ao a morfologia e significados desse vocabulário, outras atividades contribuíram para o estabelecimento dessa tradição de transmissão da língua. Dessas atividades, as antigas traduções da Bíblia Hebraica para o aramaico, grego, siríaco e latim foram reconhecidas e utilizadas pelos antigos lexicógrafos de hebraico, inclusive Gesenius no início do século XIX, sendo

²⁵² SÁENZ-BADILLO, Angel. *A History of the Hebrew Language*, p. 230.

²⁵² BEREZIN, Rifka. Prefácio do *Dicionário Hebraico-Português*, p. XX.

²⁵³ BEREZIN, Rifka. Organização do Dicionário, *Dicionário Hebraico-Português*, p. XXVII.

que as traduções para o grego e aramaico datam de uma época quando o hebraico ainda era utilizado.²⁵⁴

As traduções da Bíblia se encontram na origem da história das traduções e têm desempenhado um papel importante no desenvolvimento de teorias e práticas de tradução, hoje classificadas como “estudos da tradução”. Dessas traduções, merece destaque a tradução da Bíblia Hebraica para o grego, conhecida como Septuaginta, devido seu papel fundamental na história das traduções e no estabelecimento do cristianismo. Os escritores da parte grega da Bíblia, o Novo Testamento, fizeram citações diretamente da tradução grega e, nos primeiros séculos de nossa era, a Septuaginta era a Bíblia dos cristãos não judeus. Gilbert Highet menciona que a tradução da *Odisséia* de Homero do grego para o latim, feita por Livius Andronicus por volta de 250 a.C., foi a primeira tradução literária para utilização como livro texto.²⁵⁵ Em relação à Septuaginta, iniciada no mesmo período da tradução de Livius Andronicus, Highet acrescenta que esta não foi feita com um propósito artístico e que, portanto, não foi um marco importante na história da educação. Isso é uma meia verdade. Da tradução de Livius Andronicus restaram poucos fragmentos que não despertam grande interesse editorial. Por outro lado, a Septuaginta além da existência de um número considerável de manuscritos, de estudos de crítica textual e de dicionários, é estudada e editada até hoje. Não somente isso, além de ter sido obra fundamental no desenvolvimento inicial do cristianismo, ainda é utilizada pela Igreja Ortodoxa como a parte oficial da Bíblia referente ao que é conhecido como Velho Testamento. Sendo o grego utilizado pela Septuaginta o mesmo grego conhecido por helenístico, em vez do ático ou grego clássico, ela tornou-se uma importante fonte de estudo do grego utilizado como língua franca após as conquistas de Alexandre. De acordo com Takamitsu Muraoka, “A Septuaginta é o maior corpus literário atestando o grego helenístico.”²⁵⁶

No entanto, o termo Septuaginta pode ser enganoso. Karen H. Jobes e Moisés Silva, por exemplo, declaram: “Estritamente falando, não existe realmente tal coisa denominada de Septuaginta.”²⁵⁷ A razão dessa declaração se deve ao fato de que a tradução grega da Bíblia Hebraica conhecida como Septuaginta não é o trabalho de um único tradutor e tampouco de uma única época. A Vulgata, tradução para o latim das partes hebraica e grega da Bíblia, são, na sua maior parte, o trabalho de uma única pessoa (Jerônimo) em uma época determinada (final do século IV d.C.). Por outro lado, a Septuaginta é o resultado do trabalho de tradução de várias pessoas, cujos nomes são desconhecidos, ao longo de alguns séculos (dois a três). O Pentateuco, primeiros

²⁵⁴ MILLER, Edward Frederick. *The influence of Gesenius on Hebrew Lexicography*, p. 2324.

²⁵⁵ HIGHET, Gilbert. *The Classical Tradition*, 104-105.

²⁵⁶ MURAOKA, Takamitsu. *Septuagintal Lexicography*. In Bernard A. TAYLOR, *Biblical Greek Language and Lexicography*, p. 85.

cinco livros da Bíblia Hebraica, certamente foram traduzidos no terceiro século antes de nossa era e apresentam uma unidade como obra de tradução. Porém, o mesmo não acontece com os demais livros da Bíblia Hebraica, devendo ter sido traduzidos por diferentes pessoas em diferentes lugares e em diferentes épocas.

É bem verdade que existe a *Carta de Aristéias*, escrita por volta de 130 a.C, a ela devendo-se, inclusive, o nome “Septuaginta”. Porém, embora a carta seja real, parte da história por ela relatada é considerado lenda. Segundo a carta, em Alexandria, no reinado de Ptolomeu II Filadelfo (285-247 a.C.), setenta e dois sábios de Jerusalém traduziram a Torá (Pentateuco) para o grego. Os sábios judeus tinham sido enviados pelo sumo sacerdote Eleazar, a pedido do rei, tendo sido escolhidos seis de cada uma das doze tribos de Israel, resultando nos setenta e dois. A missão dos sábios era traduzir a Torá hebraica para a biblioteca de Alexandria. Os sábios foram instalados na ilha de Faros, ficando cada um em cela separada e trabalhando individualmente sem o contato com os demais. No final de setenta e dois dias havia setenta e duas traduções gregas prontas, todas absolutamente idênticas.

A carta é ficção histórica com alguns fatos reais. São fatos reais aceitos: a época – metade do terceiro século a.C. – a cidade de Alexandria no Egito e a tradução da Torá (primeiros cinco livros da Bíblia Hebraica). De acordo com as pesquisas históricas, linguísticas e textuais, acredita-se que o trabalho de tradução de toda a Bíblia Hebraica foi realizado por diversos tradutores em épocas distintas e, provavelmente, a principal motivação tenha sido puramente de interesse dos judeus vivendo no Egito e, portanto, de ordem litúrgica, educativa e de proselitismo.²⁵⁸

No terceiro século antes de nossa era, a Bíblia Hebraica já desempenhava para os judeus o papel de livro religioso e de livro antigo, sendo que sua tradução do hebraico para o grego tinha como principal audiência alvo os judeus da diáspora residindo em Alexandria. As condições em que fora escrito o original em hebraico, mais de cinco século antes na Palestina, era no entanto diferente das condições em que os judeus se encontravam em Alexandria. Os tradutores, além de trabalharem com um contexto linguístico diferente – o grego helenístico – encontravam-se inseridos em um contexto social, político e religioso que de alguma forma atuava sobre a tradução e determinava escolhas que introduziam elementos interpretativos no texto. As diferenças existentes entre os judeus do texto fonte – a Bíblia Hebraica – e os judeus residentes em Alexandria é descrito por Ernst Würthwein:

²⁵⁷ JOBES, Karen H. & Moisés SILVA. *Invitation to the Septuaginta*, p. 30.

²⁵⁸ Para maiores detalhes sobre a origem da Septuaginta, ver: COYNBEARE, F. C. & St. George STOCK. *Grammar of Septuagint Greek*, p. 1-8; JOBES, Karen H. & Moisés SILVA. *Invitation to the Septuaginta*, p. 30, 333-37;

As diferenças entre os judeus da diáspora e as pessoas que escreveram o Antigo Testamento Hebraico não se restringia apenas às questões de língua. Eles viviam em um mundo de condições sociais diferentes com diferentes formas de pensamento e, não menos importante, com diferenças de crenças. Esse ambiente os afetava, “helenizando-os”. Eles falavam a respeito de Deus de forma mais abstrata e filosófica do que os “hebreus” e evitavam expressões antropomórficas e antropopáticas que eram características do Antigo Testamento Hebraico [...]”²⁵⁹

Conseqüentemente, muitas de suas leituras do texto hebraico foram influenciadas pela teologia de sua época e adaptadas às situações sociais e políticas vigentes. Nas palavras de Karen Jobes e Moisés Silva, referindo-se aos tradutores, “eles foram motivados para atualizar as Escrituras, tornando-a compreensível e relevante para a sua situação contemporânea.”²⁶⁰ A Septuaginta, além de ser a mais antiga obra de tradução que chegou completa até nossos dias e de sua importância como livro religioso para judeus e cristãos, é um registro histórico de como ideologia e contexto social/político influenciam e determinam uma tradução.²⁶¹

A versão aramaica, conhecida como Targumim (plural hebraico de Targum²⁶²), foi o resultado da substituição da língua hebraica pela aramaica durante a época que os judeus encontravam-se no exílio em Babilônia (século VI a.C.). Júlio Trebolle Barrera descreve o processo que originou os Targumim:

Durante a época persa os judeus adotaram como língua corrente o aramaico. Isto criou a necessidade de dispor de traduções da Bíblia nesta língua (targumim). No princípio tratava-se de versões orais, de caráter parafrástico, da leitura sinagoga (Ne 8:8). Ao ser posta, mais tarde, por escrito, e ao tornar-se mais complexa a paráfrase, passaram a ter uso extra-sinagoga e a adquirir caráter literário mais acentuado. A existência de tais versões e a utilização das mesmas no culto sinagoga na época do NT estão sobradamente atestadas.²⁶³

A característica principal dos Targumim é a tendência à paráfrase e inserção de relatos de caráter midráxico. O targum encontra-se, assim, na fronteira entre dois gêneros: a tradução e o

WÜRTHWEIN, Ernst. *The Text of The Old Testament*, p. 51-54; BARRERA, Júlio Trebolle. *A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã*, p. 355-357; FARIA FRANCISCO, Edson de. *Manual da Bíblia Hebraica*, p. 375-378.

²⁵⁹ WÜRTHWEIN, E., *The Text of the Old Testament*, p. 68-69.

²⁶⁰ KAREN, H. J. & M. SILVA, *Invitation to the Septuagint*, p. 93.

²⁶¹ Um exemplo da existência de diferenças teológicas entre os judeus do Pentateuco dos tempos de Moisés e dos judeus pós cativo de Babilônia pode ser visto nos comentários feitos por Voltaire em seu *Tratado Sobre a Tolerância* (p.83-85), particularmente a nota associada com o capítulo XIII (Extrema Tolerância dos Judeus) e que na edição da Martins Fontes, com tradução de Paulo Neves, é identificada como nota 110 (p. 182-187).

²⁶² *Targum* é uma palavra hebraica que significa tradução.

²⁶³ TREBOLLE BARRERA, Julio. *A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã*, p.384. Tradução de Pe. Ramiro Mincato. Ver também Edson de Maria Francisco, *Manual da Bíblia Hebraica*, p. 406—411; Ernst Würthwein. *The Text of the Old Testament*, p. 79-84. Tradução para o inglês de Errol F. Rhodes.

comentário. Para autores como Trebolla Barrera, o targum “evoluiu para o midrax, que considera a Bíblia como um todo e não fica condicionado a uma tradução corrida do texto bíblico.”²⁶⁴

A língua siríaca – uma língua semítica do ramo noroeste – assim como o hebraico, aramaico e árabe, foi, no passado, bastante utilizada pelos cristãos do oriente médio, sendo posteriormente (ao longo da Idade Média) suplantada pelo árabe. A origem das traduções siríacas da Bíblia Hebraica é uma questão debatida até hoje. Há os que admitem uma origem judaica e outros que defendem uma origem cristã. Um terceiro grupo argumenta a favor de uma origem cristã com auxílio de judeus ou até mesmo a possibilidade de ter sido uma tradução feita por judeus-cristãos. Suas principais características e a identificação das duas principais traduções siríacas é apresentada por Edson de Faria Francisco no comentário a seguir:

Provavelmente, as versões em siríaco são o trabalho de muitas pessoas e de várias épocas e que foram traduzindo, aos poucos, de acordo com as necessidades da comunidade cristã que falava o mencionado idioma. Tanto os cristãos, como os judeus necessitaram de uma versão síria dos textos bíblicos. Dentre as várias traduções feitas desde o início do cristianismo duas são relevantes: a Vetus Syra e principalmente a Peshitta.²⁶⁵

Para os que defendem uma origem judaica da Vetus Syra, ela teria surgido em torno da primeira metade do século I d.C.. Por outro lado, os que argumentam em favor de uma origem cristã fixam o ano de 150 d.C. como a época da tradução para atender as necessidades da Igreja síria. Quanto à Peshitta (cujo nome significa comum, vulgar ou vulgata), estabelecem o século II d.C. para a sua realização, sendo, para alguns, uma revisão da Vetus Syra.²⁶⁶

A Vulgata latina possui uma tradição e história bem conhecidas, tendo sido realizada por Jerônimo, a pedido do bispo de Roma Damásio (366-384)²⁶⁷, por ser ele um erudito conhecido e extremamente qualificado para a tarefa. Para a tarefa, Jerônimo utilizou as traduções já existentes em latim antigo, a Septuaginta e o texto hebraico consonantal. Sua obra é parte revisão e parte tradução própria, sendo que do livro de Salmos existem atualmente duas traduções – uma do texto hebraico e outra da Septuaginta. H. F. D. Sparks faz o seguinte comentário sobre a diversidade na obra de tradução de Jerônimo:

²⁶⁴ TREBOLLE BARRERA, Julio. *A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã*, p.525. Tradução de Pe. Ramiro Mincato.

²⁶⁵ FARIA FRANCISCO, Edson de. *Manual da Bíblia Hebraica*, p. 420.

²⁶⁶ Para detalhes das versões siríacas, particularmente a Peshitta, ver Edson de Faria Francisco, *Manual da Bíblia Hebraica*, p. 421-428; Ernst Würthwein, *The Text of the Old Testament*, p. 85-90; Julio Trebolla Barrera., *A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã*, 428-432.

²⁶⁷ Julio Trebolla Barrera menciona que “Não é exata a opinião segundo a qual em torno do ano 382 o papa Dâmaso teria encomendado oficialmente a ele uma tradução completa da Bíblia. O encargo referia-se, no máximo, à versão dos evangelhos (Bribomont).” *A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã*, p. 422.

O processo como um todo estendeu-se por mais de vinte anos; e, quando terminado, o resultado era muito menos uma unidade do que podemos imaginar. As versões de alguns livros eram traduções novas, outras no entanto, eram meras revisões de versões existentes. Algumas eram baseadas no grego, enquanto que outras no hebraico e aramaico.²⁶⁸

Todo o trabalho produzido por Jerônimo, junto com as demais traduções antigas da Bíblia Hebraica (Septuaginta, Targumim e versões siríacas), estiveram disponíveis por vários séculos aos estudiosos e eruditos, tornando-se uma rica fonte para o estudo e preservação do vocabulário bíblico e realização de glossários e dicionários, o terceiro elemento na cadeia de tradição na preservação da língua hebraica.²⁶⁹

3.4.3 A tradição na produção de dicionários de hebraico bíblico

Os mais antigos registros de dicionários de hebraico remontam ao século IX de nossa era com o ‘Aruk (léxico) de Gaon Zemah Paltoi de Pumbedita e que se ocupava apenas do Talmud. Em 913 E.C., foi seguido pelo ‘Agron (coleção de palavras) escrito por Saadia, Gaon de Sura. Já o primeiro dicionário conhecido de hebraico bíblico é o *Mahberet* de Menahem ben Saruk que por longo tempo permaneceu sendo o principal auxílio lexical para o estudo da Bíblia nos países que não falavam árabe. Escrito em árabe, o *Sefer al-Usul* (‘Livro das Raízes’) de Abu al-Janah teve grande influência na lexicografia hebraica e serviu de base para o *Sefer ha-Shorashim* (Livro das Raízes) de David Kimhi (1160-1235) escrito em hebraico e que se tornou o dicionário padrão por vários séculos.

Uma grande virada na lexicografia hebraica ocorreu no século XVI quando os eruditos protestantes (movidos pela reforma e o espírito do humanismo, além do auxílio advindo pela invenção da imprensa) passaram a dedicar-se ao estudo da língua hebraica para fins de estudos bíblicos, visto que os eruditos judeus restringiam-se ao estudo do Talmud. Há menção que entre 1500 e 1800 mais de setenta dicionários foram produzidos.²⁷⁰ Destes, merecem registro o *Rudimenta Linguae Hebraicae* (1506) de Johan Reuchlin e o *Vocabularium Hebr. et Chal. V.T.* do judeu convertido Alfonsus Zamorensis (Alfonso Zamora), publicado como vol. VI da Poliglota Complutense (1515).²⁷¹

²⁶⁸ SPARKS, H. F. D. Jerome as biblical scholar. In P. R. ACDKROYD & C. F. EVANS (eds.), *The Cambridge History of the Bible – From the Beginnings to Jerome*, p. 518.

²⁶⁹ MILLER, E. F. *The Influence of Gesenius on Hebrew Lexicography*, p.30.

²⁷⁰ JONES, D. R. Aids to the Study of the Bible. In S. L. GREENSLADE (ed.), *The Cambridge History of the Bible: The West from the Reformation to the Present Day*, p. 524.

²⁷¹ Para um estudo da história da gramática hebraica, ver *An Introduction to Biblical Hebrew Syntax* de Bruce WALTER & M. O’CONNOR, p. 30-43.

A continuidade da lexicografia hebraica antiga, após o século XVI, foi assegurada até Gesenius por importantes lexicógrafos e suas obras como Sebastian Münster, *Dictionarium Hebraicum* (1523); Sancters Pagninus, *Thesaurus Linguae Sanctae* (1529); Johan Forster, *Dictionarium hebraicum novum* (1557); Johann Buxtorf o Elder, *Lexicon Hebr. Et Chald.* (1607); Jo. Cocceius, *Lexicon et Commentarius Sermonis Hebr. Et Chald. V.T.* (1669); Christ. Remeccius, *Janua Heb. Lingae V.T.* (2ª edição com dicionário, 1704); J. Simonis²⁷², *Onomasticon Veteris Testamenti* (1741), *Dictionarius V. T. Hebr. et Chald.* (1752); *Lexicon Manuale Hebr. Et Chald.* (1756), Editado por K. G. Eichhorn (1793), ampliado por F. S. Winer (1828), traduzido para o inglês (1832).²⁷³

Essa tradição de transmissão do conhecimento da língua hebraica – particularmente, o hebraico bíblico – mediante o uso contínuo da língua, antigas traduções (grego, aramaico, siríaco e latim) e a produção de inúmeros dicionários desde o século VI d.C., junto com as informações fornecidas pelo próprio contexto da Bíblia Hebraica e o conhecimento das línguas cognatas, constituíram-se nos princípios lexicográficos de Gesenius no início do século XIX.²⁷⁴

3.5 O DICIONÁRIO BILÍNGUE NA CADEIA DE TRANSFERÊNCIA DE SIGNIFICADOS

Sidney Landau inicia o capítulo intitulado “Definition”, de seu livro sobre dicionários, com a pergunta “O que queremos dizer quando mencionamos que definimos alguma coisa?”²⁷⁵ e remete para uma nota em que faz o comentário: “A melhor obra moderna sobre o assunto é *Definition* de Richard Robinson.”²⁷⁶ Da mesma forma, John Lee ao discutir a utilização de definições na lexicografia bíblica remete para uma nota em que comenta:

Definition de Robinson é uma análise a respeito de definição em todos os seus aspectos, especialmente de uma perspectiva filosófica. Para ele, glosa é o equivalente ao “Método de Sinônimos” (94-96), e definição conforme descrito acima é o “Método de Análise” (96-98).²⁷⁷

²⁷² Segundo E. F. Miller, o mais importante lexicógrafo da época pouco anterior a de Gesenius. *The Influence of Gesenius on Hebrew Lexicography*, 31.

²⁷³ Dados de D. R. JONES, *Aids to the Study of the Bible*. In S. L. GREENSLADE (ed.), *The Cambridge History of the Bible: The West from the Reformation to the Present Day*, p. 524. Ver também Basil HALL, *Biblical Scholarship: Editions and Commentaries*. In S. L. GREENSLADE (ed.), *The Cambridge History of the Bible: The West from the Reformation to the Present Day*, p. 52448-76.

²⁷⁴ MILLER, E. F. *The Influence of Gesenius on Hebrew Lexicography*, p.22.

²⁷⁵ LANDAU, Sidney. *Dictionaries: The Art and Craft of Lexicography*, p. 120.

²⁷⁶ LANDAU, Sidney. *Dictionaries: The Art and Craft of Lexicography*, p. 322.

²⁷⁷ LEE, John. *A History of New Testament Lexicography*, p. 28.

Outro autor que referencia *Definition* de Robinson é Uriel Weinreich em seu artigo “Lexicographic Definition in Descriptive Semantics”:

Uma das mais completas discussões sobre definição em forma não técnica é a que se encontra na monografia de Richard Robinson (*Definition*, Oxford, 2ª impressão, 1954). Pode ser útil concluirmos a presente análise por comparar seus resultados com os de Robinson.²⁷⁸

Temos ainda a inclusão de *Definition* de Robinson na bibliografia do livro de Stephen Ullmann – com uma referência aos métodos de definição analisados por Robinson²⁷⁹ – e a análise de Barbara Ann Kipfer quanto a alguns dos métodos de definição discutidos por Robinson em *Definition* e por ela introduzidos pelo comentário abaixo:

Richard Robinson publicou o livro *Definition* em 1962 (Clarendon). Nele, ele descreve os métodos mais comuns de análise do genus (ou classe de uma coisa) e differentiae (as características específicas da coisa), e diversos outros: os três outros métodos dominantes são síntese, rule-giving e o método de sinônimos.²⁸⁰

Nada mais apropriado, portanto, pela importância atribuída por autores como Landau, John Lee, Weinreich e Barbara Kipfer, ao livro *Definition* de Richard Robinson e do fato de ser o único livro – de meu conhecimento – dedicado exclusivamente ao assunto definição, que eu utilize alguns de seus conceitos para fundamentar a idéia de ‘cadeia de transferência de significados’ baseada no modelo analítico de Ogden e Richards e o papel desempenhado pelo dicionário bilíngüe no centro desta cadeia.²⁸¹

Robinson parte, inicialmente, da tradicional divisão entre definição nominal e real, estabelecendo-as como propósitos aproximados de definição e amplia a classificação para o esquema abaixo:²⁸²

²⁷⁸ WEINREICH, Uriel. Lexicographic Definition in Descriptive Semantics. In Fred W. HOUSEHOLDER & Sol SAPORTA, *Problems in Lexicography*, p. 40.

²⁷⁹ ULLMANN, Stephen, *Semântica: Uma Introdução à Ciência do Significado*, p. 246.

²⁸⁰ KIPFER, Barbara Ann. *Workbook on Lexicography*, p. 66.

²⁸¹ No entanto, o livro de Robinson está ausente na bibliografia constante na introdução do *Greek-English Lexicon* de Louw e Nida, na bibliografia de *Lexicography and Translation* editado por J. P. Louw e não é utilizado ou citado por alguns livros importantes como o de Herber Welker *Dicionários: Uma Pequena Introdução à Lexicografia*, o de Howard Jackson *Lexicography: An Introduction* e *Practical Lexicography* de Bo Svensén, embora todos eles considerem parcialmente o assunto definição.

²⁸² ROBINSON, Richard. *Definition*, p. 18-19.

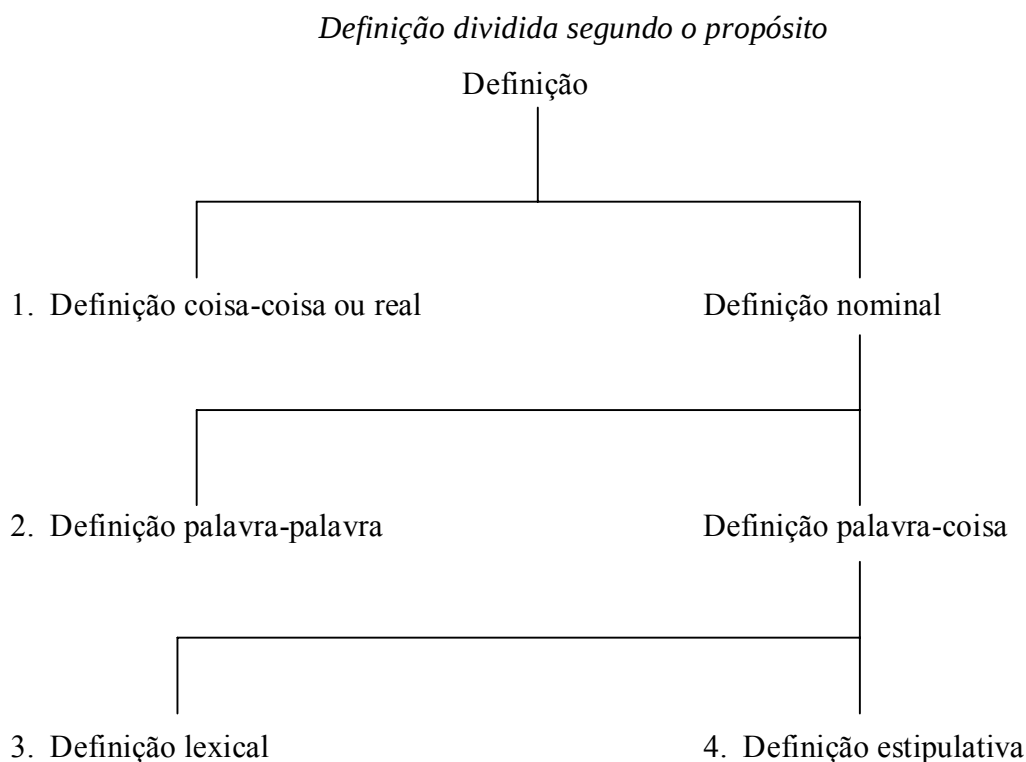


Figura 11: Classificação dos tipos de definições segundo o propósito (conforme Robinson)

A subdivisão de definição nominal em palavra-palavra e palavra-coisa é justificada por Robinson da seguinte maneira:

Eu agora subdivido definição nominal em definição *palavra-palavra* e *palavra-coisa*. O propósito de toda definição nominal sendo o de relacionar ou estabelecer o significado de uma palavra ou símbolo, a definição palavra-palavra faz isto mediante a declaração de que esta palavra significa o mesmo que outra palavra, e palavra-coisa mediante a declaração de que uma palavra significa uma determinada coisa. Se, por exemplo, alguém diz a você que a palavra alemã ‘rot’ significa o mesmo que a palavra francesa ‘rouge’, enquanto que você ignora a que coisa estas palavras se referem, isto é uma definição palavra-palavra. Se, por outro lado, ele aponta para a capa de um livro na estante e diz que a palavra alemã ‘rot’ significa aquela cor, ele está fornecendo uma definição palavra-coisa. A definição palavra-palavra correlaciona uma palavra a uma outra que tenha o mesmo significado. A definição palavra-coisa correlaciona uma palavra a uma coisa, como significando esta coisa.²⁸³

No entanto, diante da possibilidade de nem sempre ser possível correlacionar-se de forma direta a palavra com a coisa, Robinson acrescenta que, no exemplo acima, a definição palavra-coisa pode ser completada com a utilização de alguma outra palavra ou palavras com a qual a pessoa, a quem está se fornecendo a definição, já esteja familiarizada. Por exemplo, acrescentando que ‘rot’

significa ‘red’.²⁸⁴ Desta forma, cada definição palavra-palavra necessariamente implica uma definição palavra-coisa para os ouvintes que estejam familiarizados com o significado de uma das palavras. Robinson conclui dizendo:

Se você diz que “a palavra ‘rot’ cumpre a mesma função na língua alemã que a palavra ‘rouge’ na língua francesa”, isto é uma definição palavra-palavra; mas, para aqueles ouvintes que sabem o que ‘rot’ ou ‘rouge’ significa, implica em uma definição palavra-coisa.²⁸⁵

Utilizarei um exemplo com uma palavra do texto da Bíblia Hebraica para ilustrar o que Richard Robinson quer dizer. Quando alguém diz que a palavra **קִלְיָי**, utilizada em 1 Samuel 17:40, significa ‘surrão’, para muitas pessoas esta poderá ser uma definição palavra-palavra se a pessoa desconhecer o significado de ‘surrão’ em português. Agora, se for acrescentado que ‘surrão’ é o mesmo que ‘sacola’ ou ‘bornel’, teremos uma definição palavra-coisa visto que estas palavras, por serem de uso corrente, imediatamente apontarão para um referente conhecido do ouvinte alvo.²⁸⁶

Vejamos um exemplo adicional que ilustra o conceito de Robinson de definição palavra-palavra e definição palavra-coisa. No Salmo 92:14 (92:15 em algumas Bíblias) os justos, segundo o salmista, são comparados a árvores plantadas nos pátios de Deus. Na parte final deste versículo é acrescentado a seguinte expressão hebraica **עוֹד יִנְבוּן בְּשִׁיבָה** (“ainda produzirão frutos na velhice”, ou “ainda prosperarão na velhice”). O lexema **יִנְבוּן** corresponde ao lema **נָבַח** que tem por glosas “bear fruit” (BDB), “prosper”, “grow” (HOLLADAY) e “crescer”, “prosperar” (Schökel). Se um falante bilíngüe hebraico/português definir **נָבַח** por “medrar”, possivelmente estará dando uma definição palavra-palavra porque a pessoa que receber esta definição executará um processo mental lingüístico que não encontrará um referente em seu mundo real para a palavra “medrar”, ou associará a um referente diferente: “ato de ter medo”, muito embora a palavra portuguesa “mecer” também signifique “prosperar”. Por outro lado, se a glosa fornecida for “produzir fruto” ou “prosperar”, ocorrerá uma definição palavra-coisa visto que o processo mental lingüístico encontrará um referente (coisa) no mundo real extra-lingüístico.

Antes, porém, de considerar melhor a importância do conceito de definição *palavra-coisa* no modelo acima discutido, necessito introduzir o conceito de “pool de pressuposições”. Este conceito,

²⁸³ ROBINSON, Richard. *Definition*, p. 16-17.

²⁸⁴ Robinson assume que a pessoa é um falante de inglês e, portanto, sabe a que se refere a palavra ‘red’.

²⁸⁵ ROBINSON, Richard. *Definition*, p. 17.

²⁸⁶ **קִלְיָי** é uma palavra que corresponde de forma indiferenciada a qualquer objeto ou utensílio. Normalmente é especificada com a adição de algum qualificativo, segundo a matéria ou função, e as vezes pelo contexto. No exemplo

apresentado por Rolf Furuli no contexto da tradução bíblica para o inglês, corresponde ao “conhecimento comum e entendimento de mundo sobre o qual um determinado grupo construiu sua língua, sua cultura, sua religião e sua vida diária.”²⁸⁷

O conceito de “pool de pressuposições” aplicado ao modelo analítico de Ogden/Richards, conhecido como “triângulo de significação”, e a utilização do dicionário como modelo de um sistema lexical bilíngüe, permite-me montar uma cadeia de transferência de significados entre o falante de hebraico bíblico do passado e o estudante ou tradutor moderno de hebraico bíblico. Esta cadeia de transferência de significados ilustra o papel desempenhado pelo dicionário – como modelo de um sistema lexical bilíngüe – e está representada pela Figura 12. PP indica ‘pool de pressuposições’ e ocupa o lugar do tradicional elemento ‘referência’ do triângulo da significação de Ogden/Richards.²⁸⁸

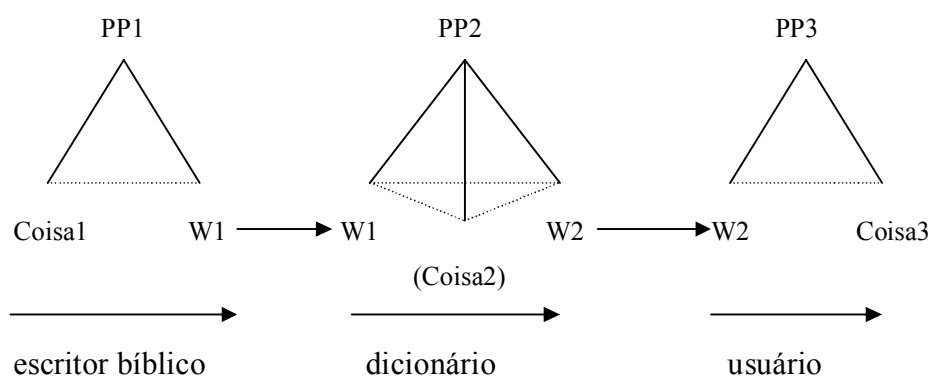


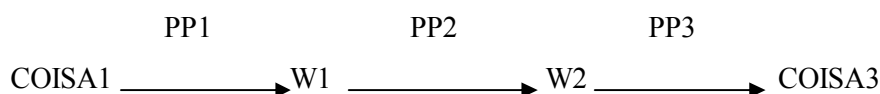
Figura 12: Cadeia de transferência de significados

Esta cadeia de transferência de significados, representada de forma simplificada, assume a configuração ilustrada pela Figura 13 e será utilizada para os exemplos a seguir.

de 1 Samuel 17:40 כָּלִי הָרֶעִים está especificada pela palavra הָרֶעִים ('de pastor'), formando a expressão כָּלִי הָרֶעִים que corresponde à 'sacola de pastor' ou 'surrão de pastor'.

²⁸⁷ FURULI, Rolf. *The Role of Theology and Bias in Bible Translation*, p. 10-11. O termo “presupposition pool” foi introduzido em 1975 por T. Venneman e é discutido por Gillian Brown & George Yule em *Discourse Analysis* p. 79-83 e por Peter Cotterel & Max Turner em *Linguistics & Biblical Interpretation* p. 90,93.

²⁸⁸ John Beekman e John Callow utilizaram dois triângulos em cadeia como modelo analítico de uma ‘metáfora viva’ em oposição a uma ‘metáfora morta’ representada por um único triângulo. *Translating the Word of God*, p. 132. Também Rolf Furuli (*The Role of Theology and Bias in Bible Translation*, p. 12) utilizou um modelo com dois triângulos de significação para ilustrar o problema relacionado com o entendimento de conceitos transmitidos por palavras gregas e hebraicas.



PP = pool de pressuposições

W = glosa ou definição

Coisa = referente extra-linguístico

Índice (i) – 1 = escritor da Bíblia Hebraica; 2 = dicionário de hebraico bíblico; 3 = usuário do dicionário

Figura 13: Representação simplificada do modelo da Figura 12

Vejamos agora um exemplo do hebraico bíblico que ilustre o papel desempenhado pelo ‘pool de pressuposições’ na cadeia de transferência de significados. A palavra **כִּיָּזְנוּ**, um adjetivo, ocorre cinco vezes na Bíblia Hebraica (Êxodo 20:5; 34:14; Deuteronômio 4:24; 5:9; 6:15), sempre associada a Deus, sendo que a glosa mais freqüente apresentada pelos dicionários de hebraico bíblico é “ciumento”. Independente de qualquer teoria semântica aplicada à palavra ‘ciumento’, o fator determinante de seu significado é aquele que fornece informações relativas ao ‘pool de pressuposições’ do escritor de Êxodo ou Deuteronômio. Esse ‘pool de pressuposições’, associado à sua visão de mundo, apontava para um referente (coisa) diferente do normalmente apontado pela palavra “ciumento” em nossos dias. O referente, ou coisa, apontado pela palavra **כִּיָּזְנוּ**, de acordo com o ‘pool de pressuposições’ do escritor bíblico chegou aos nossos dias – conforme registrado por dicionários como o de Gesenius – mediante estudo do contexto bíblico, comparação com línguas cognatas, estudos filológicos e etimológicos, tradição na transmissão da língua, análise das traduções antigas da Bíblia, conhecimento do ambiente cultural do autor, etc. O comentário abaixo de G. Gerbert Livingston, em seu livro *The Pentateuch in Its Cultural Environment*, ilustra a importância do ambiente cultural, um elemento importante no ‘pool de pressuposições’ do autor bíblico:

A contrapartida da misericórdia no pacto era o ciúme de Deus, claramente declarado em passagens como Êxodo 20:5; 34:14; Deuteronômio 4:24; 5:9; 6:15; e Josué 24:19, e em muitas outras ocorrências. O pacto insiste que o envolvimento emocional do adorador deveria estar centrado apenas no Deus de Israel. Esta é a ênfase do primeiro dos dez mandamentos de Deuteronômio 6:5. A idolatria era a ameaça a esta devoção exclusiva e o inimigo mais perigoso da relação do pacto.

Quando aplicada a Deus, o conceito de ciúme não tem o sentido de emoção deturpada, mas de insistência na exclusividade da adoração de Jeová”.²⁸⁹

A partir do comentário de Livingston e utilizando a forma simplificada da cadeia de transferência de significados, obtemos o seguinte esquema:

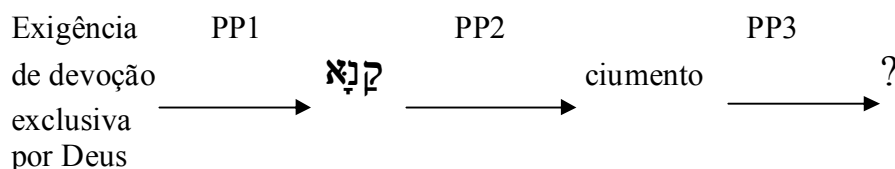


Figura 14: Esquema de transferência de significado da palavra **אֵנָּה** em Êxodo 20:5

O esquema acima ilustra que, embora tenhamos uma definição palavra-coisa pela associação entre as palavras **אֵנָּה** e ‘ciumento’, os diferentes ‘pools de pressuposições’, na cadeia de transferência de significados, poderão distorcer o significado transmitido, levando a um referente final (coisa3) diferente do referente inicial (coisa1). Mesmo que se utilize uma definição, em vez de glosa, organize-se o dicionário em campos semânticos e aplique-se as mais variadas teorias semânticas, não haverá garantias de nova informação no resultado produzido pelo dicionário, caso sejam aplicados à glosa ‘ciumento’. A menos que o lexicógrafo se concentre na palavra hebraica original **אֵנָּה**, e as teorias que utilizar – quaisquer que sejam elas – permitam ampliar o conhecimento desta palavra de acordo com o ‘pool de pressuposições’ do escritor bíblico, não haverá modificação e melhoria na saída do dicionário.

Além das limitações encontradas pela aplicação de novas teorias semânticas e conceito de campos semânticos à palavra hebraica original, devido as diferenças nos pools de pressuposições do lexicógrafo e do falante antigo de hebraico bíblico, existe um problema adicional. O lexicógrafo ao estabelecer os campos semânticos e fixar definições resultantes da associação de uma palavra com determinado campo semântico, poderá, influenciado pelo seu pool de pressuposições, estabelecer ‘definição estipulativa’ em vez de ‘definição lexical’.

Para a análise da diferença entre definição lexical e estipulativa, necessito retornar ao estudo de Richard Robinson sobre definição, visto que ele subdivide a definição palavra-coisa em definição lexical e definição estipulativa. Por definição lexical, Robinson entende:

²⁸⁹ LIVINGSTON, G. Herbert. *The Pentateuch in Its Cultural Environment*, 160.

Definição lexical é o tipo de definição palavra-coisa em que estamos explicando a maneira real com que alguma palavra real tem sido utilizada por pessoas reais. Definição lexical é uma forma de história. Ela se refere a um passado real. Ela nos diz o que determinadas pessoas querem dizer com uma determinada palavra em uma época e tempo mais ou menos específicos.²⁹⁰

Robinson acrescenta que, em uma definição lexical, temos três pessoas envolvidas, primeiro o definidor que explica o significado da palavra, depois temos o ouvinte a quem o significado está sendo explicado (segunda pessoa), e terceiro, a pessoa cujo uso da palavra estabelece o significado.²⁹¹ Estas três pessoas correspondem exatamente aos três triângulos de significação de meu modelo de cadeia de transferência de significado, ou seja, o primeiro triângulo (escritor bíblico com seu PP1) é a terceira pessoa de Robinson, o segundo triângulo (lexicógrafo com seu PP2) corresponde à primeira pessoa (o definidor) e o terceiro triângulo (usuário do dicionário com seu PP3) é a segunda pessoa (ouvinte).

Tratando-se de definição lexical, Robinson acrescenta que, para a questão “O que esta palavra significa?”, a pergunta certa deveria ser “Com que significado utilizaram certas pessoas esta palavra?” Exatamente este é o tipo de pergunta que o usuário de um dicionário de hebraico bíblico tem em mente. Ou seja, ao consultarmos uma palavra neste tipo de dicionário, o que queremos saber é com que significado ela foi utilizada pelo escritor de determinada passagem na Bíblia Hebraica, o mesmo valendo para os dicionários de grego bíblico.

Ainda sobre definição lexical, Robinson acrescenta que os dicionários muitas vezes tendem a limitar-se a um grupo de pessoas preferidas e apresentam um entendimento parcial dos possíveis usos de uma palavra. Segundo ele, os dicionários muitas vezes tendem apenas a fornecer-nos definições lexicais conforme o entendimento de uma ‘classe respeitada’ – talvez a do próprio lexicógrafo – e exemplifica: “Quando ele [o lexicógrafo] omite palavras do tipo ‘para alguns’, ao definir ‘alma’ como ‘a parte imortal do homem’, isso implica que ele crê que há tal coisa.” Em casos como este, o lexicógrafo se comporta como um legislador, em vez de um historiador, ao dizer como a palavra deve ser utilizada em vez de como ela é ou foi utilizada.²⁹²

Vou exemplificar a observação acima de Robinson com um exemplo real da lexicografia bíblica tirado do *Greek-English Lexicon of the New Testament* de Louw e Nida. A palavra grega **pneuma** é utilizada 379 vezes na parte grega da Bíblia e os editores deste dicionário apresentam oito diferentes significados: Espírito Santo, espírito, espírito mau, fantasma, ser interior, maneira de pensar, vento e fôlego, distribuídos por 93 campos semânticos (domínios). Uma consulta ao

²⁹⁰ ROBINSON, Richard. *Definition*, p. 35.

²⁹¹ ROBINSON, Richard. *Definition*, p. 35.

²⁹² ROBINSON, Richard. *Definition*, p. 59.

primeiro subdomínio (Espírito Santo), o verbete 12.18 do campo semântico “Poderes e seres Sobrenaturais”, encontramos a seguinte informação:

12.18 pneuma, toj n (um título para a terceira pessoa da Trindade, literalmente ‘espírito’) – ‘Espírito de Deus, Espírito Santo.’ **to pneuma auʒov eʒballei eiʒ thn eʒhmov** ‘o Espírito transportou-o para o deserto’ Marcos 1:12.

A informação entre parênteses, após a palavra grega **pneuma**, é a definição fornecida pelos autores, seguida pelas glosas ‘Espírito de Deus, Espírito Santo’. Louw e Nida definem, portanto, **pneuma** como sendo ‘um título para a terceira pessoa da Trindade’ e, ao deixarem de incluir as palavras “para alguns”, indicam, conforme alertou Robinson, que eles crêem em tal coisa, e o resultado é uma definição estipulativa²⁹³ em vez de lexical.²⁹⁴ Esta definição de Louw e Nida é uma indicação de que eles crêem em tal coisa e é a maneira de como a palavra **pneuma** é entendida por um grupo de pessoas do qual eles fazem parte. O esquema da cadeia de transferência deste significado para **pneuma**, segundo a definição de Louw e Nida, é apresentado na Figura 15, correspondendo a uma definição estipulativa e anacrônica a partir do pool de pressuposições do lexicógrafo (PP2), porém apresentada como se fosse a do autor bíblico (a terceira pessoa envolvida no processo de acordo com Robinson).

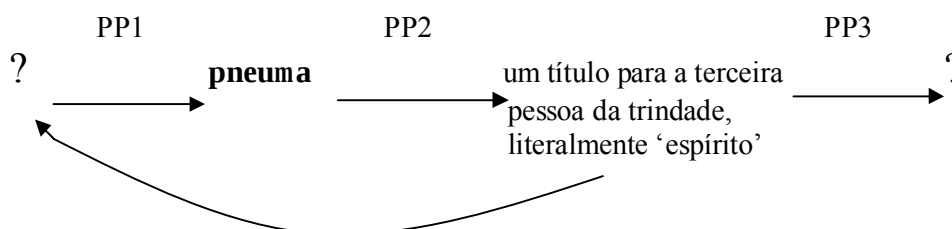


Figura 15: Cadeia de transferência de significado para a palavra **pneuma** segundo Louw e Nida

A análise acima não representa uma condenação quanto à validade da definição estipulativa, mas apenas uma restrição ao seu uso nos dicionários. Ela tem seu lugar assegurado na elaboração de textos em que o autor está preocupado em evitar ambigüidades e as inconveniências por elas

²⁹³ Robinson denomina de definição estipulativa ‘o estabelecimento explícito e auto-consciente da relação de significado entre uma palavra e um objeto, o ato de atribuição de um objeto a um nome (ou um nome a um objeto)’. Adicionalmente, Robinson alerta para o perigo quanto ao lexicógrafo atribuir-se a função de legislador antes que a de historiador, por dizer como as palavras devem ser utilizadas em vez de como são utilizadas. *Definition*, p. 59.

²⁹⁴ Para a questão histórica do conceito trindade nas religiões cristãs, ver *The Search for the Christian Doctrine of God: The Arian Controversy, 318-381* de R. P. Ranson e *Quando Jesus se tornou Deus* de Richard E. Rubenstein. Adicionalmente, esta definição é um suposto anacronismo visto a palavra ‘trindade’ somente ter surgido alguns séculos depois que a parte grega da Bíblia (Novo Testamento) foi escrita.

causadas.²⁹⁵ Por exemplo, no capítulo 2 deste trabalho necessitei estipular definições para os termos ‘lema’, ‘lexema’, ‘palavra’, etc. no intuito de maior clareza e precisão, reconhecendo que existem autores que escrevem sobre lexicografia e aplicam significados diferentes a estas mesmas palavras. Talvez, o mais famoso exemplo de uso de definições espitativas seja o do personagem Humpty Dumpty de Lewis Carrol:

“Quando eu uso uma palavra”, disse Humpty Dumpty num tom bastante desdenhoso, “ela significa exatamente o que quero que signifique: nem mais nem menos.”²⁹⁶

A utilização de glosas ou de definições, em um dicionário bíblico, é portanto uma questão de método para atingir-se o propósito quanto a dirigir o usuário a um referente (coisa) mais próximo possível do referente (coisa) que o autor bíblico tinha em mente. Para Robinson, o uso de glosas seria o ‘Método de Sinônimos’²⁹⁷ enquanto que para definições haveria vários outros métodos, sendo, dentre eles, o ‘Método Analítico’ o mais popular.²⁹⁸ No entanto, enquanto que as glosas dos dicionários de hebraico bíblico são o resultado de uma tradição de transmissão contínua que remonta aos tempos dos escritores bíblicos e que chegou com grande precisão até Gesenius, as definições são, por outro lado, o resultado de um trabalho recente de lexicógrafos e lingüistas, estando sujeitas às interferências resultantes do ‘pool de pressuposições’ de nosso século.

Retomando o exemplo de 1 Samuel 17:40, quando o lexicógrafo procura definir ‘sacola’ – glosa de **שָׂקָא** – e não dispõe de informações contextuais e de detalhes adicionais da cultura da época do escritor bíblico, sua definição resultará na descrição do que ele entende por este objeto. Neste caso, ele não estará definindo o objeto hebraico, mas o objeto atual determinado pelo seu ‘pool de pressuposições’. O mesmo pode ser dito para a definição “substância dura, pesada e forte, muito comum, usada para construções, como arma, etc.” para a palavra **קֶשֶׁט** e a definição “corda; feita pelo entrelaçamento de fios de cânhamo, sisal, linho, algodão ou material similar; usada para escaladas, para manter coisas juntas, para medir, para puxar coisas, para fazer armadilhas, etc.” para **לֶבֶן**. São definições que pouco ou nada acrescentam às respectivas glosas “pedra” e “corda”. Além disso, quando uma questão teológica estiver envolvida, haverá sempre o risco de uma definição estipulativa que poderá não corresponder ao significado utilizado pelo escritor bíblico.

²⁹⁵ ROBINSON, Richard. *Definition*, p. 66.

²⁹⁶ CARROL, Lewis. *Através do Espelho*. In *Alice Edição Comentada*, p. 204. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges.

²⁹⁷ ROBINSON, Richard. *Definition*, p. 94-96.

²⁹⁸ ROBINSON, Richard. *Definition*, p. 96-148.

Uma definição, acrescenta Richard Robinson, tem um valor de verdade.²⁹⁹ Ou seja, pode ser verdadeira ou falsa. Uma definição lexical em um dicionário bilíngüe de hebraico bíblico, por se tratar de uma asserção histórica – toda asserção histórica pode ser verdadeira ou falsa dependendo da maneira como é definida – pode resultar em uma definição falsa caso não corresponda à coisa referida pelo uso que o autor bíblico fez daquela determinada palavra. No exemplo da palavra grega **pneuma**, sua glosa literal ‘espírito’ pode não permitir que o usuário do dicionário referencie diretamente a mesma coisa referenciada pelo seu uso em Marcos 1:12, requerendo uma comparação com outras passagens para um entendimento de seu significado, porém não é falsa. Por outro lado, a definição fornecida por Louw e Nida no *Greek-English Lexicon of the New Testament* poderá ser falsa se não for isto o que o autor bíblico tinha em mente.

Consideremos, como exemplo adicional da concepção acima de Robinson quanto a definição falsa ou verdadeira, uma das passagens mais conhecidas da Bíblia Hebraica, o Salmo 23:1-3:

יְהוָה רֹעִי לֹא אֶחָסֵר
בְּנֵאוֹת דֶּשָׁא יִרְבֵּיצְנִי עַל־מִי מְנַחֹת יְנַהֲלֵנִי
נַפְשִׁי יִשׁוּבָב יִנְחֵנִי בְּמַעְגְּלֵי־צֶדֶק לְמַעַו שְׂמוֹ

A Versão Rei Jaime popularizou esta passagem com a tradução: “(1) *The LORD is my shepherd; I shall no want.* (2) *He maketh me to lie down in green pastures: he leadeth me beside the still waters.* (3) *He restoreth my soul he leadeth me in the paths of righteousness for his names’s sake.*”³⁰⁰ No verso 2 temos um *bicolon* de paralelismo que, no entanto, se constitui em um *colon* para formar novo paralelismo com o *bicolon* do verso 3. Quero chamar aqui a atenção para o par de verbos encontrado nos versos 2 e 3: נַהֵל (verso 2) // נָחָה (verso 3); “he leadth me” // “he leadth me” (KJV); “he leads me // he guides me” (JPS); “He leadth me // He guideth me” (ASV); “Conduz-me // Guia-me” (TB).

Pelos dicionários Schökel e Sinodal obtemos as seguintes glosas:

²⁹⁹ ROBINSON, Richard. *Definition*, p. 39.

³⁰⁰ A passagem dos Salmos 23:1-3 é traduzida pela JPS da seguinte maneira: “*The LORD is my shepherd; I lack nothing. He makes me lie down in green pastures; He leads me to water in places of repose; He renews my life; He guides me in right paths as vefits His names.*” A Tradução Brasileira (TB) de 1917 traduz da seguinte forma: “Jehovah é o meu pastor; nada me faltará. Faz-me repousar em pastos verdejantes; Conduz-me às águas de descanso. Elle refrigera a minha alma, Guia-me nas veredas da justiça por amor do seu nome.” [sic] A Tradução Brasileira é uma tradução da American Standard Version (ASV) de 1903: “*Jehovah is my shepherd; I shall not want. He maketh me to lie down in green pastures; He leadeth me beside still waters. He restoreth my soul: He guideth me in the paths of righteousness for his name’s sake.*”

Schökel: **לָהֵל** = levar, guiar, conduzir // **הָלַךְ** = guiar, dirigir, conduzir, encaminhar

Sinodal: **לָהֵל** = dirigir, conduzir, guiar cuidadosamente // **הָלַךְ** = guiar, dirigir, conduzir

Porém, o BDB nos fornece algo mais ao incluir informações etimológicas e informações a respeito das linguas cognatas:

BDB: **לָהֵל** = *lead, guide to a watering-place or station, and cause to rest there; bring to a station or place of rest; lead, guide; refresh* (Do árabe: *watering-place, take a first drink; station, stage of the road*)

הָלַךְ = *lead, guide* (Do árabe: *go in direction of, turn (eyes) toward*)

Para o BDB, enquanto o verbo **הָלַךְ** corresponde ao ato de apenas “levar para uma determinada direção”, o verbo **לָהֵל** significa algo mais. Trata-se de um termo técnico associado às atividades pastoris do Israel antigo, conforme esclarece o comentário de Betty Bacon referente ao texto de Salmo 23:2:

Pois não se trata do verbo comum [**הָלַךְ**] correspondente a “levar” ou “conduzir” e, sim, do termo técnico [**לָהֵל**] que descreve a atividade do bom pastor de animais que os conduz a lugares de refrigério e segurança. Assim sendo, qual verbo poderia ser mais apropriado para expressar o desvelo extenuante do Pastor de Israel para com Seu rebanho como grupo ou para com os indivíduos deste grupo? [...] Este verbo [**לָהֵל**] é usado no AT [Antigo Testamento] em contextos que falam de “levar e fazer descansar” ou “levar para pasto ou água”. Portanto, fala de direção que visa o bem estar do dirigido. Em árabe, descreve o “levar a um bebedouro” ou etapa de uma viagem.³⁰¹

Uma definição para ser totalmente verdadeira teria de ser feita a partir do verbo **לָהֵל** tal como entendido pelo autor do texto e de acordo com sua cultura e visão de mundo (pool de pressuposições), enquanto que uma definição a partir unicamente da glosa “guiar” seria falsa, conforme ilustrado pela Figura 16.

³⁰¹ BACON, Betty. *Estudos na Bíblia Hebraica*, p. 18,114.

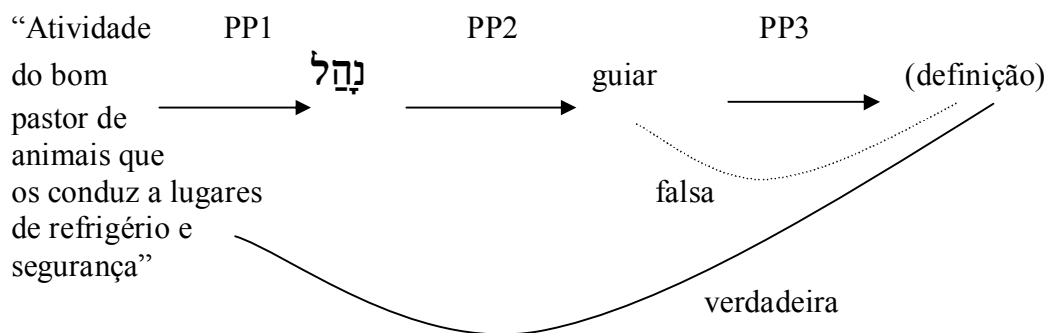


Figura 16: Esquema para ilustrar possíveis definições do verbo נָהַל (Salmo 23:2).

3.6 “WORDS, WORDS, WORDS”³⁰²

No capítulo anterior (2.3.2), estipulei o significado para alguns termos de forma a facilitar a compreensão em seus usos ao longo deste texto e devido as várias maneiras com que são utilizados em trabalhos sobre lexicografia. Dentre eles encontrava-se o termo ‘palavra’ e sua conceituação restringiu-se a sua identificação. Mas, o que é então uma palavra? De acordo com Stephen Ullmann “uma coisa é identificar as palavras, e outra estabelecer os critérios pelos quais elas são identificadas”. Porém, não é somente isso. Mesmo com critérios estabelecidos quanto a identificação de uma palavra, ainda temos a necessidade de estabelecer seu significado como símbolo lingüístico. Desta nossa relação com as palavras quanto a necessidade de identificação, estabelecimento de critérios de identificação e estudo de significados, resultou um ramo especial da lingüística denominado de *lexicologia* e que, segundo Stephen Ullmann, subdivide-se em *morfologia* e *semântica*.

A lexicologia, por definição, trata de palavras e dos morfemas que as formam, isto é, de unidades significativas. Conclui-se, portanto, que estes elementos devem ser investigados tanto na sua forma como no seu significado. A lexicologia terá, por conseguinte, duas subdivisões: a *morfologia*, estudo das formas das palavras e dos seus componentes, e a sua *semântica*, estudo dos seus significados.³⁰³

Stephen Ullmann, adicionalmente, alerta quanto a não se confundir lexicologia com lexicografia, por ser esta última “a elaboração ou compilação de dicionários, que é uma técnica especial, mais do que um ramo da lingüística.”³⁰⁴ Uma possível distinção entre lexicologia e lexicografia pode ser estabelecida atribuindo-se à primeira o papel da teoria e à segunda o papel da aplicação ou propósito, conforme indica Werner Hüllen nas palavras a seguir:

³⁰² Hamlet, Ato II, cena 2.

³⁰³ ULLMANN, Stephen. *Semântica*, p. 64.

³⁰⁴ ULLMANN, Stephen. *Semântica*, p. 64.

Portanto, lexicografia é uma disciplina aplicada na qual o propósito vem primeiro, e a teoria, i.e., lexicologia, vem por último. Nos dias atuais de desenvolvimento avançado da arte lexicológica e lexicográfica, os lingüistas em seu trabalho diário, na verdade, movem-se em outra direção, ou seja, da teoria para a parte aplicada. (Isto algumas vezes resulta na produção de dicionários sem utilidade.)³⁰⁵

Os dicionários bilíngües tradicionais historicamente consistiam em listas descontextualizadas de palavras e seus equivalentes em uma segunda língua, selecionadas e organizadas de maneira tal que atendiam as necessidades de interesses de seus usuários. Para eles, ‘existia em cada palavra um núcleo sólido de significado relativamente estável e que só dentro de certos limites pode ser modificado pelo contexto’³⁰⁶.

Em oposição a essa concepção existente nos dicionários bilíngües, alguns lingüistas, no desejo de sublinhar a importância do contexto e demolir a crença da existência de um significado ‘próprio’, inerente a cada palavra, assumem a posição extrema do Humpty Dumpty de Lewis Carrol. No entanto, indiferente às questões lingüísticas e semânticas, o dicionário bíblico bilíngü – com seu sistema de glosas – paira, indiferente, acima das discussões teóricas e, visando simplesmente um fim utilitarista, associa à cada palavra uma glosa como seu significado nuclear e amplia seu campo semântico pela inclusão de glosas adicionais associadas às passagens bíblicas em que ocorrem³⁰⁷.

Esse propósito prático e utilitarista dos dicionários foi reconhecido por Sidney Landau no comentário abaixo:

Porque lexicografia é um trabalho de artesão [craft], uma maneira de fazer alguma coisa útil. Ela não é um exercício teórico para aumentar a soma de conhecimentos humanos, mas um trabalho prático para reunir tudo em um livro que as pessoas entendam.³⁰⁸

Em oposição à diferença de objetivos entre lexicologia e lexicografia e ao propósito prático e utilitarista dos dicionários, posicionam-se os recentes estudos lexicológicos fundamentados na “semântica cognitiva” e “teoria de protótipos”. Embora estas teorias, junto com novas abordagens semânticas, enriqueçam o entendimento dos usos e significados do vocabulário hebraico bíblico, não alteram a validade das glosas apresentadas pelos dicionários bíblicos tradicionais. O erro parece estar na valorização desses estudos mediante ataque a dicionários como BDB e KB, passando a

³⁰⁵ HÜLLEN, Werner. In the beginning was the gloss. In Gregory JAMES (ed.), *Lexicographers and Their Works*, p. 100.

³⁰⁶ ULLMANN, Stephen. *Semântica*, p. 104.

³⁰⁷ No caso dos dicionários bilíngües de hebraico bíblico (BDB, HOLLADAY e SCHÖKEL) essas glosas adicionais são glosas contextuais. No BDB, essas glosas contextuais são sempre acompanhadas da referência em que o uso ocorre.

³⁰⁸ LANDAU, Sidney. *Dictionaries: The Art and Craft of Lexicography*, p. 121.

impressão de que estão superados e, conseqüentemente, os resultados por eles apresentados são inadequados. Um exemplo deste tipo de promoção encontramos em um artigo de Christo H. J. van der Merwe:

Em uma análise recente dos dicionários de hebraico bíblico, foi apontado que as bases teóricas de referência que fundamentam antigos clássicos tais como Brown-Driver-Briggs (=BDB) e Koehler e Baumgartner (=KB), bem como Dictionary of Classical Hebrew (=DCH) mais recente, podem ser questionados. Duas fraquezas foram destacadas. Primeiro, o layout e estrutura desses dicionários refletem muito pouco da riqueza de abordagens fornecidas pela lexicografia teórica (i.e. a reflexão teórica sobre a realização de dicionários) e as avaliações críticas de dicionários nos anos recentes. Segundo, os modelos semânticos que fundamentam os dicionários de hebraico bíblico estão desatualizados (no caso do BDB e KB), ou representam uma versão estreita e inadequada daquilo que a lingüística moderna a oferecer para a lexicologia hebraica bíblica (no caso do DCH). [...] O objetivo deste estudo de caso é ilustrar abordagens que podem ser obtidas pela utilização de uma perspectiva pela semântica cognitiva para descrever o significado potencial de um conjunto de itens lexicais, p.e. **חֵל, חֹקֶה/חֹק, גְּבוּרָה/גִּבּוֹר, אִמְיָץ/אִמָּץ, עֵז/עֵזָה**.³⁰⁹

Estudos como os realizados por van der Merwe pertencem à lexicologia, ao comentarista e exegeta. Embora enriqueçam o estudo semântico das palavras, não alteram o significado fornecidos pelos dicionários, além da impossibilidade de serem utilizados como informação complementar devido as limitações de espaço existente nos textos impressos. A utilização de teorias semânticas, campos semânticos e definições, por mais interessantes que possam ser, apenas têm conseguido ampliar a apresentação dos dados nos dicionários, sem, no entanto, alterá-los e pouco acrescentando ao resultado desejado pelo usuário, além do risco de interferência do ‘pool de pressuposições’ do lexicógrafo, conforme alertado por Gerrit Jan van Steenbergem.

O movimento em direção a dicionários que consideram seriamente a existência de domínios semânticos é um desenvolvimento positivo, visto que buscam refletir os frameworks que existem nas estruturas cognitivas de várias culturas. Contudo, a maneira de como esses domínios são definidos e os critérios que são aplicados por muitos dicionários deixam espaço para discussões como foi demonstrado acima. O principal problema que existe em todos esses esforços está no fato de que a perspectiva, da qual os domínios semânticos são definidos, permanece basicamente ética devido à escolha de critérios, por alguém, baseada em fatores externos, tais como categorias linguísticas ou até mesmo a inclinação teológica. Em tais casos, os critérios que são utilizados de maneira a obter-se algum nível de categorização são aqueles do pesquisador e não aqueles do usuário da língua.³¹⁰

Tem sido o propósito utilitarista dos dicionários bilíngües, junto com sua concepção de significado nuclear das palavras, a razão do sucesso e longevidade de dicionários como o BDB,

³⁰⁹ van der MERWE, Christo H. J. *Lexical Meaning in Biblical Hebrew and Cognitive Semantics*, p. 85,86.

paradigma dos dicionários bilíngües de hebraico bíblico. Como modelo de um sistema lexical bilíngüe, o BDB estabeleceu um padrão para os dicionários bilíngües de hebraico bíblico e tem permitido ao seu usuário encontrar um equivalente na língua alvo correspondente a uma palavra na língua fonte (hebraico bíblico). Como auxílio e simulação do processo mental, adiciona exemplos contextuais de utilização no texto hebraico e que permitem identificar o equivalente contextual apropriado dentre os vários que compõem o campo semântico da palavra na língua fonte. Os novos dicionários bíblicos bilíngües de hebraico e grego bíblicos, resultado da aplicação de teorias semânticas e do uso de definições, além de não alterarem os resultados obtidos pelos dicionários bilíngües tradicionais, têm introduzido interferências ao estipular definições e estruturas semânticas influenciadas por um ‘pool de pressuposições’ diferente daquele do escritor do texto fonte.

O BDB, por sua longevidade e sucesso derivados dos resultados por ele apresentados, tornou-se um exemplo da função utilitarista da lexicografia, ciência em que ‘os resultados são mais importantes do que as intenções e o valor dos princípios teóricos deve ser estimado de acordo com os resultados’.³¹¹

No capítulo seguinte, demonstrarei, mediante estudos de caso, a eficiência deste propósito utilitarista da lexicografia e a validade dos significados nucleares encontrados no BDB, em oposição às novas propostas de campos semânticos e definições utilizadas pelo SDBH. Estes estudos de caso consistirão na realização da tradução de quatro poemas hebraicos de diferentes épocas (bíblica, medieval e moderna), valendo-me do sistema de glosas do BDB, comparando-as com as glosas e definições de outros dicionários de hebraico bíblico, e correlacionando os resultados com as glosas fornecidas pelo dicionário de hebraico moderno de Rifka Berezin (RB). A comparação com outros dicionários de hebraico bíblico indicará que o resultado não seria diferente se eles fossem utilizados.

³¹⁰ van STEENBERGEN, Gerrit Jan. *Semantics, World View and Bible Translations*, p.209.

³¹¹ DOROSZEWSKI, Witold. *Elements of Lexicology and Semiotics*, p. 36.

4. ESTUDOS DE CASO

No language has entirely true synonyms, and imaginative writers in both poetry and prose, by virtue of their necessary sensitivity to their chosen medium, have always been keenly conscious of this.
– Robert Alter³¹²

4.1 PROPÓSITO

No capítulo 3 desenvolvi a hipótese do BDB como modelo de um sistema lexical bilíngüe. Adicionalmente, apresentei a base de seu sistema de glosas como estando fundamentada na tradição de uma transmissão contínua da língua hebraica. Esta transmissão contínua resultou de sua utilização pelas comunidades de falantes de hebraico após a diáspora, o trabalho de escribas conhecidos por massoretas, traduções realizadas para línguas contemporâneas (aramaico, grego, siríaco e latim) a partir do século VI a.C., e uma produção contínua de dicionários desde o século VI d.C. Além disso, o BDB foi fruto de uma era de grande desenvolvimento intelectual ocorrido durante o renascimento alemão.³¹³ Esse desenvolvimento intelectual manifestou-se de maneira significativa na área da filologia relativa às línguas antigas como o grego clássico, hebraico e sânscrito.³¹⁴

Neste capítulo, procurarei, através de experimentos tradutórios, demonstrar a validade da hipótese apresentada no capítulo anterior, correspondendo este capítulo ao terceiro passo do método científico. Os experimentos consistem na tradução de quatro poemas hebraicos a partir do sistema de glosas do BDB e visa demonstrar – no contexto da polêmica entre glosas, definições e utilização de campos semânticos – a validade e eficiência do BDB como modelo de um sistema lexical bilíngüe. Adicionalmente, correlaciono as glosas do BDB com as glosas do dicionário hebraico moderno de Rifka Berezin, além de verificar também as glosas fornecidas por três outros dicionários de hebraico bíblico (HOLLADAY, Schökel, SDBH).

Para a realização deste experimento, escolhi quatro poemas hebraicos de diferentes períodos, permitindo, dessa maneira, confirmar a continuidade na transmissão da língua hebraica e estabilidade quanto ao significado das palavras desde os tempos bíblicos até os dias atuais,

³¹² *The Art of Biblical Poetry*, p. 13.

³¹³ Para o renascimento alemão, ver Gilbert Highet, *The Classical Tradition*, p. 367-375.

³¹⁴ Sobre o domínio alemão na filologia grega, ver o comentário de Umberto Eco em *Como se Faz uma Tese*, p. 19.

aspectos fundamentais na base teórica do BDB conforme estabelecida por Wilhelm Gesenius. Os dois primeiros poemas pertencem à Bíblia Hebraica e reconhecidamente escritos antes do século VI a.C. – o primeiro, conhecido como “Canção de Lameque”, encontra-se em Gênesis 4:23-24, enquanto que o segundo, conhecido como “Poema do Tempo”, está em Eclesiastes 3:1-9. O terceiro poema, אֲשָׁכִים לְבֵית הַשָּׁר, pertence à literatura hebraica da Idade Média, mais exatamente século XII, enquanto que o quarto, כָּל שׁוֹשְׁנָה, escrito na primeira metade do século XX, pertence à literatura do hebraico moderno.

O propósito da tradução destes quatro poemas de diferentes épocas, a partir de glosas fornecidas pelo BDB, visa demonstrar a validade e eficiência deste dicionário bilíngüe de hebraico bíblico como modelo de um sistema lexical bilíngüe e que seu sistema de glosas está fundamentado em uma tradição de transmissão contínua da língua hebraica e de significados das palavras. Pela comparação de suas glosas com as glosas apresentadas por outros dicionários, torna-se possível constatar que – independente da polêmica entre glosas, definições e campos semânticos – os resultados obtidos pelo BDB são válidos e confirmados pelos demais dicionários. Ou seja, as novas teorias da lexicologia e da semântica, quando aplicadas à lexicografia hebraica bíblica, não alteram os resultados obtidos com o BDB.

4.2 METODOLOGIA

Visando uma sistematização do experimento, cada um dos quatro estudos de caso utiliza uma metodologia comum constituída pela aplicação sistemática de cinco etapas: (a) texto fonte; (b) tabela de glosas; (c) tradução interlinear; (d) comentários e (e) tradução final.

Texto fonte

Esta etapa consiste em determinar o texto hebraico fonte, com indicação da obra da qual foi retirado, autor e edição. A formatação utilizada para o texto fonte é idêntica a da fonte original. No caso dos poemas bíblicos, indico também outras edições consultadas da Bíblia Hebraica.

Tabela de glosas

A partir do texto fonte, identifico o lema correspondente para cada lexema do texto e indico as principais glosas apresentadas por quatro dicionários de hebraico bíblico (BDB, HOLLADAY, Schökel e SDBH) e um de hebraico moderno (RB). Essas glosas estão divididas em duas tabelas.

Na primeira tabela, a principal, relaciono as glosas apresentadas pelo BDB e RB. Considero-a tabela principal porque são com as glosas do BDB que trabalho para a realização da tradução, enquanto que utilizo as glosas do RB para correlação com as glosas do BDB e dessa maneira verificar o quanto a glosa manteve-se estável do hebraico bíblico (conforme se encontra definida no início do século XIX pelo dicionário de Gesenius) até o hebraico moderno do século XX.

Na segunda tabela, relaciono as glosas de três dicionários bíblicos para uma comparação com as glosas do BDB, permitindo verificar a consistência existente entre diferentes dicionários de hebraico bíblico quanto ao sistema de glosas da lexicografia hebraica bíblica.

Na primeira coluna da tabela principal, relaciono alfabeticamente os lexemas tais como se encontram no texto fonte. Na segunda coluna, apresento o lema correspondente ao lexema e que serve de entrada nos dicionários. Para os lexemas compostos por uma palavra hebraica (verbo, substantivo, adjetivo) e prefixo (preposição, conjunção, artigo), utilizo apenas o lema correspondente à palavra principal, ignorando o prefixo. Para cada dicionário da tabela principal (BDB e RB) apresento duas colunas: uma com a indicação da página em que se encontra o lema e outra para suas glosas. A segunda tabela apresenta a mesma organização da tabela principal, exceto a indicação da página em que se encontra o lema.

Para os poemas medieval e moderno (terceiro e quarto estudo de caso), adiciono uma coluna extra em que indico uma passagem na Bíblia Hebraica em que ocorre o lexema considerado. A preferência é sempre por uma passagem que utilize o lexema na mesma forma, isto é, se for um verbo, ele deverá utilizar o mesmo tronco, conjugação, pessoa, gênero e número. Quando tratar-se de uma passagem com uma utilização que não seja idêntica, esta passagem estará indicada entre colchetes.

Antes das tabelas, como auxílio para a determinação do lema a partir do lexema, apresento o *parsing* de todas as formas verbais encontradas no texto. O *parsing* reproduz na íntegra as informações encontradas no dicionário analítico BBS. Para outras palavras que não são formas verbais e apresentam uma forma morfológica bastante diferente da raiz, incluo o *parsing* fornecido pelo dicionário analítico de Davidson (DAVIDSON).

Para os poemas bíblicos – “Canção de Lameque” e “Poema do tempo” – adiciono uma terceira tabela com as glosas obtidas a partir da Septuaginta, Vulgata e uma tradução moderna para o inglês³¹⁵ (JPS Hebrew-English Tanakh – JPS). Esta tabela permite verificar a consistência existente desde a Septuaginta (uma tradução feita entre o terceiro e segundo século antes de nossa

³¹⁵ A JPS Hebrew-English Tanakh (JPS) é uma edição da Bíblia Hebraica feita pela Sociedade Publicadora Judaica (JPS) com uma tradução paralela para o inglês.

era), entre as traduções antigas e os dicionários de hebraico bíblico. A inclusão de uma tradução moderna permite constatar que os estudos e pesquisas mais recentes do hebraico bíblico não têm alterado o sistema de glosas do BDB. Nesta tabela, as colunas de glosas da Septuaginta e Vulgata são lexemas. Isto é, palavras tais como se encontram no texto destas duas traduções e correspondem aos lexemas da coluna de lexemas hebraicos. Por exemplo, para a “Canção de Lameque” **touj logouj mou** e “sermonem meum” são lexemas grego e latino correspondentes ao lexema hebraico **אִמְרָתִי**.

Tradução interlinear

Na tradução interlinear reproduzo o texto fonte, porém, em alguns casos, altero a formatação do texto apenas por uma questão de facilidade de apresentação e visualização. Por exemplo, nos estudos de caso 1 e 3 o texto fonte utilizado apresenta cada linha do poema constituída por um *bicolon*, enquanto que na tradução interlinear prefiro formatar o poema utilizando um *colon* por linha.

Cada tradução interlinear é constituída por três linhas. A primeira corresponde ao texto hebraico fonte, a segunda é constituída por glosas obtidas da coluna BDB da tabela principal e a terceira por glosas da coluna RB. Nos casos em que existir informações do SDBH relacionadas com determinada palavra do poema, uma glosa será adicionada e formará uma quarta linha. Um asterisco, nesta quarta linha, indica a inexistência de informações no SDBH. A tradução interlinear, assim constituída, materializa a definição de George Steiner de que uma tradução interlinear “nada mais é do que glossário total, disposto horizontalmente em unidades discretas”.³¹⁶

Comentários

Nesta etapa da metodologia, adiciono comentários para alguns lexemas específicos do poema, de forma a esclarecer, quando necessário, a palavra original e as glosas fornecidas pelos dicionários. Adicionalmente, complemento o sistema de validação das glosas do BDB mediante a comparação com o texto de antigas traduções (Septuaginta e Vulgata), com análises do paralelismo existente nos poemas e comentários de autores que escreveram sobre o texto fonte em questões referentes à etimologia das palavras, estrutura sintática, conhecimento enciclopédico e visão de mundo. Dentro do possível, procuro orientar-me pelos mesmos princípios lexicográficos utilizados por Gesenius em sua obra original e que serviu de base para o BDB: (1) O uso contextual da palavra na própria

³¹⁶ STEINER, George. *Depois de Babel*, p. 328. Tradução de Carlos Alberto Faraco.

Bíblia Hebraica; (2) Comparação com as traduções antigas; e (3) Comparação com línguas cognatas.³¹⁷

Principalmente para os dois poemas bíblicos, mas também para o medieval e o moderno, a estrutura dos poemas, o paralelismo e as relações semânticas existentes entre as palavras do próprio texto, formam um contexto que auxilia na verificação da consistência das glosas e permite uma forma de validação das mesmas. Esta foi a principal fonte de Gesenius para a lexicografia Hebraica. Para Gesenius, o significado das palavras devia ser derivado do contexto existente na própria Bíblia Hebraica e somente após esta verificação devia-se recorrer a outra fonte como as traduções antigas e as línguas cognatas.³¹⁸

No caso dos dois últimos poemas (medieval e moderno), quando a palavra utilizada não é encontrada na Bíblia Hebraica na sua forma de lexema, ou então apresenta um uso diferente do utilizado na Bíblia Hebraica, adiciono informações explicativas fundamentadas em alguma gramática de hebraico moderno.

Tradução final

A tradução final é o resultado do trabalho de análise realizado a partir das glosas obtidas do BDB, correlacionas com as glosas do RB e verificadas contra as glosas dos outros três dicionários de Hebraico bíblico (HOLLADAY, Schökel e SDBH). Não busco originalidade nesta tradução e tampouco procuro defender alguma teoria de tradução, mas apenas procuro mostrar uma tradução válida como resultado de um trabalho a partir das glosas fornecidas pelo BDB, confirmando assim sua função utilitária e a validade de seu sistema de glosas. A validade desta tradução, quando necessário, é conferida pela comparação com outras traduções disponíveis em língua inglesa e portuguesa.

4.3 “CANÇÃO DE LAMEQUE” – GÊNESIS 4:23-24

4.3.1 Texto fonte

O texto hebraico de Gênesis 4:23-24, aqui utilizado, foi reproduzido da *Biblia Hebraica Stuttgartensia*, uma edição impressa do *Códice de Leningrado*. Prefiro o texto da *Stuttgartensia* pela sua formatação – um *bicolon* por linha – e pela delimitação utilizada para o que os editores consideraram ser o poema. Essa delimitação é a mesma utilizada pela *JPS Hebrew-English Tanakh*

³¹⁷ MILLER, Edward Frederick. *The Influence of Gesenius on Hebrew Lexicography*, p. 22-26.

editada pela Jewish Publication Society, porém com uma formatação diferente (um *colon* por linha). A *Bíblia Hebraica de Kittel* (3ª edição) também formata o poema da mesma maneira que a *Stuttgartensia*, contudo apresenta seu início em um ponto diferente no texto hebraico. Outras edições disponíveis do texto hebraico – *Hebrew Old Testament* de Norman Snaith, *The interlinear NIV Hebrew-English Old Testament* editado por John Kohlenberger III e *The interlinear Bible Hebrew-Greek-English* editada por Jay P. Green – não formatam o poema, apresentando-o em forma de prosa. Na verdade, o poema formatado em estilo de prosa é a maneira encontrada no *Códice de Leningrado*. O *Antigo Testamento Poliglota* editado por Luiz Sayão reproduz o texto da *Bíblia Hebraica Stuttgartensia*.

עֲדָה וְצִלָּה שְׁמַעַן קוֹלִי נָשִׁי לְמַךְ הָאִנָּה אִמְרָתִי
כִּי אִישׁ הֲרַגְתִּי לְפָצְעִי וְיִלְד לְחִבְרָתִי
כִּי שְׁבַעְתִּים יָקָם קִין וּלְמַךְ שְׁבַעִים וּשְׁבַעַה

4.3.2 Tabela de glosas para a *Canção de Lameque*

Apresento, a seguir, o *parsing* para os cinco lexemas verbais existentes no texto, utilizando a mesma formatação utilizada por BBS e o *parsing* para o lexema נָשִׁי segundo DAVIDSON. Os demais lexemas ou são nomes próprios, ou números, ou não apresentam grande dificuldade para o reconhecimento do lema. Este é o caso, por exemplo, do lexema קוֹלִי, facilmente reconhecível como estando formado pelo lema קוֹל (“voz”) e o sufixo pronominal de primeira pessoa singular יְ (‘‘eu’’), resultando em (‘‘minha voz’’, literalmente ‘‘voz de mim’’).

ChVs	Form	Stem	Tense	PGN	Root	Sfx	BDB	KB	Meaning
Gênesis³¹⁹									
4:23	שְׁמַעַן	qal	impv	fp	שָׁמַע		1033	1570	hear
	הָאִנָּה	hiph	impv	fp	אָזַן		24	27	hear
	הֲרַגְתִּי	qal	pft	1cs	הָרַג		246	255	kill
4:24	יָקָם	qalp	impf	3ms	נָקַם		667	721	be avenged

נָשִׁי n. fem. with pl. masc. term., constr. of נָשִׁים, irr. of אָשָׁה (§ 45) . . . אִנָּשׁ³²⁰

³¹⁸ MILLER, Edward Frederick. *The Influence of Gesenius on Hebrew Lexicography*, p. 22.

³¹⁹ BBS p. 4.

³²⁰ DAVIDSON p. 566.

4.3.2.1 BDB, RB

Lexema	Lema	BDB		RB	
		Página	Glosa	Página	Definição/glosa
אִישׁ	אִישׁ	35b	man	17 ^a	homem, pessoa
אִמְרָתִי	אִמְרָה	57a	utterance, speech, word	23b	dito, aforismo, provérbio, máxima
הֶאֱזִינָה (V)	אָזַן	24 ^a	give ear, listen, hear	12 ^a	escutar, ouvir, atender
הֲרָגְתִּי (V)	הָרַג	246b	kill, slay	159b	matar, assassinar
וְיִלָּד	יָלַד	409 ^a	child, son, boy, youth	274b	menino, criança, filho
וְלָמַךְ	לָמַךְ	-	Lamech	-	Lameque (NP)
וְצִלָּה	צִלָּה	-	Zillah	-	Zilá (NP)
וְשִׁבְעָה	שִׁבְעָה	987b	seven	618 ^a	sete
יָקָם (V)	נָקָם	667b	avenge, take vengeance	461 ^a	vingança, represália
כִּי	כִּי	471b	conj. <i>that, for, when.</i> 2. ^a Of time, <i>when, [...]</i> elsewhere כִּי has a force approximating to <i>if, [...]</i> 4. <i>Because, since. [...]</i> Enunciating the conditions under which a fut. action is conceived as possible. More commonly the causal sentence follows. Note. – כִּי is sometimes of difficult and uncertain interpretation, and in some of the passages quoted a different expl. is tenable. authorities esp. read the Heb. differently, when the choice is between <i>for</i> and <i>yea</i> .	293 ^a	porque, que, quando, se, ainda que, pois
לְחַבְרָתִי	חִבּוּרָה	289 ^a	stripe, blow	219b	contusão, ferida
לָמַךְ	לָמַךְ	-	Lamech	-	Lameque (NP)
לְפָצְעִי	פָּצַע	822b	bruise, wound	535b	ferida, lesão, ferimento
נָשִׁי	אִשָּׁה	61a	woman, wife, female	34b	mulher, esposa, fêmea
עָדָה	עָדָה	-	Adah	-	Ada (NP)
קוֹלִי	קוֹל	876b	sound, voice	566b	voz, som
קַיִן	קַיִן	-	Cain	-	Caim (NP)
שִׁבְעִים	שִׁבְעִים	988b	seventy	618b	setenta

שְׁבַעַתִּים	שְׁבַעַתִּים	988b	<i>seven-fold, seven times</i>	618b	sete vezes, muitas vezes
(V) שְׁמַעַן	שְׁמַעַן	1033 ^a	<i>hear</i>	641b	ouvir, escutar, atender

Tabela 4: Tabela principal de glosas para “Canção de Lameque”

4.3.2.2 Holladay, Schökel e SDBH

Lexema	Lema	HOLLADAY	SCHÖKEL	SDBH
		Glosa	Glosa	Glosa
אִישׁ	אִישׁ	<i>man</i>	homem, marido	(*)
אִמְרָתִי	אִמְרָה	<i>word, opinion</i>	palavra, discurso	(*)
(V) הִאֲנִיחַ	אָנַן	<i>listen</i>	escutar, prestar atenção	(*)
(V) הִרְגֵּתִי	הִרְגַּ	<i>slay, murder</i>	matar, fazer morrer, assassinar	(*)
וִילָד	יָלַד	<i>boy, male child</i>	criança, filho, menino	(*)
וּלְמִן	לְמִן	name personal	Lamec	
וּצִלָּה	צִלָּה	name personal feminine	Sela	
וְשִׁבְעָה	שִׁבְעָה	<i>seven</i>	sete	(*)
(V) יָקִים	נָקַם	<i>vengeance, revenge</i>	vingança, desforra, revanche	(*)
כִּי	כִּי	I. demonsr. particle: <i>yes, indeed, truly, etc</i> II. true conj. <i>because, for, that, when, if, in case, etc.</i>	Partícula que introduz orações principais, completivas ou subordinadas: <i>que, pois, porque, posto que, já que, quando, se, em caso de, embora, por mais que, de modo que</i>	(*)
לְחַבְרָתִי	חַבְרָה	<i>wound, stripe</i>	cicatriz, ferida	<i>area of physical damage on the body, caused by sickness or aggression, sometimes used in a figurative sense to refer to difficult circumstances – wound, bruise</i>
לְמִן	לְמִן	name personal	Lamec	
לְפָצְעִי	פָּצַעַ	<i>inflict bruises</i>	ferida, chaga, lesão	<i>area of physical damage on the body, caused by accident or aggression, often used in a figurative sense to refer to difficult circumstances – bruise, wound</i>
נִשְׂיָ	אִשָּׁה	<i>woman, wife, female</i>	mulher, fêmea, esposa	(*)
עָדָה	עָדָה	name personal feminine	Ada	

קוֹלִי	קוֹל	<i>sound, voice, noise</i>	voz, som, ruído	(*)
קַיִן	קַיִן	name personal	Caim	
שִׁבְעִים	שִׁבְעִים	<i>seventy</i>		(*)
שִׁבְעִתַּיִם	שִׁבְעִתַּיִם	<i>7-fold</i>	sete vezes	(*)
שְׁמַעַן (V)	שְׁמַע	<i>hear, listen to</i>	ouvir, escutar	(*)

Tabela 5: Tabela secundária de glosas para “Canção de Lameque”

4.3.2.3 Septuaginta, Vulgata, JPS Hebrew-English Tanakh (JPS)

Lexema	Lema	SEPTUAGINTA	VULGATA	JPS
		Glosa	Glosa	Glosa
אִישׁ	אִישׁ	a@ a	virum	a man
אִמְרָתִי	אִמְרָה	touj logouj mou	sermonem meum	my voice
הִאֲזַנָּח (V)	אָזַן	enwti s a s qe	auscultate	hear
הִרְגֵּתִי (V)	הָרַג	aþekteina	occidi	I have slain
וִילָד	יָלַד	kai neani s kon	adulescentulum	and a lad
וְלָמֶךְ	לָמֶךְ	Lamex	Lamech	Lamech
וְצִלָּה	צִלָּה	Sell a	Sellae	Zillah
וְשִׁבְעָה	שִׁבְעָה	eþt a	sete	sevenfold
יָקָם	נָקָם	eþdedikht ai	dabitur	avenged
כִּי	כִּי	oti	quoniam	..., if
לְחַבְּרָתִי	חַבְּרָה	mw lwp a eþoi	livorem meum	for bruising me
לָמֶךְ	לָמֶךְ	Lamex	Lamech	Lamech
לְפָצְעִי	פָּצַע	trauma eþoi	vulnus meum	for wounding me
נָשִׁי	אִשָּׁה	gunaikej	uxorex	O wives
עָדָה	עָדָה	Ada	Adae	Adah
קוֹלִי	קוֹל	th fwnhj mou	vocem meam	my voice
קַיִן	קַיִן	Kain	Cain	Cain
שִׁבְעִים	שִׁבְעִים	eþdomhkont aki j	septuagies	seventy
שִׁבְעִתַּיִם	שִׁבְעִתַּיִם	eþt aki j	septuplum ultio	sevenfold
שְׁמַעַן (V)	שְׁמַע	aþous a te	audite	hear

Tabela 6: Tabela de glosas para “Canção de Lameque” segundo a Septuaginta, Vulgata e JPS

4.3.3 Tradução interlinear

עָדָה וְצִלָּה שְׁמַעְנָן קוֹלִי			
voice of me	hear	and Zillah	Adah
minha voz	ouçam	e Zilá	Ada
נָשֵׁי לָמֶךְ הָאֵנָּה אִמְרָתִי			
speech of me	give ear	Lamech	wives of
meu dito	escutem	Lameque	esposas de
כִּי אִישׁ הָרַגְתִּי לְפָצְעִי			
for bruised me	I killed	a man	for
por me ferir	eu matei	um homem	porque
for bruised me	(*)	(*)	(*)
וְיֶלֶד לַחֲבֵרָתִי			
	for wound me	and a child	
	por me contundir	e uma criança	
	for wound me	(*)	
כִּי שִׁבְעִתַּיִם יָקָם קַיִן			
Caim	he is avenged	seven times	if
Caim	vingado (é)	sete vezes	se
וּלְמֶךְ שִׁבְעִים וְשִׁבְעָה			
and seven	seventy	and Lamech	
e sete	setenta	e Lameque	

4.3.4 Comentários

Uma análise das duas tabelas de glosas encontradas em 4.3.2 revela a inexistência de divergência entre as glosas do BDB e as glosas dos demais dicionários consultados (RF, HOLLADAY, Schökel). Excetuando nomes próprios, o SDBH – em fase de implantação – apenas disponibiliza informações para duas palavras utilizadas no poema (לַחֲבֵרָתִי e לְפָצְעִי), confirmando, neste caso, as glosas do BDB para estas palavras.

Além da verificação da validade das glosas do BDB com outros dicionários, uma verificação adicional pode ser realizada pela comparação e análise de traduções antigas da Bíblia Hebraica.

Para a “Canção de Lameque”, incluo, a seguir, quatro traduções: a Septuaginta do terceiro século antes de nossa era, a Vulgata Latina do final do século IV d.C., a primeira tradução para a língua inglesa feita diretamente do hebraico por William Tyndale e publicada em 1530 e uma tradução moderna feita para o inglês pela Sociedade Publicadora Judaica (JPS).

a) Canção de Lameque segundo a Septuaginta³²¹

**Ada kai Sella, akousate mou th fwnhj,
gunaikoj Lamex, enwtis asqe mou touj logouj,
oti a@a apekteina eij trauma ehoi,
kai neaniskon eij mwlpwpa ehoi,
oti eptakij ekdedikhtai ek Kain,
ek de Lamex ebdomhkontakij epta.**

b) Canção de Lameque segundo a Vulgata Latina³²²

Adae et Sellae audite vocem meam / uxores Lamech auscultate sermonem meum //
quoniam occidi virum in vulnus meum / et adolescentulum in livorem meum //
septuplum ultio dabitur de Cain / de Lamech vero septuagies septies //

c) Canção de Lameque segundo a tradução de William Tyndale³²³

*Ada and Zilla: hear my voice ye wives of Lamech and hearken unto my words, for
I have slain a man and wounded myself, and have slain a young man, and got
myself stripes: For Cain shall be avenged sevenfold: but Lamech seventy times
sevenfold.*

d) Canção de Lameque segundo a JPS³²⁴

*And Lamech said to his wives,
“Ada and Zillah, hear my voice;
O wives of Lamech, give ear to my speech.*

³²¹ RAHLFS, Alfred (ed.) *Septuaginta*. Stuttgart: Deutsch Bibelgesellschaft, 1935/1979.

³²² *Biblia Sacra Iuxta Vulgatam Versionem*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1969/1983.

³²³ DANIELL, David (ed.) *Tyndale's Old Testament*, p. 19.

*I have slain a man for wounding me,
And a lad for bruising me.
If Cain is avenged sevenfold,
Then Lamech seventy-sevenfold.”*

Finalmente, a validade das glosas obtidas do BDB pode ser verificada pela análise do paralelismo existente no poema. O paralelismo encontrado na “Canção de Lameque” permite identificar uma relação semântica entre frases e pares de palavras, permitindo, desta maneira, uma verificação da consistência das glosas pela análise de cada *bicolon*. O esquema abaixo relaciona os pares de palavra de cada *bicolon* e permite identificar a relação semântica em cada par:

bicolon 1: Ada e Zilá // esposas de Lameque; ouçam // atentem; minha voz // meu discurso

bicolon 2: matei // (matei); um homem // uma criança; ferir // contundir

bicolon 3: Caim // Lameque; vingado // (vingado); setenta // setenta vezes sete)

O primeiro *bicolon* apresenta um paralelismo semântico e pode ser classificado de paralelismo sinonímico, segundo o modelo de Louwth, reforçado por um perfeito paralelismo sintático. O segundo *bicolon*, também um paralelismo semântico, apresenta uma variação no paralelismo sintático ao deixar o verbo elíptico no segundo *colon*. Embora ‘homem’ e ‘criança’ não sejam sinônimos, pertencem a um mesmo campo semântico e poderíamos considerar este *bicolon* como uma variação de paralelismo sinonímico. Da mesma forma, o terceiro *bicolon* apresenta um paralelismo semântico com o verbo do segundo *colon* elíptico. O ‘setenta’ do primeiro *colon* e o ‘setenta vezes sete’ do segundo é o que alguns autores (Robert Alter, por exemplo) denominam de paralelismo semântico com intensificação.

Autores como Robert Alter e James Kugel têm contestado o modelo de Robert Lowth para o paralelismo hebraico bíblico. Robert Alter, por exemplo, menciona que, mesmo no paralelismo sinonímico, não se trata de uma mera repetição no *colon 2* do que foi dito no *colon 1*, mas de se dizer algo mais mediante uma ampliação do pensamento. No entanto, independente de se entender que cada segundo *colon* de um *bicolon* é uma mera repetição do primeiro *colon*, ou de se procurar dizer algo mais, o que importa neste experimento lexicográfico é a constatação da existência de uma forma de paralelismo e sua contribuição para a identificação de relações semânticas entre pares de palavras e de frases de forma a permitir uma análise da validade das glosas obtidas do BDB. No

³²⁴ JPS Hebrew-English Tanakh. The Traditional Hebrew Text and the New JPS Translation. Philadelphia: The Jewish Publication Society, 2003. Tradução para o inglês de 1985 e edição hebraico-inglês de 1999.

entanto, reconheço que, dependendo do tipo de análise que se fizer do paralelismo utilizado no texto fonte (o que não deixa de ser uma forma de exegese), poderá haver uma escolha de determinada glosa, ou até mesmo a rejeição das glosas propostas pelo dicionário e busca de uma nova glosa.

O poema “A canção de Lameque” não apresenta dificuldades quanto as glosas para as palavras individualmente. Na verdade, suas dificuldades estão associadas com a sintaxe e interpretação do texto. A questão sintática está relacionada com a única palavra que pode ser considerada problemática neste poema: ׀ (utilizado duas vezes). Trata-se de um *relacional* que pode, de acordo com seu emprego, estabelecer diferentes relações entre as frases e, inclusive, diferentes entendimentos sobre o que é dito no poema. Devido a ausência de um contexto para os eventos relatados pelo poema, torna-se necessário algum tipo de conjectura no processo de entendimento e tradução.

A única palavra problemática, conforme mencionado acima, é o relacional ׀ visto não se tratar de um símbolo lingüístico que estabelece uma referência com alguma coisa do mundo extra-lingüístico. O BDB classifica ׀ como conjunção e apresenta as palavras *that, for, when, if, because* como suas possíveis glosas, sendo confirmado pelos demais dicionários analisados. Dentre os vários possíveis usos de ׀, temos: (a) prefixar sentenças dependentes de verbos ativos e ocupando o lugar de um acusativo, tendo por glosa *that*; (b) introduzir o discurso direto (semelhante ao **oti** *recitativum* utilizado no grego) e, neste caso, não precisa ser representado em línguas como português e inglês, passando a ser substituído por aspas ou dois pontos; (c) em orações condicionais tem o papel correspondente a *if* (se); (d) em orações causais, freqüentemente seguido pela sentença causal, pode ter por glosa *because* ou *since*. O BDB, após três páginas de informações sobre o ׀ bíblico, adiciona a observação: “׀ é algumas vezes de interpretação difícil e incerta, e em algumas das passagens citadas é possível uma explicação alternativa defensável.”³²⁵

A maior parte das traduções consultadas omitem uma glosa para o ׀ do segundo *bicolon*, entendendo dessa forma que o ׀ corresponde a um **oti** *recitativum* que inicia uma citação direta. Por outro lado, o ׀ do terceiro *bicolon* é sempre traduzido por um “se” condicional.

Quanto a interpretação do texto, existe uma controvérsia a respeito de quantas pessoas o poema diz que Lameque matou. Terá ele matado um homem e uma criança, ou estaria se referindo a mesma pessoa? Na linha de interpretação de que ׀ e ׀ referem-se a mesma pessoa,

³²⁵ BDB, p. 474. Para uma análise dos usos de ׀, ver *A Grammar for Biblical Hebrew* de C. L. Seow, p. 331-332.

fundamentados no modelo de paralelismo sinonímico, algumas traduções apresentam “*young man*” como tradução para **נָעָם**.³²⁶ James Kugel critica este tipo de entendimento ao afirmar que se trata de duas pessoas diferentes devido ao **וְ** do segundo *bicolon* poder ser um indicador de um sentido condicional e, como consequência, a ação verbal estaria no condicional em vez de no passado. Segundo Kugel, “homem” e “criança” não são sinônimos no poema, mas formam um crescendo de retribuição desigual.³²⁷

Mas a questão aqui não se trata de definir se **נָעָם** e **נָעָם** correspondem a uma ou duas pessoas, mas que as glosas “*man*” e “*child*”, apresentadas pelo BDB e confirmadas por outros dicionários e traduções da Bíblia Hebraica, correspondem respectivamente ao sentido das duas palavras. Não é competência do dicionário bilíngüe interpretar o poema, mas simplesmente apresentar glosas adequadas.

4.3.5 Tradução final

Para a realização da tradução final, optei por traduzir o primeiro **וְ** pela conjunção causativa “porque”, subordinando, portanto, o segundo *bicolon* ao primeiro. Minha interpretação é a de que a declaração de Lameque quanto a ter matado um homem é a razão, ou causa, da convocação de suas esposas para ouvirem seu discurso. Acredito que possam ser dois assassinatos, o de um homem e o de uma criança, devido a existência do *vav* conjuntivo (וְ) unindo o segundo *colon* ao primeiro.

Ada e Zilá ouçam minha voz,
Esposas de Lameque escutem meu discurso:
Porque matei um homem por ferir-me
E uma criança por dar-me uma pancada.
Se Caim é vingado sete vezes,
Então Lameque setenta vezes sete.

³²⁶ Para uma discussão dos problemas de interpretação deste poema, baseada no paralelismo bíblico, ver *The Art of Biblical Poetry* de Robert Alter, p. 5-14.

³²⁷ KUGEL, James L. *The Idea of Biblical Poetry*, p. 32.

4.4 “POEMA DO TEMPO” – ECLESIASTES 3:1-9

4.4.1 Texto fonte

O texto hebraico abaixo de Eclesiastes 3:1-9 foi reproduzido da *Biblia Hebraica Stuttgartensia* pela mesma razão que Gênesis 4:23-24. Sua formatação, um *colon* por linha, é a mesma utilizada pela *JPS Hebrew-English Tanakh* editada por Jewish Publication Society, A *Biblia Hebraica de Kittel* (3ª edição), *Old Hebrew Testament* editado por Henry Snaith e *Antigo Testamento Poliglota* editado por Luiz Sayão. *The interlinear NIV Hebrew-English Old Testament* editado por John Kohlenberger III e *The interlinear Bible Hebrew-Greek-English* editado por Jay P. Green não formatam o poema, apresentando-o em forma de prosa. O *Códice de Leningrado* formata os versículos 2-8 do capítulo 3 de Eclesiastes, porém introduz uma quebra de linha após a segunda ocorrência de **עַתָּה** em cada *colon*.

Considero que o poema compreende os versos de 1 até 9 inclusive, entendendo que o verso 1, em forma de *bicolon*, serve de introdução e o verso 9, em forma de questão retórica, encerra o poema. Desta maneira, estes dois versos constituem um *envelope* que delimita a estrutura constituída pelos versos 2 a 8, formada por quatorze pares de palavras em oposição e organizadas em sete pares de paralelismo em torno da palavra **עַתָּה**: // **עַתָּה** **עַתָּה** / **עַתָּה** **עַתָּה**³²⁸

v 1 לְכֹל זֶמֶן וְעַתָּה לְכֹל-חַפֵּץ תַּחַת הַשָּׁמַיִם:

v 2^a עַתָּה לְלֵדָת וְעַתָּה לְמוֹת

v 2b עַתָּה לְטֵטֶעַת וְעַתָּה לְעִקּוֹר נְטוּעַ:

v 3^a עַתָּה לְהָרוֹג וְעַתָּה לְרַפּוֹא

v 3b עַתָּה לְפָרוֹץ וְעַתָּה לְבָנוֹת:

v 4^a עַתָּה לְבָכּוֹת וְעַתָּה לְשִׁחּוֹק

v 4b עַתָּה סִפּוֹד וְעַתָּה רִקּוֹד:

v 5^a עַתָּה לְחַשְׁלֵיךְ אֲבָנִים וְעַתָּה כְּנוֹס אֲבָנִים

v 5b עַתָּה לְחִבּוֹק וְעַתָּה לְרִחֵק מִחִבֵּק:

v 6^a עַתָּה לְבַקֵּשׁ וְעַתָּה לְאַבֵּד

³²⁸ O entendimento de que o poema é constituído pelos versos 1 a 9 e que os versos 1 e 9 servem de introdução e conclusão é apoiada por Choon-Leon Seow em *Ecclesiastes*, p. 169-170 e Michael V. Fox em *A time to Tear Down & A Time to Build Up*, p. 192.

עַת לְשִׁמּוֹר וְעַת לְהִשְׁלִיךְ:	v 6b
עַת לְקָרוֹעַ וְעַת לְתַפּוֹר	v 7 ^a
עַת לְחִשּׁוֹת וְעַת לְדַבֵּר:	v 7b
עַת לְאַחֵב וְעַת לְשָׂנֵא	v 8 ^a
עַת מִלְחָמָה וְעַת שְׁלוֹם:	v 8b
מֵה־יִתְרוֹן הַעוֹשֶׂה בְּאִשֶּׁר הוּא עֵמֶל:	v 9

4.4.2 Tabela de glosas para *Poema do Tempo*

Abaixo, reproduzo o *parsing* para os vinte e nove lexemas verbais encontrados no texto de Eclesiastes 3:1-9.

ChVs	Form	Stem	Tense	PGN	Root	Sfx	BDB	KB	Meaning
Ecclesiastes³²⁹									
3:2	לְלַדָּת	qal	inf		יִלַּד		408	411	bear, beget
	לָמוּת	qal	inf		מָוַת		559	562	die
	לְטַעַת	qal	inf		נָטַע		642	694	plant
	לְעֻקּוֹר	qal	inf		עָקַר		785	874	pluck up
	נָטַעַ	qal	ppte	ms	נָטַע		642	694	plant
3:3	לְהָרוֹג	qal	inf		הָרַג		246	255	kill
	לְרַפֹּא	qal	inf		רָפָא		950	1272	heal
	לְפָרוֹץ	qal	inf		פָּרַץ		829	971	break through
	לְבָנוֹת	qal	inf		בָּנָה		124	139	build
3:4	לְבָכּוֹת	qal	inf		בָּכָה		113	129	weep
	לְשַׁחֵק	qal	inf		שָׁחַק		965	1315	laugh
	סָפַד	qal	inf		סָפַד		704	763	wail, lament
	רָקַד	qal	inf		רָקַד		955	1288	skip about
3:5	לְהִשְׁלִיךְ	hiph	inf		שָׁלַךְ		1020	1527	throw, cast
	כָּנָס	qal	inf		כָּנַס		488	484	collect
	לְחַבֹּק	qal	inf		חָבַק		287	287	embrace
	לְרַחֵק	qal	inf		רָחַק		934	1221	be distant
	מִחְבֵּק	piel	inf		חָבַק		287	287	embrace
3:6	לְבַקֵּשׁ	piel	inf		בָּקַשׁ		134	152	seek
	לְאַבֵּד	piel	inf		אָבַד		1	2	destroy
	לְשַׁמֹּר	qal	inf		שָׁמַר		1036	1581	keep, watch
	לְהִשְׁלִיךְ	hiph	inf		שָׁלַךְ		1020	1527	throw, cast
3:7	לְקָרוֹעַ	qal	inf		קָרַע		902	1146	tear, rend
	לְתַפּוֹר	qal	inf		תָּפַר		1074	1779	sew together

³²⁹ BBS p. 488.

	לְחַשׁוֹת	qal	inf	שָׁמַר	1036	1581	be silent
	לְדַבֵּר	piel	inf	דִּבֶּר	180	210	speak
3:8	לְאַחַב	qal	inf	אַהֲבָה	12	17	love
	לְשׂוֹנֵא	qal	inf	שָׂנֵא	971	1338	hate
3:9	הָעוֹשֶׂה	qal	ptc	עָשָׂה	793	889	do, make

4.4.2.1 BDB, RB

Lexema	Lema	BDB		RB	
		Página	Glosa	Página	Glosa
אֲבָנִים	אֶבֶן	6a	stone	3a	pedra, peso
בְּאֶשֶׁר	בְּאֶשֶׁר	84a	in (that, in) which	40a	onde, qual, porque
הוּא	הוּא	214b	pron. of the 3 rd ps. sing.: he	115a	ele; substitui o verbo no tempo presente
הָעוֹשֶׂה (V)	עָשָׂה	793b	do, make	515b	fazer, realizar, obrar, executar, efetuar; produzir
הַשָּׁמַיִם	שָׁמַיִם	1029b	heavens, sky	640b	céu, firmamento
וְעַתָּה	עַתָּה	773a	time, appointed time	517b	tempo; época, período, era; estação do ano
זְמַן	זְמַן	273b	appointed time, time	213a	tempo; tempo do verbo; época, período, estação
חֶפֶץ	חֶפֶץ	343a	delight, pleasure, matter, affair	245b	desejo, vontade, pedido, anseio, anelo; objeto, artigo
יִתְרוֹן	יִתְרוֹן	452b	advantage, profit	284b	vantagem, superioridade; lucro, ganho
כָּנוּס	כָּנַס	488a	gather, collect	299b	juntar, reunir, recolher, acumular
לְאַבֵּד	אָבַד	1a	perish	1b	perder(-se); desaparecer, sumir
לְאַחֵב	אַחֵב	12b	love	7a	amar gostar, querer, desejar
לְבָכּוֹת	בָּכָה	113a	weep, bewail	50b	lamentar, chorar, deplorar
לְבָנוֹת	בָּנָה	124a	build	54b	construir, edificar, estabelecer
לְדַבֵּר	דִּבֶּר	180a	speak, speech, word, decision, sentence	87a	dizer, falar, expressar com palavras
לְבַקֵּשׁ	בָּקַשׁ	134b	seek	58b	procurar, buscar, pedir
לְהַרְגוֹ	הָרַג	246b	kill, slay	159b	matar, assassinar
לְהַשְׁלִיךְ	שָׁלַךְ	1020b	throw, fling, cast	637a	jogar fora, lançar
לְחַבֹּק	חָבַק	287b	clasp, embrace	221a	abraçar, envolver, rodear
לְחַשׁוֹת	חָשָׂה	364b	be silent, inactive	251b	silenciar, calar
לְטַעַת	נָטַע	642a	plant	440b	plantar; estabelecer, assentar
לְכָל	כָּל	481a	the whole, all, all things	295a	todos, tudo, todo, cada, qualquer

לְכָל	כָּל	481a	<i>the whole, all, all things</i>	295a	todos, tudo, todo, cada, qualquer
לָלֶדֶת	יָלַד	408a	<i>bear, bring forth, beget</i>	274b	dar à luz, parir, procriar
לָמוּת	מוּת	559a	<i>die</i>	350a	matar, assassinar (מוֹתֶה)
לְעָקוֹר	עָקַר	785b	<i>pluck, root up</i>	511a	arrancar, desarraigar, desenraizar
לְפָרוֹץ	פָּרַץ	829a	<i>break through</i>	542a	arrombar, investir, romper, irromper à força, precipitar-se
לְקָרוֹעַ	קָרַע	902a	<i>tear</i>	584b	rasgar, romper, dilacerar
לְרַחֵק	רָחַק	934b	<i>be, become, far, distant, make, or exhibit, distance, be gone far</i>	600a	estar longe, afastar-se, distanciar-se
לְרַפֹּא	רָפָא	950b	<i>heal</i>	607a	curar, tratar do doente
לְשַׁחֹק	שָׁחַק	965b	<i>laugh</i>	628b	rir, zombar, sorrir
לְשָׁמוֹר	שָׁמַר	1036a	<i>keep, watch, preserve</i>	641b	guardar, cuidar, vigiar, proteger (שָׁמַר)
לְשִׁנְאָה	שִׁנְאָה	971a	<i>hate</i>	642b	odiar, detestar, depreciar
מָה	מָה	552a	<i>what? how?</i>	341b	quê?, qual?, quanto?, o quê?, quanto?, quanto!
לְתַפּוֹר	תָּפַר	1074b	<i>sew together (Ecl. 3:7: a time to sew together)</i>	675b	coser, costurar
מִחְבֵּק	חָבַק	287b	<i>clasp, embrace</i>	221a	abraçar; envolver, rodear
מִלְחָמָה	מִלְחָמָה	536a	<i>battle, war</i>	370a	guerra, combate, luta
נָטָע	נָטַע	642a	<i>plant</i>	440b	plantar; estabelecer, assentar
עֲמָל	עֲמָל	766a	<i>toiling</i>	504b	trabalho pesado, labor, esforço (עֲמָל)
עֵת	עֵת	773a	<i>time, appointed time</i>	517b	tempo; época, período, era; estação do ano
רָקוֹד	רָקַד	955a	<i>skip about (gaily)</i>	610b	dançar, bailar, saltar
סָפַד	סָפַד	704b	<i>wail, lament</i>	485a	chorar a morte, lamentar, prantear
שְׁלוֹם	שְׁלוֹם	1022b	<i>completeness, welfare, soundness, peace</i>	635b	paz; tranquilidade, bem-estar
תַּחַת	תַּחַת	1065a	<i>the under part, under, beneath</i>	666a	debaixo; debaixo de, sob

Tabela 7: Tabela principal de glosas para “Poema do tempo”

4.4.2.2 Holladay, Schökel e SDBH

Lexema	Lema	HOLLADAY	SCHÖKEL	SDBH
		Glosa	Glosa	Definição/glosa
אֲבָנִים	אֲבֵן	<i>stone, weight</i>	pedra, peso	(*)

בְּאֲשֶׁר	בְּאֲשֶׁר	<i>because</i>	*	(*)
הוא	הוא	<i>he, that</i>	ele, aquele, esse, é	(*)
הַעֲשֶׂה (V)	עָשָׂה	<i>make, manufacture, produce, do work, perform</i>	agir, proceder, atuar, trabalhar, fazer, executar	(*)
הַשָּׁמַיִם	שָׁמַיִם	<i>heaven(s), sky</i>	céu(s), firmamento	(*)
וְעַתָּה	עַתָּה	<i>time (both a point of time & a lapse of time)</i>	tempo, época, período	(*)
זְמַן	זְמַן	<i>specific time, hour</i>	data, época, tempo determinado	(*)
חֵפֶץ	חֵפֶץ	<i>joy, pleasure, wish, affair, business</i>	agrado, gosto, apreço, desejo, interesse, ânsia, interesse	(*)
יִתְרוֹן	יִתְרוֹן	<i>outcome, profit, benefit</i>	ganho, vantagem, proveito	(*)
כָּנוּס	כָּנַס	<i>gather, collect</i>	reunir, juntar, acumular, guardar	<i>to bring together objects in one place; - to gather, to assemble, to collect</i>
לֹא אֶבֶד	אֶבֶד	<i>become lost, perish, be carried of</i>	extraviar-se, perder-se, perecer	<i>to be located in a place unknown to the owner, to give up an object as lost and refrain from searching for it (Ecl. 3:6); - to give up as lost</i>
לֹא אֶחֱבֵב	אֶחֱבֵב	<i>like, love</i>	amar, querer, desejar	<i>person to which one directs one's feelings of affection, or objects given as token of one's love; - lover, loved one, love gift</i>
לִבְכּוֹת	בָּכָה	<i>weep, bewail</i>	pranto	(*)
לִבְנוֹת	בָּנָה	<i>build, rebuild</i>	construir, edificar, reconstruir	(*)
לִדְבַר	דָּבַר	<i>word, affair, thing</i>	palavra, fato, evento	(*)
לִבְקֹשׁ	בָּקַשׁ	<i>seek, look for</i>	buscar, perseguir, procurar, indagar	(*)
לְהַרְגוֹ	הָרַג	<i>slay, murder</i>	matar, fazer morrer, assassinar	(*)
לְהַשְׁלִיךְ	שָׁלַךְ	<i>throw down, throw away</i>	arrojar, atirar, jogar, lançar	(*)
לְחַבּוֹק	חָבַק	<i>embrace, fold</i>	abraçar, estreitar	<i>to put one's arms around someone else, as a greeting, a sign of affection, or during love-making – to hold; to embrace</i>
לְחַשּׁוֹת	חָשָׂה	<i>be silent</i>	calar(-se), emudecer, guardar silêncio	(*)
לְטַעַת	נָטַע	<i>plant, drive</i>	plantar, fincar	(*)
לְכֹל	כָּל	<i>totality, everything, everyone, all, every</i>	todos, inteiro, cada um, cada qual, qualquer	(*)

לְכָל	כָּל	<i>totality, everything, everyone, all, every</i>	todos, inteiro, cada um, cada qual, qualquer	(*)
לָלֶדֶת	יָלַד	<i>bear, bring forth</i>	parir, dar à luz, gerar	(*)
לָמוּת	מוּת	<i>die</i>	morrer, expirar, fenecer, sucumbir	(*)
לְעֻקֹּר	עָקַר	<i>pull up by the roots</i>	arrancar, desarraigar	(*)
לְפָרוֹץ	פָּרַץ	<i>make a breach, burst out, tear down, break through</i>	abrir brecha, irromper entre, abrir caminho, derribar, dismantelar	<i>as [to burst open due to abundance of contents] but with a more generic meaning = to inflict damage on something – to break, to break down, to damage, to destroy</i>
לְקַרֵּעַ	קָרַע	<i>tear up, tear away</i>	rasgar, cortar, lacerar	(*)
לְרַחֵק	רָחַק	<i>be far (away) distant</i>	estar/ficar longe, distante, afastado, afastar-se, distanciar-se	(*)
לְרַפֹּא	רָפָא	<i>heal</i>	curar, sanar, tratar	(*)
לְשַׁחֵק	שָׁחַק	<i>play, act clumsy, laugh</i>	rir, sorrir, divertir-se	(*)
לְשַׁמֹּר	שָׁמַר	<i>watch, guard, observe</i>	guardar, conservar, armazenar, depositar	(*)
לְשַׁנֵּא	שָׁנָא	<i>hate</i>	odiar, aborrecer, detestar, abominar	(*)
מָה	מָה	<i>what, how</i>	o que?, qual?, como?	(*)
לְתַפּוֹר	תָּפַר	<i>sew (together)</i>	coser, costurar	(*)
מִחְבֵּק	חָבַק	<i>embrace, fold</i>	abraçar, estreitar	<i>to put one's arms around someone else, as a greeting, a sign of affection, or during love-making – to hold, to embrace</i>
מִלְחָמָה	מִלְחָמָה	<i>combat, war</i>	guerra contenda, batalha, combate	(*)
נָטָע	נָטַע	<i>plant, drive</i>	plantar, fincar	(*)
עָמַל	עָמַל	<i>toiling, laboring</i>	fadiga, labor, trabalho	(*)
עֵת	עֵת	<i>time (both a point of time & a lapse of time)</i>	tempo, época, período	(*)
רָקַד	רָקַד	<i>skip about, dance</i>	saltar, bailar, pular	(*)
סָפַד	סָפַד	<i>beat the breast (as sign of mourning), sound a lament</i>	fazer luto, celebrar funerais, chorar, gemer	(*)
שְׁלוֹם	שְׁלוֹם	<i>prosperity, peace</i>	paz, tranquilidade, serenidade, bem-estar	(*)
תַּחַת	תַּחַת	<i>what is underneath, below, under, beneath</i>	sob, abaixo, debaixo	(*)

Tabela 8: Tabela secundária de glosas para “Poema do tempo”

4.4.2.3 Septuaginta, Vulgata, JPS Hebrew-English Tanakh (JPS)

Lexema	Lema	SEPTUAGINTA	VULGATA	JPS
		Glosa	Glosa	Glosa
אֲבָנִים	אֲבֵן	liqouj	lapides	stones
בָּאֶשֶׁר	בְּאֶשֶׁר	eh oiʃ		
הוא	הוא	auʔoj		
הַעוֹשֶׂה (V)	עֹשֶׂה	tou poiountoj	homo	the man of affairs
הַשָּׁמַיִם	שָׁמַיִם	ton ouʔanon	caelo	heaven
וַעַת	עַת	kai kairoj	et tempus	a time
זֶמֶן	זֶמֶן	xronoj		a season
חִפְּץ	חִפְּץ	pragmati		experience
יִתְרוֹן	יִתְרוֹן	peris seia	amplius	value
כְּנוֹס	כָּנַס	tou sunagagein	colligendi	for gathering
לֹא אָבַד	אָבַד	tou aʔoles ai	perdendi	for losing
לֹא אָחַב	אָחַב	tou filhs ai	dilectionis	for loving
לִבְכּוֹת	בָּכָה	tou klaus ai	flendi	for weeping
לִבְנוֹת	בָּנָה	tou oiʔkodomhs ai	aedificandi	for building up
לִדְבֹר	דָּבַר	tou l aleiv	loquendi	for speaking
לִבְקֹשׁ	בָּקַשׁ	tou zhths ai	adquirendi	for seeking
לִהְרוֹג	הָרַג	tou aʔokteinai	occidendi	for slaying
לְהַשְׁלִיךְ	שָׁלַךְ	tou ba lein, tou ekba lein	spargendi, abiciendi	for throwing, for discarding
לִחְבּוֹק	חָבַק	tou perilabein	amplexandi	for embracing
לִחְשׁוֹת	חָשָׂה	tou sigan	tacendi	for silence
לִטְעַת	נָטַע	tou futeus ai	plantandi	for planting
לְכָל	כָּל	t& panti		for every
לְכָל	כָּל	toij pas in	omnia	for everything
לִלְדֹת	יָלַד	tou tekein	nascendi	for being born
לָמוֹת	מוֹת	tou aʔoqanein,	moriendi	for dying
לְעַקֹּר	עָקַר	tou ektil ai	evellendi	for uprooting
לְפָרוֹץ	פָּרַץ	tou kagelein	destruendi	for tearing down
לְקַרֹּעַ	קָרַע	tou rʔhcai	scindendi	for ripping
לְרַחֵק	רָחַק	tou makrunqhs ai	longe fieri	for shunning
לְרַפֹּא	רָפָא	tou iʔhs as qai	sanandi	for healing
לְשַׁחֵק	שָׁחַק	tou gelas ai	ridendi	for laughing
לְשָׁמֹר	שָׁמַר	tou fulacai	custodiendi	for keeping
לְשֹׂנֵא	שֹׂנֵא	tou mi shs ai	odii	for hating
מָה	מָה	tij	quid	what

לְתַפּוֹר	תִּפֵּר	tou rḥay ai	consuendi	for sewing
מִחְבֵּק	חָבַק	aḇo perihmyew j	complexibus	embraces
מִלְחָמָה	מָלַחְמָה	tou polēmou	belli	for war
נִטּוּעַ	נָטַע	pe futeumenon	quod plantatum est	the planted
עָמַל	עָמַל	moxqei	de labore suo	he earns
עֵת	עֵת	kairoj	tempus	time
רִקּוֹד	רָקַד	tou oḗxhsastai	saltandi	for dancing
סִפּוֹד	סָפַד	tou koyasqai	plangendi	for wailing
שְׁלוֹם	שָׁלוֹם	tou eiḥhnhj	pacis	for peace
תַּחַת	תַּחַת	uḇo	sub	under

Tabela 9: Tabela de glosas para “Poema do tempo” segundo a Septuaginta, Vulgata e JPS

4.4.3 Tradução interlinear

v 1
 לְכָל זְמַן וְעַתָּה לְכָל-חֵפֶץ תַּחַת הַשָּׁמַיִם:
 the heavens under affair to all and time appointed time to all
 o céu sob desejo para cada e tempo época para cada

v 2a
 עֵת לְלָדָת וְעַתָּה לָמוּת
 to die and time to bring forth time
 para (matar) e tempo dar à luz tempo

v 2b
 עֵת לְטַעַת וְעַתָּה לְעַקּוֹר נְטוּעַ:
 one being planted to root up and time to plant time
 o plantado para arrancar e tempo para plantar tempo

v 3a
 עֵת לְהָרוֹג וְעַתָּה לְרַפּוֹא
 to heal and time to kill time
 para curar e tempo para matar tempo

v 3b
 עֵת לְפָרוֹץ וְעַתָּה לְבָנוֹת:
 to build and time to break through time
 para construir e tempo para romper tempo

עַתָּה לְבָכּוֹת וְעִתָּה לְשִׂחוֹק v 4a

to laugh and time to weep time
para rir e tempo para chorar tempo

עַתָּה סָפוֹד וְעִתָּה רִקּוֹד: v 4b

to skip about (gaily) and time to wail time
de dançar e tempo de lamentar tempo

עַתָּה לְהַשְׁלִיךְ אֲבָנִים וְעִתָּה כָּנוּס אֲבָנִים v 5a

stones to gather and time stones to throw time
pedras de juntar e tempo pedras para jogar fora tempo

עַתָּה לְחַבֹּק וְעִתָּה לְרַחֵק מִחֲבִיק: v 5b

from to embrace to exhibit distance and time to embrace time
de abraçar para afastar-se e tempo para abraçar tempo

עַתָּה לְבַקֵּשׁ וְעִתָּה לְאַבֵּד v 6a

to perish and time to seek time
para perder e tempo para procurar tempo

עַתָּה לְשָׁמֹר וְעִתָּה לְהַשְׁלִיךְ: v 6b

to throw away and time to keep time
para jogar fora e tempo para guardar tempo

עַתָּה לְקַרֹּעַ וְעִתָּה לְתַפּוֹר v 7a

to sew together and time to tear time
para costurar e tempo para rasgar tempo

עַתָּה לְחַשׁוֹת וְעִתָּה לְדַבֵּר: v 7b

to speak and time to be silent time
para falar e tempo para calar tempo

לְשׂוֹנָא	וְעֵת	לְאַהֲבָה	עֵת	v 8a
to hate	and time	to love	time	
para odiar	e tempo	para amar	tempo	

שְׁלוֹם:	וְעֵת	מִלְחָמָה	עֵת	v 8b
of peace	and time	of war	time	
de paz	e tempo	de guerra	tempo	

עֲמָל:	הוּא	בְּאֲשֶׁר	הַעוֹשֶׂה	יִתְרוֹן	מָה־	v 9
toiling	he	in that which	make	advantage	what	
trabalho pesado	ele	(em que)	o realizador	vantagem	qual	

4.4.4 Comentários

O poema registrado em Eclesiastes 3:1-9, conhecido como “Poema do tempo”, além da utilização de paralelismo, possui uma estrutura singular e rica em relações semânticas. Ele é formado por sete pares simétricos de declarações, versos 2-8, delimitados por um *envelope* (versos 1 e 9) que inicia e termina o poema. Este *envelope* é constituído por um *bicolon* quiástico de paralelismo no verso 1 e uma pergunta retórica no verso 9.³³⁰ Cada um dos sete pares simétricos apresenta uma mesma estrutura constituída por um *bicolon* de paralelismo. Cada *colon* é composto de um par de palavras contrastantes e que apresentam um paralelismo semântico entre si e uma relação semântica – mediante o paralelismo – com o segundo *colon*. Dessa maneira, as quatro palavras em cada *bicolon* formam uma rede intrínseca de relações semânticas. A estrutura genérica de relações semânticas entre os dois pares de palavras contrastantes dentro do *bicolon* está representada na Figura 17.

³³⁰ Alguns autores consideram que o verso 8 (último *bicolon*) delimita o final do poema devido sua estrutura quiástica e constituindo o *envelope* com o verso 1 devido este também apresentar uma forma quiástica.

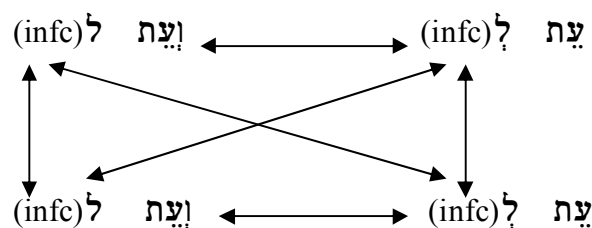


Figura 17: Relações semânticas sintagmáticas e paradigmáticas em um *bicolon* de Eclesiastes 3:2-8

Para ilustrar a maneira de como a estrutura de cada *bicolon* auxilia na verificação da validade das glosas obtidas pelo BDB, represento na Figura 18 as relações semânticas entre as quatro palavras (verbos) do verso 3. Os quatro verbos deste verso se encontram no infinitivo construto do Qal e prefixados pela preposição לְ (“para”). O uso de verbos no infinitivo construto é o padrão do poema, havendo uma exceção apenas no segundo *colon* do último *bicolon* (verso 8b). Neste caso, encontramos dois substantivos (מִלְחָמָה / guerra e שָׁלוֹם / paz) em vez de verbos no infinitivo construto.³³¹

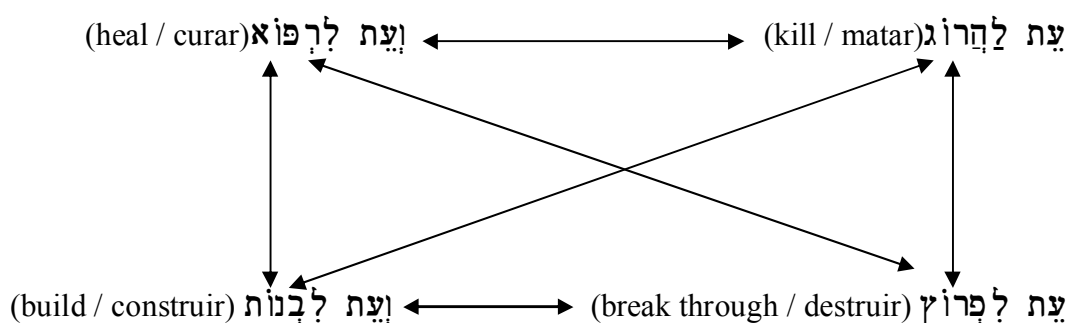


Figura 18: Estrutura de relações semânticas do verso 3 do capítulo 3 de Eclesiastes

Primeiramente, observamos que em cada *colon*, assim como no restante do poema, há um par de palavras opostas e contrastantes em relação semântica sintagmática (“matar / curar” e “destruir / construir”). Além disso, existe uma relação semântica paradigmática entre o primeiro par com o segundo, formando os pares “matar / destruir” e “curar / construir” e sintagmática de oposição com os pares “matar / construir” e “curar / destruir”. Esta rede de relações semânticas sintagmáticas e paradigmáticas amarra semanticamente as quatro palavras do *bicolon*, estabelecendo um contexto e

permitindo reconhecer que as glosas fornecidas pelo BDB (confirmada por outros dicionários) são válidas. O mesmo tipo de análise se aplica aos demais 6 conjuntos de quatro palavras.

Com relação aos quatorze pares de palavras contrastantes, convém acrescentar a visão de alguns comentaristas. Tremper Longman III, por exemplo, considera que cada par representa um *merismus* indicando totalidade.³³² Michael Fox, no entanto, discorda deste tipo de interpretação e menciona que os pares não indicam totalidade ao mencionarem os extremos e portanto cada par não é um *merismus* visto não apresentar um *continuum* entre os extremos.³³³ J. A. Loader também não vê um *continuum* entre as palavras que formam um par no *colon* e as considera uma antítese constituída por pólos extremos em oposição, denominando-as de estruturas polares. Por estrutura polar, Loader entende ‘uma tensão criada pela contra-posição de dois elementos a um outro’.³³⁴ Loader sumariza o “Poema do Tempo” com o esquema abaixo:

Pólo: Vida, conservação

Contra-polo: Abandono, morte

Tensão: Ausência de segurança, rendição do homem sem esperanças às eventualidades da vida.³³⁵

Um exemplo de como o dicionário bilíngüe deve limitar-se a sua função lexical e evitar desempenhar também o papel de exegeta, encontramos no primeiro *colon* do *bicolon* do verso 5, cuja tradução direta, resultante da tradução interlinear, é apresentada a seguir junto com a segunda parte do verso:

V5a Tempo para jogar fora pedras e tempo para juntar pedras /

V5b Tempo para abraçar e tempo para manter distância de abraçar //

O verso 5a, *colon* 1 do *bicolon* de paralelismo, é um *hapax legomenon* e de significado obscuro. Esta frase não ocorre em nenhum outro lugar na Bíblia Hebraica e tem gerado inúmeros comentários quanto ao seu significado. Alguns autores têm entendido a frase como sendo um tipo de eufemismo para a realização ou abstinência de relações sexuais. ‘Jogar fora pedras’ representaria, neste caso, uma situação em que a mulher está pura e o ato sexual é possível e ‘juntar pedras’ indicaria a situação de uma mulher menstruamente impura.³³⁶ Esta interpretação costuma ser defendida pela sua relação semântica de paralelismo com o verso 5b que produz associações

³³¹ Tremper Longman III comenta que ‘este último par na forma nominal talvez simplesmente expresse um sentido de encerramento, e neste sentido também o último verso se encontra na forma de quiasmo’. *The Book of Ecclesiastes*, p. 117.

³³² LONGMAN III, Tremper. *The Book of Ecclesiastes*, p. 114.

³³³ FOX, Michael V. *A Time to Tear Down & A Time to Build Up*, p. 194.

³³⁴ LOADER, J. A. *Polar Structures in the Book of Qohelet*, p. 1.

³³⁵ LOADER, J. A. *Polar Structures in the Book of Qohelet*, p. 33.

“jogar fora pedras // abraçar” e “juntar pedras // manter distância de abraçar”. Dentre os autores que defendem esta interpretação temos Robert Gordis com o seguinte comentário:

“Lançar pedras” é utilizado simbolicamente para ato sexual; “juntar pedras” para abstinência. O Midrash (Koh. R. ad loc.) entendeu claramente a passagem da seguinte maneira: **עַתָּה לְהַשְׁלִיךְ אֲבָנִים בְּשַׁעַת שְׂאֵשְׁתֶּךָ טְהוֹרָה כְּנוֹס בְּשָׁעִים**, “Um tempo para lançar pedras – quando sua esposa está pura (mestruamente), e um tempo para juntar pedras – quando sua esposa está impura.”³³⁷

Um manual para tradutores da Bíblia,³³⁸ produzido pelas United Bible Societies, menciona que considerar o verso 5 como um eufemismo hebraico ou idiomatismo para união sexual é uma possibilidade que não deve ser desconsiderada. Em apoio, o manual cita a tradição judaica no Midrash e a tradução da Bíblia para o inglês conhecida como *Good News Bible* (anteriormente denominada *Today's English Version – TEV*).³³⁹

As discussões sobre o significado de Eclesiastes 3:5 e as diferentes opiniões de especialistas e tradutores, por mais interessantes que sejam, não deveriam interferir no trabalho do lexicógrafo. Para um dicionário bilíngüe de hebraico, a glosa nuclear em inglês e português para **אֶבֶן** sempre será “stone/pedra” e o contexto apenas adicionará informações referentes ao tipo de pedra e uso. Já a utilização de **אֶבֶן** em uma frase idiomática, ou metáfora, poderá até ser citada como conhecimento enciclopédico, mas não é uma possibilidade de glosa. A interpretação do texto cabe ao exegeta, ao comentarista e ao tradutor, não ao lexicógrafo. Nesta linha de procedimento, o BDB, Holladay e Schökel, nada mencionam a respeito de possíveis interpretações de **אֶבֶן** em Eclesiastes 3:5, podendo entender-se que para estes dicionários trata-se de uma utilização normal da palavra e não apresenta dificuldades quanto ao seu entendimento e tradução. No entanto, o SDBH tem um posicionamento diferente e inclui um tópico relativo ao campo contextual sob o título “Natureza”.

Natureza [mostrar/ocultar campos contextuais]

Agricultura ; Destruição – pedras (usadas para destruir uma terra de agricultura)
(2Rs.3:19,25)

³³⁶ FOX, Michael V. *A Time to Tear Down & A Time to Build Up*, p. 207.

³³⁷ GORDIS, Robert. *Koheleth – the man and his world*, p. 230.

³³⁸ *A Handbook On: Ecclesiastes* escrito por Graham S. Ogden e Lynell Zogbo.

³³⁹ OGDEN Graham S. & Lynell ZOGB. *A Handbook On Ecclesiastes*, p. 94. *A Good News Bible* (produzida pelas UBS) traduz Eclesiastes 3:5 da seguinte maneira: “the time for making love and the time for not making love, the time for kissing and the time for not kissing.” Curiosamente, a tradução para o português da *Good News Bible*, conhecida como *Nova Tradução na Linguagem de Hoje* (também produzida pelas UBS), apresenta o seguinte texto: “tempo de espalhar pedras e tempo de ajuntá-las; tempo de abraçar e tempo de afastar.” A tradução para o inglês feita por The Jewish Publication Society (JPS Hebrew-English Tanakh) apresenta uma tradução literal sem interpretação: “A time for throwing stones and a time for gathering stones, A time for embracing and a time for shunning embraces”.

Agricultura > Sexo ; Construção > Sexo אֲבָנִים הַשָּׁלִיךְ – o sentido contextual é incerto; as principais possibilidades são: (1) jogar pedras numa terra para torná-la imprópria para cultivo; (2) lançar fundamentos (de uma construção); (3) um eufemismo para o sexo (Ec.3:5)

Agricultura > Sexo ; Construção > Sexo נוֹס אֲבָנִים – o sentido contextual é incerto; as principais possibilidades são: (1) remover pedras de uma terra para torná-la própria para cultivo; (2) juntar pedras para construir uma casa; (3) um eufemismo abstenção de sexo (Ec.3:5)³⁴⁰

As informações acima não representam um problema de espaço em um dicionário eletrônico, mas o mesmo não se poderá dizer de um dicionário impresso. Além disso, o custo/benefício é praticamente nulo, pois não apresenta alternativas de glosa para אֲבָנִים, mas possibilidades de interpretação para a frase como um todo. Nas duas primeiras possibilidades, אֲבָנִים continua tendo “stone/pedra” como glosa, enquanto que na terceira, metaforicamente, corresponderia ao sêmen masculino.

A Septuaginta, que tem como uma de suas características substituir o sentido lexical nuclear por um equivalente interpretativo ou metafórico,³⁴¹ apresenta uma tradução literal para Eclesiastes 3:5, conforme pode ser verificado no texto de Eclesiastes 3:1-9, a seguir, reproduzido de uma edição da Septuaginta.³⁴² A palavra hebraica אֲבָנִים tem como glosa a palavra grega **liqoj** (pedra) .

Toij pa sin xronoj, /

kai kairoj t& panti pragmati upo ton ouŕanon. // (1)

kairoj tou tekein kai kairoj tou aŕoqanein, /

kairoj tou futeus ai kai kairoj tou ektil ai pe futeumenon, // (2)

kairoj tou aŕokteinai kai kairoj tou iŕsasqai, /

kairoj tou kaqelein kai kairoj tou oiŕodomhs ai, // (3)

kairoj tou kl aus ai kai kairoj tou gel as ai, /

kairoj tou koy asqai kai kairoj tou oŕxhs astai, // (4)

kairoj tou balein liqouj kai kairoj tou sunagagein liqouj, /

kairoj tou perilabein kai kairoj tou makrunqhs ai aŕo perilhmyewj, // (5)

kairoj tou zhths ai kai kairoj tou aŕoles ai, /

kairoj tou fulacai kai kairoj tou ekbalein, // (6)

³⁴⁰ Disponível em <http://www.sdbh.org>.

³⁴¹ Para a expressão hebraica אֱלֹהֵי יָדַי (‘‘a mão de Iaweh’’ – BJ) encontrada em Josué 4:24, a Septuaginta traduz por **dunamij tou kuriou** (‘‘poder do Senhor’’). Também para a expressão hebraica אֱלֹהֵי צִרְיָי (‘‘Meu Deus é minha rocha’’ – TNM) de Salmos 18:3, a Septuaginta traduz por **oŕqeoŕ mou bohqoŕ mou** (‘‘meu Deus é meu ajudador’’).

kairoj tou rḥcai kai kairoj tou rḥay ai, /
kairoj tou sigan kai kairoj tou l aleiv, // (7)
kairoj tou filhs ai kai kairoj tou mishs ai, /
kairoj tou polemou kai kairoj tou eiḥnhj. // (8)
tij peris seia tou poiountoj eḥ oiḯ auḯoj moxqei; (9)

Da mesma forma que as glosas fornecidas pelo BDB são consistentes com a tradução acima da Septuaginta, do primeiro ou segundo século antes de nossa era, o mesmo acontece com a tradução para o latim feita por Jerônimo no final do quarto século de nossa era e conhecida por Vulgata.³⁴³

omnia tempus habent	et suis spatiis transeunt universa sub caelo // (1)
tempus nascendi	et tempus moriendi /
tempus plantandi	et tempus evellendi quod plantatum est // (2)
tempus occidendi	et tempus sanandi /
tempus destruendi	et tempus aedificandi // (3)
tempus flendi	et tempus ridendi /
tempus plangendi	et tempus saltandi // (4)
tempus spargendi lapides	et tempus colligendi /
tempus amplexandi	et tempus longfieri a complexibus // (5)
tempus acquirendi	et tempus perdendi /
tempus custodiendi	et tempus abiciendi // (6)
tempus scindendi	et tempus consuendi /
tempus tacendi	et tempus loquendi // (7)
tempus dilectionis	et tempus odii /
tempus belli	et tempus pacis // (8)
quid habet amplius homo de labore suo	(9)

A última palavra do poema, **לָמַעַל**, tem sua glosa *toiling* (“trabalho árduo”) validada pela comparação com a tradução para o grego (Septuaginta) ao usar a palavra **moxqoj** e pela análise de seu emprego em vários usos de paralelismo na Bíblia Hebraica. A palavra grega **moxqoj** tem seu significado de “trabalho árduo” reforçado quando utilizada em par com **kopoḯ** (“trabalho”) na parte

³⁴² Edição de Alfred Rahlfs.

grega da Bíblia (**kopoj kai moxqoj** em 2 Coríntios 11:27; 1 Tessalonicenses 2:9 e 2 Tessalonicenses 3:8). Quanto ao paralelismo, encontramos a palavra **עָמַל** associada com **אִיָּצָר** / *harm, trouble* (Números 23:21; Isaías 59:4), **אִיָּצָר** / *torment* (Jeremias 20:18) e **חַמָּס** / *violence* (Salmos 7:16), denotando, nestes casos, seu sentido negativo e reforçando a glosa “trabalho árduo”.³⁴⁴

Acredito, assim, ter validado as glosas do BDB para o “Poema do Tempo” pela sua comparação com outros dicionários de hebraico bíblico (Holladay, Shöckel e SDBH) e um de hebraico moderno (RB), pela identificação de relações semânticas internas ao texto e também pela comparação, de alguns exemplos, com duas traduções antigas (Septuaginta e Vulgata).

4.4.5 Tradução final

A tradução a seguir, derivada diretamente das glosas do BDB, não tem a intenção de ser uma tradução elaborada ou original. Seu propósito consiste apenas em demonstrar a validade das glosas do BDB para uma tradução coerente e consistente com outras traduções. A tradução foi comparada com traduções modernas para o português e inglês e não foi encontrada qualquer inconsistência. As traduções que utilizei para comparação foram: ARA, ARC. AVR. BPF, BCM, BEP. BK. MS. MD, NTLH, TB, TNM.³⁴⁵

Para tudo há um tempo designado	e um tempo para cada assunto sob o céu: // (1)
tempo para nascer	e tempo para morrer; /
tempo para plantar	e tempo para arrancar o que se plantou; // (2)
tempo para matar	e tempo para curar; /
tempo para destruir	e tempo para construir; // (3)
tempo para chorar	e tempo para rir; /
tempo para lamentar	e tempo para dançar; / (4)
tempo para lançar fora pedras	e tempo para juntar pedras; /
tempo para abraçar	e tempo para evitar abraços; // (5)
tempo para procurar	e tempo para dar por perdido; /
tempo para guardar	e tempo para jogar fora; // (6)
tempo para rasgar	e tempo para costurar; /

³⁴³ Edição da Deutsche Bibelgesellschaft.

³⁴⁴ LONGMAN III, Tremper. *The Book of Ecclesiastes*, p. 65.

³⁴⁵ A relação dos nomes destas traduções, a partir das siglas, se encontra no final deste trabalho, no item “Edições de Traduções da Bíblia” de Referências Bibliográficas.

encontrada no poema (os verbos, por exemplo, devem estar no mesmo tronco, conjugação, pessoa, gênero e número). Identificada uma passagem na Bíblia Hebraica, o *parsing* resulta da utilização do dicionário analítico BBS e corresponde ao *parsing* da forma verbal correspondente utilizada no poema.

A única exceção foi para o lexema **אֲשָׁכִים** do primeiro verso, visto não haver um lexema idêntico na Bíblia Hebraica. A forma verbal mais próxima encontrada foi em Gen 22:3. A diferença consiste que, em Gênesis, o lexema está na terceira pessoa do singular, enquanto que no poema está na primeira pessoa do singular (tronco e conjugação são os mesmos: Hiphil e imperfeito respectivamente). Neste caso, indico a existência de uma diferença mediante a utilização de colchetes em Gen 22:3 na relação abaixo do *parsing* dos verbos e na tabela de glosas.

ChVs	Form	Stem	Tnse	PGN	Root	Sfx	BDB	KB	Meaning
Gênesis									
2:6	עָלָה	qal	impf	3ms	עלה		748	828	go up
[22:3]	וַהֲשִׁימוּ	hiph	wci	3ms	שָׁכַם		1014	1492	rise early
26:10	שָׁכַב	qal	pft	3ms	שָׁכַב		1011	1486	lie, lie down
33:14	אָבָא	qal	impf	1cs	בוא		97	112	come in
Ester									
6:8	רָכַב	qal	pft	3ms	רכב		938	1230	mount, ride
Ezequiel									
37:11	אֹמְרִים	qal	ptc	mp	אמר		55	65	say

4.5.2.1 BDB, RB

Lexema	Lema	Bíblia (Tanakh)	BDB		RB	
			Página	Glosa	Página	Glosa
אָבָא	בוא	Gen. 33:14	97b	<i>come in, come, go in, go</i>	39a	vir, chegar, dirigir-se
או...או	או...או	Lev. 5:1	15a	<i>prefixed to the first as well to the second alternative either (whether)...or</i>	7b	ou... ou
אֵינִי	אֵינִי	Sal. 120:5	17a	<i>woe!</i>	8a	ai! ai de mim!
אֹמְרִים	אָמַר	Ez. 37:11	55b	<i>utter, say</i>	23a	dizer, pensar, querer, contar
[וַיִּשְׁכְּמוּ]	שָׁכַם	[Gen 22:3]	1014b	<i>start, rise, early</i>	[166b]	madrugar,; apressar, chegar cedo [verbo הִשְׁכִּימוּ לְהִשְׁכִּימוּ]
בְּלִי	בְּלִי	Jó 8:11	115b	<i>joined with a subst. in sense of without</i>	52b	sem, na falta de

הָשָׂר	שָׂר	Miq. 7:3	978a	<i>chief, ruler, prince, captain, official</i>	651a	ministro, oficial, governante,
יַעֲלֶה	עָלָה	Gen.2:6	748a	<i>go up, ascend, climb</i>	502a	subir, alçar-se, ascender, surgir,
כְּבָר	כָּבַר	Ecl. 1:10	460b	<i>already</i>	287a	já, então
כּוֹכַב	כּוֹכַב	Am. 5:26	456b	<i>star</i>	290a	estrela, astro
לְאִישׁ	אִישׁ	Deut. 24:12	35b	<i>man</i>	17a	homem, pessoa
לְבֵית	בֵּית	Gen. 46:27	109a	<i>house</i>	49b	casa, lar, residência
לְעֵת	עֵת	Gen. 8:11	773a	<i>time, appointed time</i>	517b	tempo, época, era
מְרַכֵּב	מְרַכֵּב	Lev. 15:9	939b	<i>chariot, riding-seat</i>	405a	carruagem, nome genérico para meios de transporte
מִשְׁכָּב	מִשְׁכָּב	1 Reis 1:47	1012b	<i>place of lying, couch, bed</i>	411a	cama, leito
נוֹלֵד	יָלַד	1 Cr. 2:3	408a	<i>bear, bring forth</i>	274b	dar à luz, parir, procriar
עָנִי	עָנִי	Deut. 24:12	776b	<i>poor, afflicted, humble</i>	506a	pobre, indigente, desafortunado
עֶרֶב	עֶרֶב	Gen. 8:11	787b	<i>(sun)set, evening</i>	512a	tarde, entardecer, anoitecer
רָכַב	רָכַב	Est. 6:8	938b	<i>mount and ride, ride</i>	602b	montar (animal, bicicleta)
שָׁכַב	שָׁכַב	Gen. 26:10	1011b	<i>lie down</i>	632b	deitar-se, dormir, descansar, copular

Tabela 10: Tabela principal de glosas para אֲשֶׁכִּים לְבֵית הָשָׂר

4.5.2.2 Holladay, Schökel e SDBH

Lexema	Lema	HOLLADAY	SCHÖKEL	SDBH
		Glosa	Glosa	Definição/glosa
אָבֹא	בֹּא	<i>go in, come arrive</i>	entrar, chegar, ir, vir	(*)
אוּ...אוּ	אוּ...אוּ	<i>either ... or..., whether ... or...</i>	<i>ou, quer...quer, ou então</i>	(*)
אוֹיָה	אוֹיָה	<i>woe!</i>	Ai!, ai de...!	<i>exclamation, uttered by someone who is troubled either because of his/her own difficult circumstances or those experienced by someone else in order to express his/her feelings – ah!, alas!</i>
אוֹמְרִים	אָמַר	<i>say</i>	dizer	(*)
[יִשְׁכֻּם]	שָׁכַם	<i>get up, rise early</i>	madrugar [frequentemente associado à expressão	(*)

			adverbial בְּבֹקֶר, de manhã, pleonástico]; ser diligente, solícito, pressuroso	
בְּלִי	בְּלִי	negation, without	vazio, nada, sem	(*)
הַשָּׂר	שָׂר	official, chief, ruler, leader	príncipe, alteza, chefe, governante	(*)
יַעֲלֶה	עָלָה	go up, ascend, climb	subir, ascender, escalar, trepar, elevar-se	(*)
כְּבָר	כְּבָר	already	já	(*)
כּוֹכַב	כּוֹכַב	star	estrela, astro	(*)
לְאִישׁ	אִישׁ	man	homem, marido	(*)
לְבֵית	בֵּית	house, place to stay	casa, morada, habitação	(*)
לְעֵת	עֵת	time (both a point of time & a lapse of time)	tempo, época, período	(*)
מְרֻכָּב	מְרֻכָּב	saddle-seat, war-chariot	carro, carruagem	(*)
מִשְׁכָּב	מִשְׁכָּב	sleeping-place, couch, bed	leito, cama, catre, colchão	(*)
נוֹלֵד	יֵלֵד	bear, bring forth	parir, dar à luz, gerar	(*)
עֲנִי	עֲנִי	overwhelmed by want, poor, wretched, unfortunate	pobre, indigente, necessitado, sentimento ou atitude de sofrimento	(*)
עָרַב	עָרַב	evening (sunset)	tarde, entardecer, crepúsculo, anoitecer	(*)
רָכַב	רָכַב	ride (upon na animal), ride (in a chariot)	montar, cavalgar; a cavalo, no lombo de; cavaleiro	(*)
שָׁכַב	שָׁכַב	lie down	deitar-se, reclinar-se, estender-se, estar deitado	(*)

Tabela 11: Tabela secundária de glosas para אֲשֶׁכִּים לְבֵית הַשָּׂר

4.5.3 Tradução interlinear

אֲשֶׁכִּים לְבֵית הַשָּׂר

הַשָּׂר	לְבֵית	אֲשֶׁכִּים
the prince	to the house	I rise early
do oficial	para a casa	chego cedo

רָכַב	כְּבָר	אוֹמְרִים
he has ridden	already	they say
foi cavalgar	já	eles dizem

אָבֹא לַעֵת עָרֵב

of evening to time I come
do anoitecer no tempo eu venho

אִמְרִים כְּבָר שָׁכַב

he has lain down already they say
foi dormir já eles dizem

אִי יַעֲלֶה מֶרְכָּב

chariot he climbs or
na carruagem ele subiu ou

אִי יַעֲלֶה מִשָּׁכַב

bed he climbs or
na cama ele subiu ou

אִיָּה לְאִישׁ עָנִי

poor to man woe!
pobre homem ai de mim!

נֹלֵד בְּלִי כּוֹכָב

star without born
estrela sem gerado

4.5.4 Comentários

Tratando-se de um poema medieval (século XII de nossa era), nele encontramos características próprias da poesia ocidental tais como um sistema de rimas bem definido (רַכֵּב / שָׁכַב / מֶרְכָּב, כּוֹכָב / מִשָּׁכַב) e uma formatação em estrofes. A presença do paralelismo fica evidente pela organização do poema em quatro linhas, cada uma podendo ser considerada um *bicolon*. A primeira linha do poema (*bicolon* 1) pode ser considerada, segundo o modelo de Lowth, como apresentando um paralelismo antitético, e da mesma forma segunda linha (*bicolon* 2). No

entanto, toda a primeira linha (אֲשָׁכִים לְבֵית הָשָׁר – אֲמָרִים כָּבֹד רָכֵב) também pode ser vista como o *colon* 1 de um *bicolon* completado com a segunda linha (לֵעֵת עָרֵב - אֲמָרִים כָּבֹד שָׁכֵב) e formando, neste caso, um paralelismo sinonímico visto que a segunda linha ecoa a primeira. A terceira linha é um *bicolon* formado pelo *colon* 1 (אֲו יַעֲלֶה מָרָכֵב) e *colon* 2 (מִשְׁכָּב אֲו יַעֲלֶה). O interessante é que esta linha resume as duas primeiras e pode ser considerada como formando um paralelismo com elas.

אֲשָׁכִים, primeira palavra do poema, é o verbo שָׁכַם (*start, rise early*) conjugado no imperfeito do tronco Hiphil, primeira pessoa do singular, podendo ser traduzido por “levanto-me bem cedo”. Na Bíblia Hebraica, este verbo ocorre com frequência associado à palavra בִּבְקָר, formando a expressão idiomática בִּבְקָר הָשָׁכִים (“bem cedo pela manhã”, literalmente, “de manhã levantando cedo”).³⁴⁶

O lexema אֲמָרִים é o particípio ativo do tronco Qal (masculino plural) do verbo אָמַר (*utter, say*). Sendo um verbo nominal, o particípio hebraico concorda com o substantivo e pronome com ele associado, resultando em quatro formas: אֲמָר (masc. singular), אֲמָכֶת (fem. singular), אֲמָרִים (masc. plural) e אֲמָרוֹת (fem. plural). No poema, devido a ausência de um substantivo, ou pronome, אֲמָרִים corresponde à expressão “as pessoas dizem”, “alguém diz” (“*one says*”, “*people say*”, ou o “*on dit*” do francês).³⁴⁷

No hebraico bíblico, muitos substantivos são formados a partir do verbo pela adição do prefixo מ, indicando o ato expresso pelo verbo ou o lugar em que este é praticado.³⁴⁸ Temos, por exemplo, o substantivo מִזְבֵּחַ “lugar de sacrificar” (“altar”) formado a partir do verbo זָבַח “sacrificar”. Outro exemplo é o substantivo מוֹשָׁב (“morada”, “tabernáculo”), resultado de יָשַׁב (“morar”). No poema, o autor trabalha com dois exemplos deste tipo de formação de substantivos, criando entre as palavras uma relação semântica e morfológica que permite auto verificar a validade das glosas utilizadas. Os dois pares de verbo / substantivo são: רָכַב (“ride”) / מָרָכֵב (“chariot”) e שָׁכַב (“lie down”) / מִשְׁכָּב (“bed”).

³⁴⁶ MANSOOR, Menahem. *Biblical Hebrew*, p. 211,220.

³⁴⁷ MANSOOR, Menahem. *Biblical Hebrew*, p. 211.

³⁴⁸ BACON, Betty. *Estudos na Bíblia Hebraica*, p. 199.

A expressão **לַעֵת עֶרֶב** ocorre em Gênesis 8:11 e tem sido traduzida por “à tardinha” (NTLH), “ao entardecer” (EP), “à tarde” (BVN), “ao entardecer” (BJ), reforçando a validade das glosas fornecidas pelo BDB.

4.5.5 Tradução final

A tradução, a seguir, realizada a partir das glosas fornecidas pelo BDB pode ser comparada com a tradução para o inglês de T. Carmi.

Bem cedo vou à casa do príncipe
Dizem, já foi viajar;
Retorno ao final do dia
Dizem, já foi deitar.

Ou ele está na carruagem,
Ou ele está na cama;
Pobre homem que sou,
Nascido sem uma estrela.

Tradução para o inglês de T. Carmi.³⁴⁹

I come at morn to the nobly born: they say 'He's away'
I return at night: 'He needs his rest', they say.
With my patron asleep or riding afar,
I clearly live under an evil star.

4.6 כָּל שׁוֹשְׁנָה – UM POEMA HEBRAICO MODERNO

4.6.1 Texto fonte

O quarto poema, **כָּל שׁוֹשְׁנָה**, foi escrito pela escritora Zelda Schneorsohn-Mishkovsky (1914-1992) e utiliza o que se denomina de hebraico moderno. A escolha do poema deve-se ao seu vocabulário simples e ausência de palavras modernas utilizadas para a representação de objetos e

³⁴⁹ MARTI, T. *The Penguin Book of Hebrew Verse*, p. 353.

situações não existentes, ou desconhecidas, no período bíblico. O poema foi transcrito da antologia *The Modern Hebrew Poem Itself*.³⁵⁰

כָּל שׁוֹשְׁנָה

כָּל שׁוֹשְׁנָה הִיא אֵי
שֶׁל הַשְׁלֹם הַמְּבֹטָה
הַשְׁלֹם הַנֶּצְחִי

בְּכָל שׁוֹשְׁנָה מִתְגַּוְרֶרֶת
עֶפּוֹר סְפִירִית
שֶׁשָּׁמָּה וְכִתְּתוּ

וְנִדְמָה
כֹּחַ קְרוֹב
אוֹר הַשׁוֹשְׁנָה
כֹּחַ קְרוֹב
נִיחוּתָהּ
כֹּחַ קְרוֹב
שֶׁקֶט הָעֵלִים
כֹּחַ קְרוֹב
אוֹתוֹ אֵי -
קַח סִירָה
וְחִצָּה אֶת יָם הָאֵשׁ

4.6.2 Tabela de glosas para כָּל שׁוֹשְׁנָה

Da mesma maneira que procedi para o poema *הַשָּׁר לְבֵית הָאֲשָׁכִים*, procurei identificar passagens na Bíblia Hebraica que utilizassem os lexemas encontrados no poema *כָּל שׁוֹשְׁנָה*. Quando a citação bíblica se encontra entre colchetes, significa que os lexemas não são idênticos.

ChVs	Form	Stem	Tense	PGN	Root	Sfx	BDB	KB	Meaning
Gênesis									
6:21	קח	qal	impv	ms	לקה	542	534	take	
Números									
[31:42]	חצה	qal	pft	3ms	חצה	345	343	divide	

³⁵⁰ BURNSHAW, Stanley et al. *The Modern Hebrew Poem Itself*, p. 238.

1 Reis

17:20

מִתְגֹּרֵר

htpo ptc ms

גֹּר

157

184

sojourn

Isaías

2:4

וּכְתָתוּ

piel

wcp

3cp

כָּתַת

510

507

beat to pieces

46:5

וְנִדְמָה

qal

impf

1cp

דָּמָה

197

225

be like

4.6.2.1 BDB, RB

Lexema	Lema	Bíblia (Tanakh)	BDB		RB	
			Página	Glosa	Página	Glosa
אֹר	אֹר	Gen. 1:3	21a	light	10a	luz, iluminação, claridade
אוֹתוֹ	אוֹ + הוּא אֵת	[Gen. 37:4]	84b	him	11a	lhe, a ele, a ela
אֵי	אֵי	Is. 23:2	15b, 33a	coast, region; isle	14a	ilha
אֵת	אֵת	Gen. 1:1	84b	the mark of the accusative, prefixed as a rule only to nouns that are <i>definite</i>	36b	partícula acusativa (<i>ob. dir.</i>)
בְּכָל	כָּל	Ecl. 3:	481a	the whole, all, all things, every	295a	todos, tudo, todo, cada, qualquer
הָאֵשׁ	אֵשׁ	Ex. 22:5	77a	fire	34b	fogo; cólera, ira
הִיא	הִיא	[Ju. 14:3]	214b	she (pron. of the 3 rd ps. sing. fem.)	127a	pronome de terceira pessoa do singular, feminino
הַנֶּצֶחַי	נֶצַח	Lam. 3:18	664a	eminence, enduring, everlastingness, perpetuity	458a	eterno, perpétuo
הַמִּבְטָח	מִבְטָח	Prov. 14:26	105b	confidence (ato de, objeto de, estado de), security	332b	abrigo, refúgio
הַעֲלִים	עָלַח	Gen. 8:11	750b	leaf, lefage	502a	folha (vegetal); página, folha
הַשֹּׁשְׁנָה	שֹׁשְׁנָה	1 Reis 7:26	1004b	lily, prob. any lily-like flower	626a	rosa; lírio; flor
הַשְּׁלָם	שְׁלֹם	Ecl. 3:8	1022b	completeness, welfare, soundness, peace	635b	paz; tranquilidade
וַחֲצָה	חָצָה	[Núm. 31:14]	345a	divide	246a	mediar, dividir em metades, atravessar
וּכְתָתוּ	כָּתַת	Is. 2:4	510	beat or crush by beating	309b	moer, triturar
וְנִדְמָה	דָּמָה	Is. 46:5	197b	be like, resemble	95b	parecer, ser parecido com
יָם	יָם	Jonas 1:11	410b	sea	275a	mar, oceano, lago
כֹּה	כֹּה	Gen. 15:5	462a	thus, here	288a	assim, desta maneira; aqui; agora
כָּל	כָּל	Ecl. 3:1	481a	the whole, all, all things, every	295a	todos, tudo, todo, cada, qualquer
מִתְגֹּרֵר	גֹּר	1 Re. 17:20	157b	seek hospitality with	80a	habitar, residir, morar
נִיחוּחָהּ	נִיחוּחָהּ	Ex. 29:18	629a	quieting, soothing, tranquillizing	442a	aroma, fragrância, prazer

סִירָה	סִירָה	(*)	696b	pot	479b	lança, bote, barco
סַפִּירִית	סַפִּיר	Ex. 24:10	705b	sapphire, lapis lazuli	485b	safira, lápis-lazúli
צָפּוֹר	צָפּוֹר	Gen. 7:14	861a	bird	558a	pássaro, ave
קָח	לָקַח	Gen. 6:21	542b	take	324b	pegar, tomar, receber, acertar, levar
קָרֹב	קָרֹב	Gen. 45:10	898a	near	582b	perto, próximo, parente, familiar
שׁוֹשְׁנָה	שׁוֹשְׁנָה	1 Reis 7:26	1004b	lily, prob. any lily-like flower	626a	rosa; lírio; flor
שֶׁל	שֶׁל	Cant. 8:12	980a	of, a mark of the genit.	634b	de
שָׁקֵט	שָׁקֵט	1 Cron. 22:9	1053a	quietness	649b	silêncio; tranquilidade, sossego, calma
שֵׁמָּה	שֵׁם	Gen. 2:11	1027b	name	638a	nome; renome, fama

Tabela 12: Tabela principal de glosas para כָּל שׁוֹשְׁנָה

4.6.2.2 Holladay, Schökel e SDBH

Lexema	Lema	HOLLADAY	SCHÖKEL	SDBH
		Glosa	Glosa	Definição/glosa
אֹר	אֹר	<i>light of day, light, daybreak, light (of fire)</i>	luz, brilho, resplendor, fulgor, luzeiro	
אוֹתוֹ	הוא + את	acc.-particle; bearing pers. sf., esp. if stressed	partícula que quase sempre introduz o complemento direto, pessoa ou coisa ou sufixo	
אֵי	אֵי	<i>coast, island</i>	ilha, península, costa, litoral, arquipélago	
אֵת	אֵת	particle indicating accusative of noun when definite	partícula que sempre introduz o complemento direto, pessoa ou coisa ou sufixo	(*)
בְּכָל	כָּל	<i>totality, everything, everyone, all, every</i>	todos, inteiro, cada um, cada qual, qualquer	(*)
הָאֵשׁ	אֵשׁ	<i>fire</i>	fogo, lume, candeia, brasa	(*)
הִיא	הִיא	pronoun 3 f. sg	pronome pessoal feminino de 3ª pessoa: ela. Com muita frequência fa as vezes de cópula, como os demais pronomes pessoais.	(*)
הַנֶּצֶחַי	נֶצֶחַ	<i>luster, glory, lastingness</i>	no espaço: esplendor, majestade, glória. No tempo: duração, perenidade, perpetuidade.	(*)
הַמִּבְטָח	מִבְטָח	<i>trust, confidence</i>	segurança, confiança, esperança	(*)
הָעֵלִים	עֵלָה	<i>leaves, foliage</i>	folha, fronde, folhagem, folhame; ramo	(*)

הַשׁוֹשְׁנָה	שׁוֹשְׁנָה	<i>lily</i>	açucena, lírio	(*)
הַשְּׁלוֹם	שְׁלוֹם	<i>prosperity, peace</i>	paz, tranqüilidade, serenidade, bem-estar	(*)
נִחְצָה	חָצָה	<i>divide, reach to, be divided (water)</i>	dividir, cortar, atroçoar, repartir	(*)
וְכַתְּתוּ	כָּתַת	<i>beat, hammer into pieces</i>	esmagar, triturar, esmigalhar, moer, forjar	(*)
וְנִדְמָה	דָּמָה	<i>be (a)like, become like</i>	parecer-se, assemelhar-se, igualar-se	(*)
יָם	יָם	<i>sea</i>	mar, oceano, pélagos, lago	(*)
כֹּה	כֹּה	<i>here, so, thus</i>	assim, deste modo, dessa maneira, aqui, cá, aí, ali	(*)
כָּל	כָּל	<i>totality, everything, everyone, all, every</i>	todos, inteiro, cada um, cada qual, qualquer	(*)
מִתְגֹּרֶרֶת	גֹּר	<i>stay as foreigner and sojourner, stay around as a גֵּר (1 Reis 17:20)</i>	residir, habitar, hospedar-se, ser hóspede	(*)
נִיחוּחָהּ	נִיחוּחָהּ	<i>soothing, soothing odor</i>	Sempre regido por נִיחָ = aroma: <i>alívio, calmante, sedativo, que acalma, aplaca</i> . Usado exclusivamente no campo sacrificial.	(*)
סִיכָה	סִיכָה	<i>thorny, Poterium spinosum</i>	panela, caldeirão, marmita, tacho; bacia	lança, bote, barco
סַפִּירִית	סַפִּיר	<i>lapis lazuli</i>	lápiz-lazúli, safira	(*)
צִפּוֹר	צִפּוֹר	<i>birds, (creatures) with wings, bird</i>	ave, pássaro, alado, volátil	(*)
קָח	לָקַח	<i>take, lay hold of, seize (Gen. 3:21)</i>	colher, tomar, pegar, apanhar	(*)
קָרוֹב	קָרוֹב	<i>near, imminent</i>	próximo, cercão, vizinho, contíguo, imediato, parente, iminente, perto	(*)
שׁוֹשְׁנָה	שׁוֹשְׁנָה	<i>lily</i>	açucena, lírio	(*)
שֶׁל	שֶׁל	a) introducing nominal; b) introducing verbal clause; c) in rel. clause	partícula relativa <i>que</i> , formando genitivo ou possessivo <i>de mim, meu, de</i>	(*)
שְׁקֵט	שְׁקֵט	<i>tranquility</i>	tranqüilidade	(*)
שְׁמָהּ	שֵׁם	<i>name, standing, reputation</i>	nome, título, apodo, renome	(*)

Tabela 13: Tabela secundária de glosas para כָּל שׁוֹשְׁנָה

4.6.3 Tradução interlinear

כָּל שׁוֹשַׁנָּה

כָּל	שׁוֹשַׁנָּה	הִיא	אֵי
every	lily	she	isle
cada	rosa	ela	uma ilha

שֶׁל הַשְּׁלוֹם הַמְּבֻטָּה

of	peace	confidence
de	a paz	prometida

הַשְּׁלוֹם הַנֶּעְהִי

the peace	everlastingness
a paz	eterna

בְּכָל שׁוֹשַׁנָּה מְתַגֹּרֶרֶת

in every	lily	seek hospitality
em cada	rosa	habita

צֶפּוֹר סַפִּירִית

a bird of	saphir
um pássaro de	safira

שְׁמָהּ וְכִתְּתָהּ

which name	[is]	Vekititu
cujo nome	[é]	Vekititu

וְנִדְמָה

it resembles
e parece

כֹּה קְרוֹב

near thus
próxima assim

אֹר הַשּׁוֹשַׁנָּה

the lily light of
a rosa a luz de

כֹּה קְרוֹב

near thus
próxima assim

נִיחוּתָהּ

[its] soothing
[sua] fragrância

כֹּה קְרוֹב

near thus
próximo assim

שְׁקֵט הָעָלִים

the leaves quietness of
das folhas (o) silêncio

כֹּה קְרוֹב

near thus
próxima assim

אֹתוֹ אֵי -

isle him
ilha a ela

קַח סִירָּה

a pot take
um bote pegue

הָאֵשׁ	יָם	אֶת	וַחֲצֵה
fire	the sea of	***	and divide
fogo	(o) mar de	***	e atravesse

4.6.4 Comentários

A quase totalidade do vocabulário empregado na composição deste poema é formada por palavras comuns encontradas na Bíblia Hebraica. A utilização desse vocabulário tem se mantido constante quanto ao seu uso, sendo o significado básico das palavras confirmado pelas antigas traduções, pelas glosas dos dicionários e pelas traduções modernas. Como exemplo, temos as glosas אֹר / luz, אִי / ilha, אֵשׁ / fogo, עֵלֶה / folha, יָם / mar, סַפִּירִית / safira, צִפּוֹר / pássaro, שׁוֹשַׁנָּה / rosa, שֵׁם / nome, שְׁלוֹם / paz, etc. As poucas exceções serão consideradas a seguir.

O primeiro verso do poema (כָּל שׁוֹשַׁנָּה הִיא אִי) apresenta um caso peculiar de sintaxe do hebraico moderno, porém também encontrado na Bíblia Hebraica; em Gênesis 36:8, por exemplo, temos עֵשָׂו הוּא אֶדְוֹם (“Esaú é Edom.”).³⁵¹ Em sentenças nominais, o hebraico moderno utiliza o verbo הָיָה (“ser”) apenas no passado e no futuro. Porém, em frases denominadas de equativas cujo predicado é igualado ao sujeito, utiliza-se o pronome pessoal na terceira pessoa na função de verbo de ligação, conforme definido por uma gramática de hebraico moderno:

Sentenças equativas separam o sujeito do predicado mediante a utilização de uma cópula (אִיגָד), correspondendo a uma conexão entre os dois itens. No tempo presente, ela consiste de pronomes pessoais na terceira pessoa. A cópula usualmente concorda em gênero e número com o sujeito. Ela pode ser considerada um equivalente do verbo de ligação “to be” do inglês [verbo “ser” no português] no tempo presente.³⁵²

A frase דָּנִי הוּא מֵר יוֹסֵף (“Dani é o Sr. José.”) é um exemplo de frase equativa, enquanto que הַפֶּלֶפֶל קָר (“O falafel [está] frio.”) corresponde a um exemplo de frase nominal predicativa.

³⁵¹ Outros exemplos de passagens, na Bíblia Hebraica, com este tipo de construção sintática são: 1 Reis 18:39; Salmos 44:5; Deuteronômio 4:35; 2 Samuel 7:28.

³⁵² COFFIN, Edna A. & Shmuel BOLOZKY. *A Referemce Grammar of Modern Hebrew*, p. 318.

No primeiro verso do poema, a frase sem o pronome pessoal **היא** estaria gramaticalmente correta e corresponderia a uma frase nominal predicativa. Neste caso, **כָּל שׁוֹשְׁנָה אִי** (sem a cópula pronominal de **היא**) indicaria que **אִי** (“ilha”) corresponde a um atributo, ou característica, de **שׁוֹשְׁנָה** (“rosa”). No entanto, com a inclusão de **היא**, a frase torna-se equativa de modo que **שׁוֹשְׁנָה** e **אִי** do poema, ao serem igualados, passam a ser considerados sinônimos no poema.³⁵³

No verso **אִי אֹתוֹ**, o lexema **אֹתוֹ** necessita uma consideração especial. No Hebraico Bíblico encontramos a partícula indicadora de objeto direto **אֵת** associada aos sufixos pronominais (formas abreviadas dos pronomes) e correspondendo aos pronomes oblíquos do português (*me, te, o, lhe, nos, vos, etc.*).³⁵⁴ Por exemplo, na oração **אָהָיו אֶתְּנָאוּ אֹתוֹ** (Gênesis 37:4), a glosa fornecida pelo BDB para **אֹתוֹ** é “*him*” e podemos traduzir esta passagem por “Seus irmãos viram que seu pai o (**אֹתוֹ**) amava mais do que a todos os outros seus filhos e odiaram-no (**אֹתוֹ**)”.³⁵⁵

O hebraico moderno reteve o mesmo uso da partícula indicadora de objeto direto **אֵת** associada aos sufixos pronominais para a formação dos pronomes oblíquos, conforme indicado pelas gramáticas.

Para indicar o objeto direto, ‘me, o’, etc., o marcador de objeto direto **אֵת** é utilizado com um sufixo. Porém, **אֵת** torna-se . . . **אֹת** (exceto para a segunda pessoa do plural).³⁵⁶

No entanto, o hebraico moderno desenvolveu uma segunda utilização para a partícula **אֵת**, não encontrada no hebraico bíblico, para os casos em que a partícula está associada com os sufixos pronominais de terceira pessoa (**אֹתוֹ, אֹתָהּ, אֹתָם, אֹתָן**). Esta utilização é definida por uma gramática de hebraico moderno da seguinte maneira:

Existe outro tipo de determinante, que em inglês é expresso por ‘*that same...*’. Ele é similar em significado ao uso do pronome demonstrativo que está distante no tempo e lugar, **הַהוּא** ‘*that man*’. A partícula utilizada para o objeto direto

³⁵³ Este fenômeno lingüístico da língua hebraica tem sido estudado atualmente pela gramática gerativa e tem sido tema de várias teses de doutorado. No Apêndice 2, apresento a versão gerativa desse fenômeno lingüístico denominado de “cópula pronominal”.

³⁵⁴ Ver: KELLEY, Page H. *Hebraico Bíblico*, p. 27,28. PRATICO Gary & Miles VAN PELT. *Basics of Biblical Hebrew*, p. 90. SEOW, C. L. *A Grammar for Biblical Hebrew*, p. 99.

³⁵⁵ O hebraico bíblico utiliza a variante **אֹתוֹ** em lugar de **אֹתָו**.

³⁵⁶ GLINERT, Lewis. *Modern Hebrew. An Essential Grammar*, 62. Ver também COFFIN, Edna A. & Shmuel BOLOZKY. *A Reference Grammar of Modern Hebrew*, p. 227-228.

com o prefixo pronominal de terceira pessoa é também utilizado para expressar o pronome modificador ‘*that same*’. Dessemelhante da frase **הָאֵשׁ הַזֹּאת**, em que o pronome preenche uma posição de adjetivo, nestas frases o determinante precede o substantivo e concorda em gênero e número. Ele é usualmente seguido por um substantivo definido, mas pode também ser seguido por um substantivo indefinido, para formar uma frase nominal.³⁵⁷

Ante a explicação acima, na frase nominal **כֹּה קָרֹב אוֹתוֹ אֵי**, o lexema **אוֹתוֹ** somente pode ser considerado um determinante e traduzido por “esta”, resultando na tradução “tão próxima esta (אוֹתוֹ) ilha”.

O lexema **וַיַּצֵּחַ** é formado pelo *ו* conjuntivo (equivalente ao conectivo “e”) e o verbo **יָצַח** no imperativo, com o significado de “dividir”, “atravessar” no hebraico moderno. No entanto, em seu uso na Bíblia Hebraica encontramos sua aplicação em passagens que indicam travessias de rios mediante a separação das águas em duas metades de onde deve resultar o sentido moderno de “travessia”.³⁵⁸ A tradução de **וַיַּצֵּחַ אֶת יָם הַאֵשׁ** pode perfeitamente ser “e *divida* o mar de fogo”, utilizando a linguagem bíblica, ou “e *cruze* o mar de fogo” no sentido moderno dado para **יָצַח**.

סִירָה é uma palavra que, na Bíblia Hebraica, é encontrada, segundo Schökel, no sentido de “panela”, “caldeirão”, “marmita”, “tacho”, “bacia”. Este é o sentido também fornecido pelo BDB e HOLLADAY e pelas traduções da Bíblia para diferentes línguas. Não encontrei qualquer passagem na Bíblia Hebraica que utilize **סִירָה** no sentido de “bote” ou “barco” e, portanto, deve ter sido uma alteração de seu uso ao longo do tempo. Este seria, portanto, um caso em que a glosa do BDB está correta e em harmonia com os demais dicionários de hebraico bíblico, mas não contempla o uso moderno da palavra.

Para a palavra **נִדְמָה**, o BDB apresenta as glosas “*be like*”, “*resemble*”, confirmadas pelo dicionário RB com as glosas “parecer”, “ser parecido com”. No hebraico moderno, a palavra **נִדְמָה** é utilizada em expressões idiomáticas com o sentido de “*it seems*” (“parece”), como na expressão **נִדְמָה לִי** (“*it seems to me*”, “parece para mim”).³⁵⁹

³⁵⁷ COFFIN, Edna A. & Shmuel BOLOZKY. *A Reference Grammar of Modern Hebrew*, p. 283-284.

³⁵⁸ Nas seguintes passagens bíblicas encontramos o verbo **יָצַח** utilizado em travessias de rios, ou mar, mediante a separação (divisão) de águas.

³⁵⁹ ABRAMSON, Glenda (HUGO). *Hebrew in Three Months*, p. 73.

Para confirmação das glosas apresentadas pelo BDB, também validadas pelos demais dicionários (HOLLADAY, Schökel e RB), incluo a tradução para o inglês feita por Hamutal Bar-Yosef.³⁶⁰

EVERY ROSE

Every rose is an island
Of promised peace.
In the eternal peace

In every rose there dwells
A bird of sapphire
Whose name is 'Ve Kitetu'-

The light of the rose
Seems so near,
So near its fragrance,
So near is the silence
Of its leaves,
So near
The island -
Take a boat
And cross the sea of fire

4.6.5 Tradução final

Cada rosa é uma ilha
Da paz prometida,
Paz eterna.

Em cada rosa habita
Um pássaro de safira
De nome 'Vekitu'.

Parece,
Tão próxima
A luz da rosa;
Tão próxima
Sua fragrância;
Tão próximo
O silêncio das folhas;
Tão próxima

³⁶⁰ BURNshaw, Stanley *et al.* *The Modern Hebrew Poem Itself*, p. 238-240.

Esta ilha. –
Pegue um bote
E cruze o mar de fogo.

5. COMENTÁRIOS FINAIS

וַיָּרָא אֱלֹהִים אֶת-כָּל-אֲשֶׁר עָשָׂה וְהִנֵּה-טוֹב מְאֹד:

O dicionário de Brown, Driver e Briggs (BDB), baseado no *lexicon* de Wilhelm Gesenius, como modelo de sistema lexical bilíngüe no contexto da polêmica sobre glosas, definições e campos semânticos foi o assunto desenvolvido neste trabalho. Mediante ele, realizei um estudo da lexicografia hebraica bíblica moderna ao analisar o mais conhecido dicionário de hebraico bíblico em língua inglesa, o BDB – um dicionário baseado nos trabalhos lexicográficos de Wilhelm Gesenius realizados no início do século XIX d.C. Por extensão, analisei também outros importantes dicionários de hebraico; porém, procurei não me limitar a um mero exercício acadêmico. O BDB foi medido, pesado e julgado (מִנְיָא מִנְיָא תִּקְלָ וּפְרָסִין) no contexto da polêmica que existe com relação ao uso de “glosas” ou “definições” pelos dicionários bilíngües e a utilização de modernas teorias semânticas tal como a de “campos semânticos” para finalmente ser avaliado quanto a seu propósito e eficiência.

Para este estudo na área da lexicografia do hebraico bíblico, fiz uso do que se conhece por “método científico”. Como primeiro passo, investiguei a lexicografia hebraica bíblica moderna mediante a coleta e análise de dados de seus principais dicionários. No segundo passo, desenvolvi a hipótese de dicionário bilíngüe como modelo de um sistema lexical e apliquei-o ao BDB. De acordo com essa hipótese, apresentei o BDB como um modelo sistêmico utilitário, cujo principal propósito, nas palavras de Witold Doroszewski, consiste em ‘apresentar resultados em vez de intenções e o valor de seus princípios teóricos devendo ser medidos segundo estes resultados’. No terceiro passo, realizei um experimento – para verificação da hipótese – consistindo na tradução de quatro poemas hebraicos de diferentes períodos. Nesse experimento, a tradução dos quatro poemas foi realizada a partir das glosas do BDB de forma a verificar seu papel de modelo sistêmico e sua eficiência. A comprovação desses resultados, realizei mediante a comparação com as glosas fornecidas por outros dicionários; a correlação foi feita com um dicionário de hebraico moderno (RB) e os resultados comparados com três dicionários modernos de hebraico bíblico (HOLLADAY, Schökel e SDBH). Adicionalmente, as glosas fornecidas pelo BDB foram também comparadas com duas traduções antigas da Bíblia Hebraica (Septuaginta e Vulgata) e uma tradução moderna (JPS).

Utilizei quatro poemas de diferentes períodos (dois bíblicos, um medieval e um moderno) para demonstrar a estabilidade na transmissão dos significados do vocabulário do hebraico bíblico

ao longo do tempo. O hebraico, por nunca ter tido seu uso interrompido nas comunidades judaicas, devido às várias traduções da Bíblia Hebraica realizadas a partir do século III a.C. e pela grande tradição lexicográfica materializada pela produção de uma quantidade considerável de dicionários, resultou em uma base confiável para Wilhelm Gesenius no início do século XIX. Gesenius complementou esta base com estudos etimológicos e filológicos pela comparação com línguas cognatas semíticas. Ele não fez uso de teorias semânticas, visto que a semântica, como ciência, ainda estava para ser cunhada pelos trabalhos de Michel Bréal no final do século XIX, posterior, portanto à época que Gesenius desenvolvia seus trabalhos na lexicografia hebraica bíblica.³⁶¹ Mesmo assim, conforme observa Moisés Silva,³⁶² a ciência designada por Michel Bréal de “Semântica” ainda consistia de uma disciplina puramente histórica. A semântica utilizada por Gesenius resultou do estudo das relações semânticas encontradas no uso das palavras mediante o estudo de seus contextos, pares de palavras, paralelismo, segundo o modo com que são utilizados na Bíblia Hebraica e, principalmente, pela transmissão contínua da língua hebraica e dos significados de suas palavras resultante da tradição, uso da língua nas comunidades judaicas e nos ofícios religiosos, antigas traduções, estudos e comentários da Bíblia Hebraica³⁶³ e dicionários.

Frederick Danker menciona que ‘a *palavra* em um dicionário é como uma amiga em um caixão funerário, enquanto que uma concordância restaura sua vida’.³⁶⁴ Isso acontece, porque a concordância apresenta as diferentes ocorrências da palavra e, conseqüentemente, seus diferentes usos. Nesses exemplos de uso e seus contextos, as palavras são como pessoas. Conforme diz o mesmo Frederick Danker: “Para conhecê-las bem [as pessoas] devemos encontrá-las em seu próprio nível, em seu próprio ambiente. Em circunstâncias diferentes elas reagem de formas diferentes.”³⁶⁵ Assim são as palavras e, apropriadamente, o BDB, além de dicionário, desempenha o papel de

³⁶¹ O termo “semântica” foi cunhado por Michel Bréal em 1893. Maurice LEROY, *As Grandes Correntes da Lingüística Moderna*, p. 62. Michel Bréal em seu tratado intitulado *Ensaio de Semântica*, menciona no final de sua introdução: “Peço ao leitor, então, que veja este livro como uma simples Introdução à ciência que me proponho a chamar de Semântica. Michel BRÉAL, *Ensaio de Semântica*, p. 20.

³⁶² SILVA, Moisés. *Biblical Words and Their Meaning*, p. 101.

³⁶³ Por exemplo, um artigo de José Martinez Delgado mostra que o *The Guide for the Perplexed* (Guia dos Perplexos) de Maimônides (1135-1204), embora seja uma obra filosófica-teológica, inicia com um introdução inteiramente devotada à análise lexicográfica de termos bíblicos antropomorficamente aplicados a Deus. DELGADO, José Martinez. “Maimonides in the Context of Andalusian Hebrew Lexicography. In *Aleph: Historical Studies in Science na Judaism*. Volume 8, 2008. O *Guia dos Perplexos* foi escrito originalmente em árabe e traduzido para o hebraico por Ibn Tibon ainda na vida de Maimônides, e, pouco depois, para o latim. Neste livro, Maimônides, um admirador de Aristóteles, procurava explicar a essência da Bíblia e do judaísmo de uma maneira que harmonizasse com o pensamento e a lógica dos filósofos. Em português existe uma tradução da parte 1 editada pela Editora Landy em 2004 com o título *O Guia dos Perplexos – Parte 1*. Em inglês, existem várias traduções. Uma delas é editada por Forgotten Books (2008).

³⁶⁴ “In a lexicon a word is like a friend in a coffin. A concordance restores her life.” DANKER, Frederick. *Multipurpose Tools for Bible Study*, p. 17.

³⁶⁵ DANKER, Frederick. *Multipurpose Tools for Bible Study*, p. 135.

concordância ao organizar sua micro-estrutura em torno das passagens bíblicas em que cada palavra ocorre, permitindo identificar seus vários usos mediante várias glosas. Essa tradição na transmissão da língua hebraica e os significados de seu vocabulário, associada às evidências filológicas comparativas estudos etimológicos foram a principal base da lexicografia de Gesenius e consequentemente a base para o BDB.

Finalmente, realizei este estudo do BDB, como modelo de um sistema lexical bilíngüe, no contexto da polêmica entre glosas e definições e da utilização de campos semânticos, visto que uma possível superioridade no uso de definições campos semânticos e semântica cognitiva é apresentada às custas de uma crítica a dicionários como o BDB, mediante um questionamento a respeito de sua validade após cerca de cem anos de existência.³⁶⁶ O propósito fundamental de meu trabalho foi o de procurar demonstrar que isto não é verdade. Tal como o modelo de Erlang, que se mantém válido até nossos dias, assim acontece com o Dicionário de Hebraico Bíblico de Brown, Driver e Briggs. Os estudos e pesquisas lexicológicas fundamentadas em modernas teorias semânticas, embora funcionem como exercícios acadêmicos e contribuam para um melhor entendimento de nuances semânticas entre grupos e categorias de palavras utilizadas na Bíblia Hebraica, não têm, até o momento, alterado a validade do sistema de glosas do BDB. Uma definição de אֶבֶן, em substituição à glosa “stone” / “pedra”, consegue apenas dizer “substância dura, pesada e forte, muito comum e usada para construções, arma, etc.”. Convenhamos, não é muito.

³⁶⁶ Praticamente duzentos anos se considerarmos que sua base, o dicionário de Gesenius, é do início do século XIX.

APÊNDICE I

Alfabeto Hebraico³⁶⁷

Nome	Forma	Forma final	Pronúncia
álef	א		Letra não audível
bêť	ב ב		B como em boi V como em vinho
guimel	ג ג		G como em gole G como em gole
dalet	ד ד		D como em dato D como em dato
hê	ה		Aspirado (como o h alemão)
vav	ו		V como em vinho ou u como em água
zayin	ז		Z como em zebra
het (h aspirado)	ח		Aspirado fortemente como J em espanhol “lejos”
tet (t aspirado)	ט		T como em teto
yod	י		I como baiano
kaf	כ כ	ך	C como em café Ch brando como no alemão “sprechen”
lâmed	ל		L como em letra
mem	מ	ם	M como em mapa
nun	נ	ן	N como em nada
samekh	ס		S como em sino
áyin	ע		Letra não-audível
pê	פ פ	ף	P como em pato F como em fato
tsade	צ	ץ	TS como em tsé-tsé
qôf	ק		C como em café
rêsh	ר		R como em raiz
sin	ש		S como em sino
shin	שׁ		CH como em chave

³⁶⁷ Adaptado de KELLEY, Page H. *Hebraico Bíblico*, p. 17-18. Tradução de Marie Ann Wangen Krahn.

APÊNDICE II

Cópula pronominal

כָּל שׁוֹשְׁנָה הִיא אִישׁ, primeiro verso do poema de Zelda Schneersohn-Mishkovsky (1914-1992), corresponde a uma frase nominal (frase sem verbo) e apresenta uma estrutura sintática peculiar ao hebraico. Com exceção da cópula pronominal (הִיא), as palavras deste verso não apresentam problema e seus correspondentes em português podem ser obtidos diretamente tanto de dicionários de hebraico bíblico (BDB e HOLLADAY), ou de dicionários de hebraico moderno como o de Rifka Berezin (RF), ou o *The Contemporary Shilo Pocket Dictionary*.

1. כָּל Palavra que pode ser um adjetivo (“toda”) ou um pronome indefinido (“cada”). Forma lexical: כָּל.
2. שׁוֹשְׁנָה Substantivo feminino. No hebraico moderno costuma designar “rosa”, enquanto que nos léxicos bíblicos é mais comum “lírio” como glosa. Forma lexical: שׁוֹשְׁנָה.
3. הִיא Pronome pessoal feminino singular de terceira pessoa. Também tem a função de cópula pronominal feminina singular = [é], utilizada para estabelecer uma relação de igualdade em uma frase nominal.
4. אִישׁ Substantivo masculino: “ilha”. Forma lexical: אִישׁ.

O lexema הִיא necessita uma explicação adicional, devido ao seu duplo uso como pronome pessoal feminino de terceira pessoa e a função adicional de cópula em frases nominais.

Uma construção copular em línguas como português, espanhol, inglês, etc., são sentenças que contêm sujeito (DP), predicado (DP ou AP) e um verbo copular. Enquanto que no inglês o verbo copular é sempre o *to be*, o português e o espanhol apresentam a possibilidade de utilizar-se os verbos “ser” ou “estar”. O hebraico, no entanto, embora possua um equivalente ao verbo ser, este não é conjugado no presente, mas somente no passado e futuro. Em consequência, as sentenças predicativas são sentenças não verbais formadas apenas por sujeito (DP) e predicado (DP ou AP). Adicionalmente, existem situações, como as de uma sentença equativa, em que uma ligação entre

sujeito e predicado é feita pelo que se costuma denominar de *cópula pronominal*³⁷¹. Estas partículas, ou cópulas, são idênticas aos pronomes pessoais הוּא (ele), הִיא (ela), הֵם (eles), הֵן (elas).

Susan Rothstein, em uma tese de doutorado, utiliza as relações copulativas hebraicas para examinar a relação entre *small clauses*³⁷² e construções copulares e o papel desempenhado pelo verbo “ser” (*to be*). Em um artigo adicional³⁷³ e em um livro posterior,³⁷⁴ a autora, utilizando a teoria *Government & Binding* da gramática gerativa, demonstra que uma frase predicativa como em (1) – conhecida por *small clause* – é gramaticalmente legitimada porque um AP é inerentemente um predicado sintático. Os constituintes de uma frase deste tipo (*small clause*) possuem uma estrutura [[NP] [SP]], sendo que SP é um predicado e portanto a sentença é uma instância de predicação. A relação de predicação licencia tanto o predicado e o sujeito.

Por outro lado, em uma sentença de identidade – como em (2) – nenhum dos constituintes são predicados e, neste caso, temos uma estrutura sem cópula pronominal que resulta em um *string* de dois argumentos NPs sem qualquer relação sintática entre eles e, portanto, uma frase agramatical. Porém, quando adicionamos a cópula pronominal, como é o caso de (3), a cópula é uma realização (*spell-out*) de traços de flexão de número e pessoa (*agreement*) realizados em Infl e projetando um constituinte I'. I' é um nó de predicado sintático e a relação entre I' e Spec de Ip é de predicação como em qualquer caso de uma sentença com flexão.

(1) דָּנִי רוֹפֵּא

Dani é um médico.

(2) * דָּנִי מֵר יוֹסֵף *

* Dani o Sr. José.

(3) דָּנִי * (הוּא) מֵר יוֹסֵף³⁷⁵

Dani é o Sr. José.

³⁷¹ Lewis Glinert em sua gramática de hebraico moderno denomina de ‘*particles of being*’. *Modern Hebrew: an essential grammar*, 2003, p. 3. Por outro lado, Edna Amir Coffin denomina simplesmente de ‘*copula (link)*’ em sua gramática *A reference grammar of modern Hebrew*, 2005, p. 318.

³⁷² *Small clauses* são consideradas estruturas quase-sequenciais que se caracterizam por conter uma predicação (uma estrutura sujeito-predicado), sem englobar um verbo.

³⁷³ “Small clauses and copular constructions.” Artigo publicado em *Syntax and semantics*, p. 27-48, editado por Anna Cardinaletti e Maria Teresa Guasti.

³⁷⁴ ROTHSTEIN, Susan. *Predicates and their Subjects*, 2004.

³⁷⁵ A simbologia *(הוּא) significa que a cópula pronominal הוּא é obrigatória.

Utilizando uma notação própria da gramática gerativa, a sentença (1) pode ser escrita como em (4), a (2) como em (5) e a (3) como em (6).

(4) [[דְּנִי]_{NP} [רֹפֵא]_{AP}]_{SC}

(5) * [דְּנִי]_{NP} [מֵר יוֹסֵף]_{NP}

(6) [דְּנִי] [הוּא [מֵר יוֹסֵף]_{NP}]_{I'}]_{IP}

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

EDIÇÕES DA BÍBLIA HEBRAICA (*Tanakh*)

- ELLIGER, Karl; W. RUDOLF (eds.). *Biblia Hebraica Stuttgartensia*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1969/1977/1997.
- FREEDMAN, David N.; A. B. BECK; J. A. SANDERS (eds.). *The Leningrad Codex: A Facsimile Edition*. Grand Rapids: Eerdmans, 1998.
- GREEN, Jay P. (editor e tradutor). *The Interlinear Bible Hebrew-Greek-English*. Massachusetts: Hendrickson, 1986. Reimpressão da edição de 1976.
- JPS Hebrew-English Tanakh*. The Traditional Hebrew Text and the New JPS Translation. Philadelphia: The Jewish Publication Society, 2003. Tradução para o inglês de 1985 e edição hebraico-inglês de 1999.
- KITTEL, Rudolf; P. E. KAHLE (eds.). *Biblia Hebraica*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1937/1971.
- KOHLBERGER III, John R. *The interlinear NIV Hebrew-English Old Testament*. Grand Rapids: Zondervan, 1987.
- SAYÃO, Luiz (ed.). *O Antigo Testamento Poliglota*. São Paulo: Vida Nova, 2003. Além da *Biblia Hebraica Stuttgartensia* (BHS), inclui a *Septuaginta* (LXX), edição de Ralphy, a *New International Version* (NIV) e a *Almeida Revista e Atualizada* (ARA).
- SNAITH, Norman H. (ed.). *Hebrew Old Testament*. London: The British and Foreign Bible Society, 1995.

EDIÇÕES DA SEPTUAGINTA E VULGATA

- Biblia Sacra Iuxta Vulgatam Versionem*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1969/1983.
- Septuaginta*. Stuttgart: Deutsch Bibelgesellschaft, 1935/1979. Editado por Alfred Rahlfs.
- The Septuagint with Apocrypha: Greek-English*. Editada e traduzida para o inglês por Sir Lancelot C. L. Brenton. Massachusetts: Hendrickson: 1997. Reimpressão da edição de 1851 publicada por Bagster & Sons, London.
- SAYÃO, Luiz (ed.). *O Antigo Testamento Poliglota*. São Paulo: Vida Nova, 2003. Além da *Septuaginta* (LXX), edição de Ralphy, inclui a *Biblia Hebraica Stuttgartensia* (BHS), a *New International Version* (NIV) e a *Versão Revista e Atualizada de Almeida* (ARA).

EDIÇÕES DE TRADUÇÕES DA BÍBLIA PARA O PORTUGUÊS E INGLÊS

- ARA – A Bíblia Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida – Revista e Atualizada. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1956/1993.
- ARC – Bíblia Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida – Revista e Corrigida. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1948..
- AVR - A Bíblia Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida – Versão Revisada. Rio de Janeiro Imprensa Bíblica Brasileira, 1967/1990.
- BA – Bíblia Alfalit. Rio de Janeiro: Editora Alfalita, 2002. Impressa na Suécia.
- BCM – A Bíblia Sagrada. 5 Volumes. São Paulo: Gráfica e Editora Edigraf, 192. Tradução para o português do Prof. Jacob Penteado da versão italiana de Mons. Carlo Marcora.
- BEP – A Bíblia Sagrada. Edição Pastoral. São Paulo: Sociedade Bíblica Católica Internacional e Paulus, 1990/1999.
- BEV – Bíblia Sagrada Vozes. Petrópolis: Editora Vozes, 1982/2001. Vários tradutores. O Novo Testamento é a tradução de Mateus Hoepers.
- BJ – A Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulinas, 1985. Tradução da versão francesa La Sainte Bible da École Biblique de Jerusalém de 1973.
- BMM – Bíblia Sagrada. Versão dos Monges de Maredsous. 27^a edição. São Paulo: Ave-Maria, 1977. Tradução da versão francesa feita pelos Monges de Maredsous (Bélgica).
- BPF – A Bíblia Sagrada. Tradução do Padre Antônio Pereira de Figueiredo. Lisboa, Deposito das Escrituras Sagradas, 1933.
- GNB – *Good News Bible*. The Bible Societies/Collins, 2004.
- KJV – *King James Version. The Holy Bible Containing the Old and New Testaments*. Cambridge: Cambridge University Press. Originalmente publicado em 1611.
- MS – Bíblia Sagrada. Tradução do Padre Matos Soares. São Paulo: Paulinas, 1962.
- MD – Bíblia Mensagem de Deus. São Paulo: Loyola, 1989. Vários tradutores.
- MOFFATT, James (tradutor). *A New Translation of the Bible Containing the Old and New Testaments*. New York: Harper & Brothers, 1935.
- NTLH – *Nova Tradução na Linguagem de Hoje*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1998.
- SIR – Os Salmos. Erechim: Gráfica e Editora São Cristovão, 2001. Pesquisa e revisão Irmãos B. Ribeiro.
- TB – A Bíblia Sagrada. Tradução Brasileira. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 1917. Impressa nos Estados Unidos da América.

TNM – Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas. Cesário Lange: Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1967/1986. Tradução da edição em língua inglesa New World Translation (NWT).

TOD – DANIELL David (ed.) *Tyndale's Old Testament*. A modern-spelling edition with an introduction. New Haven: Yale University Press, 1992.

DICIONÁRIOS E VOCABULÁRIOS DE HEBRAICO

ARMSTRONG, Terry A.; Douglas L. BUSBY & Cyril F. CARR. *A Reader's Hebrew-English Lexicon of the Old Testament*. Grand Rapids: Zondervan, 1989.

BEALL, Todd S.; William A. BANKS & Colin SMITH. *Old Testament Parsing Guide*. Nashville: Broadman & Holman, 2000.

BEREZIN, Rifka. *Dicionário Hebraico-Português*. São Paulo: Edusp, 1995.

BROWN Francis; S. R. DRIVER & Charles BRIGGS (eds.). *A Hebrew and English lexicon of the Old Testament*. Based on the Lexicon of Willian Gesenius. Oxford: Oxford University Press, 1906/1951.

DAVIDSON, Benjamin. *The Analytical Hebrew and Chaldee Lexicon*. Massachusetts: Hendrickson, 2004. Obra publicada originalmente em 1850.

DILLARD, Raymond B. *Biblical Hebrew Vocabulary Cards*. Springfield: Visual Education, s/d.

EINSPAHR, Bruce. *Index To Brown Driver and Briggs Hebrew Lexicon*. Moody Publishers, 1977/1982.

HOLLADAY, William (ed.) *A Concise Hebrew and Aramaic lexicon of the Old Testament*. Based on the First, Second, and Third Editions of the Koehler-Baumgartner Lexicon in Veteris Testamenti Libros. Grand Rapids: Eerdmans, 1998.

KIRST, Nelson; N. KILPP et al. *Dicionário Hebraico-Português e Aramaico-Português*. São Leopoldo: Sinodal/Vozes, 1987/2004.

KOEHLER, Ludwig; W. BAUMGARTNER. *The Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament*. Brill Academic Publishers; 2002. Study Gd edition. Tradução para o inglês de E. J. Richardson.

MITCHEL, Larry A. *A student's Vocabulary for Biblical Hebrew and Aramaic*. Grand Rapids: Zondervan, 1984.

MITCHEL, Larry; Carlos Osvaldo C. PINTO; Bruce M. METZGER. *Pequeno Dicionário de Línguas Bíblicas*. São Paulo: Vida Nova, 2003.

- PELT, Miles V. & G. PRATICO. *The Vocabulary Guide to Biblical Hebrew*. Grand Rapids: Zondervan, 2003.
- PENNINGTON, Jonathan T. *Old Testament Hebrew Vocabulary*. Grand Rapids: Zondervan, 2003.
- SCHÖKEL, Luis Alonso. *Dicionário Bíblico Hebraico-Português*. São Paulo: Paulus, 1997. Tradução Ivo Storniolo, José Bortolini.
- SDBH. *The Semantic Dictionary of Biblical Hebrew*. Produzido pelas United Bible Societies (UBS) e disponível em <http://www.sdbh.org>.
- STRONG, James. A Concise Dictionary of the Words in The Hebrew Bible; with their Renderings in the Authorized Version. In *The Exhaustive Concordance of the Bible*. Nashville: Abingdon-Cokesbury Press, 1894/1953.
- STRONG, James. *The Exhaustive Concordance of the Bible*. Nashville: Abingdon-Cokesbury Press, 1894/1953.

DICIONÁRIOS E VOCABULÁRIOS DE GREGO BÍBLICO

- ARDNT, W. F.; F. W. GINGRICH & F. DANKER. *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*. Segunda edição revisada de W. Bauer *Griechisch-Deutsches Worterbuch zu den Schriften des Neuen Testaments und die übrige urchristliche Literatur*, por F. W. Gingrich e F. S. Danker. Chicago: University of Chicago Press, 1979.
- LOUW, J. P. & Eugene NIDA (eds.) *Greek-English Lexicon of the New Testament Based on Semantic Domains*. Vol. 1: Introduction & Domains. New York: United Bible Societies, 1989.
- LOUW, J. P. & Eugene NIDA (eds.) *Greek-English Lexicon of the New Testament Based on Semantic Domains*. Vol. 2: Indices. New York: United Bible Societies, 1989.
- NEWMAN, Barclay M. *A Concise Greek-English Dictionary of the New Testament*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1993.
- THAYER, Joseph H. *Thayer's Greek-English Lexicon of the New Testament*. Hendrickson, 2005. Reimpressão da quarta edição originalmente publicada por T. & T. Clark em 1896.

BIBLIOGRAFIA

- ALTER, Robert. *The Art of Biblical Poetry*. Basic Books, 1985.
- ALTER, Robert. As características da antiga poesia hebraica. In ALTER, Robert & F. KERMODE (eds.). *Guia Literário da Bíblia*. São Paulo: UNESP, 1997. Tradução de Raul Fiker da edição inglesa de 1987.

- ALTER, Robert & F. KERMODE (eds.). *Guia Literário da Bíblia*. São Paulo: UNESP, 1997. Tradução de Raul Fiker da edição inglesa de 1987.
- ARAUJO, Reginaldo Gomes de. *Gramática do Aramaico Bíblico*. São Paulo: Targumin, 2005.
- ARNOLD, Matthew. *Isaiah of Jerusalem in the Authorised English Version. With an Introduction, Corrections, and Notes*. London: Macmillan, 1883.
- AUVRAY, Paul. *Iniciação ao Hebraico Bíblico*. Petrópolis: Vozes, 1997. Tradução de Luís I. J. Stadelmann.
- BACON, Betty. *Estudos na Bíblia Hebraica*. São Paulo: Vida Nova, 1991.
- BARR, James. *The Semantics of Biblical Language*. Oxford University Press, 1962.
- BARTELT, Andrew H. *Gramática do Hebraico Bíblico: Fundamentos*. Canoas/RS: ULBRA, 2006. Tradução de Acir Rayman do original inglês *Fundamental Biblical Hebrew*.
- BAUMGARTNER, W. (ed.) *Gramática Elementar da Língua Hebraica*. São Leopoldo: Sinodal, 1996. Tradução de Nelson Kirst.
- BEAR, D. *Principles of Telecommunication-Traffic Engineering*. Stevenage (England): Peter Peregrinus, 1976.
- BeDUHN, J. D. *Truth in translation. Accuracy and bias in English translations of the New Testament*. Lanham: University Press of America, 2003.
- BEEKMAN, John & John CALLOW. *Translating the Word of God*. Grand Rapids: Zondervan, 1974.
- BÉJOINT, Henri. "Codedness" and Lexicography. In Gregory JAMES, *Lexicographers and Their Works*. University of Exeter, 1989, p. 1-4.
- BEN ZVI, Ehud; Maxine HANCOCK; Richard BEINERT. *Readings in Biblical Hebrew*. New Haven: Yale University Press, 1993.
- BLENKINSOPP, Joseph. *Isaiah 1-39. A New Translation with Introduction and Commentary*. New York: Doubleday, 2000.
- BOCQUET, Catherine. *L'Art de la Traduction selon Martin Luther*. Artois Presses Université, 2000.
- BOMAN, Thorleif. *Hebrew Thought Compared with Greek*. New York: Norton, 1960.
- BRÉAL, Michel. *Ensaio de Semântica*. São Paulo: Educ/Pontes, 1992. Tradução de Aída Ferrás, Eduardo Guimarães, Eleni Jacques Martins, Pedro de Souza.
- BROCKMEYER, E; H. L. ALSTROM; A. JENSEN. *The Life and Works of A. K. Erlang*. Copenhagen: Copenhagen Telephone Company, 1948.
- BROOKS, John. *Telephone. The First Hundred Years*. New York: Harper & Brown, 1976.

- BROWN, Gillian & George YULE. *Discourse Analysis*. Cambridge/London: Cambridge University Press, 1983/1985.
- CARDINALETTI, Anna; Maria Teresa GUASTI (eds.). *Small Clauses*. Syntax and Semantics, vol. 28. New York: Academic Press, 1995.
- CARMI, T. *The Penguin Book of Hebrew Verse*. London/New York: Penguin, 1981/2006.
- CARROL, Lewis. *Alice Edição Comentada: Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do Espelho*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges.
- CLELAND, I. David & William R. KING. *Management: A System Approach*. New York: McGraw-Hill Book, 1972.
- COFFIN, Edna Amir; Shmuel BOLOZKY. *A Reference Grammar of Modern Hebrew*. Cambridge University Press, 2005.
- COLLISON, R. L. *A History of Foreign-Language Dictionaries*. London: Andre Deutsch, 1982.
- COTTERELL., Peter & Max TURNER. *Linguistics & Biblical Interpretation*. Downers Grove, Illinois: InterVarsity Press, 1989.
- COYNBEARE, F. C. & George STOCK. *Grammar of Septuagint Greek*. Massachusetts: Hendrickson, 1995. Reimpressão da edição de 1905 publicada por Ginn and Company, Boston.
- D'ALLAMBERT, Jean le Rond. Observations sur l'art de traduire en général et sur cet essai de traduction en particulier. In de FAVERI, C. B.; M. C. TORRES (orgs.) *Clássicos da Teoria da Tradução*. Vol. II Francês-Português. Florianópolis: UFSC, 2004.
- DANKER, Frederick. *Multipurpose Tools for Bible Study*. Minneapolis: Fortress Press, 1993/2003.
- DAVIDSON, A. B. *An Introductory Hebrew Grammar*. Edinburg: T. & T. Clark, 1930.
- de FARIA FRANCISCO, Edson. *Manual da Bíblia Hebraica*. Introdução ao texto massorético. Guia introdutório para a Bíblia Hebraica Stuttgartensia. São Paulo: Vida Nova, 2005.
- de FAVERI, Cláudia Borges; Marie-Hélène Catherine TORRES (orgs.) *Clássicos da Teoria da Tradução*. Vol. II Francês-Português. Florianópolis: UFSC, 2004.
- DELISLE, Jean & Judith WOODSWORTH. *Os Tradutores na História*. São Paulo: Ática, 1998. Tradução de Sérgio Bath.
- DU BELLAY, Joachim. Défense et illustration de la langue française. In de FAVERI, C. B.; M. C. TORRES (orgs.) *Clássicos da Teoria da Tradução*. Vol. II Francês-Português. Florianópolis: UFSC, 2004.
- DUBOIS, Jean & Claude DUBOIS. *Introduction à la lexicographie: le dictionnaire*. Paris: Librairie Larousse, 1971.

- ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. São Paulo: Perspectiva, s/d. O original italiano é de 1977. Tradução de Gilson Cesar Cardoso de Souza.
- ERLANG, A. K. Solution of some problems in the theory of probabilities of significance in automatic telephone exchanges. (Publicado originalmente em *Elektroteknikeren*, vol. 13, 1917). In: BROCKMEYER, E; H. L. ALSTROM; A. JENSEN. *The Life and Works of A. K. Erlang*. Copenhagen: Copenhagen Telephone Company, 1948, p. 138-155.
- FOKKELMAN, J. P. *Reading Biblical Poetry*. Louisville/London: Westminster John Knox Press, 2001.
- FOX, Michael V. *A Time to Tear Down & A Time to Build Up*. Grand Rapids: Eerdmans, 1999.
- FURLAN, Mauri (org.). *Clássicos da Teoria da Tradução*. Renascimento, vol. 4. Florianópolis: Núcleo de Pesquisas em Literatura e Tradução, 2006.
- FURULI, Rolf. *The Role of Theology and Bias in Bible Translation*. Huntington Beach, California: Elihu Books, 1999.
- GABEL, John B. & C. B. WHEELER. *A Bíblia como Literatura: Uma Introdução*. São Paulo: Loyola: 1993. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Mana Stela Gonçalves.
- GORDIS, Robert. *Kohleth the Man and His World: A Study of Ecclesiastes*. New York: Schocken Books, 1951/ 1968.
- GREENSLADE, S. L. *The Cambridge History of the Bible*. Vol. III: *The West from the Reformation to the Present Day*. Cambridge: Cambridge University Press, 1963.
- GLINERT, Lewis. *Modern Hebrew: An Essential Grammar*. New York: Routledge, 1991/2003.
- HANSON, Victor Davis & John HEATH. *Who Killed Homer?* New York: The Free Press, 1998.
- HAENSCH, Günther et al. (ed.) *La lexicografía – de la lingüística a la lexicografía práctica*. Madrid: Gredos, 1982.
- HAUSMANN, Franz et al. *Wörterbücher – Dictionaries – Dictionnaires. Ein Internationales Handbuch zur Lexikographie*. 3 vols. Berlin/New York: de Gruyter, 1989/1990/1991.
- HIGHET, Gilbert. *The Classical Tradition*. New York: Oxford University Press, 1949/1976.
- HÜLLEN, Werner. In the beginning was the gloss. Remarks on the historical emergence of lexicographical paradigms. In Gregory JAMES, *Lexicographers and Their Works*. University of Exeter, 1989, p. 100-116.
- von HUMBOLDT, Wilhelm. *Linguistic Variability & Intellectual Development*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972. Original alemão publicado em 1836. Tradução para o inglês de George C. Buck e Frithjof A. Raven.
- JAKOBSON, Roman. *Questions de poétique*. Paris: Éditions du Seuil, 1973.

- JAKOBSON, Roman. Le parallélisme grammatical et ses aspects russes. In Roman JAKOBSON. *Questions poétiques*. Paris: Éditions du Seuil, 1973, p. 234-279. Tradução do inglês por André Jarry.
- JAMES, Gregory (ed.). *Lexicographer and Their Works*. University of Exeter, 1989.
- JOBES, Karen & Moisés SILVA. *Invitation to the Septuagint*. Grand Rapids: Baker Academic, 2000/2005.
- JOHNSON, R. A.; F. E. KAST; J. E. ROSENZWEIG. *The Theory and Management of Systems*. New York: McGraw-Hill Book, 1963/1973.
- KAUTZSCH, E. *Gesenius' Hebrew Grammar*. Second English Edition by A. E. Cowley. Oxford: Clarendon Press, 1910.
- KELLEY, Page H. *Biblical Hebrew: An Introductory Grammar*. Grand Rapids: Eerdmans, 1992.
- KELLEY, Page H. *Hebraico Bíblico: Uma Gramática Introdutória*. São Leopoldo: Sinodal, 1998.
- KIPFER, Barbara Ann. *Workbook on Lexicography; A Course for Dictionary Users with a Glossary of English Lexicographical Terms*. Exeter: University of Exeter, 1984.
- KITTEL, Bonnie Pedrotti; Vick HOFFER; Rebecca Abts WRIGHT. *Biblical Hebrew: A Text and Workbook*. New Haven: Yale University Press, 1989.
- KONINGS, Johan. *A Bíblia nas Suas Origens e Hoje*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- KROMANN, Hans-Peder; Theis RÜBER; Poul, ROSBACH. Principles of Bilingual Lexicography. In: Hausmann, F. J. et al. (ed.). *Wörterbücher – Dictionaries – Dictionnaires. Ein Internationales Handbuch zur Lexikographie*. Vol. 3. Berlin/New York: de Gruyter, 1991, 2711-2729.
- KUGEL, James L. *The Idea of Biblical Poetry. Parallelism and Its History*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1981./1998.
- KUGEL, James L. *The Great Poems of the Bible*. New York: The Free Press, 1999.
- LAMBDIN, Thomas O. *Introduction to Biblical Hebrew*. New Jersey: Prentice Hall, 1971.
- LAMBDIN, Thomas O. *Gramática do Hebraico Bíblico*. São Paulo: Paulus, 2003.
- LANDAU, Sidney. *Dictionaries: The Art and Craft of Lexicography*. Cambridge University Press, 1989.
- LEE, John A. *A History of New Testament Lexicography*. New York: Peter Lang Publishing, 2003.
- LEECH, Geoffrey. *Semantics*. Middlesex: Penguin, 1974.
- LEFEVERE, André. *Translation/History/Culture*. London: Routledge, 1992. Edição feita por Shanghai Foreign Language Education Press, 2004.

- LIVINGSTON, G. Herbert. *The Pentateuch in Its Cultural Environment*. Grand Rapids: Baker Book House, 1974/1987.
- LOADER, J. A. *Polar Structures in the Book of Qohelet*. Berlin: Water de Gruyter, 1979.
- LONGMAN III, Tremper. *The Book of Ecclesiastes*. Grand Rapids: Eerdmans, 1998.
- LOUW, J. P. (ed.) *Lexicography and Translation*. Cape Town: Bible Society of South Africa, 1985.
- LOUW, J. P. A semantic domain approach to lexicography. In *Lexicography and Translation*. Cape Town: Bible Society of South Africa, 1985, p. 157-197.
- LOUW, J. P. What dictionaries are like. In *Lexicography and Translation*. Cape Town: Bible Society of South Africa, 1985, p. 53-81.
- LOWTH, Robert. *Lectures on The Sacred Poetry of the Hebrews*. Reimpressão pela Kessinger Publishing da quarta edição impressa por Thomas Tegg, 1789. Tradução do latim para o inglês de G. Gregory.
- LÜBE, John. Old Testament sample studies. In *Lexicography and Translation*. Cape Town: Bible Society of South Africa, 1985, p. 118-137.
- MANSOOR, Menahem. *Biblical Hebrew Step by Step*. Vol. 1. Grand Rapids: Baker Book House, 1957/1997.
- MANSOOR, Menahem. *Biblical Hebrew Step by Step*. Vol. 2. Grand Rapids: Baker Book House, 1957/1997.
- MESCHONNIC, Henri. *Pour la poétique II*. Paris: Galimard, 1973.
- MONTAIGNE. *Ensaio*s. Volumes I e II. São Paulo: Nova Cultural, 2000. Tradução de Sérgio Milliet.
- MONTILLOT, I. *Téléphonie Pratique*. Paris: Dunod, 1902.
- MURAOKA, Takamitsu. Septuagintal Lexicography. In TAYLOR B. A.; John A. Lee & P. R. Burton (eds.). *Biblical Greek and lexicography*. Grand Rapids: Eerdmans. 2004.
- OGDEN, Graham S. & Lynell ZOGBO. *A Handbook on Ecclesiastes*. New York: United Bible Societies, 1997.
- OGDEN, C. K. & I. A. Richards. *O Significado de Significado*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976. Tradução de Álvaro Cabral.
- OLOFSSON, Staffan. *God Is My Rock*. A Study of Translation Technique and Theological Exegesis in the Septuaginta. Stockholm: Almqvist & Wiksell International, 1990.
- OXFORD. *Pocket Oxford Chinese Dictionary. English-Chinese, Chinese-English*. Oxford University Press, 2003.

- PETERSEN, David L. & Kent Harold RICHARDS. *Interpreting Hebrew Poetry*. Minneapolis: Fortress Press, 1992.
- PRATICO, Gary D. & Miles V. VAN PELT. *Basics of Biblical Hebrew*. Grand Rapids: Zondervan, 2001.
- RICKER, Bob & Ron PITKIN. *A Time for every Purpose*. Nashville: Thomas Nelson, 1983.
- ROBINSON, Richard. *Definition*. Oxford: Clarendon Press, 1954/1962.
- ROSS, Allen P. *Gramática do Hebraico Bíblico*. São Paulo: Editora Vida, 2008. Tradução de Gordon Chown do original inglês *Introducing Biblical Hebrew*.
- ROTHSTEIN, Susan. Small clause and copular constructions. In: *Small Clauses*. Syntax and Semantics, vol. 28, 1995, p. 27-48.
- ROTHSTEIN, Susan. *Predicates and Their Subjects*. New York/London: Kluwer Academic Publishers, 2004.
- SÁENZ-BADILLOS, Angel. *A History of the Hebrew Language*. Cambridge University Press, 1993/2004. Tradução para o inglês de John Elwolde.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Língua Geral*. Organizado por C. Bally e A. Sechehaye. São Paulo: Cultrix, 1975. Tradução de Antônio Shelini, José P. Paes e Izido Blikstein.
- SCHÖKEL, Luis Alonso. *A Manual of Hebrew Poetics*. Roma: Pontificio Istituto Biblico, 2000.
- SCOTT, R. B. Y. *Proverbs & Ecclesiastes*. A New Translation with Introduction and Commentary. New York: Doubleday, 1965.
- SEOW, C. L. *A Grammar for Biblical Hebrew*. Nashville: Abingdon Press, 1995.
- SEOW, Choon-Leon. *Ecclesiastes*. A New Translation with Introduction and Commentary. New York: Doubleday, 1997.
- SILVA, Moisés. *Biblical Words and Their Meaning. An Introduction to Lexical Semantics*. Grand Rapids: Zondervan, 1994.
- SIMMONS, Tracy Lee. *Climbing Parnassus*. A New Apologia for Greek and Latin. Wilmington, Delaware: ISI Books, 2002.
- SMITH, Barbara Herrnstein. *A Poetic Closure: A Study of How Poems End*. Chicago: The University of Chicago Press, 1968/1971.
- STEINER, George. *After Babel*. Aspects of Language and Translations. London: Oxford University Press, 1975.
- STEINER, George. *Depois de Babel*. Questões de linguagem e tradução. Curitiba: Editora UFPR, 205. Tradução de Carlos Alberto Faraco.

- SVENSEN, Bo. *Practical Lexicography*. Oxford / New York: Oxford University Press, 1993.
Traduzido do sueco por John Sykes e Kerstin Schofield.
- STRONG, James. *Strong's Exhaustive Concordance of The Bible*. New York: Abingdon-Cokesbury Press, 1894/1953.
- SYSKI, R. *Introduction to Congestion Theory in Telephone Systems*. London: Oliver and Boyd, 1960.
- TAYLOR B. A.; John A. Lee & P. R. Burton. (eds.) *Biblical Greek and lexicography*. Grand Rapids: Eerdmans. 2004.
- TREBOLLE BARRERA, Julio. *A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã: Introdução à História da Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 1996. Tradução de Ramiro Mincato.
- ULMANN, Stephen. *Semântica: Uma Introdução à Ciência do Significado*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, s/d. O original inglês é de 1964. Tradução de José Alberto Osório Mateus.
- UNGERER, F. & H. J. SCHMID. *An Introduction to Cognitive Linguistics*. London: Longman, 1996.
- Van der MERWE, Christo H. J. Lexical Meaning in Biblical Hebrew and Cognitive Semantics, p. 85-95. <http://www.bsw.org/project/biblica/bibl87/bib87Ani06.pdf>
- Van STEENBERGEN, Gerrit Jan. *Semantics, World View and Bible Translation. An Integrated Analysis of a Selection of Hebrew Lexical Items Referring to Negative Moral Behaviour in the Book of Isaiah*. Dissertation presented for the degree of Doctor of Literature in Ancient Near Eastern Studies at the University of Stellenbosch, 2002.
- Van WYK, W. C. The present state of OT lexicography. In *Lexicography and Translation*. Cape Town: Bible Society of South Africa, 1985, p. 82-96.
- VINE, W. E. *Vine's Complete Expository Dictionary of Old and New Testament Words*. Nashville: Thomas Nelson, 1996.
- WALE, Peter. The targeting of New Testament Greek dictionaries. In Gregory JAMES, *Lexicographers and Their Works*. University of Exeter, 1989, p. 201-214.
- WALTKE, Bruce K & M. O'CONNOR. *An Introduction to Biblical Hebrew Syntax*. Winona Lake, Indiana: Eisenbrauns, 1990.
- WATSON, Wilfred G. E. *Classical Hebrew Poetry*. London: T & T Clark, 1984/2005.
- WEINGREEN, J. A *Practical Grammar for Classical Hebrew*. Oxford: Clarendon Press, 1939/1959.
- WELKER, Herbert Andreas. *Dicionários: Uma Pequena Introdução à Lexicografia*. Brasília: Thesaurus, 2004.

- WENDLAND, R. & Eugene A. Nida. Lexicography and Bible translating. In LOUW, J. P. What dictionaries are like. In *Lexicography and Translation*. Cape Town: Bible Society of South Africa, 1985, p. 1-52.
- WERNER, Reinhold. La definición lexicográfica. In: Haensch, G. et al. (ed.). Madrid: Gredos, 1982, 259-328.
- WRIGHT, John. *Dictionaries*. Oxford: Oxford University Press, 1998.
- WÜRTHEIN, Ernst. *The Text of The Old Testament*. Grand Rapids: Eerdmans, 1995. Traduzido do alemão para o inglês por Errol F. Rhodes.
- ZGUSTA, Ladislav. *Manual of Lexicography*. The Hague/Paris: Mouton, 1971.
- ZOGBO, Lynell & Ernst R. WENDLAND. *Hebrew Poetry in the Bible: A Guide for Understanding and for Translating*. New York: United Bible Societies, 2000.